

CLARA SOFIA MARTINS DA SILVA

**VALORIZAR AS DIFERENÇAS NA SALA DE AULA
DO 1º CICLO, ABRIR JANELAS DE OPORTUNIDADE
PARA UMA ESCOLA RICA EM APRENDIZAGENS E
EM HUMANIDADE**

Orientadora: Filomena de Lurdes Tomé do Rosário Pereira Serralha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2013

CLARA SOFIA MARTINS DA SILVA

**VALORIZAR AS DIFERENÇAS NA SALA DE AULA
DO 1º CICLO, ABRIR JANELAS DE OPORTUNIDADE
PARA UMA ESCOLA RICA EM APRENDIZAGENS E
EM HUMANIDADE**

Trabalho de Projeto apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Filomena de Lurdes Tomé do Rosário Pereira Serralha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2013

Epígrafo

É melhor dois do que um só: tirarão melhor proveito do seu esforço.

Se caírem, um ergue o seu companheiro.

Mas ai do solitário que cai: não tem outro para o levantar!

E se dormirem dois juntos, dormem quentes; mas se alguém está só, como se há-de aquecer?

Se um só é oprimido, dois já conseguem resistir a isso;

o cordel dobrado em três não se parte facilmente.

Eclesiastes, 4, 9-12

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus queridos pais que do longe fizeram perto e ao Jorge que do tempo fez eternidades de paciência para estarem sempre ao meu lado

Agradecimentos

Em todo o percurso da elaboração deste trabalho houve angústias, desânimos e alegrias que me fizeram crescer. No fim desta caminhada não posso deixar de agradecer aos familiares e amigos que me apoiaram.

Agradeço à Professora Doutora Filomena Serralha pelas suas orientação, dedicação, disponibilidade e exigência.

Aos meus pais e ao Jorge que me apoiaram incondicionalmente em toda esta caminhada e a quem, por vezes, não dei a devida atenção. Viveram comigo, paciente e intensamente, estes dois anos de mestrado, nunca me faltando com os seus incentivos.

Ao meu irmão, cunhada e sobrinhos e aos familiares do Jorge com quem não pude estar presente como mereciam, mas que me deram sempre uma palavra amiga.

À Professora titular de turma e aos alunos que fizeram com que a elaboração deste trabalho fosse possível.

E a todos os amigos que estiveram presentes e que respeitaram a minha ausência.

Resumo

O presente relatório recapitula as diversas etapas de um trabalho de projeto de investigação-ação, no âmbito do Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor.

Com ele pretendeu-se elaborar uma investigação-ação numa turma do 1º ciclo de escolaridade onde dois alunos sentiam grandes dificuldades de integração. A rejeição e a indiferença em que viviam provocavam, conseqüentemente, grandes dificuldades de aprendizagens académicas. O foco principal deste trabalho foi o desenvolvimento da interação dos alunos, promovendo a troca de saberes pela entreajuda. Daí resultaram os sucessos escolares esperados dos dois alunos visados a que se juntou a dinamização de todos os alunos da turma e dos restantes intervenientes educativos, professores, técnicos, encarregados de educação e comunidade escolar na construção efetiva de uma verdadeira escola inclusiva. Valorizaram-se as diferenças como património comum.

Na fundamentação teórica deste projeto abordam-se a educação inclusiva e suas respetivas estratégias, a aprendizagem cooperativa, as dificuldades específicas de aprendizagem, a inter/multiculturalidade e o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna como estrutura organizativa da intervenção. De seguida, é caracterizado o projeto e a situação inicial onde se interveio, referenciando o plano de ação implementado. As reflexões conclusivas evidenciam que trabalhar em cooperação permite progressos por parte de todos, tanto a nível das aprendizagens académicas como a nível da interação social.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, aprendizagem cooperativa, dificuldades de aprendizagem, inter/multiculturalidade, modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, trabalho em projetos e comunicações.

Abstract

This report presents the different stages of a work-project in investigation and action for the completion of a Master program on Specialised Education, with a specific attention to motor and cognitive processes.

This work aimed at introducing an investigation and action project in a class of 1st cycle of education in order to help children with special needs and facing great difficulties of integration into the general education system.

The discrimination and the indifference that they were confronted with increased their learning difficulties. Hence, the goal of this project was to develop an interaction among the students that will promote the exchange of knowledge by mutual support. At the end of this work we can see the success of the two children with special needs with also as an outcome the increase dynamism of all the other students besides the educative staff, teachers, technicians, and students' parents. By the end of this project, it is the whole educative community which was involved in building a real inclusive school; the valorisation of differences became a common patrimony.

The theoretical foundations of this work are built on the concepts of inclusive education and its strategies and on cooperative learning. Specific learning difficulties linked to inter and multiculturalism are considered in regard to the pedagogical paradigm of the organisational structure of intervention produced by the Modern School Movement. Then follows the characterization of this project, its initial situation, and the framework in which the action plan was set-up. The final discussion shows that the cooperation in work enables significant progress not only at the level of academic learning but also at the level of social interactions.

Keywords: Inclusive education, learning process, cooperation, learning difficulties, inter/multiculturalism, Pedagogical model of the Modern School Movement, Project and communication work.

Résumé

Le rapport en présence récapitule les différentes étapes d'un travail de projet d'investigation-action, dans le cadre du Masters en Education Spéciale – Domaine Cognitif et Moteur.

Ce travail a eu comme visée une investigation-action dans une classe du 1^{er} cycle de scolarité dans laquelle se trouvaient deux élèves avec de grandes difficultés d'intégration. Le rejet et l'indifférence qui les entouraient provoquaient, par conséquent, de graves difficultés d'apprentissages académiques. L'objectif poursuivi s'est situé dans le développement de l'interaction des élèves et la promotion de l'échange des savoirs par l'entraide. Au terme de ce travail on constate les succès scolaires des deux élèves en question auxquels s'est ajoutée la dynamisation de tous les élèves ainsi que de l'ensemble des intervenants éducatifs, enseignants, techniciens, parents d'élèves et communauté scolaire dans la construction effective d'une vraie école inclusive. On a valorisé les différences en tant que patrimoine commun.

Les fondements théoriques de ce travail abordent les notions d'éducation inclusive et ses stratégies, l'apprentissage coopératif, les difficultés spécifiques d'apprentissage, l'inter/multiculturalité et le modèle pédagogique du Mouvement de l'Ecole Moderne en tant que structure organisatrice de l'intervention. Suit la caractérisation du projet et la situation de départ dans laquelle a eu lieu l'intervention ainsi que le plan d'action mis en place. Les réflexions conclusives mettent en évidence que le travail en coopération permet des progrès importants au niveau non seulement des apprentissages académiques mais aussi de l'interaction sociale.

Mots-clés : Education inclusive, apprentissage coopératif, difficultés d'apprentissage, inter/multiculturalité, modèle pédagogique du Mouvement de l'Ecole Moderne, travail en projet et communications.

Índice Geral

EPÍGRAFO.....	1
DEDICATÓRIA	2
AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
RÉSUMÉ	6
ÍNDICE DE QUADROS	10
ÍNDICE DE ANEXOS	11
INTRODUÇÃO	12
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
1.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	15
1.1.1 <i>Estratégias de educação inclusiva</i>	17
1.1.2 <i>Parceria pedagógica</i>	19
1.1.3 <i>Aprendizagem cooperativa</i>	20
1.2 O MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA	26
1.2.1 <i>Modelo de autoformação cooperada dos professores</i>	26
1.2.2 <i>O Modelo Pedagógico do MEM</i>	27
1.2.3 <i>Estruturas organizativas do desenvolvimento curricular</i>	27
1.2.3.1. <i>Ler, contar e mostrar</i>	28
1.2.3.2. <i>Trabalho em Projetos</i>	28
1.2.3.3. <i>Comunicações</i>	30
1.2.3.4. <i>Tempo de Estudo Autónomo</i>	32
1.2.3.5. <i>Conselho de Cooperação Educativa</i>	32
1.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS.....	33
1.3.1 <i>A dislexia</i>	34
1.3.2 <i>A disortografia</i>	35
1.3.3 <i>A discalculia</i>	36
1.4 A EDUCAÇÃO INTER/MULTICULTURAL	36
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	41
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO	41
2.2 PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA	42
2.3 OBJETIVOS GERAIS	43
2.4 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE DADOS.....	43
2.4.1 <i>A Pesquisa documental</i>	44
2.4.2 <i>A Entrevista</i>	44
2.4.3 <i>A Observação naturalista</i>	46
2.4.4. <i>A Sociometria</i>	46
2.5. PROCEDIMENTOS EFETUADOS PARA A RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS.....	48
2.5.1. <i>Pesquisa documental</i>	48

2.5.2. A Entrevista.....	48
2.5.3. A Observação naturalista	50
2.5.4. A Sociometria.....	50
3. CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO INICIAL EM QUE SE INTERVEIO.....	52
E DOS CONTEXTOS EM QUE A MESMA SE INSERE.....	52
3.1 A EQUIPA DE TRABALHO	52
3.2 O CONTEXTO ESCOLAR.....	52
3.2.1 Espaço físico e logístico	52
3.2.2 Recursos humanos.....	53
3.2.3 Dinâmica educativa.....	53
3.2.4 Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos.....	54
3.3 O GRUPO/A TURMA	55
3.3.1 Caracterização estrutural.....	55
3.3.2 Dinâmica educativa da turma.....	55
3.3.2.1 Socialização	56
3.3.2.2 Ensino e aprendizagem	56
3.3.2.3 Pontos fortes e pontos fracos.....	57
3.3.3 Casos específicos do grupo/da turma.....	57
3.3.3.1 História compreensiva do/s aluno/s.....	58
3.3.3.2 Caracterização do percurso escolar	58
3.3.3.3 Nível atual de competências	59
4. PLANO DE AÇÃO	61
4.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	61
4.2 PLANIFICAÇÃO, REALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	63
4.2.1 Planificação a longo prazo.....	64
4.2.2 Planificação, realização, reflexão e avaliação, a curto prazo	74
4.2.2.1 Cronograma do Trabalho de Projeto.....	75
4.2.2.2 Encontro preliminar	77
4.2.2.3 Semana de 13/02/2012 a 17/02/2012	78
4.2.2.4 Semana de 20/02/2012 a 24/02/2012	85
4.2.2.5 Semana de 27/02/2012 a 02/03/2012	90
4.2.2.6 Semana de 05/03/2012 a 09/03/2012	96
4.2.2.7 Semana de 12/03/2012 a 16/03/2012	100
4.2.2.8 Semana de 19/03/2012 a 23/03/2012	108
4.2.2.9 Semana de 09/04/2012 a 13/04/2012	116
4.2.2.10 Semana de 16/04/2012 a 20/04/2012	121
4.2.2.11 Semana de 23/04/2012 a 27/04/2012	126
4.2.2.12 Semana de 30/04/2012 a 04/05/2012	130
4.2.2.13 Semana de 14/05/2012 a 18/05/2012	138
4.2.2.14 Semana de 21/05/2012 a 25/05/2012	145
4.2.2.15 Semana de 28/05/2012 a 01/06/2012	150
4.2.2.16 Semana de 04/06/2012 a 08/06/2012	156
4.2.2.17 Semana de 11/06/2012 a 15/06/2012	160
4.3 AVALIAÇÃO GLOBAL DA INTERVENÇÃO	166

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

4.3.1 A nível do grupo.....	169
4.3.2 A nível da aluna ML	170
4.3.3 A nível do aluno DJ.....	171
4.3.4 A nível do contexto escolar	171
4.3.5 A nível da família	172
4.3.6 A nível do processo.....	173
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	178
ANEXOS	I

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Índice de Quadros

QUADRO 1 - PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO	65
QUADRO 2 - CRONOGRAMA DO TRABALHO DE PROJETO (DE OUTUBRO 2011 A DEZEMBRO 2012).....	76
QUADRO 3 - FICHA DE PLANO DE PROJETO.....	81
QUADRO 4 - FICHA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO EM PROJETOS.....	82
QUADRO 5 - CRITÉRIOS PARA A ESTRUTURA DE UM TRABALHO ESCRITO.....	92
QUADRO 6 - CRITÉRIOS PARA UMA BOA COMUNICAÇÃO	101
QUADRO 7 - MEMORANDO DO TRABALHO EM PROJETO	104
QUADRO 8 - CRITÉRIOS PARA ELABORAR UM CARTAZ.....	133
QUADRO 9 - CRITÉRIOS PARA ELABORAR UM FOLHETO	153

Índice de Anexos

ANEXO 1 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À DIREÇÃO.....	II
ANEXO 2 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO.....	III
ANEXO 3 - FICHA DE PESQUISA DOCUMENTAL	IV
ANEXO 4 - O GRUPO/TURMA	IX
ANEXO 5 - GUIÃO DA 1ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR	XIII
ANEXO 6 - PROTOCOLO DA 1ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR	XV
ANEXO 7 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS DA 1ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR	XXI
ANEXO 8 - GUIÃO DA 2ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR	XXVII
ANEXO 9 - PROTOCOLO DA 2ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR	XXIX
ANEXO 10 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS DA 2ª ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR.....	XXXIII
ANEXO 11 - PROTOCOLO DA 1ª OBSERVAÇÃO NATURALISTA.....	XXXVIII
ANEXO 12 - ANÁLISE DO PROTOCOLO DA 1ª OBSERVAÇÃO.....	XLV
ANEXO 13 - PROTOCOLO DA 2ª OBSERVAÇÃO NATURALISTA	XLVIII
ANEXO 14 - ANÁLISE DO PROTOCOLO DA 2ª OBSERVAÇÃO.....	LVI
ANEXO 15 - TESTE SOCIOMÉTRICO	LXI
ANEXO 16 - 1ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS.....	LXII
ANEXO 17 - 1ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA - REJEIÇÕES.....	LXIII
ANEXO 18 - 2ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS.....	LXIV
ANEXO 19 - 2ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA - REJEIÇÕES.....	LXV
ANEXO 20 - GRELHA DE COMPETÊNCIAS DA ALUNA ML	LXVI
ANEXO 21 - GRELHA DE COMPETÊNCIAS DO ALUNO DJ.....	LXXV
ANEXO 22 - RELATÓRIO DA PROFESSORA TITULAR	LXXXIV
ANEXO 23 - AVALIAÇÃO MÉDICA DE ML	LXXXV
ANEXO 24 - RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO COGNITIVA E PSICOPEDAGÓGICA DE ML	LXXXVII
ANEXO 25 - FORMULÁRIO DE REFERENCIAÇÃO	XCI
ANEXO 26 - RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO DE ML	XCVII
ANEXO 27 - PLANO EDUCATIVO INDIVIDUAL DE ML	C
ANEXO 28 - GUIÃO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO DE ML	CVIII
ANEXO 29 - PROTOCOLO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO DE ML.....	CX
ANEXO 30 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS DA ENTREVISTA.....	CXIII
ANEXO 31 - GUIÃO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO DE DJ	CXVI
ANEXO 32 - PROTOCOLO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO DE DJ	CXVIII
ANEXO 33 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS DA ENTREVISTA.....	CXX
ANEXO 34 - MEMORANDOS DO TRABALHO DE PROJETO	CXXIII
ANEXO 35 - TRABALHOS ELABORADOS PELOS ALUNOS	CXXXIV
ANEXO 36 - FOTOGRAFIAS.....	CCLII
ANEXO 37 - AVALIAÇÃO 1º PERÍODO ESTUDO DO MEIO.....	CCLVI
ANEXO 38 - AVALIAÇÃO 2º PERÍODO ESTUDO DO MEIO.....	CCLVII
ANEXO 39 - AVALIAÇÃO 3º PERÍODO ESTUDO DO MEIO.....	CCLVIII

Introdução

Este relatório reúne as diversas facetas do Trabalho de projeto de investigação-ação desenvolvido, através de uma intervenção no contexto de sala de aula, numa escola do primeiro ciclo de escolaridade, entre fevereiro e junho de dois mil e doze. Constitui o trabalho final do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

A problemática deste trabalho de projeto centrou-se na integração necessária de dois alunos excluídos pelo grupo e situados, por isso, fora do contexto escolar e social. As suas aprendizagens encontravam-se, assim, fortemente prejudicadas. A aluna, designada ML, tinha necessidades educativas especiais, com dificuldades específicas na leitura, na escrita e na matemática. O aluno, designado DJ, de origem marroquina, pela sua cultura e desenraizamento próprio dos descendentes de imigrantes, vivia com dificuldade e, por vezes, alguma agressividade, a sua procura de identidade. O ambiente de rejeição e indiferença que os rodeava produzia, em ambos, graves lacunas do ponto de vista das aprendizagens.

Perante esta constatação de não integração e de não aceitação, compreende-se que a questão de partida se situe na promoção das interações do grupo pelas aprendizagens, interrogando-nos “como promover a interação social, através das aprendizagens académicas numa turma do 3º e 4º anos de escolaridade?”

As atividades e as aprendizagens desenvolvidas pela intervenção foram, por isso, conduzidas de modo a despertar nos alunos a valorização e a aceitação das diferenças como enriquecimento mútuo, alargando, conseqüentemente, o significado de uma escola inclusiva à comunidade escolar e às famílias. O projeto de investigação-ação baseou-se na implementação da aprendizagem cooperativa e foi realizado à luz dos princípios fundadores do Movimento da Escola Moderna, promovendo a cooperação, trabalhando a motivação do grupo e não só de cada um dos dois alunos individualmente, permitindo-lhes serem elementos participativos e responsáveis em todas as tarefas, de modo a desenvolver a interação de todos com todos, respeitando a diversidade do grupo e promovendo o desempenho escolar. Os alunos são acompanhados na aprendizagem do trabalho cooperativo e da reflexão de uns com

os outros. Nesse sentido e como a duração da intervenção era limitada, foi apenas possível implementar, como dinâmica para atingir os objetivos, duas estruturas organizativas do desenvolvimento curricular dentre as cinco preconizadas pelo Movimento da Escola Moderna, trabalho em projetos e comunicações.

Os quatro capítulos que constituem o trabalho agora apresentado estruturam-se em duas partes essenciais: a primeira reúne os enquadramentos teórico e metodológico que permitem o referenciamento e os alargamentos necessários dos horizontes científicos e, a segunda, partindo das técnicas para o conhecimento do terreno, explana o desenrolar da intervenção até à formulação das considerações conclusivas.

No primeiro capítulo, ganham proeminência as noções de educação inclusiva e de aprendizagem cooperativa, autênticos desafios para o futuro de uma escola que deixa de lado a exclusão segregativa e a competição e se volta decididamente para a integração inclusiva através da interação cooperativa na construção de saberes de todos com cada um. Assumem particular importância as teorias de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal e de Bruner sobre o conceito de apoios/andaimes, bem como os estudos de Sanches, Leitão e Johnson e Johnson, para percebermos as estratégias inclusivas a implementar, baseadas na modificação das práticas dos professores, da organização das escolas, da colaboração dos pais e de toda a comunidade escolar para que ninguém fique de lado. Na mesma perspetiva, acompanhando as reflexões de Serralha e Niza, aprofunda-se o modelo pedagógico do MEM com as suas cinco estruturas organizativas de desenvolvimento curricular. Conclui-se o capítulo com a explicitação das noções de interculturalidade em sociedades cada vez mais multiculturais. Partindo das práticas correntes, tanto nas sociedades americanas como europeias, autores como Touraine, Stoer, Wieviorka e mais recentemente Audinet, procuram o ponto de equilíbrio entre a educação de constatação da multiculturalidade e a educação inventiva para a interculturalidade, uma educação que prefigura a sociedade de amanhã.

O segundo capítulo desenvolve os diversos aspetos ligados à metodologia de investigação-ação a aplicar na implementação de um trabalho de projeto. Pela investigação-ação, os professores são levados a reconsiderar as práticas do ensino, entram numa espiral reflexão-ação-reflexão. A partir daí desencadeiam estratégias mais dinâmicas e motivadoras para aprendizagens de sucesso. Estudam-se e aplicam-se as diversas técnicas e instrumentos

de pesquisa e os procedimentos mais adequados para a recolha e análise de dados: pesquisa documental, entrevistas, observações naturalistas e testes sociométricos.

O terceiro capítulo transcreve como, através da aplicação das técnicas e instrumentos metodológicos referidos no capítulo anterior, se caracterizou a situação inicial em que se realizou a intervenção e os contextos iniciais em que a mesma se inseriu. Conhece-se a escola, os seus recursos humanos, as preocupações explícitas para a dinamização de uma escola de sucesso para todos. Descobre-se o grupo/turma, a sua caracterização, a história compreensiva e percurso escolar dos dois alunos desencandadores da intervenção.

O capítulo quatro, que prefigura a concretização da intervenção, expõe como da problemática de partida se passou à planificação que incidiu na unidade curricular de estudo do meio, escolhida por ser a que motiva mais os alunos. Definiram-se os objetivos gerais e específicos, as estratégias/atividades, a calendarização, os recursos e a avaliação. A intervenção foi feita em dois blocos semanais de 120 minutos. As temáticas programáticas e as metodologias foram escolhidas cuidadosamente, de maneira a englobar as temáticas que são comuns ao 3º e 4º anos de escolaridade. A realização foi concretizada com a metodologia do MEM, a partir do trabalho em projetos e das comunicações. Este capítulo retrata as trinta e uma sessões semanais que constituíram a intervenção. Este relato pormenorizado permite descobrir como, numa espiral reflexo-ação-reflexão, tanto a professora investigadora como a professora titular de turma experimentaram uma nova metodologia, implementando duas estruturas organizativas do desenvolvimento curricular do modelo pedagógico do MEM. Demonstramos que trabalhar em cooperação é sinónimo de inclusão e as considerações conclusivas explicitam-no com entusiasmo e reconhecimento.

1. Enquadramento Teórico

Nesta etapa efetuamos uma revisão bibliográfica das temáticas abordadas no trabalho de projeto e que o enquadram teoricamente.

1.1 Educação Inclusiva

A caminhada para a inclusão é constituída por diversas etapas muito significativas na mudança e na evolução de mentalidades. Através dos tempos, diversos períodos marcaram a aceitação de pessoas diferentes até estas poderem ocupar um lugar dito "normal" e respeitado na nossa sociedade e nas nossas escolas, daí falarmos de educação inclusiva.

Bairrão (1998) analisou e salientou o desfasamento no tempo dessa evolução em relação a outros países, mas Portugal foi percorrendo, aos poucos, o mesmo caminho que o resto do mundo no que diz respeito à inclusão.

Esse caminho, marcado pela perceção da diferença por parte da sociedade e por avanços e recuos nas políticas implementadas, leva-nos da exclusão segregativa à integração inclusiva no que diz respeito ao percurso escolar: de início os alunos “especiais” estavam em escolas diferentes e, de seguida, passaram a estar todos juntos em estabelecimentos próprios e, por fim, chegou-se à criação de uma escola onde todos possam ter oportunidades e o seu próprio lugar. A este propósito, é fundamental realçar que as escolas devem criar todas as condições necessárias para que todas as crianças, independentemente das suas situações, possam ser incluídas e aprendam da forma mais adequada, como é afirmado, no marco da educação inclusiva, pela Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), quando defende que

O princípio orientador deste Enquadramento da Ação consiste em afirmar que as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (p.xi).

Isto implica, por parte dos profissionais da educação, uma mudança de mentalidades, para que a diferença não seja mais um problema mas antes um desafio, tornando a escola mais rica, mais humana e mais inclusiva. Nesse sentido, afirmam Sanches e Teodoro (2006):

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas (p.72).

Segundo Leitão (2010), incluir é antes de mais respeitar os direitos de cada um, proporcionando uma educação de qualidade para todos.

Assim, a educação inclusiva promove a aprendizagem de todos os alunos, independentemente das suas necessidades. Podendo interagir com todos, tendo a oportunidade de desenvolver as suas capacidades, têm de ser encontradas estratégias de modo a que a inclusão de todos seja feita dentro e fora da sala de aula. Tal como defende Silva (2011): " todos os alunos devem ter a oportunidade de desenvolver as suas potencialidades, dentro do seu grupo-turma, numa sala de aulas que deve estar organizada de modo a que isto seja possível" (p.18).

É imprescindível motivar os professores a criarem estratégias que os conduzam a boas práticas de educação inclusiva através das quais todos os alunos poderão ser reconhecidos, cada um com a sua identidade, alcançando-se, assim, uma escola mais justa e mais humana, onde todos têm o seu lugar. Ainscow (1997), defende que "[a]o encorajarmos os professores a explorarem formas de desenvolver a sua prática, de modo a facilitar a aprendizagem de todos os alunos, estamos, porventura, a convidá-los a experimentarem métodos que, no contexto da sua experiência anterior, lhes são estranhos" (p.16).

A educação inclusiva fundamenta-se não só nos direitos de cada aluno, mas também na necessária aquisição dos valores de solidariedade e de colaboração. Na conceção de Leitão (2010), a escola não pode desvalorizar a transmissão do respeito, da justiça, da cidadania, da solidariedade, “da aceitação e o respeito pela diferença” (p.3).

A ideia de transmissão de valores é acentuada por Silva (2011) que salienta, ainda, a vertente de direitos, inerente à inclusão numa sociedade que não deixa ninguém de lado. A

inclusão significa ter a capacidade de responder às necessidades de todos os alunos e apoiá-los. Para que isso seja possível é fundamental que se operem mudanças, tanto a nível das mentalidades da própria escola e da comunidade escolar, como nas práticas dos professores, da organização das escolas e das turmas, nunca esquecendo de promover o envolvimento dos pais neste processo. A Educação Inclusiva não se limita meramente a colocar os alunos com dificuldades no mesmo espaço que os outros e propor-lhes atividades diferentes. Vai muito mais além, cada aluno está na escola para aprender, interagir e socializar-se com os seus colegas, professores e demais membros da comunidade escolar. As diferenças existentes entre todos os alunos e a tentativa de encontrar estratégias para criar oportunidades para todos, constituem um desafio, levando-nos a diferenciar o ensino, tornando-o mais rico e mais inclusivo, com ganhos para todos (Silva, 2011).

Educação estimulante e inovadora, educação inclusiva, confrontada com situações novas e complexas, coloca, tanto os professores como os alunos, perante “autênticos desafios à criatividade e à rutura das ideias feitas” (Sanches e Teodoro, 2006, p.73).

A educação inclusiva baseia-se na inclusão de todos os alunos e no sucesso de todos ultrapassando, assim, as suas dificuldades e as suas diferenças; cabe à escola e aos seus profissionais aprender a trabalhar para superar este grande desafio (Sanches e Teodoro, 2006).

Em síntese, podemos dizer que a educação inclusiva requer uma mudança nas práticas dos professores e na organização das escolas, da colaboração dos pais e de toda a comunidade escolar. Consideramo-la como um espaço onde todos têm o seu lugar, um percurso onde professores, alunos, pais e membros da comunidade caminham de mão dada para uma escola de todos e para todos, uma escola mais justa e mais humana.

1.1.1 Estratégias de educação inclusiva

Para se concretizarem as boas estratégias da Escola inclusiva, têm de existir, como já afirmamos atrás, modificações na escola e no próprio professor. O trabalho em conjunto com os profissionais de ensino é fundamental para a solução de determinados problemas relacionados com a educação especial.

A formação de educadores e professores parece ser um aspeto relevante e uma exigência desta questão: deve existir formação adequada, para poder existir um trabalho de qualidade, como afirma a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994):

A preparação adequada de todo o pessoal educativo é o fator-chave na promoção das escolas inclusivas. Apelamos a todos os governos e incitamo-los a :

Garantir que, no contexto dum intercâmbio sistemático, os programas de formação de professores, tanto a nível inicial como em serviço, incluam as respostas às NEE nas escolas inclusivas.

O maior desafio consiste em organizar formação em serviço para todos os professores, tendo em consideração as diversas e, muitas vezes, difíceis condições em que trabalham (p. ix, x).

Ainscow (1997) realça a necessária importância dos professores serem estimulados e motivados a utilizarem todos os recursos disponíveis, arriscando estratégias facilitadoras da aprendizagem de todos os alunos.

Criam-se, assim, condições integrativas que permitem a inclusão de todos os alunos, como sublinha Rodrigues (2001), "Estas condições situam-se a três níveis que se encontram estreitamente relacionados: o contexto político e social, o contexto do Centro Pedagógico e o contexto da aula" (p.100).

As escolas devem utilizar estratégias inclusivas para todos os alunos, dentro da sala de aula e nas respetivas aprendizagens. Entre as estratégias possíveis podem salientar-se, como sugere Sanches (2001), aquelas que permitem ao aluno ser um elemento participativo das suas próprias aprendizagens; estratégias que ajudam os alunos a apoiar as suas novas aprendizagens nos seus próprios saberes, gostos e experiências, até poderem partilhá-los uns com os outros. Ainscow (1997) salienta também esta perspetiva: "[d]este modo, são levados a considerar a vida na sala de aula a partir do ponto de vista dos alunos e, ao mesmo tempo, relacionar estas experiências com a sua própria prática na escola" (p.16).

As vidas dos alunos, os seus saberes e experiências podem e devem ajudar os professores a planificar as atividades. As aprendizagens tornam-se mais ricas, mais estimulantes e de acesso a todos. A reflexão conjunta de professores e alunos sobre essas

mesmas práticas e as modificações das planificações que daí resultam permitem uma participação de todos cada vez maior. Ainscow (1997) refere que " [é] essencialmente através deste processo que os professores podem encorajar uma participação ativa e, ao mesmo tempo, ajudar a personalizar para cada aluno a experiência da aula" (p.17).

O relacionamento professor-aluno e aluno-aluno é fundamental para que possa ser criado dentro e fora da sala de aula um clima harmonioso, estimulando sempre o reforço positivo. Para construir classes mais inclusivas, são essenciais, como refere Sanches (2005), "o trabalho cooperativo, a intervenção em parceria, a aprendizagem com os pares, o agrupamento heterogéneo e o ensino afetivo" (p.132).

Quando falamos de educação inclusiva, estamos a falar de uma educação que é para todos; as estratégias devem, assim, ser implementadas de forma a respeitar isso mesmo, de modo a que se possa responder às dificuldades de cada um, desenvolvendo as aprendizagens e as interações, levando a sala inclusiva a ser baseada não unicamente nos alunos mais fracos, ou nos alunos mais fortes ou num só único aluno, mas sim num grupo coeso, onde cada aluno tem as suas necessidades, os seus pontos fortes e os seus pontos fracos, onde as aprendizagens e o respeito de cada um são o caminho para o sucesso de todos. Trata-se da necessária introdução de metodologias inovadoras e diferentes daquelas que visam a uniformização do ensino como salienta Sanches (2011).

1.1.2 Parceria pedagógica

Falamos anteriormente da importância de alterar a organização das escolas. A parceria pedagógica é, evidentemente, uma estratégia fundamental para a prática da educação inclusiva; envolver toda a comunidade escolar é da máxima importância para implementar estratégias de trabalho adequadas. Este envolvimento inclui não só os professores e os alunos, como também os pais e a comunidade (Ainscow, 1997).

Para Sanches (2001), a parceria pedagógica é não só a partilha por diversos intervenientes dos conhecimentos como elemento chave de novas práticas educativas, como também a possibilidade de se acabar de vez “com o isolamento do professor, com o professor fechado na sua sala de aula e na sua fatia do saber” (p.75).

A importância da troca de saberes e de experiências pelos diversos intervenientes educativos desenvolverá o diálogo, a perceção das necessidades e a procura de respostas adequadas aos alunos (Rodrigues, 2001).

Sanches (2005), insiste no sucesso desta estratégia de "partilha do espaço, do tempo e do 'poder' dentro da sala de aula, com um colega" (p.135), lembrando que a partilha entre todos os intervenientes, a troca de experiências e de saberes, em cooperação de uns com os outros, são uma mais-valia para implementar estratégias adequadas e dar o apoio necessário aos professores e aos alunos. "Esta forma de colaboração, estendida aos outros professores, pode trazer ao professor da classe e aos alunos o apoio necessário e adequado" (Sanches, 2005, p.135).

Pela sua importância, detemo-nos, de seguida, na aprendizagem cooperativa, estratégia essencial para uma educação inclusiva.

1.1.3 Aprendizagem cooperativa

A aprendizagem cooperativa é uma estratégia de trabalho em grupo que vai permitir que todos os elementos desse mesmo grupo possam interagir, trocar informações e opiniões, que aprendam uns com os outros. Realiza-se em pequenos grupos, com alunos de diferentes níveis, onde cada um assume a responsabilidade de aprender e, ao mesmo tempo, de ajudar os colegas. Esta aprendizagem fundamenta-se em interações de tipo social, motivantes e atraentes, que levam os alunos a adquirirem as competências e os conhecimentos do currículo, mas também, na reflexão de Slavin (2010), “a desenvolverem as competências de criação e de interação indispensáveis à vida económica e social de hoje” (p.184).

As aprendizagens em cooperação concretizam-se através da interação entre os alunos. A cooperação sobrepõe-se à competição, privilegia-se o incentivo do grupo ao individual e desenvolvem-se diversas competências sociais, académicas, interpessoais e comunicativas (Sanches, 2005 e Leitão, 2010).

Fundamentalmente, a aprendizagem cooperativa baseia-se na partilha dentro da sala de aula. Os alunos, em parceria, interdependência, solidariedade e colaboração, partilham uns

com os outros para um objetivo comum. A aprendizagem cooperativa incentiva os alunos a serem responsáveis pelas suas próprias aprendizagens, o grupo trabalha em conjunto para o sucesso de todos (Leitão, 2010).

Se, por um lado, um aluno tem sucesso, está então a contribuir para o sucesso de todos os membros do grupo. E como confirma Niza (1998), "O sucesso de um aluno contribui para o sucesso do conjunto dos membros do grupo" (p. 94). Por outro lado, se um dos elementos não contribui para o objetivo grupal, "se um fracassa, então fracassam todos" (Johnson e Johnson, 1999, p. 17). Comparando a estrutura cooperativa com a competitiva, Niza (1998) afirma que na primeira "cada um dos membros do grupo só pode atingir o seu objetivo se cada um dos outros o tiver atingido também", enquanto que, na segunda, "um indivíduo só atinge o seu objetivo quando o outro o não atingir" (p.79).

Entendemos, pois, que a aprendizagem cooperativa não é um trabalho individual mas um trabalho baseado na partilha e na cooperação com os outros; cada elemento tem de dar, através da sua participação ativa, o seu contributo para o bom funcionamento do grupo, já que o objetivo de cada grupo é desenvolver diversas competências (Leitão, 2010).

Os bons resultados obtidos através da aprendizagem cooperativa são atestados por Bessa e Fontaine (2002) que os comparam com os das estratégias educacionais tradicionais, competitivas e individualistas. E esses resultados são bons, quaisquer que sejam as características individuais dos alunos, as tarefas a realizar e até os fatores socio-ambientais que rodeiam os alunos como a localização da escola ou o nível de ensino.

Debruçando-nos sobre as vantagens da aprendizagem cooperativa, para além do desenvolvimento das diversas competências sociais, académicas, interpessoais e comunicativas de que falamos acima, enumeramos, a partir de Freitas e Freitas (2003), algumas delas, como sendo, a " melhoria das aprendizagens na escola, melhoria das relações interpessoais, melhoria da autoestima, maior capacidade em aceitar as perspetivas dos outros, maior motivação, menos problemas disciplinares" (p.21). Bessa e Fontaine (2002) confirmam isso mesmo afirmando que "a utilização combinada dos pares e de contextos cooperativos, como formas alternativas de ensino-aprendizagem, apresenta vantagens ao nível da realização

escolar, do desenvolvimento psicológico do indivíduo e da melhoria das relações interpessoais, designadamente através da resolução construtiva de conflitos" (p.126).

A este propósito, Johnson e Johnson (1999) destacam que a aprendizagem cooperativa permite

maior esforço por parte dos alunos para alcançar um desempenho, um rendimento escolar mais elevado, maior produtividade por parte de todos os alunos, maior nível de raciocínio e de pensamento crítico, relações mais positivas entre os alunos, aumento do espírito de equipa, relações solidárias, apoio pessoal e escolar, reconhecimento da diversidade e coesão e maior saúde mental (p. 24).

Estamos, assim, perante a “abordagem psicológico-cultural da pedagogia interativa e intersubjetiva” de que fala Bruner (1996/2000, p.42) entendida como aprendizagem cooperativa. Vigotsky (1986/2011) explicita-a, indicando como ela faz "nascer, estimula e activa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no decurso das interacções com os outros que, progressivamente, são absorvidos pelo curso interior do desenvolvimento e se convertem em aquisições internas das crianças " (p.37).

Na mesma ordem de ideias, Niza (1998) acrescenta que "[a]s trocas sistemáticas de produções e de saberes concretizam a dimensão social das aprendizagens e o sentido solidário da construção cultural dos saberes e das competências instrumentais que os expressam" (p.79), favorecendo assim o desenvolvimento do aluno.

Nesta estratégia de trabalho, os alunos podem não só desenvolver e melhorar o processo de ensino-aprendizagem mas também, pelo facto de poderem interagir uns com os outros através das aprendizagens, ganham uma "bagagem" para futuramente serem capazes de cooperar com os seus pares inclusivamente em ambiente de trabalho (Lopes e Silva, 2009).

Situando-nos, agora, na vertente mais inclusiva desta aprendizagem, podemos afirmar que ela permite que os alunos possam todos aprender ao seu ritmo, organizando-se e responsabilizando-se, privilegiando o incentivo de todos, nenhum fica de parte ou é transparente, passam todos a ter as mesmas oportunidades, como explica Sanches (2011):

A organização do trabalho em pequenos grupos, com a coresponsabilização de todos os seus elementos e com a diversidade das tarefas e dos materiais a utilizar, pode ser construído o

clima favorável ao desenvolvimento da igualdade de oportunidades para todos e para cada um dentro do grupo (p.71).

Quando os alunos trabalham em grupo, para além da aquisição das competências académicas, favorecem-se e desenvolvem-se as competências sociais. O trabalho em cooperação surge como fator fundamental de regulação para que a inclusão de todos os alunos dentro da sala de aula seja efetiva (Silva, 2011).

Apelando à substituição da escola tradicional a que chamam “fábrica de simples produtores-consumidores, por uma outra, capaz de promover e desenvolver indivíduos-cidadãos” (p.153), Bessa e Fontaine (2002) sustentam esse apelo, afirmando que “a condição pós-moderna exige a revalorização das competências sociais dos indivíduos e a sua capacidade para atuarem coletivamente como atores sociais, no exercício de uma cidadania ativa” (p.153).

Esta estratégia de aprendizagem faz com que sejam os alunos a regularem as suas próprias aprendizagens, avaliando-se, autoavaliando-se, refletindo sobre os desempenhos e comportamentos de cada elemento, levando-os a tomar decisões necessárias para favorecer um bom funcionamento do grupo (Leitão, 2010).

Johnson e Johnson (1999) realçaram três tipos de grupos de aprendizagem cooperativa: os grupos formais de aprendizagem, grupos que podem ter uma duração de uma hora ou de várias semanas, os grupos trabalham juntos para concretizar um objetivo comum a todos, preocupando-se que todos os membros aprendam.

O segundo tipo de grupos são os grupos informais de aprendizagem. Estes grupos trabalham unicamente durante alguns minutos e são utilizados pelo professor para captar a atenção dos alunos num determinado assunto, levando-os a dialogarem sobre o conteúdo.

O terceiro tipo de grupos são os de base cooperativa, heterogéneos, que trabalham durante um longo período cujo objetivo é promover a interação, a interajuda, o respeito de uns pelos outros, incentivando a responsabilidade de cada elemento a progredir nos seus rendimentos escolares.

Sabemos que um grupo é cooperativo, ainda baseados em Johnson e Johnson (1999), quando:

- O grupo trabalha sabendo que o seu rendimento depende do esforço de todos os membros do grupo.
- O objetivo grupal é maximizar a aprendizagem de todos.
- Cada elemento assume a responsabilidade e incute a responsabilidade aos outros elementos para realizarem um bom trabalho. Os membros trabalham lado a lado a fim de produzir resultados comuns.
- É ensinado a todos os membros do grupo formas de relacionamento interpessoal e é esperado que as utilizem para coordenar o trabalho e alcançar as suas metas.
- O grupo analisa com que eficácia está a atingir os seus objetivos (p17).

Para que haja cooperação são fundamentais diversos fatores dentro da sala de aula cooperativa. Johnson e Johnson (1999) assinalaram cinco: " a interdependência positiva (...), a responsabilidade individual e grupal (...), a interação estimuladora, de preferência cara a cara (...), ensinar aos alunos algumas práticas interpessoais e grupais imprescindíveis (...) e a avaliação grupal" (p.21).

Na aprendizagem cooperativa não podemos esquecer que o papel do professor é essencial; ele acompanha, apoia, gere, organiza e está presente em todas as necessidades dos alunos. A capacidade de resposta do professor às solicitações dos alunos é imprescindível, para que a cooperação seja visível e para que exista um ambiente mais rico dentro da sala de aula, centrado nas aprendizagens e nas interações dos alunos (Ainscow,1997). De acordo com Johnson e Johnson (1999) é fundamental destacar que a aprendizagem cooperativa permite:

ao docente alcançar várias metas importantes ao mesmo tempo. Em primeiro lugar ajuda-o a elevar o rendimento de todos os seus alunos, incluindo tanto os especialmente dotados como os que têm dificuldades para aprender.

Em segundo lugar, ajuda-o a estabelecer relações positivas entre os alunos, assentando assim as bases de uma comunidade de aprendizagem em que se valoriza a diversidade.

Em terceiro lugar, proporciona aos alunos as experiências que necessitam para alcançar um saudável desenvolvimento social, psicológico e cognitivo (p.9).

Bruner (2000) reforça essa ideia, ao acentuar a pobreza da conceção do modelo de ensino em que o professor, “porventura onisciente, diz ou mostra explicitamente a alunos talvez ignorantes algo acerca do qual eles presumivelmente nada sabem” (p.41). E, contrapondo a este modelo esse outro em que “pela interação com os outros (...) as crianças descobrem que coisa importante é a cultura e como esta concebe o mundo” (p.42), Bruner reforça o lugar da aprendizagem em cooperação no ensino através do que ele chama “papel de professor” que estende a toda a subcomunidade especializada no ensino praticado entre os seus membros. Esse modelo “[i]mplica simplesmente que o professor não desempenhe esse papel como um monopólio e que também os próprios alunos 'montem andaimes' uns para os outros” (p.42).

Portanto, o trabalho cooperativo, como prática pedagógica, leva a que aluno-professor, aluno-aluno e professor-turma trabalhem em conjunto para o bem das aprendizagens e do desenvolvimento de todos. Esta reflexão remete-nos para o pensamento de Vigotsky (1984/2007): “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (p.98).

Na perspetiva da aprendizagem entendida como construção cooperada de saberes, ganham sentido as teorias de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e de Bruner sobre o conceito andaime. Nesse contexto, o(a) professor(a) (e os alunos entre si) vão ajudar a “montar os andaimes”, estruturas temporárias, que os levarão, uns com os outros, a percorrer caminhos que, provavelmente, não percorreriam sozinhos na etapa de desenvolvimento psicológico e cultural em que cada um se encontra.

Assim apoiados, vão progredir, na ZDP, entre os conhecimentos consolidados (atividades que podem realizar sem ajuda) e os conhecimentos potenciais (atividades que só realizarão com ajuda), no sentido da definição da ZDP dada por Vygotsky (1984/2007):

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (p.97).

Debruçando-se sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky (1986/2011), a partir do seu entendimento da ZDP, considera que “‘boa aprendizagem’ é a que vai à frente do desenvolvimento” (p.36).

Os alunos vão progredir através dos apoios/andaimes que Bruner (1983/2011) considera como um sistema “ através do qual o adulto reduz a complexidade da tarefa permitindo à criança de resolver problemas que não pode realizar sozinha” (p.288).

Referindo-se à “viagem na Zona de Desenvolvimento Proximal”, Bruner (1983/2011) afirma que os apoios/andaimes, “estas interações entre adultos e crianças (...) enquadram as ações das crianças e tornam possível a transformação do seu nível atual em relação ao seu nível potencial” (p.288). E Bruner (1983/2011) confirma ainda que foi a obra de Vygotsky que o “convenceu que era impossível conceber o desenvolvimento humano como outra coisa que um processo de assistência, de colaboração entre a criança e o adulto, agindo o adulto como mediador da cultura” (p.8).

Lins (2003), parafraseando Vygotsky, afirma que “o importante não é tentar descobrir como chegamos a ser o que somos, mas sim como podemos chegar a ser o que ainda não somos” (p.73).

1.2 O Movimento da Escola Moderna

Para a concretização do nosso projeto-investigação, implementamos duas estruturas organizativas do desenvolvimento curricular dentre as cinco preconizadas pelo Modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna: trabalho em projeto e comunicações.

Para melhor as situarmos no contexto da aprendizagem cooperativa considerada na perspetiva do modelo pedagógico do MEM, vamos caracterizar o Movimento da Escola Moderna definindo as suas duas vertentes essenciais: modelo de autoformação cooperada dos professores e ação educativa através de um modelo pedagógico centrado no grupo/turma. Por serem inseparáveis uma da outra, tornam o MEM num movimento original até no contexto internacional da Escola Moderna.

1.2.1 Modelo de autoformação cooperada dos professores

Serralha (2009) desenvolve a primeira vertente da autoformação cooperada, explicando que

O Movimento da Escola Moderna (MEM) é um coletivo de profissionais da educação que convergem na rejeição da pedagogia tradicional, unidos pelo compromisso de transformação continuada das suas práticas pedagógicas. Por esta razão, esse contexto mediador do desenvolvimento profissional alimenta-se do dizer, contar e mostrar coisas que acontecem nas suas vidas profissionais, onde cada um se constitui como recurso para os demais. E, como consequência desse processo contínuo de negociação de significados a partir das experiências vividas (autoformação cooperativa), desenvolvem formas compartilhadas de exercer a profissão (p.5).

Seguindo o pensamento de Serralha (2009), o MEM é uma comunidade em movimento que se (re)constrói continuamente, em que os professores dizem e mostram uns aos outros aquilo que realizam em colaboração com os alunos. Na afirmação de Niza (1992a, p.40, citado por Serralha, 2009, p.13), é “um movimento de cultura pedagógica” que sendo uma “formação permanente de professores obriga à construção permanente de uma escola outra, sempre outra”. Responsabilizam-se os profissionais, levando-os a comprometerem-se com as aprendizagens de todos os alunos e à transformação do próprio sistema de ensino (Serralha, 2009, p.14).

1.2.2 O Modelo Pedagógico do MEM

A transformação contínua da prática pedagógica promovida pela autoformação cooperativa do MEM constitui o seu modelo pedagógico. Transposto para a sala de aula, este modelo, criado e recriado, fundamenta-se na cooperação educativa e na comunicação (Serralha, 2009). Os alunos agem e interagem, dialogando e comunicando. Tudo na sala de aula é aprendido em colaboração com outros e posto em comum, através da palavra livre e da participação empenhada. Os alunos crescem, como nos diz Serralha (2009), através “da fala social que os vai tornar cada vez mais autónomos” (p.23).

1.2.3 Estruturas organizativas do desenvolvimento curricular

Aquilo a que o MEM chama o contrato social que liga professores e alunos na tarefa de desenvolverem e ampliarem as aprendizagens, vai concretizar-se através de cinco estruturas organizativas do desenvolvimento curricular. Essas estruturas ou tempos, marcadas fundamentalmente pelo diálogo e pela gestão cooperativa (alunos/alunos, alunos/professores) dos saberes, constituem o fio condutor do trabalho na sala de aula: tempo para ler, contar e

mostrar; tempo de trabalho em projeto; tempo das comunicações; tempo do estudo autónomo; tempo para conselho de cooperação educativa (Serralha, 2009).

Para realizarmos o nosso trabalho de projeto de investigação implementamos duas dessas cinco estruturas: o trabalho em projeto e as comunicações. Enquadramo-las, contudo numa breve descrição das outras estruturas.

1.2.3.1. Ler, contar e mostrar

Trata-se de um tempo diário, relativamente curto, destinado a mostrar, ler e contar textos livremente escritos pelos alunos ou outros documentos. Fazem-no tão naturalmente como falam, como afirma Bruner (1996/2000) ao considerar que “o contar e o mostrar são tão universais como o falar” (p.40). Pelo facto de serem lidos, contados e mostrados, revelam o seu interesse e significado para os alunos. Este tempo de partilha fraterna desenvolve interesses, provoca estímulos, desencadeia, até, futuros projetos. Cresce o clima de solidariedade e entreaajuda que poderá concretizar-se ainda mais no Tempo de Estudo Autónomo onde serão desenvolvidos os temas, desejos, saberes menos completos (Serralha, 2009).

1.2.3.2. Trabalho em Projetos

O trabalho em projetos é uma das cinco estruturas do desenvolvimento curricular que dão corpo ao modelo pedagógico do MEM e que implementamos durante o nosso trabalho de projeto de investigação. Nesta estrutura particular, como afirma Serralha (2009), são os alunos a “eleger e planificar livremente, em cooperação com os demais, os seus próprios projetos, constituindo estes uma alternativa à transmissão de conhecimentos” e ainda, “o projeto em que cada um participa tem como ponto de partida os seus próprios interesses e visa dar resposta às suas necessidades” (p.37).

Contudo, e disso adverte Serralha (2009), quando os alunos manifestam o desejo de aprofundar um aspeto do que sabem ou que desejam saber, é fundamental situá-lo no currículo comum com a assistência do professor. O conhecimento vai de par com a responsabilidade dada aos alunos para que todos progridam no mesmo espaço curricular comum. Para que isso aconteça, o modelo pedagógico do MEM prevê a utilização de registos escritos públicos dos desejos ou problemas para que procuram soluções ou aprofundamentos.

Trata-se, por um lado, do registo “Queremos”, no Diário de turma e, por outro, do registo “Queremos saber”, num cartaz posto à disposição de todos. O pôr em comum destes problemas/desejos verifica-se semanalmente no Conselho de Cooperação Educativa de que falaremos mais adiante. Lugar por excelência de diálogo deste modelo, é o lugar/espço da responsabilidade assumida coletivamente e, conseqüentemente, da socialização.

Levantados e definidos aqueles que vão ser objeto de trabalho em projeto, constituem-se os grupos, não pelas afinidades pessoais, mas pelo interesse comum por tal ou tal problema/projeto, tendo o cuidado dos grupos de trabalho, para serem eficazes, não serem demasiado numerosos (Jonhson e Jonhson, 1999). E é ainda, no Conselho de Cooperação Educativa, que, em grupo/turma, planificam todo o trabalho, partilham os primeiros elementos e materiais de que cada pequeno grupo poderá servir-se no trabalho de investigação e construção cooperada dos saberes.

Estabelecem, também aí, o calendário e as etapas do trabalho que os levarão até à comunicação ao grupo/turma das aprendizagens construídas pelo pequeno grupo de trabalho em projeto.

Toda esta construção cooperada do projeto de cada grupo em Conselho de Cooperação Educativa, segue uma ficha de projeto que responde aos seguintes itens: o que queremos saber; o que já sabemos/o que pensamos; o que vamos fazer para aprender/atividades; como nos vamos organizar; como vamos apresentar ao grupo/turma; data de apresentação.

Esta discussão comunitária desencadeada, na afirmação de Serralha (2009) “em torno daquilo que os seus membros sabem e pensam acerca da problemática que um pequeno grupo de aprendizes se propõe estudar” (p.39), registada por escrito, torna-se essencial “para que no final do projeto os alunos possam então comparar o que sabiam antes com o que sabem” (p.39) depois da realização do projeto.

Em pequeno grupo, compartilham ideias e recursos, escrevem os registos das aquisições do grupo que passam a fazer parte (nas bibliotecas de turma e da escola) da documentação disponível, preparam as comunicações à comunidade (discutindo e

argumentando os produtos finais a apresentar), redigem os relatórios finais a distribuir aos demais, elaboram os questionários de avaliação da compreensão.

As avaliações do trabalho desenvolvido realizam-nas, sessão a sessão, dentro de cada grupo; no grande grupo/turma, realizam-na a quando da comunicação final das aprendizagens adquiridas. As avaliações regulares permitem a tomada de consciência do que foi realizado e do que poderia ter sido feito de outro modo.

Esta construção cooperada das aprendizagens através do trabalho em projetos, pelo diálogo/discussão comunitário que se estabelece, permite ainda a socialização/crescimento ético dos alunos, já que todos se tornam responsáveis por todos (Serralha, 2009). Ao gerirem cooperadamente o currículo e os seus conteúdos e até o espaço, os alunos com o professor estão a formar-se para a vida democrática direta e não de delegação, como explica Niza (1998):

Quer isto dizer que as atitudes, os valores e as competências sociais e éticas que a democracia integra, se constroem enquanto os alunos, com os professores, em cooperação vão experienciando e desenvolvendo a própria democracia na escola. É nesta parceria moral, tecida na entreajuda e no respeito evidente, onde a livre expressão convida a prosseguir a comunicação, que a cooperação se torna educativa (p.82).

1.2.3.3. Comunicações

Esta estrutura organizativa do desenvolvimento curricular, fundamental no modelo pedagógico do MEM, que implementamos, também, no nosso trabalho de projeto de investigação, constitui o tempo da oferta a todos do trabalho final de alguns. É assim que todos podem aceder à informação recolhida, ampliar os seus conhecimentos e reconhecer-se de uma mesma comunidade que se apropria desses mesmos produtos culturais, bens comuns. Isso mesmo é sintetizado por Serralha (2009), ao afirmar que “as comunicações são o espaço destinado à divulgação e partilha de conhecimentos construídos noutra estrutura cooperada, designada por projetos” (p.25).

Esta apresentação pública estrutura-se em dois tempos inseparáveis. O primeiro é da responsabilidade dos alunos e o segundo incumbe ao (à) professor(a).

O da responsabilidade dos alunos desenrola-se em duas etapas distintas. A primeira, própria do grupo que desenvolveu a ação, tem por objeto a apresentação das aprendizagens construídas ao grupo/turma e/ou demais membros da coletividade. A segunda, destinada aos esclarecimentos, abre ao grupo/turma e/ou demais membros da coletividade, a discussão coletiva para reações, perguntas e avaliação da prestação dos autores da comunicação.

O tempo da responsabilidade do(a) professor(a) em que este procura fazer avançar ainda mais os saberes dos alunos e ultrapassar algumas fragilidades dos projetos, tem como objetivo o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos e o enquadramento científico das questões que pareceram ter ficado menos claras. Ganha, também aqui, sentido a teoria de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal e de Bruner sobre o seu conceito de andaimes abordados com a aprendizagem cooperativa.

O tempo dos alunos e o do professor vão concluir-se com a distribuição a todos os presentes dos questionários elaborados pelo grupo apresentador para avaliar o grau de apropriação pelo grupo/turma dos saberes comunicados. A discussão que se segue e os necessários complementos dados permitem revelar os alunos que tiveram menos facilidades em fazer suas as aquisições transmitidas. Serão, depois, acompanhados no trabalho de estudo autónomo, outra das estruturas organizativas do desenvolvimento curricular do modelo pedagógico do MEM (Serralha, 2009).

São, também, distribuídos aos alunos do grupo/turma e/ou aos demais membros da coletividade os registos informativos/relatórios sobre os materiais elaborados. O projeto fica assim concluído. Salientemos, ainda, que o desenvolvimento das suas capacidades de comunicação oral vai de par com o das suas habilidades em redigir os seus trabalhos de investigação e as aprendizagens construídas.

O facto de as aprendizagens se realizarem num espírito de partilha de ideias e saberes, diálogo e debate de todos com todos, o trabalho de aprender tem um profundo sentido ético pois todos se tornam responsáveis por todos e cada um tem oportunidade de avançar. Seguindo Serralha (2009), a comunidade de aprendizagem revela todo o sentido dos seus trabalhos quando os comunicam aos demais para que se tornem património comum e útil para todos. O trabalho de projeto só atinge o seu objetivo pleno quando todos passam a beneficiar

do conhecimento gerado por alguns. O debate entre alunos e com o professor, a quando da comunicação final, faz crescer a tomada de consciência dos progressos feitos e da capacidade a tornar compreensível pelos outros os conhecimentos adquiridos (Serralha, 2009).

1.2.3.4. Tempo de Estudo Autónomo

As diversas autoavaliações cooperadas – individuais e em Conselho de Cooperação Educativa – permitem a deteção das necessidades particulares de cada aluno, as suas dificuldades em realizar sozinho as atividades que lhe permitem a passagem da zona do não adquirido à do adquirido. Conforme indica Serralha (2009), este tempo “é um tempo de promoção continuada da justiça escolar” (p.42), já que evita atrasos e favorece a inclusão de cada aluno através da ajuda dos companheiros e do apoio do professor. Ajuda e apoio esses que constituem meios de ampliação das capacidades de cada aluno. Verifica-se ainda aqui a pertinência da teoria de Vygotsky sobre a ZDP e as intuições de Bruner sobre os apoios/andaimes que esta estrutura organizativa de desenvolvimento curricular do MEM privilegia. No Tempo de Estudo Autónomo, cada criança tem à sua disposição o apoio/andaime mais ajustado às suas necessidades (por parte dos companheiros e do professor) com o objetivo de se tornar autónoma e de prescindir, progressivamente, dos apoios/andaimes.

Cada aluno dispõe de um Plano Individual de Trabalho “em função do que ele considera ser aquilo que precisa de aprender”, para “dar a todos os alunos a oportunidade de aprenderem aquilo que lhes é imposto pelo currículo nacional” (Serralha, 2009, p.42).

1.2.3.5. Conselho de Cooperação Educativa

Espaço de diálogo e de responsabilidade coletiva, o Conselho de Cooperação Educativa é, como vimos atrás e no dizer de Serralha (2009), o “ponto de partida e de chegada dos percursos de aprendizagem dos alunos e de regulação tanto dessa caminhada em coletivo, como das interações que aí se estabelecem” (p.46). Trata-se de um espaço/tempo aberto, de encontro semanal de todos os alunos e do professor, em igualdade de direitos e deveres, para analisarem e gerirem não só as aprendizagens, mas também as relações sociais dentro do grupo/turma.

Sob a condução de um Presidente e o apoio de um Secretário, este Conselho exerce diversas funções que fazem do grupo “uma comunidade que se vai estruturando eticamente, através da regulação social da convivência diária que se estabelece” entre os alunos (Serralha, 2009, p.43).

As funções essenciais desse Conselho abarcam, no dizer da mesma autora, a regulação dos percursos de aprendizagem dos alunos; a gestão cooperada dos conflitos a partir dos acontecimentos negativos; a instituição de regras de vida em comum; a mediação; a prática dialogante e compartilhada de reflexão sobre a vida em comum. É no Conselho de Cooperação Educativa que melhor se percebe a construção ativa da cidadania tão própria ao modelo pedagógico do MEM.

1.3 Dificuldades de Aprendizagem Específicas

Hoje em dia é cada vez mais frequente encontrarmos nas nossas turmas alunos com dificuldades na aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática. Por o termo dificuldade de aprendizagem ser muito abrangente, iremos falar de dificuldades de aprendizagem específicas. Correia (2008), definindo as dificuldades de aprendizagem específicas, refere que:

[e]las dizem respeito a uma problemática de origem *neurológica e cognitiva* que interfere com o *processamento de informação* (receção, integração, memória e expressão de informação), caracterizando-se, em geral, por uma discrepância entre o potencial do aluno (aluno inteligente) e a sua realização escolar (académica e socio emocional), refletindo-se, assim, em termos educacionais, numa *discapacidade ou impedimento* para a aprendizagem da *leitura, da escrita* ou do *cálculo*, ou para a aquisição de *aptidões sociais* (p.55).

As dificuldades de aprendizagem específicas estão relacionadas com as dificuldades dos alunos em aprender em determinada área académica; a inteligência do aluno não é por norma abaixo da média e as dificuldades de aprendizagem específicas não estão relacionadas com o nível de inteligência. Infelizmente, muitos professores e pais não sabem lidar com este tipo de problemática, o que leva muitas vezes o aluno com dificuldades específicas de aprendizagem a ser excluído por parte dos colegas e dos próprios professores que acabam por deixá-los transparentes no fundo da sala de aula, levando-os a serem marginalizados, acabando por serem alunos com baixa autoestima e pouca autoconfiança. É de máxima

importância que estes alunos sejam acompanhados, mas inicialmente o diagnóstico tem de ser feito e se possível precocemente, como salienta Correia (2008) " através de observações e avaliações especializadas que levem a intervenções específicas que envolvam não só a escola, como também a família e a comunidade" (p.40).

1.3.1 A dislexia

A dislexia constitui para muitas crianças e muitas famílias uma grande frustração, levando muitas vezes a algum preconceito por parte dos colegas, amigos, vizinhos, etc. que consideram que a criança nunca vai ser capaz por ter falta de inteligência. Em geral, esse facto provoca na criança uma baixa autoestima, grande ansiedade, perturbações e desmotivação.

As obras de Cruz (2009) e de Citoler (1996) entre outros, e alguma prática pedagógica, levam-nos a sintetizar que as grandes dificuldades manifestam-se na leitura, onde a criança lê de forma lenta, salta linhas, troca, omite e inverte letras e palavras sendo os seus textos por vezes muito pouco organizados.

Por seu lado, na escrita existe um número importante de erros ortográficos, pouca organização textual, não consegue compor um texto com princípio, meio e fim, as ideias são muitas vezes desorganizadas e a caligrafia é pouco legível.

A dislexia tem de ser diagnosticada por um especialista, mas é muitas vezes dentro da sala de aula – face aos sintomas - que se deteta a dificuldade. Nesse caso o professor atento procura encontrar objetivos e estratégias adequadas para obter sucesso no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

É importante realçar que existem diversos tipos de dislexia, dividida em dois grandes grupos: a dislexia adquirida e a evolutiva, tendo em conta que cada uma delas se subdivide em subgrupos, explicitados por Citoler (1996) citado por Cruz (2009, p.153), com um esquema esclarecedor:

Dislexia adquirida:

- **Fonológica:** dificuldade no uso do procedimento subléxico por lesão cerebral
- **Superficial:** dificuldade no uso do procedimento léxico por lesão cerebral
- **Profunda:** dificuldade no uso de ambos os procedimentos por lesão cerebral

Dislexia evolutiva:

- **Fonológica:** dificuldade na aquisição do procedimento subléxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos
- **Superficial:** dificuldade na aquisição do procedimento léxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos
- **Mista:** dificuldade na aquisição de ambos os procedimentos por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.

As características da dislexia podem ser múltiplas, como por exemplo, escrever as palavras do fim para o início, a confusão entre as vogais e as consoantes, comprometimento do armazém fonológico, o prazer de ler quase inexistente, como refere Nielsen (1999).

1.3.2 A disortografia

A disortografia prejudica claramente a escrita na sua composição, criação e expressão. A pessoa com disortografia não consegue escrever um texto claro, organizado e gramaticalmente correto. Cruz (2009) nomeia a disortografia como “sendo a última condição da linguagem a ser identificada, a disortografia coloca um problema na expressão escrita, pois afeta a ideação, a formulação e a produção, bem como os níveis de abstração” (p.185).

Os textos escritos pelos disortográficos são muitas vezes pobres, curtos, a pontuação não é adequada, pouco estruturados, os conteúdos estão pouco organizados, o aluno apresenta problemas ao nível da planificação e da formulação na produção escrita, a releitura das composições é esquecida, sobressaindo a falta de perceção dos processos de escrita. Cruz (2009), salienta que os disortográficos: "apresentam grandes dificuldades em executar os processos cognitivos subjacentes à composição, como são os de geração do conteúdo, os sintáticos ou os de estruturação e planificação de texto" (p.186).

A disortografia consiste na dificuldade em transformar corretamente o fonema em grafema. Uma boa perceção auditiva e visual é primordial para uma boa discriminação dos fonemas, levando a uma transformação adequada dos grafemas em questão. Para Cruz (2009), os principais motivos para considerar um individuo disortográfico são as "alterações da linguagem, erros na perceção, falhas na atenção e a aprendizagem incorreta da leitura e da escrita" (p.186).

É importante também ter em conta que as crianças com disortografia precisam de ser muito motivadas, levando-as a ganhar o gosto pela leitura e pela escrita, nunca esquecendo que a leitura é um treino essencial para resolver os diversos problemas de ortografia: conhecer e memorizar as imagens da palavra pode ser uma atividade a desenvolver. A motivação é imprescindível na aquisição da leitura e da escrita.

1.3.3 A discalculia

Ainda na perspetiva das dificuldades específicas de aprendizagem encontra-se a discalculia. O aluno revela perturbações na aprendizagem da matemática, pode não ter dificuldades unicamente no cálculo pois a perturbação pode surgir em todos os domínios da matemática como na aritmética, na álgebra e na geometria. O aluno demonstra ter grandes dificuldades em realizar operações e problemas matemáticos. Cruz (2009) explica que a discalculia se refere à " disfunção neurológica de maturação das habilidades matemáticas, que está presente, sobretudo, nas crianças e que se manifesta por dificuldades na realização do processamento dos números, no cálculo aritmético e na resolução de problemas" (p.210).

Os indivíduos com dificuldades específicas de aprendizagem na matemática manifestam-nas em diversas áreas descritas por Cruz (2009): " no domínio dos factos básicos acerca dos números, no domínio da linguagem da matemática, na realização de operações ou cálculos, na representação simbólica ou visual, em memorizar e sequencializar, no processamento visual, no processamento da linguagem" (p.208).

Um diagnóstico preciso é imprescindível, para a recuperação da discalculia; as estratégias e os métodos a adotar são fundamentais.

1.4 A Educação inter/multicultural

A educação inter/multicultural tem ganho grande importância nas sociedades atuais, devido ao fenómeno de globalização e devido ao fenómeno do racismo na Europa (Stoer, 2008). Por um lado, pela globalização são postos em causa as referências – tempo, espaço, linguagem - que constituem tradicionalmente as identidades das sociedades, das culturas e consequentemente dos indivíduos (Audinet, 2007). Por outro, no encontro de homens e de culturas que é favorecido pela globalização, “a diferença abre a porta a eventuais conflitos que têm por nome exclusão, discriminação, racismo” (Audinet, 2007, p.27).

Nas nossas sociedades globalizadas, constituídas por indivíduos e grupos cada vez mais plurais que manifestam as suas diferenças pelas diversidades culturais de que são portadores, assiste-se, como afirma Wieviorka (1999), à “emergência, a partir dos anos 60, de exigências de afirmações identitárias de grupos com origens e motivações distintas” (p.8). Neste contexto de crise das identidades, Torres (1999), ao falar da multiculturalidade, crê que “é o tema da transição de século (...) que vai marcar a crise e a resposta da educação frente às exigências e aos desafios do futuro” (p. 10). Justifica esta sua convicção “porque discute o tema da identidade e, em educação, não fazemos mais do que discutir a questão da identidade”. (p.10)

Touraine (1997), fiel à sua intuição de que as sociedades de hoje tendem para a unidade com a diversidade das pessoas e das culturas, define a sociedade multicultural como sendo aquela que “combina a unidade de uma organização social com a pluralidade das pertenças e das referências culturais. É assim que deve interpretar-se a ideia do vivamos e trabalhemos juntos reconhecendo as nossas diferenças culturais” (p.237).

Com Touraine entramos, assim, na questão levantada por Cabral (1995) que se interroga sobre “o rosto que queremos dar a esta sociedade multicultural: como viver em conjunto com as nossas diferenças, como podemos e devemos estruturar um futuro comum” (p.114).

Não é fácil lidar com a questão da educação em contexto de multiculturalidade. Essa dificuldade prende-se com a definição de conceitos marcados essencialmente por práticas muito diversificadas e, por vezes, conflituosas através dos tempos e dos continentes. Audinet (2007) constata que as palavras são, por vezes, insuficientes para definirem as situações reais das nossas sociedades quanto ao processo de encontro de pessoas e de culturas em constante transformação:

A palavra multicultural e as que lhe estão associadas tornam-se insuficientes. Delimitam apenas os atuais contornos dos grupos. Não podem indicar os dinamismos que os modificam. Apenas olham para a origem desses grupos. E, portanto, é o futuro que está em jogo (p.46).

Tenta, contudo, uma descrição do conteúdo de cada uma das noções, indicando que estão em permanente transformação:

Intercultural, designa a troca entre duas ou mais culturas. Pluricultural, indica, numa determinada sociedade, o facto da justaposição das pertenças a culturas diferentes. Multicultural que insiste na variedade das experiências de pertença a diversas culturas, num mesmo território e nas suas interferências (p.27).

Se a pluralidade das nossas sociedades é um facto palpável e inegável, marcado pela justaposição de culturas, o termo multiculturalidade deixa em aberto uma interrogação relativa ao modo como “pôr em relação as diferenças, confrontá-las, arriscar-se no diálogo” (Audinet, 2007, p.45), isto é, a interculturalidade. Fazendo referência ao multiculturalismo, um dos modelos de gestão da multiculturalidade que tem oposto as sociedades americanas e europeias, Rodrigues (2001) define-o por duas das suas práticas extremas, uma que considera como relativas as “alteridades culturais” e outra que resume a relação entre elas à assimilação das minorias culturais pela cultura dominante.

E prosseguindo na explicação, Rodrigues (2001) afirma a necessidade de estabelecer como “sujeito do discurso (científico, ético, político e estético) as próprias diferenças” (p.46). No mesmo sentido vai Audinet (2007), ao afirmar que é o reconhecimento recíproco das diferenças que está em jogo no encontro, mistura de pessoas, línguas e costumes. “No cerne do processo de reconhecimento encontram-se as diferenças entre os seres humanos manifestadas pela diversidade cultural” (p.45). Para ele o multiculturalismo acaba por atingir certos limites pois não oferece elementos suficientes que ajudem a compreender o modo como se realiza o reconhecimento do outro que é diferente e da sua cultura.

Aquilo a que Audinet (2007) chama “mestiçagem cultural”, uma terceira via de reconhecimento do relacionamento das diferenças dos grupos humanos entre eles, que produz “uma realidade que os ultrapassa a si próprios” (p.50), para Rodrigues (2001) é o ‘lugar’ entre as duas atitudes opostas, o relativismo e a assimilação.

Isso mesmo presente Wieviorka (1999). Verificando que a tendência natural das sociedades é mais da ordem da transformação cultural que da uniformização, nota que pelo impacto da globalização “a diferença cultural é fruto de uma invenção permanente em que as

identidades se transformam, se recompõem sem que exista qualquer princípio de estabilidade definitiva" (p.21).

Alargando à educação intercultural esta constatação de Wieviorka, podemos afirmar, com ele, que esta deve ser mais pensada “na perspetiva da mudança e da invenção do que na do acolhimento e da reprodução” (Wieviorka, 1999, p.21).

A educação inter/multicultural emerge, assim, do reconhecimento da multiculturalidade existente e da necessidade de lhe dar um conteúdo dinâmico.

Para definir os contornos da educação em contexto de multiculturalidade, Torres (1999) refere-se a três aspetos essenciais: “primeiro, e sobretudo, uma educação antirracista; segundo, um movimento social; terceiro, uma tentativa de transformação curricular” (p.10).

Sintetizando debates e práticas à volta dos modelos educacionais de gestão da multiculturalidade, Stoer (2008) descreve dois modos possíveis de educação inter/multicultural, reveladores, cada um, de posturas socio-político-económicas muito diferentes. O primeiro manifesta-se “como política de gestão controlada da exclusão” (p.208), fazendo apelo à regulação dos estados, de certo modo numa lógica de dominação/dependência culturais. O segundo revela-se como “movimento social novo e crítico, cujo objetivo é a neutralização da lógica de exclusão e cuja realização passa por apelos ao sujeito em todas as esferas da vida quotidiana individual e coletiva” (p.208). Face aos excessos de regulação dos estados, para Stoer (2008) esta educação inter/multicultural “assume-se como parte integrante do movimento para a solidariedade, a cidadania ativa e a justiça social” (p.208).

Nesse sentido, ainda com Stoer (2008), podemos afirmar que a educação inter/multicultural, enquanto movimento crítico, se desenvolve contra a fragmentação do sujeito, promovendo por um lado a socialização e a educação nas escolas e por outro lado um bilinguismo cultural (a ‘mestiçagem cultural’ de Audinet). Aproximamo-nos, assim, do pensamento de Touraine (1997) que colocou a ideia de Sujeito no centro da sua reflexão:

Apenas conseguiremos viver juntos se (...) cada um de nós se construir como Sujeito e se nos dermos leis, instituições e formas de organização social cujo fim principal seja proteger a nossa vontade de viver como Sujeitos da nossa própria existência (p.196).

Audinet (2007), consciente que as pessoas quanto mais se encontram mais se reconhecem, explicita que “reconhecer o outro na sua cultura, é reconhecê-lo na sua comum humanidade. É, também, afirmar a sua própria identidade” (p.39). Estamos perante a “unidade na diversidade” de Stoer (2008, p.187), num duplo movimento em que “reconhecer o outro, logo diferente, na sua cultura [é] ao mesmo tempo reconhecê-lo como humano, logo semelhante” (Audinet, p.27). Este reconhecimento envia-nos, com Audinet (2007), para o encadeamento lógico entre diversidade das culturas e identidade do Sujeito: “A diversidade das culturas remete-nos para a perceção que os indivíduos têm de si próprios e dos outros; a aceitação – reconhecimento – desta perceção permite a cada um de se identificar” (p.39).

É a situação de que fala Audinet (2007) e em que vai encontrar-se a criança diferente ao entrar na sala de aula. Como se atravessasse uma fronteira, a criança entra num processo de transformação que a vai construir como sujeito, relacionando-se com os outros que também são diferentes.

A noção de educação inter/multicultural apresenta-se, assim, fundamentada no conhecimento dos mecanismos sociais e culturais, das relações entre cidadania e afirmação da identidade do sujeito.

Nesse sentido, deduzimos ainda de Stoer (2008) que a inclusão de alunos com outras culturas constitui um desafio e uma oportunidade/enriquecimento para a educação inter/multicultural que se vê chamada “a tornar a escola num espaço privilegiado de comunicações interculturais” (pp.202-203). Tendo em conta a consciência atual da realidade da multiculturalidade, a escola tenderá a realizar esse objetivo num processo de vai e vem entre educação multicultural e educação intercultural. Com Stoer (2008), podemos sintetizar, que a primeira, a educação multicultural, vai desenvolver-se “como modelo de educação para a sociedade multicultural” (p.202) existente e aceite como tal, enquanto a segunda, a educação intercultural, se desenvolve “como processo de interação e integração onde o convívio intercultural prefigura a sociedade baseada no pluralismo cultural” (p.202) que vai existindo/existirá.

Parafraseando Depestre (1998), no título da sua obra, a escola está chamada, hoje, a considerar “A humanidade, 'como' um tear a mestiçar”.

2. Enquadramento Metodológico

Este projeto teve por objetivo promover a interação e a integração de todos os elementos do grupo através das aprendizagens.

2.1 Caracterização do Trabalho de Projeto

O nosso Trabalho de projeto foi desenvolvido segundo a metodologia de investigação-ação, levando-nos a refletir sobre a investigação e sobre as práticas, tornando-nos assim professores mais reflexivos.

Inúmeros autores analisaram este conceito. Para Coutinho (2009) a investigação-ação "pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica" (p.360). A investigação-ação é utilizada para dar resposta a problemas existentes, levando os profissionais a investigar, pesquisar, refletir sobre as suas práticas e a decidir e a planificar, assim, modificações dessas mesmas maneiras de atuar (Coutinho, 2009).

Assim, o professor que pretende melhorar a sua ação efetuando as mudanças educativas necessárias só poderá fazê-lo se refletir sobre as suas próprias práticas. Tanto os professores, como as escolas que pretendem assumir processos de mudança têm esse trabalho mais facilitado através da investigação-ação e da reflexão (Ainscow, 1997).

A mudança levar-nos-á a uma educação para todos e com todos, proporcionando uma educação inclusiva de todos os alunos independentemente das suas condições. No entender de Sanches (2005),

[a] mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspetiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física (p128).

Pela investigação-ação, modalidade que nos leva a reconsiderar as práticas do ensino, o professor a questionar-se, implementando a reflexão-ação-reflexão, podendo desencadear estratégias mais dinâmicas e motivadoras para aprendizagens de sucesso, numa “espiral introspetiva de ciclos de planificação, ação, observação sistemática e reflexão” (Marques e Sarmento, 2007, p.91). Vamos de encontro à cientificação do ato educativo de que fala Sanches (2005).

O nosso projeto foi baseado num processo cíclico e em espiral, exigido pela investigação-ação. Quatro fases importantes estruturaram a sua realização: o diagnóstico, a planificação, a intervenção e a avaliação.

2.2 Problemática e Questão de Partida

Com base nas informações obtidas através das técnicas de investigação, pudemos constatar que existiam duas situações merecedoras de atenção especial dentro do grupo. Tratava-se de dois alunos do 4º ano de escolaridade com grandes dificuldades de integração, sendo assim prejudicadas de modo significativo as suas aprendizagens. O grupo/turma é composto por quatro alunos do 3º ano de escolaridade e doze do 4º ano.

A problemática deste projeto centra-se na integração dos dois alunos acima referidos através das aprendizagens. Favorecer a aceitação dos elementos que os diferenciam do resto do grupo pareceu-nos fundamental para intervir. Para tal era necessário promover mudanças de inclusão educativa.

Verificamos, desde logo, que havia já algum trabalho por parte da professora titular no sentido de permitir que estes mesmos alunos se sentissem em harmonia com o restante da turma. Este trabalho revelava-se, de certo modo, em vão, pois esse esforço teria também de incidir sobre os colegas, levando o grupo a perceber o significado da escola inclusiva. As atividades e as aprendizagens deveriam ser conduzidas de modo cooperativo, despertando nos alunos a aceitação das diferenças como enriquecimento mútuo, alargando, assim e também, o significado de escola inclusiva à comunidade escolar e às famílias.

A partir destas constatações, colocamos a questão de partida, centrada na promoção das interações do grupo através das aprendizagens: **"Como promover a interação social, através das aprendizagens académicas numa turma do 3º e 4º ano de escolaridade?"**

2.3 Objetivos Gerais

Com este trabalho pretendeu-se uma mudança de mentalidades, primeiro e no imediato, na comunidade escolar e, de seguida e potencialmente, na sociedade em geral: que os alunos, através das aprendizagens, adquiram o respeito e a aceitação das diferenças reais existentes dentro da sala de aula.

A promoção da interação social através das aprendizagens é objetivo principal do Trabalho de Projeto. Em todo este processo a turma é, independentemente do ano de escolaridade, considerada como um grupo só. Para introduzirmos e levarmos por diante, com os alunos, a dinâmica de trabalho cooperativo, implementamos duas das cinco estruturas organizativas do desenvolvimento curricular do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna: trabalho em projeto e comunicações. Propusemo-nos, assim, transmitir uma nova forma de pensar e de agir, bem como mudar a forma de os alunos interagirem dentro e fora da sala de aula, enriquecendo-se com as diferenças existentes, tentando que todos os alunos, em cooperação, atingissem sucessos no que respeita às aprendizagens.

Nesse sentido, fixamo-nos os seguintes objetivos:

- Promover a interação da aluna ML e do aluno DJ com os restantes alunos do grupo.
- Desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos
- Construir em conjunto o conhecimento
- Promover o respeito pelo outro e pela sua diversidade.

2.4 Técnicas e Instrumentos de Pesquisa de Dados

Com o intuito de fazer um levantamento de dados, utilizamos várias técnicas e instrumentos. As técnicas utilizadas e aplicadas foram a pesquisa documental, o teste sociométrico, a entrevista e a observação naturalista que passamos a explicitar.

2.4.1 A Pesquisa documental

A pesquisa de documentos escritos, fundamental na perspetiva do investigador, é essencial, como fonte de informação, para percebermos as necessidades do grupo onde se vai fazer a investigação e a intervenção (Coutinho, 2009). A pesquisa documental é para o investigador uma técnica imprescindível para fazer uma recolha de informações que virão a ser-lhe úteis para fundamentar a problemática da sua investigação no sentido do que referem Ketele e Roegiers (1993):

A pesquisa documental, cujo objeto é a literatura científica relativa ao objeto de estudo e cuja finalidade é a exploração da literatura em vista da elaboração de uma problemática teórica. Este tipo de análise de documentos apresenta, assim, um carácter essencialmente exploratório (p.39).

Existe uma grande variedade de documentos que podem ser pesquisados, mas a importância e a necessidade de cada documento tem de ser avaliada (Stake, 2009). Os vários documentos que podem ser consultados e analisados devem sê-lo tendo sempre em conta o caso ou problemática que vai ser investigada. Ketele e Roegiers (1993) enumeram alguns exemplos:

- Documentos escritos e audiovisuais como desenhos, esquemas, fotografias e documentos informatizados.
- Documentos publicados como livros, revistas científicas e manuais técnicos.
- Documentos oficiais como leis, programas e normas.
- Documentos abertos como formulários, questionários e grelhas de avaliação.
- Documentos científicos como balanços de investigação, manuais e documentos de referência.

Para Stake (2009) a recolha de documentos tem a mesma importância de outras técnicas de pesquisa de dados como a observação ou a entrevista.

2.4.2 A Entrevista

A entrevista é considerada uma técnica de investigação muito específica, devendo ter-se em conta qual o seu objetivo e quais são as informações que queremos recolher para poder delinear melhor a intervenção. Ketele e Roegiers (1993) lembram que é necessário

“estenderemos a definição da entrevista geralmente aceite em várias direções, a fim de a precisar como método ao serviço de um processo de recolha de informações, a fim de melhor orientar o seu papel num processo científico ou numa avaliação” (p.21).

Dentre os vários tipos de entrevistas salientam-se as não diretivas e as semidiretivas. As primeiras focam a ‘profundidade’; são entrevistas mais longas de uma ou duas horas. As segundas, são entrevistas mais curtas, a informação é totalmente transcrita independentemente do seu conteúdo, incluindo, como refere Bardin (2009): “hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador” (p.89).

A entrevista é utilizada para dar a palavra ao entrevistado, permitindo-lhe emitir opiniões sobre a problemática em estudo, dar informações sobre as características dos sujeitos que integram o estudo e também poder falar sobre si próprio. Estrela (1994) define a técnica da entrevista como

recolha de dados de opinião que permitem não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspetos, os intervenientes do processo, isto é, se, por um lado se procura uma informação sobre o real, por outro, pretende-se conhecer algo dos quadros conceptuais dos dadores dessa informação, enquanto elementos constituintes desse processo.

As entrevistas têm, assim, finalidades de investigação, evidentes nos dois planos de aproveitamento de dados (p.342).

É importante valorizar três pontos essenciais para a realização da entrevista sintetizados por Estrela (1994). Em primeiro lugar, será necessário deixar o entrevistado à vontade para poder falar do que achar importante, não devendo o entrevistador intervir no discurso do entrevistado para não condicionar as respostas; as perguntas devem de ser claras e objetivas. O entrevistador deve, previamente, definir os objetivos para a orientação da entrevista ser mais adequada. De seguida, o entrevistador deve deixar o entrevistado abordar os temas que achar pertinentes, não esquecendo que essa informação coincide com os temas gerais da entrevista e enriquece os elementos fornecidos pelo entrevistado. Finalmente, é fundamental também o entrevistador esclarecer, sempre que necessário, as informações dadas pelo entrevistado.

2.4.3 A Observação naturalista

A observação naturalista é utilizada para observar e descrever os comportamentos/instantâneos dos sujeitos num dado momento da sua vida diária (Estrela, 1994).

Para Afonso (2005), "a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista do sujeito" (p.91). A observação é feita a partir daquilo que é visto pelo observador. Esta técnica, podendo ser utilizada na pedagogia, é delineada em quatro grandes pontos essenciais por Estrela (1994):

- 1.^a Não é observação seletiva – o observador procede a uma *acumulação de dados*, pouco seletiva, mas passível de uma análise rigorosa;
- 2.^a Preocupa-se fundamentalmente com “ *a precisão da situação*”, isto é, com a apreensão de um comportamento ou de uma atitude inseridos na situação em que se produziram, a fim de se reduzirem ao mínimo as dúvidas referentes à sua interpretação;
- 3.^a Pretende estabelecer biografias compostas por um grande número de *unidades de comportamento*, que se fundem umas nas outras;
- 4.^a A *continuidade* é um dos princípios de base que possibilita uma observação correta: a seleção dos acontecimentos é algo de arbitrário, que se verifica apenas no laboratório, pois o processo vital é caracterizado pela ininterrupção (p.46).

A observação naturalista é baseada nos comportamentos dos indivíduos e dos grupos no seu estado natural como indica Estrela (1994): " uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o século XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais" (p.45).

2.4.4. A Sociometria

Para se poder perceber um grupo, torna-se fundamental entender as relações e inter-relações existentes dentro dele. O teste sociométrico é um instrumento de pesquisa de dados que permite determinar a relações existentes dentro desse mesmo grupo. No entender de Estrela (1994), permite-nos ter uma perspetiva individual de cada elemento, realçando o lugar que ocupa no grupo:

Partindo-se do princípio que a estrutura real de um grupo é determinada pelas relações de afinidade e de não afinidade, que existem entre os seus diversos elementos, os testes sociométricos permitem, em pequenos grupos, pouco organizados, captar de modo fácil as relações espontâneas, destacando, ainda, a posição de cada indivíduo no grupo, em função dessas relações (p.367).

Através de um teste sociométrico, percebemos quais são as interações existentes no seio de um grupo e quais os gostos e preferências de cada elemento, a partir de possíveis associações e situações (Nortway e Weld,1999).

O teste sociométrico permite-nos verificar e registar se o grupo é constituído por pequenos grupos e se os elementos se relacionam uns com os outros, detetando os elementos mais escolhidos e os mais rejeitados, os mais integrados e os mais marginalizados, no fim, detetar a posição social de cada um (Estrela, 1994).

Assim, o teste sociométrico torna-se fundamental para o contexto escolar, um instrumento vantajoso que leva o professor a perceber as preferências, a interação e a integração dos seus alunos, podendo ajudá-lo a concretizar uma melhor e mais harmoniosa organização de sala de aula e um melhor clima de trabalho (Nortway e Weld,1999).

Caracteriza-se como uma técnica imprescindível para a orientação de cada aluno, ajudando o professor a melhorar o relacionamento entre os alunos e a vida social de cada elemento em especial, percebendo quais os elementos que têm mais facilidade em integrar-se e os que têm mais dificuldade, podendo esclarecer o professor sobre as estratégias adequadas a implementar para que os alunos mais rejeitados, sejam elementos participativos da vida da turma, tornando possível a socialização de todos os alunos.

É importante salientar que o teste sociométrico não é infalível, sendo necessário utilizar outros instrumentos para completar os seus resultados. Esta técnica informa-nos sobre as realidades de um determinado indivíduo e não do grupo; as escolhas feitas na realidade podem não ser as escolhas feitas no teste sociométrico. Estrela (1994), acentua os cuidados a ter quanto aos limites do teste sociométrico dentre os quais sobressai “ a necessidade de utilizarmos os dados do teste de uma forma crítica, partindo do princípio que eles

correspondem apenas a aspetos ou expressões (por vezes, pouco claras) de realidades do sujeito” (p.367).

O teste sociométrico não diz tudo acerca da criança, informa-nos, isso sim, sobre as relações desse elemento com o grupo e dentro do grupo, mas não nos informa sobre a sua vida familiar, sobre a sua saúde mental, sobre as suas atividades preferidas fora da escola, noutros grupos, e também não nos informa sobre o verdadeiro sentimento que essa criança tem pelo elemento que é escolhido ou rejeitado por ele no teste sociométrico (Nortway e Weld,1999).

2.5. Procedimentos Efetuados para a Recolha e Análise de Dados

Para podermos fazer o levantamento de dados foram pedidas as respetivas autorizações à direção da escola (anexo 1) e aos encarregados de educação (anexo 2).

2.5.1. Pesquisa documental

Na linha de Stake (2009), a nossa primeira diligência foi perceber quais os documentos necessários para poder fazer o levantamento dos dados adequados à nossa problemática. Pudemos assim contar, para aceder a esses documentos, com o apoio da professora titular de turma, da diretora de turma e da direção da escola. Foram consultados o Projeto Educativo de Escola, o Projeto Educativo do Agrupamento, e o Projeto Curricular de Turma.

No projeto Educativo do Agrupamento (anexo 3) foi-nos possível conhecer o estabelecimento de ensino, qual o seu meio envolvente e qual a dinâmica comum ao agrupamento. A informação sobre o funcionamento da própria escola, o seu espaço físico e os recursos humanos foi-nos dada pelo Projeto Educativo de Escola (anexo 3). O Projeto Curricular de Turma (anexo 3) constituiu o elemento essencial para podermos aceder às informações sobre o grupo, sobre cada elemento em particular, sobre a dinâmica da turma. Pudemos assim dispor das informações necessárias à caracterização do grupo e dos dois alunos desencadeadores da nossa intervenção.

2.5.2. A Entrevista

A entrevista, no entender de Estrela (1994), serve para caracterizar a turma e obter informações sobre os seus diversos elementos. Assim as duas entrevistas realizadas por nós, a

primeira em Outubro e a segunda em Junho, iniciaram-se da mesma forma, pedindo antes de mais à entrevistada autorização para gravar as mesmas, de modo a facilitar a recolha de informações. A legitimação das entrevistas e a motivação da entrevistada foram preparadas com uma conversa prévia, utilizando um discurso leve, criando um ambiente agradável, para que o entrevistado se sentisse à vontade e livre de dar as respostas que achasse necessário. Nesse sentido e seguindo as indicações de Estrela (1994) procuramos ‘dar a palavra’ ao entrevistado. As entrevistas foram semidiretivas, de modo a poder ter os dados necessários sobre o grupo e os dois alunos desencadeadores da problemática. Foram utilizados os três pontos fundamentais aconselhados por Estrela (1994) para a condução das entrevistas:

1º- Evitar, quanto possível, dirigir a entrevista;

2º- Não restringir a temática abordada;

3º- Esclarecer os quadros de referência utilizados pelo entrevistado.

Sempre que possível, tentamos, de algum modo, esclarecer as nossas dúvidas, sem dirigir a entrevista e sem influenciar a entrevistada.

As entrevistas à professora titular (anexo 6) e (anexo 9) e as entrevistas às encarregadas de educação de ML e DJ (anexo 29) e (anexo 32) foram divididas em três etapas: o guião, o protocolo e a análise. De início, nas duas entrevistas à professora titular de turma, foram elaborados os guiões (anexo 5) e (anexo 8); após as duas entrevistas foram elaborados os protocolos (anexo 6) e (anexo 9) e por fim foram feitas as análises de conteúdo das entrevistas (anexo 7) e (anexo 10) que foram divididas por categorias, subcategorias e unidades de registo.

As duas entrevistas à professora titular de turma foram fundamentais para percebermos quais as modificações operadas no grupo e nas práticas de sala de aula do início até ao fim da nossa intervenção.

No que respeita às entrevistas às encarregadas de educação dos alunos "caso" deste projeto de intervenção, só foram possíveis no fim da intervenção, tendo em conta que as mães se inibiram no início do processo, provavelmente pela dificuldade em perceberem os objetivos pretendidos de uma ação totalmente nova naquela escola. Assim, no final da nossa

intervenção, pudemos contar com a entrevista feita à encarregada de educação de ML (anexo 29), tendo elaborado o guião (anexo 28), o protocolo (anexo 29) e a própria análise de conteúdo (anexo 30).

Conseguimos também realizar uma entrevista à mãe do aluno DJ, respeitando as três etapas fundamentais desta técnica de recolha de dados, o guião (anexo 31), o protocolo (anexo 32) e a análise de conteúdo (anexo 33). As entrevistas realizadas às encarregadas de educação permitiram-nos apurar a opinião sobre o trabalho desenvolvido durante a nossa intervenção e quais foram as melhorias observadas por elas em relação aos seus educandos.

2.5.3. A Observação naturalista

Seguindo ainda Estrela (1994), a observação foi feita pelo observador/professora investigadora de um modo pouco seletivo, com a preocupação de registar dados que seriam posteriormente analisados com rigor. A primeira observação decorreu no dia 11 de novembro de 2011, das 11h45 às 12h35, tendo a atividade sido iniciada a seguir ao intervalo com a leitura de um texto sobre a agricultura. A segunda observação realizou-se no dia 08 de junho de 2012, das 11h45 às 12h35, tendo como atividade a continuação da elaboração dos trabalhos em projeto e a preparação das respetivas comunicações.

Para cada observação naturalista foram feitos os protocolos (anexo 11) e (anexo 13), onde foram anotados e registados todos os comportamentos e posteriormente foram feitas as análises dos protocolos das observações que foram divididas em categorias, subcategorias e comportamentos observados (anexo 12) e (anexo 14), podendo assim observar as modificações de comportamentos dentro da sala de aula.

2.5.4. A Sociometria

A elaboração dos testes sociométricos foi feita de forma cuidada, tendo em conta as características do grupo. Foram colocados três critérios com as respetivas três escolhas e uma rejeição para cada critério.

As perguntas foram elaboradas de modo a serem simples e claras para um fácil entendimento. Foram escolhidos para cada critério um tema: o primeiro apresentava a

situação de lugar na sala de aula, o segundo referia a situação de trabalho/tarefas escolares e o terceiro a situação de recreio (anexo 15).

Os testes sociométricos foram aplicados duas vezes, a primeira vez em novembro de 2011, antes da intervenção, e a segunda vez, no fim da nossa intervenção, em junho de 2012.

Como recomenda Estrela (1994), tivemos uma conversa introdutória com os alunos para explicar como ia decorrer o teste, tranquilizando-os quanto ao anonimato, para facilitar a veracidade das respostas:

Mesmo que os alunos saibam que o professor ou outras entidades escolares venham a ter conhecimento dos resultados, deverá ser-lhes assegurado que o conhecimento fornecido a essas entidades será sempre de ordem global não especificando quem escolhe (ou rejeita) quem (p.368).

Os alunos mostraram-se sempre muito motivados e entusiasmados. Depois da aplicação dos testes, procedeu-se à recolha e à elaboração da codificação dos alunos por letras, incluindo obviamente os nossos dois alunos com dificuldades em integrarem-se dentro do grupo, tendo ficado identificados como ML e DJ.

Para organizar de uma forma mais clara os resultados, os dados foram colocados nas matrizes sociométricas, tendo sido elaboradas duas matrizes tanto para o teste sociométrico de novembro de 2011 como para o teste sociométrico de junho de 2012: uma de escolhas (anexo 16) e (anexo 18) e outra de rejeições (anexo 17) e (anexo 19).

3. Caracterização da Situação Inicial em que se Interveio e dos Contextos em que a Mesma se Insere

A informação produzida neste ponto foi recolhida através de diversas técnicas: a pesquisa documental (anexo 3), os primeiros testes sociométricos (anexos 16 e 17), a 1ª entrevista à professora titular (anexo 6) e a 1ª observação naturalista (anexo 11).

A informação recolhida do Projeto Educativo do Agrupamento, do Projeto Educativo de Escola e do Projeto Curricular de turma está referida na pesquisa documental (anexo 3)

3.1 A Equipa de Trabalho

De acordo com o Projeto Educativo de Escola, a equipa de trabalho que acompanha diariamente todos os alunos é composta pelas professoras titulares de turma, as diretoras de turma, o diretor da escola e as auxiliares; a terapeuta da fala e a psicóloga educacional estão presentes uma vez por semana.

3.2 O Contexto Escolar

A escola onde o estudo foi aplicado é um estabelecimento do Ensino Básico, particular e cooperativo. Trata-se de uma escola situada num meio urbano com um relacionamento harmonioso e de intercâmbio com as diferentes escolas do agrupamento.

3.2.1 Espaço físico e logístico

Segundo o PEE o externato funciona num rés do chão amplo de todo um prédio bem conservado. É um edifício urbano com infraestruturas adaptadas, dentro das normas em vigor. Possui duas salas de aula, um gabinete de direção, duas casas de banho, uma cozinha, um refeitório, uma biblioteca, uma sala de audiovisuais onde são lecionadas as aulas de informática, uma sala de apoio e um ginásio com chão sintético e almofadado, onde se praticam as atividades de Educação física, Judo e Hip-Hop. Existe ainda um pátio vedado e coberto onde as crianças brincam durante o recreio. Todas as salas de aula possuem um quadro de giz, uma estante para os *dossiers* dos alunos, uma estante com dicionários, gramáticas e manuais, uma estante com material para os trabalhos manuais e material

didático, uma tela para *data show* e um *data show*. A população envolvente dedica-se essencialmente ao comércio, prestação de serviços e à indústria.

3.2.2 Recursos humanos

Durante a nossa intervenção, os recursos humanos existentes no externato caracterizavam-se por duas professoras do 1º ciclo, lecionando uma o primeiro e segundo anos de escolaridade e outra o terceiro e o quarto anos. A comunidade educativa e os órgãos de Administração e Gestão escolar contavam também com as duas docentes que além de desempenharem funções letivas, ainda se dedicavam à direção pedagógica. Além das duas professoras já referidas, o corpo docente da escola era ainda constituído por outros cinco professores: um de Inglês, um de Informática, um de Música, um de Educação Física e Hip-Hop e um de Judo, a que se juntavam duas auxiliares de ação educativa, uma cozinheira e uma auxiliar de limpeza.

A colaboração com o agrupamento era importante, permitindo que alguns alunos fossem acompanhados, uma vez por semana, pela terapeuta da fala e pela psicóloga educacional.

Existia uma parceria com a Câmara Municipal, que permitia a alguns alunos praticarem natação na piscina municipal, uma vez por semana.

3.2.3 Dinâmica educativa

O externato, escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, funcionava em horário normal, das 8h30 às 16 horas, com intervalo para lanche e almoço. Depois do período de aulas, a partir das 16 horas, os alunos frequentavam as aulas de Inglês (dois dias por semana, como disciplina curricular, no Externato). Tinham, também, ATL e outras atividades opcionais, extracurriculares como a Informática, Natação e Judo.

Os apoios com a terapeuta da fala tinham lugar, às terças feiras, pelas 11h00 e os apoios com a psicóloga educacional, às quintas feiras, pelas 10h00.

Com base no Projeto Curricular de Turma o processo de avaliação iniciava-se com a definição de competências a adquirir no final do ano lectivo, constantes também do Projeto

Curricular de Escola. A definição dessas competências tinha sido feita em conjunto com os professores e técnicos no início do ano letivo, tendo em conta os interesses e as motivações de cada aluno. Ao longo do ano, avaliava-se todo o trabalho feito pelos alunos, no sentido de alterar ou adequar melhor o método de ensino/aprendizagem. No final de cada período foi utilizada a avaliação sumativa, atendendo aos critérios gerais definidos, no sentido de permitir a tomada de decisões sobre apoios e complementos educativos em relação a alunos que revelavam algumas dificuldades, quer de âmbito psicológico, quer de âmbito curricular. A avaliação exprimia-se de forma descritiva em ficha de registo de avaliação que era entregue aos encarregados de educação, nas reuniões de pais e de encarregados de educação.

Foram sempre comunicados ao encarregado de educação e ao aluno os progressos conseguidos na aprendizagem. Ainda no tocante aos critérios de avaliação, para além de serem avaliadas as aquisições ou as não aquisições, eram também avaliados a assiduidade e a pontualidade, os trabalhos de casa, a participação dentro da sala de aula, a autonomia, o comportamento e a socialização.

A autoavaliação e a avaliação formativa eram essenciais para que o processo de avaliação fosse completo.

O Projeto Curricular de Turma que estava a ser desenvolvido no início da nossa intervenção definia-se “por uma escola para aprender a viver”, projeto esse cuja finalidade era desenvolver capacidades como a cidadania, o respeito pela diferença, a autonomia pessoal, a participação na discussão sobre a importância de procurar soluções individuais e coletivas, visando a qualidade de vida e a participação e a cooperação na vida cívica de forma crítica e responsável.

3.2.4 Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos

Para a elaboração do Projeto Educativo, fora feito o levantamento das dificuldades, problemas e expectativas da comunidade educativa para reforçar as relações com a comunidade, criando condições ao desenvolvimento de projetos pedagógicos e culturais que não envolvessem só a escola. A escola pretendia privilegiar a pedagogia aberta à introdução

de recursos tecnológicos, promovendo o sucesso escolar e procurando o envolvimento de todos os alunos, tanto no trabalho de equipa como no individual.

3.3 O Grupo/a Turma

A turma era composta por dezasseis alunos que tinham estado juntos no ano anterior.

3.3.1 Caracterização estrutural

Segundo o Projeto Curricular de Turma, o grupo era constituído por dezasseis alunos, doze raparigas e quatro rapazes, provenientes na sua grande maioria de um meio socioeconómico médio: dois encarregados de educação tinham formação superior, quatro concluíram o 12º ano, sete o 9º ano e um concluiu o 4º ano, não constando nenhum encarregado de educação analfabeto (anexo 4). Na sua maioria, a turma frequentou o Jardim de infância e o A de Tempos Livres, sendo que quinze frequentaram o Jardim de infância e dezasseis continuavam a frequentar o A Tempos Livres (anexo 4). Os encarregados de educação da turma estavam presentes mas eram pouco participativos na componente letiva e não letiva. O meio familiar da maior parte dos alunos era estruturado, tendo alguns casos de pais divorciados: doze alunos viviam numa família com pai e mãe e quatro numa família monoparental (anexo 4).

Em geral a turma tinha preferência pelo trabalho em grupo; unicamente dois elementos gostavam de trabalhar individualmente e a expressão físico-motora era a área preferida (Anexo 4).

3.3.2 Dinâmica educativa da turma

Para podermos verificar as relações existentes dentro do grupo foi aplicado o teste sociométrico, tendo os alunos sido codificados por letras. Foi-nos possível verificar através da matriz de escolhas (anexo 16) uma reciprocidade existente entre os alunos, BC e AS, BC e BG, BC e HC, BC e MN, CF e MR, AS e CC, AS e DS, BG e HC, BG e IT, BG e MN, BG e GF, CC e IT, DS e HC, DS e IT, DS e MR, HC e MR, HC e MM, IT e MN, MN e ML, MR e DS, DS e MM, GF e GA, GF e IR, GA e IR, IR e DJ. Foi possível verificar também que as raparigas escolhiam mais as raparigas e os rapazes escolhiam mais os rapazes; existia uma única relação recíproca entre rapariga e rapaz, entre os alunos BG e GF.

Verificamos, também, através do teste sociométrico, que os alunos mais escolhidos eram os alunos DS com 10 escolhas, os alunos AS e HC com 8 escolhas cada um. Os alunos menos escolhidos eram ML, MM e DJ, coincidindo assim com a matriz de rejeições (anexo 17) onde verificamos que os alunos mais rejeitados eram ML e DJ, alunos estes que conseguiam menos interagir e incluir-se dentro do grupo, como referiu professora titular na sua entrevista (anexo 6) e como consta da observação naturalista efetuada (anexo 11). Verificamos, também, que a aluna ML foi escolhida, maioritariamente, no terceiro critério, na situação de recreio, mas nunca foi escolhida no primeiro critério na situação de lugar na carteira e foi escolhida uma única vez no segundo critério, situação de trabalho. O aluno DJ foi escolhido por uma única pessoa, o aluno IR, que o escolheu no primeiro e segundo critérios, mas sempre em terceira escolha. As escolhas da aluna ML foram sempre feitas em relação aos alunos IT, MN e GF, existindo unicamente uma reciprocidade com a aluna MN no terceiro critério. As escolhas do aluno DJ recaíam nos alunos GF, GA e IR, mas a única reciprocidade existente era com o aluno IR. A nível das rejeições foi possível verificar reciprocidade entre os alunos AS e DJ, CC e GA. Olhando para as rejeições da aluna ML pudemos constatar que rejeitava unicamente a aluna BC, mas esta nunca a rejeitava a ela.

3.3.2.1 Socialização

Os alunos conheciam-se bastante bem já que no ano anterior tinham estado juntos. Dentro do grupo existiam vários grupinhos, sendo notória a grande dificuldade em incluir outros elementos dentro desses grupos, como era o caso já referido dos alunos ML e DJ que são os menos escolhidos no teste sociométrico (anexo 16) e os mais rejeitados (anexo 17). Isto mesmo é confirmado pela professora, na entrevista (anexo 6): estes dois alunos não se conseguiam incluir dentro do grupo e o grupo não os aceitava, acabando por ficarem de parte e serem excluídos, como pudemos notar na Observação naturalista (anexo 11).

3.3.2.2 Ensino e aprendizagem

No conjunto, o grupo era bastante bom: os alunos mostravam-se muito interessados e motivados, aceitavam com facilidade as tarefas pedidas. O ensino era planificado pela professora e normalmente era ela que conduzia a aula mas quase sempre os alunos marcavam

o rumo da aula. A professora titular acabava assim por seguir os horizontes deles, como indica na sua entrevista (anexo 6).

No início da nossa intervenção, os resultados eram médios satisfatórios como nos revelavam as últimas grelhas de avaliação diagnóstica de Língua Portuguesa, Matemática, estudo do meio e Expressão plástica, constantes no Projeto Curricular de Turma. Os alunos ML e DJ eram os que tinham mais dificuldades. A aluna ML, com dislexia, disortografia e discalculia, revelava grandes dificuldades na expressão escrita e na compreensão do sistema numeral; a área que a motivava (e motiva) mais é a de estudo do meio, com especial incidência na História de Portugal, segundo informação da professora na entrevista (anexo 6). O aluno DJ era pouco motivado e pouco interessado o que acabava por interferir nas suas aprendizagens, como referido na entrevista à professora (anexo 6).

O ensino era baseado no trabalho individual e em grupo. A professora na sua entrevista (anexo 6) manifestou interesse em implementar a aprendizagem cooperativa e a entreajuda. O trabalho em grupo foi salientado pelos alunos como muito importante e preferido, como é referido no anexo 4.

3.3.2.3 Pontos fortes e pontos fracos

Os pontos fracos existentes dentro do grupo eram a falta de interação e a integração quase inexistente dos alunos ML e DJ, como pudemos constatar na Observação naturalista (anexo 11) e nas matrizes sociométricas (anexos 16 e 17), prejudicando assim as suas aprendizagens.

O facto de se conhecerem bem, por terem estado juntos em anos anteriores e de serem muito comunicativos, tornaram-se os grandes pontos fortes deste grupo.

3.3.3 Casos específicos do grupo/da turma

No início da nossa intervenção deparamo-nos com dois casos específicos: uma menina com necessidades educativas especiais e um menino com dificuldades em aprender e motivar-se. Ambos tinham graves problemas de integração dentro do grupo, daí derivando prejuízos para as suas aprendizagens. Como nos foi dito no Projeto Curricular de Turma os encarregados de educação dos dois alunos "caso" por norma estavam presentes na vida

escolar dos seus filhos, mas acabavam por se inibir e participar pouco na componente letiva e não letiva.

3.3.3.1 História compreensiva do/s aluno/s

No Projeto Curricular de Turma (anexo 3) informa-se que a aluna ML é a mais nova de duas irmãs, tendo a irmã mais velha 30 anos de idade, filha do primeiro casamento do pai. A aluna nasceu de uma gravidez de risco e muito perturbada; ML permaneceu com a mãe até cerca dos dois meses e meio de idade. Posteriormente, foi confiada a uma ama até aos três anos. ML é uma menina muito protegida, tanto pelos pais como pela irmã mais velha. Criança muito afetuosa e comunicativa quando está em contexto familiar; tem, também, muito presente na sua vida uma tia, com quem viaja muito e gosta de passar as suas férias. Tem uma baixa autoestima e pouca autoconfiança; isso leva-a a não se integrar com facilidade dentro do grupo; é muito pouco participativa por medo de errar, acabando por ficar calada no seu canto. Isto contraria as suas atitudes, em casa e no recreio, onde é conversadora e brincalhona, como refere a professora na entrevista (anexo 6).

O segundo caso específico do grupo é o aluno DJ. Segundo o Projeto Curricular de Turma (anexo 3) e o Relatório da professora (anexo 22), o aluno nasceu de uma gravidez um pouco atribulada, pois os pais de origem marroquina encontravam-se a imigrar para Portugal quando a mãe estava no final da sua gravidez. Tiveram diversas dificuldades à chegada a Portugal, ligadas à sua condição de estrangeiros, tendo vivido vários meses com uns primos que os acolheram até encontrarem casa e trabalho. O aluno DJ é o mais novo de uma fratria de três. A família é muito unida e muito reservada, seguem seriamente a religião islâmica e a educação dada por parte dos pais é muito rigorosa. O aluno DJ foi descrito como pouco carinhoso, bastante conflituoso e com um gosto acentuado por uma postura de líder dentro da sala de aula. Isso acabava por não acontecer, pois os seus colegas não o conseguiam ver como tal, acabando por rejeita-lo. Isso levava-o a desinteressar-se, de acordo com a entrevista à professora (anexo 6).

3.3.3.2 Caracterização do percurso escolar

O Projeto Curricular de Turma (anexo 3) informa ainda que a aluna ML foi cuidada por uma ama dos dois meses e meio de idade até aos 3 anos. Posto isso, iniciou o Jardim de

infância, onde a adaptação decorreu com normalidade, mas já com algumas dificuldades na execução de tarefas. Ingressou no 1º ano do ensino básico com 6 anos; a aprendizagem da leitura e da escrita sempre foi feita com dificuldade. No 1º ano de escolaridade, fazia inversões tanto na leitura como na escrita. No 2º ano de escolaridade, usufruiu de apoio especializado no âmbito da leitura, dadas as grandes dificuldades sentidas. Encontrava-se, no início da nossa intervenção, a frequentar o 4º ano de escolaridade e tinha acompanhamento psicopedagógico desde setembro de 2011. Foi-nos dito pela professora titular de turma na entrevista (anexo 6) que ML era uma criança resguardada e com muito medo de errar.

De acordo com Projeto Curricular de Turma (anexo 3), o aluno DJ esteve até à data de entrada no 1º ano de escolaridade com a mãe, não frequentou o Jardim de Infância e entrou com 6 anos no 1º ano do ensino básico. Desde o seu ingresso tem tido grandes dificuldades em se adaptar e em fazer amigos, frequentou durante o ano o ATL e, como foi referido pela professora titular de turma na entrevista (anexo 6), era um aluno que não participava muito nas atividades, destabilizando, pelo seu comportamento, os colegas.

3.3.3.3 Nível atual de competências

Segundo o Relatório de Avaliação Cognitiva e Psicopedagógica (anexo 24), de setembro e outubro de 2011 e a avaliação médica (anexo 23), a aluna ML apresentava problemas ao nível da linguagem; na leitura apresentava uma velocidade leitora abaixo da média; foram registadas dificuldades na grafia, existindo erros consistentes e frequentes na área da ortografia; a área da Matemática estava muito abaixo da média. Segundo o mesmo Relatório, era uma criança que levava muito tempo a realizar uma tarefa, com grandes dificuldades na identificação, na discriminação, manipulação e segmentação fonémica; era uma criança com dificuldades na leitura e na escrita (dislexia e disortografia) sobressaindo também a dificuldade específica da aprendizagem da Matemática (discalculia). Através da Observação naturalista (anexo 11) constatamos que a aluna lia lentamente e cometia alguns erros. Confirmamos, também, no início da intervenção, que ML tinha diversas dificuldades na Língua portuguesa e na Matemática, levando-a a não atingir os objetivos pretendidos (anexo 20).

A aluna ML é referida como tendo perturbações da leitura e da escrita e com dificuldades de focalização e manutenção de atenção de carácter permanente, sendo que deverá ser abrangida pelo Decreto-Lei nº 3/2008 (anexo 24). Até início da nossa intervenção o P.E.I ainda não tinha sido elaborado, como nos foi dito pela professora na entrevista (anexo 6). No dia 1 de março de 2012, já no decurso da nossa intervenção, o P.E.I. acabou por ser elaborado e aprovado (anexo 27).

No início da nossa intervenção e segundo o relatório da professora (anexo 22), a entrevista (anexo 6) e a grelha de competências (anexo 21), o aluno DJ tinha grandes dificuldades na Língua portuguesa, acabando por ser um aluno abaixo da média. No que respeita à Matemática, o aluno tinha um nível médio baixo e o estudo do meio era a área onde tinha mais facilidades. Era um aluno muito pouco motivado e muito desinteressado, que não era aceite pelo grupo. As suas aprendizagens eram, por isso, muito prejudicadas.

4. Plano de Ação

No início da nossa intervenção verificamos a existência de inúmeras dificuldades de integração de alguns alunos no grupo, concretamente a aluna ML e o aluno DJ. Estes não eram aceites pelos colegas devido às suas diferenças: a aluna ML é uma menina com necessidades educativas especiais, com dificuldades específicas na leitura, na escrita e na matemática e o aluno DJ, sendo marroquino, tem uma cultura diferente acrescida do desenraizamento próprio dos imigrantes. Estas rejeições levavam a grandes lacunas do ponto de vista das aprendizagens.

Posto isto, a nossa intervenção pretendeu promover a integração de todos os alunos dentro do grupo, a interação do grupo e o desenvolvimento das aprendizagens por parte de todos. Baseou-se na troca de saberes, na partilha, no trabalho em grupo, na aprendizagem cooperativa, levando a modificar o contexto sala de aula, implementando estratégias e atividades com todos e para todos. Assim partimos das aprendizagens para desenvolver a interação dos alunos, integrando os alunos mais à margem, valorizando a aceitação da diferença e fazendo do grupo uma turma mais responsável e mais solidária.

Para poder efetuar a nossa intervenção pudemos contar com a participação, sem reservas, da professora titular de turma, da diretora de turma e da direção da escola.

4. 1 Pressupostos Teóricos

Através de um processo de ação/reflexão/ação apresentamos uma planificação anual de acordo com as necessidades do grupo, estruturando as atividades de modo a dinamizá-lo para um trabalho cooperativo, levando-nos a refletir sobre as nossas práticas e modificando e adaptando as estratégias de acordo com a planificação, a ação, a observação e a reflexão, num processo em espiral em constante mudança e adaptação, no sentido do modelo de Kemmis exposto por Coutinho (2009). Com o enquadramento teórico de diversos autores, o nosso processo de investigação-ação iniciou-se com a delimitação do problema de partida. Elaborada a planificação anual, pudemos iniciar a intervenção/ação e posteriormente avaliar e refletir de modo a efetuar as modificações necessárias para melhorar as estratégias utilizadas.

A reflexão-ação-reflexão é fundamental para que o professor consiga perceber quais são as necessidades do grupo, incluindo sempre a possibilidade de interagir com outros colegas de modo a desenvolver estratégias e atividades que deem respostas adequadas para motivar o grupo todo. No decorrer da nossa intervenção, constatamos a pertinência das observações de Sanches (2005):

O professor, ao questionar-se e questionar os contextos/ambientes de aprendizagem e as suas práticas, numa dialética de reflexão-ação-reflexão contínua e sistemática, está a processar a recolha e a produção de informação válida para fundamentar as estratégias/atividades de aprendizagem que irá desenvolver, o que permite cientificar o seu ato educativo, ou seja, torná-lo mais informado, mais sistemático e mais rigoroso; ao partilhar essa informação com os alunos e com os colegas, no sentido de compreender o ensino e a aprendizagem para encontrar respostas pertinentes, oportunas e adequadas à realidade em que trabalha, está a desencadear um processo dinâmico, motivador, inovador, responsável e responsabilizante dos vários intervenientes do processo educativo (p.130).

A investigação-ação baseou-se na aprendizagem cooperativa à luz dos princípios fundadores do Movimento da Escola Moderna, promovendo a cooperação, trabalhando a motivação do grupo e não só do aluno individualmente, permitindo aos alunos serem elementos participativos e responsáveis em todas as tarefas, de modo a desenvolver a interação de todos com todos, respeitando a diversidade do grupo e promovendo o desempenho escolar. Deste modo, os alunos aprenderam a trabalhar, a cooperar e a refletir uns com os outros. Tendo em conta o modelo pedagógico utilizado na nossa intervenção e seguindo o pensamento e a expressão de Serralha (2009), o modelo pedagógico que identifica o Movimento da Escola Moderna é uma obra coletiva, uma transformação continuada e sustentada da prática pedagógica. Transposto para a sala de aula, este modelo é sustentado pela cooperação educativa e pela partilha comunicativa. Os alunos participam de modo responsável na deteção dos problemas/necessidades, dos conhecimentos a adquirir, no levantamento coletivo de materiais, calendarização, organização dos grupos de trabalho cooperativo, registo escrito das aquisições do grupo, preparação da comunicação (Serralha, 2009).

Foi fundamental, tendo em conta a diversidade e heterogeneidade do grupo, fazer a diferenciação pedagógica, pois cada aluno trabalha ao seu ritmo e cada elemento tem a sua

maneira muito própria de aprender. Os alunos foram sendo motivados a respeitarem as diferenças de cada um, ao mesmo tempo que aprendiam uns com os outros. Foram envolvidos em todas as estratégias e atividades, pondo assim efetivamente em prática a escola inclusiva, uma escola para todos e diferenciada que partiu da diversidade, em cooperação, “responsável e responsabilizante” na perspectiva do pensamento de Sanches (2005, p.133).

4.2 Planificação, Realização e Avaliação da Intervenção

Para podermos planificar a nossa intervenção foi essencial perceber a problemática de partida: como promover a interação social, através das aprendizagens académicas numa turma do 3º e 4º ano de escolaridade? A nossa intervenção permitiu uma mudança na interação do grupo, nas estratégias e nas práticas de aprendizagem. Como sublinha Capucha (2008): "Planear é, antes de mais, pensar a mudança de uma determinada maneira. Trata-se desde logo de a pensar antes de ela acontecer" (p.13).

Foi inicialmente feita uma planificação anual que incidiu na unidade curricular de estudo do meio. Foi escolhida esta área de intervenção por ser a que motiva mais os alunos, sendo a motivação um pilar imprescindível para todo o processo de ensino/ aprendizagem. Da planificação anual constam os objetivos gerais, os objetivos específicos, as estratégias/atividades, a calendarização, os recursos e a avaliação.

A realização da nossa intervenção foi feita, semanalmente, em dois blocos de 120 minutos. A organização das temáticas programáticas e as metodologias a serem utilizadas foram escolhidas cuidadosamente, de maneira a englobar as temáticas que são comuns ao 3º e 4º ano de escolaridade. A realização foi concretizada a partir do trabalho em projetos e das comunicações, permitindo aos alunos a troca de saberes e a interação. Os alunos, a partir das suas experiências vividas e respetivos saberes, elaboraram projetos cooperados de investigação. Fizeram-no motivados pela utilidade de se apropriarem de novos conhecimentos e ampliarem os saberes próprios do seu quotidiano. Aprenderam e motivaram-se em colaboração com outros, participando ativa e comprometidamente na construção coletiva de um projeto comum. E, como não podia deixar de ser, enraizado nas necessidades dos alunos, o currículo emergiu da realização destes projetos.

A avaliação foi feita de forma formal, informal e através da observação. Instrumento essencial para elaboração e adequação de novas estratégias que podem concretizar o nosso processo de intervenção, a observação permite a reflexão sobre aquilo que correu bem, o que correu menos bem e o que precisamos de modificar e adaptar. Verificamos, com Capucha (2008) que "a avaliação constitui um poderoso instrumento de apoio ao processo de decisão, tornando-o mais participado, transparente, racional e rigoroso (...) constitui o principal instrumento do sentido crítico necessário à implementação de projetos" (p.16).

4.2.1 Planificação a longo prazo

A planificação anual foi elaborada tendo em conta os conteúdos programáticos comuns ao 3º e 4º ano de escolaridade, já que o grupo/turma era constituído por alunos destes dois anos de escolaridade. A área de estudo do meio foi escolhida como área de intervenção. A intervenção baseou-se no trabalho em cooperação a partir do trabalho em projetos por parte dos alunos que, tendo em conta a dinâmica do MEM, tomam em mãos o próprio currículo. Nesse sentido, a necessidade de conciliar as exigências de planificações próprias ao Mestrado (da responsabilidade habitual do mestrando) com os trabalhos em projeto (da responsabilidade dos alunos), foi necessário criar um instrumento que designamos por memorando do trabalho em projetos para nos auxiliar na programação e na avaliação.

Quadro 1 - Planificação a Longo Prazo

Áreas	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Estratégias/ atividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
Estudo do Meio	- Construir conhecimentos coletivos a partir da aprendizagem cooperativa baseada em projetos.	- Permitir que todos os alunos atinjam o sucesso para que dessa forma se sintam incluídos. - Solucionar os seus próprios problemas.	- Organizar a sala de aula de modo a facilitar o trabalho em grupo. - Formar os grupos de trabalho.	fevereiro	- Cartaz organizador dos projetos.	Avaliação das sessões
	- Planificar cooperativamente com os demais os seus próprios projetos.	- Dar aos alunos o poder de construir as suas aprendizagens. - Dar respostas às necessidades dos alunos.	- Elaborar o plano de projeto.	fevereiro	-Ficha de plano de projeto. - Ficha de avaliação do projeto.	Avaliação das sessões

	- Capacitar os alunos para agirem de uma maneira eficaz no mundo social.	- Melhorar o desempenho socio cultural. - Desenvolver competências várias e transferi-las para a vida.	- Elaborar o projeto cooperativamente, respeitando o ritmo de cada um.	fevereiro	- computador, livros, várias revistas, ficha de plano de projeto, ficha de avaliação do projeto.	Avaliação das sessões
	- Proporcionar aos alunos uma alternativa à transmissão de conhecimento.	- Construir aprendizagens significativas com sentido .	- Recolher e pesquisar dados. - Selecionar e organizar a informação recolhida.	fevereiro/março	- Internet, computador, manuais escolares, livros vários e diversas revistas.	Avaliação das sessões
		- Desenvolver o discurso e uma escrita científica.	- Escrever o texto.	março	- Computador	
		- Elaborar um registo informativo que dê conta aos colegas dos saberes construídos.	- Elaborar o PowerPoint de apoio à comunicação.	março	- Computador e PowerPoint	
		- Elaborar um questionário a ser distribuído à turma para verificar a	- Elaborar o questionário.	março	- Computador, PowerPoint e questionário.	Avaliação das sessões

		aquisição de conhecimentos.				
	- Tornar públicas as aprendizagens construídas submetendo-as à análise crítica e reflexiva dos colegas.	- Redigir um relatório do trabalho realizado.	- Elaborar a ficha informativa.	março	- Ficha informativa.	Avaliação cooperada do projeto (grupo de trabalho)
	- Informar a turma das aprendizagens realizadas.	- Discutir com os colegas os saberes apresentados.	- Comunicações dos projetos	março	- Computador, PowerPoint e Data Show.	
	- Facilitar a tomada de consciência dos produtos apresentados.	- Clarificar e avaliar as aprendizagens realizadas.	- Comunicar ao grande grupo as aprendizagens construídas			
		- Clarificar aspetos fragilizados do projeto.	- Tempo do professor			
		- Ampliar os saberes dos alunos.				
	- Avaliar a compreensão das aprendizagens comunicadas.	- Detetar falhas na compreensão.	- Distribuição e preenchimento do questionário.	março	- Questionário	- Avaliação conjunta (turma) do projeto
			- Distribuição da ficha informativa.		- Ficha informativa	

	- Construir conhecimentos coletivos a partir da aprendizagem cooperativa baseada em projetos.	- Permitir que todos os alunos atinjam o sucesso para que dessa forma se sintam incluídos. - Solucionar os seus próprios problemas.	- Formar os grupos de trabalho.	abril	- Cartaz organizador dos projetos.	- Avaliação das sessões
	- Planificar cooperativamente com os demais os seus próprios projetos.	- Dar aos alunos o poder de construir as suas aprendizagens. - Dar respostas às necessidades dos alunos.	- Elaborar o plano de projeto.	abril	- Ficha de plano de projeto. - Ficha de avaliação do projeto.	- Avaliação das sessões
	- Capacitar os alunos para agirem de uma maneira eficaz no mundo social.	- Melhorar o desempenho socio cultural. - Desenvolver competências várias e transferi-las para a vida.	- Elaborar o projeto cooperativamente, respeitando o ritmo de cada um.	abril	- computador, livros, várias revistas, ficha de plano de projeto, ficha de avaliação do projeto	- Avaliação das sessões

	- Proporcionar aos alunos uma alternativa à transmissão de conhecimentos.	- Construir aprendizagens significativas com sentido .	- Recolher e pesquisar dados . - Selecionar e organizar a informação recolhida.	abril	- Internet, computador, manuais escolares, livros vários e diversas revistas.	- Avaliação das sessões
		- Desenvolver o discurso e uma escrita científica.	- Escrever o texto.	abril	- Computador	
		- Elaborar um registo informativo que dê conta aos colegas dos saberes construídos.	- Elaborar o cartaz de apoio à comunicação.	abril	- Cartolinas, lápis de cor, imagens, fotografias	- Avaliação das sessões
		- Elaborar um questionário a ser distribuído à turma para verificar a aquisição de conhecimentos.	- Elaborar o questionário.	abril	- Computador, PowerPoint e questionários	- Avaliação das sessões
		- Redigir um relatório do trabalho realizado.	- Elaborar a ficha informativa.	maio	- Ficha informativa.	Avaliação cooperada do projeto (grupo de trabalho)

	- Tornar públicas as aprendizagens construídas submetendo-as à análise crítica e reflexiva dos colegas. - Informar a turma das aprendizagens realizadas. - Facilitar a tomada de consciência dos produtos apresentados. - Avaliar a compreensão das aprendizagens comunicadas	- Discutir com os colegas os saberes apresentados. - Clarificar e avaliar as aprendizagens realizadas. - Clarificar aspetos fragilizados do projeto. - Ampliar os saberes dos alunos. - Detetar falhas na compreensão	- Comunicações dos projetos - Comunicar ao grande grupo as aprendizagens construídas. - Tempo do professor - Distribuição e preenchimento do questionário - Distribuição da ficha informativa	maio maio maio	- Cartaz - Questionário - Ficha informativa	- Avaliação conjunta (turma) do projeto
--	--	---	---	-------------------------------------	---	---

	- Construir conhecimentos coletivos a partir da aprendizagem cooperativa baseada em projetos.	- Permitir que todos os alunos atinjam o sucesso para que dessa forma se sintam incluídos. - Solucionar os seus próprios problemas.	- Formar os grupos de trabalho.	maio	- Cartaz organizador dos projetos.	- Avaliação das sessões
	- Planificar cooperativamente com os demais os seus próprios projetos.	- Dar aos alunos o poder de construir as suas aprendizagens. - Dar resposta às necessidades dos alunos.	- Elaborar o plano de projeto.	maio	- Ficha de plano de projeto. - Ficha de avaliação do projeto.	Avaliação das sessões
	- Capacitar os alunos para agirem de uma maneira eficaz no mundo social.	- Melhorar o desempenho socio cultural. - Desenvolver competências várias e transferi-las para a vida.	- Elaborar o projeto cooperativamente, respeitando o ritmo de cada um.	maio	- Computador, livros, várias revistas, ficha de plano de projeto, ficha de avaliação do projeto.	

	- Proporcionar aos alunos uma alternativa à transmissão de conhecimentos.	- Construir aprendizagens significativas com sentido .	- Recolher e pesquisar dados . - Selecionar e organizar a informação recolhida.	maio	- Internet, computador, manuais escolares, livros vários e diversas revistas. - Computador	Avaliação das sessões
		- Desenvolver o discurso e uma escrita científica.	- Escrever o texto.	maio/junho	- Computador e PowerPoint	
		- Elaborar um registo informativo que dê conta aos colegas dos saberes construídos.	- Elaborar um PowerPoint de apoio à comunicação	junho	- Computador e questionário.	- Avaliação das sessões
		- Elaborar um questionário a ser distribuído à turma para verificar a aquisição de conhecimentos.	- Elaborar o questionário.		- Computador e ficha informativa (folhetos).	- Avaliação cooperada do projeto (grupo de trabalho)
		- Redigir um relatório do trabalho realizado	- Elaborar a ficha informativa (folhetos)			

	- Tornar públicas as aprendizagens construídas submetendo-as à análise crítica e reflexiva dos colegas. - Informar a turma das aprendizagens realizadas.	- Discutir com os colegas os saberes apresentados. - Clarificar e avaliar as aprendizagens realizadas.	- Comunicações dos projetos - Comunicar ao grande grupo as aprendizagens construídas.	junho		
	- Facilitar a tomada de consciência dos produtos apresentados.	- Clarificar aspetos fragilizados do projeto. - Ampliar os saberes dos alunos.	- Tempo do professor	junho		
	- Avaliar a compreensão das aprendizagens comunicadas	- Detetar falhas na compreensão.	- Distribuição e preenchimento do questionário. - Distribuição da ficha informativa (folheto).	junho	- Questionário - Ficha informativa (folheto).	- Avaliação conjunta (turma) do projeto.

4.2.2 Planificação, realização, reflexão e avaliação, a curto prazo

Como foi indicado no ponto anterior, as planificações incidiram na unidade curricular de estudo do meio. Para além da planificação anual foram feitas as planificações a curto prazo, sessão após sessão com a ajuda do memorando.

A realização da intervenção iniciou-se no dia 16 de fevereiro de 2012 e terminou no dia 14 de junho de 2012; foi feita em dois blocos semanais de 120 minutos, maioritariamente às quintas feiras.

Para a realização da intervenção implementamos duas estruturas organizativas do desenvolvimento curricular dentre as cinco preconizadas pelo modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna: trabalho em projetos e comunicações. A partir dos temas inscritos livremente num cartaz pelos alunos, formavam-se os grupos, em função do interesse manifestado por cada um e não a partir das afinidades que tinham uns pelos outros. Posto isto, os alunos, em grupos de três ou quatro elementos, elaboravam os seus projetos, durante algumas semanas. O processo terminava quando os autores de cada projeto comunicavam as aprendizagens construídas ao grupo/turma.

Na realização da intervenção foi possível os alunos elaborarem três projetos: os primeiros que decorreram de 16 de fevereiro de 2012 a 22 de março de 2012; os segundos que se iniciaram a 12 de abril de 2012 e foram elaborados até 18 de maio de 2012, data em que o foram comunicados ao grupo/turma; por fim os terceiros projetos que tiveram início a 24 de maio de 2012 e foram partilhados com o grupo/turma a 14 de junho de 2012.

Para além das avaliações formais da professora titular feitas através de testes sumativos, foram feitas avaliações conjuntas por parte dos alunos a cada sessão e avaliações conjuntas para finalizar cada semana. Os alunos, no momento das avaliações, partilhavam opiniões sobre os aspetos positivos e menos positivos da sessão e o que achavam importante ser modificado, aproveitavam também a hora da avaliação conjunta para trocarem ideias sobre os seus projetos.

Todas as segundas feiras, às 18h30, tinha lugar a avaliação e a reflexão semanal, relativa à semana anterior, por parte da professora titular e da professora investigadora. Aí se avaliavam e refletiam todos os aspetos da semana: elaboração dos projetos, aprendizagens

feitas e interação dos alunos. O momento da avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora, era também de partilha de ideias e de opiniões sobre os alunos "caso" da intervenção.

4.2.2.1 Cronograma do Trabalho de Projeto

A Pesquisa bibliográfica decorreu entre outubro de 2011 e julho de 2012; a recolha de dados juntamente com a elaboração do Pré-projecto foi efetuada entre os meses de outubro de 2011 e de dezembro de 2011; a nossa intervenção incidiu em cinco meses (fevereiro, março, abril, maio, junho). A elaboração do relatório final prolongou-se de julho 2012 até dezembro de 2012.

Quadro 2 - Cronograma do Trabalho de Projeto (de outubro 2011 a dezembro 2012)

	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abril	Maio	Junho	Julho	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					
Recolha e análise de dados	X	X	X												
Elaboração do pré-projecto	X	X	X												
Arguição do Pré-projecto				X											
Plano de Ação					X	X	X	X	X						
Elaboração do relatório do trabalho de Projeto										X	X	X	X	X	X

4.2.2.2 Encontro preliminar

No dia 7 de fevereiro de 2012 formalizamos, com o grupo/turma, o início da nossa intervenção. A professora titular de turma concedeu-nos quarenta e cinco minutos do tempo de aula para explicarmos aos alunos como iríamos trabalhar nos próximos meses. Numa conversa introdutória, apresentamos o significado da aprendizagem cooperativa e da aprendizagem a partir de projetos. Nesse encontro preliminar sublinhamos a importância da escolha dos temas que constituiriam um aprofundamento de um aspeto particular do programa nacional da unidade curricular de estudo do meio. Todos reagiram com alguma curiosidade e as perguntas não se fizeram rogar: "Podemos escolher os nossos grupos? Quanto tempo vamos ter para realizar cada projeto? Se algum elemento não trabalhar o que fazemos?"

Depois de tiradas as dúvidas e esclarecidas as curiosidades, foi colocado na sala um cartaz organizador dos projetos. Explicamos aos alunos que o primeiro passo, antes de iniciarmos os projetos, seria de escreverem ali todos os temas que gostariam de aprofundar. Todos participaram de forma muito motivada e autónoma. Por iniciativa própria, foram pesquisando nos manuais quais seriam os temas interessantes. Alguns alunos não tiveram dúvidas sobre os temas que queriam trabalhar, como, por exemplo, a aluna HC que foi a primeira a escrever o seu tema; outros demoraram mais algum tempo. Para não pressionar e deixá-los refletir puderam escrever ao longo do dia, tendo o cartaz sido colocado a meio da manhã. No final do dia já tinham sido registados vários temas no cartaz a que se juntaram outros nos dias/meses seguintes:

- | | | |
|---|--------------------------|----------------------------|
| - As festas populares de Lisboa | - Os sentidos | - As florestas tropicais |
| - Os símbolos nacionais | - As drogas | - O ciclo da água |
| - A comida das diferentes regiões de Portugal | - Os dinossauros | - Os sismos |
| - A cultura de Portugal | - O lixo | - Os países africanos |
| - Os nomes dos habitantes das regiões | - A reciclagem | - A reprodução das plantas |
| - A vida dos árabes | - O amor de Pedro e Inês | - Os astros |
| - Os terremotos | - O fundo do mar | - O corpo humano |
| - Os rios de Portugal | - Os países da Europa | - Os primeiros socorros |
| - Os tsunamis | - A alimentação | - Os incêndios |
| | - Os planetas | - A dentição |

4.2.2.3 Semana de 13/02/2012 a 17/02/2012

1ª Sessão

Data - 16/02/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão iniciamos efetivamente o trabalho em projeto. Os alunos escolherão os temas e organizar-se-ão em grupos, em função do interesse pelos temas e não pela afinidade que têm com os colegas. Inicialmente será colocado o cartaz organizador dos projetos no centro do quadro, pedir-se-á aos alunos para olharem para o cartaz e pensarem no tema que gostariam de trabalhar.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Cartaz organizador dos projetos.

Descrição da sessão

Às 8h30 do dia 16 de fevereiro de 2012, iniciamos a nossa intervenção. Previamente perguntamos aos alunos se estavam motivados em iniciar os projetos. Todos responderam de forma positiva: "SIM!". A curiosidade e o entusiasmo deles facilitaram muito a organização e a formação dos grupos, tendo, contudo, sido necessário moderar a vontade de começar como o revelam alguns comentários: "Já podemos juntar-nos em grupo" (BC); "Espera! Deixa a professora falar!" (GF); "Eu já sei qual é o meu tema!" (MN).

Colocamos no centro do quadro o cartaz organizador dos projetos que estava afixado numa das paredes laterais da sala de aula e que os alunos tinham preenchido na semana anterior. Começaram, então, a trocar opiniões em voz alta, "Ficamos juntos!" (GF). "Eu gosto mais do terceiro tema e tu?" (GA). Foi-lhes pedido que antes de mais, pensassem individualmente e que, rapidamente, iríamos trocar opiniões.

Os alunos, tendo visto e analisado todos os temas, acabaram por encontrar mais interesse em temas que outros tinham referido. Para evitar a tendência natural em escolher o tema pela afinidade que têm com alguns colegas, tomamos a liberdade de distribuir uma folha a cada aluno onde este escreveu o tema escolhido e o seu nome entregando-a, de seguida, à professora. Os grupos foram-se formando consoante o interesse pelo tema, tendo a organização sido feita de forma tranquila. Apenas dois elementos, a aluna ML e a aluna CF, tinham escolhido um tema que as deixou sozinhas num grupo. Devido à impossibilidade de fazerem um projeto individual, não sendo esse o nosso objetivo, conversamos com as alunas e pedimos-lhes para se juntarem a um grupo cujo tema as interessasse mais.

Formaram-se, assim, cinco grupos, quatro de três elementos e um de quatro. A saber:

- **O corpo humano:** IR, GF, BC e CC
- **Os rios de Portugal:** GA, MM e IT
- **A vida dos árabes:** DJ, CF e MN
- **Culturas de Portugal:** MR, BG e DS
- **Os primeiros socorros:** ML, HC e AS

Depois de escolhidos os temas e formados os grupos, organizou-se a modificação necessária dentro da sala de aula para facilitar o trabalho em grupo. Ouviram-se vários comentários: "Vai ser bom trabalhar assim!" (AS), "Vamos poder fazer um trabalho à nossa maneira" (BC).

Avaliação conjunta da sessão

Os alunos mostraram grande entusiasmo e estavam ansiosos por iniciar o trabalho em projetos. A distribuição dos temas e a organização dos grupos foram bem conseguidas. Foi-lhes explicado também que as muitas ideias apresentadas teriam de ser bem organizadas e selecionadas. No fim da aula, todos estavam satisfeitos e comentavam entre si:

- "Adorei, foi espetacular!" (AS),
- "Vou poder dizer muita coisa" (DJ),
- "Logo, já vou pesquisar na net!" (CC).

2ª Sessão

Data -16/02/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Organizar a sala de aula de modo a facilitar o trabalho em grupo. Distribuir as fichas de plano de projeto e de avaliação de projeto e, de seguida, dar início à elaboração do plano de projeto, acompanhando rotativamente cada grupo.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto e ficha de avaliação do projeto.

Descrição da sessão

Os alunos, apressados e curiosos, juntaram-se em grupo a partir dos temas. Foram-lhes dados dez minutos para poderem dialogar e trocar opiniões sobre o respetivo tema.

Posto isso, foi-lhes distribuída a ficha do plano do projeto e a folha de avaliação do grupo. Iniciamos a elaboração dos planos de projetos, acompanhando cada grupo no preenchimento de cada campo e tirando as dúvidas existentes. Surgiram algumas dificuldades no preenchimento dos campos: “o que queremos saber mais” e “aspetos do programa”. Cada elemento dava a sua opinião e todos aproveitavam para também trocar opiniões sobre o preenchimento do quadro com os outros grupos. O campo: “como vamos apresentar à turma”, suscitou muito interesse por parte dos alunos, surgindo, de imediato, várias ideias como a realização de *PowerPoint*, banda desenhada...

Depois do preenchimento do plano, os alunos ainda aproveitaram para se organizarem e distribuíram tarefas por cada elemento do grupo.

Foi, também, sugerido que cada grupo dispusesse de pastas para arrumar toda a informação recolhida. Para satisfazer este desejo dirigimo-nos ao centro de recursos e cada grupo pesquisou na Internet uma imagem alusiva ao tema que estava a desenvolver, sendo

assim criadas as capas para as pastas. Foi-lhes explicado que as pastas ser-lhes-iam distribuídas na sessão seguinte pelo responsável, escolhido por eles, para o desempenho desta tarefa. Deste modo, pretende-se que os alunos vão construindo não só o conhecimento compartilhado, mas que façam, ao mesmo tempo, as aprendizagens sociais. Daí a distribuição rotativa de tarefas.

Quadro 3 - Ficha de plano de projeto

Plano de Projeto					
Nome do projeto: _____					
Autores: _____					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto		Internet		Cartaz	
Livro		Livros		Power point	
Power point		Questionários			
Datas					
Início:		Fim:		Comunicação:	

Quadro 4 - Ficha de avaliação de trabalho em projetos

Avaliação do trabalho em projetos			
Nome do projeto: _____			
Nome dos autores: _____			
Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação

Avaliação conjunta da sessão

Salientou-se que os grupos estavam a dar-se bem, mas que deveria existir menos barulho, pois dificultava o diálogo dentro dos pequenos grupos, já que todos falavam mais

alto para se entenderem. Discutido o assunto, ficou decidido, para a próxima sessão, que todos os alunos vão tentar falar mais baixo.

Avaliação conjunta da semana

Os alunos aderiram de forma positiva ao trabalho desenvolvido ao longo da semana. Sentiram necessidade de criar algumas regras de sala de aula, para que o trabalho de grupo ocorresse da melhor forma. Neste sentido, decidiram então falar mais baixo e levantarem-se só quando necessário, para não incomodar os colegas e, ao mesmo tempo, melhorar a concentração no interior de cada grupo.

Sentiram, também, necessidade de organizarem o material. Sugeriram, para isso, que fossem criadas umas pastas para cada grupo, onde pudessem arrumar os dados pesquisados. Vários comentários demonstraram que os alunos aderiram aos projetos de forma responsável.

Alguns exemplos:

"Cada um faz uma parte e depois juntamos" (IR)

"Sempre posso pedir ajuda à minha mãe" (DJ)

"Podemos falar dos ossos" (CC)

"Não nos podemos esquecer de falar das queimaduras" (AS)

"O rio Douro é maior do que o rio Tejo" (MM)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

A primeira sessão dos trabalhos em projeto foi bastante positiva, já que esta modalidade de trabalho era novidade tanto para nós como para os alunos. Estes estiveram muito recetivos e motivados; esta atitude foi fundamental para a escolha dos temas e para a organização dos grupos. Todos os alunos se mostraram interessados em colaborar e demonstraram já terem muitas ideias para elaborar o trabalho. Foi importante explicar-lhes que os trabalhos em projeto têm por objetivo o sucesso de todos os elementos do grupo.

Percebeu-se que os alunos começaram a sentir essa responsabilidade. Prova disso é que a parte que envolve a apresentação ao grande grupo é aquela que os está a motivar mais.

Foi fundamental os grupos serem formados a partir do interesse pelos temas e não pela afinidade que os alunos têm uns com os outros. Por esta razão, os alunos mais rejeitados (ML e DJ) puderam ser incluídos naturalmente na atividade.

A ML, no início, resguardou-se um pouco, mas acabou por participar e dar algumas ideias, pois o tema dos " primeiros socorros " interessa-lhe muito.

O DJ, com o tema da "vida dos árabes", teve a liberdade de dar a conhecer aos colegas, a sua cultura e a sua religião. Contudo, é importante, que futuramente deixe os restantes colegas do grupo darem também o seu contributo, o que não aconteceu nesta semana.

Foi interessante verificar que os alunos sentiram já a necessidade de organizarem as ideias, tendo sido fundamental a sugestão deles de serem criadas pastas para poderem arquivar a informação recolhida. As dificuldades com que os alunos se confrontaram na primeira sessão permitiram-nos perceber que em todo este processo a opinião deles é sempre importante, mesmo que surjam pontos de vista diferentes.

4.2.2.4 Semana de 20/02/2012 a 24/02/2012

3ª Sessão

Data - 23/02/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Juntar os alunos em pequenos grupos e, de seguida, distribuir as pastas dos projetos criadas na semana anterior. Posto isto, terão alguns minutos para observar os planos de projeto, elaborados na semana anterior, podendo modificar o que acharem pertinente. Iniciar-se-á a recolha de dados, na sala de informática, com acesso à Internet, e na biblioteca escolar.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, Internet, manuais escolares, livros vários e diversas revistas.

Descrição da sessão

Por volta das 8h30 demos início à nossa terceira sessão. Os alunos estavam ansiosos por saber como iria decorrer a aula. Antes de mais, foi-lhes pedido que se juntassem em grupo (grupos já constituídos na aula anterior). Depois de todos os grupos estarem formados, foram distribuídas as pastas dos projetos a cada um desses grupos, de modo a melhor organizarem a informação pesquisada. Todos os alunos reagiram de forma alegre e com muito entusiasmo. Posto isto, cada grupo teve sensivelmente quinze minutos para poderem observar o plano de projeto e modificarem o que achassem importante e necessário.

De seguida, foi-lhes explicado que a sessão iria ser dedicada à pesquisa de informação, indo três grupos fazer recolha de dados na Internet e os outros dois grupos procurar informação nos livros, revistas e manuais, na biblioteca escolar. No interior de cada grupo de trabalho sentiu-se a necessidade de negociarem, entre eles, “quem pesquisava e o quê?” Os grupos tiveram alguns minutos para dialogarem entre eles sobre qual era a informação a

pesquisar. Nalguns casos existia consenso, noutros não. O nosso apoio e o nosso acompanhamento foram fundamentais nesta etapa, ajudando os alunos a perceberem qual a informação mais pertinente a pesquisar. Posto isto, os grupos organizaram-se distribuindo tarefas entre os seus membros.

Os grupos, da “vida dos árabes”, dos “rios de Portugal” e dos “primeiros socorros”, iniciaram a pesquisa na Internet com a ajuda da professora investigadora.

Os restantes, ou seja, “corpo humano” e “culturas de Portugal”, trabalharam na biblioteca, acompanhados pela professora titular de turma. Todos puderam pesquisar alguma informação, que partilharam com os demais, mostrando, uns aos outros, a informação que estavam a recolher.

Avaliação conjunta da sessão

Verificamos que os alunos estavam motivados e interessados nesta nova modalidade de trabalho. Demonstraram sentido de responsabilidade quando necessitaram de se organizar em grupos, antes de dar início à recolha de dados. Nesta etapa, a maior dificuldade foi perceberem qual a informação mais relevante a selecionar para o trabalho que estavam a desenvolver.

4ª Sessão

Data - 23/02/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Dar-se-á continuidade à recolha de dados; os grupos continuarão a pesquisar informação para os seus projetos, na sala de informática com acesso à Internet e na biblioteca escolar.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, internet, manuais escolares, livros vários e diversas revistas.

Descrição da sessão

Por volta das 11h00, iniciamos a quarta sessão. Foi explicado aos alunos que iríamos continuar com as pesquisas. Os grupos da “vida dos árabes”, dos “rios de Portugal” e dos “primeiros socorros”, continuaram as suas pesquisas na sala de informática e os restantes: “corpo humano” e “culturas de Portugal” permaneceram na biblioteca da escola. Os grupos que estavam a pesquisar na Internet, comunicavam muito uns com os outros, sentindo a necessidade de eleger um elemento, em cada grupo, para escrever a informação que estava a ser recolhida.

Os grupos que estavam na biblioteca, organizaram-se de outra forma: cada aluno pesquisava em manuais ou em livros e aproveitava para tomar apontamentos em folhas soltas mais fáceis de arquivar nas pastas dos projetos.

Posteriormente, os grupos regressaram à sala de aula, onde partilharam os dados que tinham conseguido encontrar e o que lhes parecia importante colocar no trabalho. Todos os grupos aproveitaram este momento para trocarem informações uns com os outros. Na verdade, esta partilha de informação constituiu um gesto de solidariedade e interajuda que contribui para reforçar a cooperação educativa.

Avaliação conjunta da sessão

Os alunos sentiram que alguns elementos não estavam a respeitar as regras de sala de aula que haviam sido elaboradas por todos. Por essa razão, foi decidido pelo grupo/turma que na próxima sessão será afixado um cartaz com as regras de trabalho que vão surgindo. Estas serão elaboradas em conjunto, a partir dos problemas sentidos pelos próprios alunos.

Todos os grupos demonstraram alguma preocupação e dúvidas acerca da elaboração de um trabalho escrito. Concluímos, por isso, que seria importante iniciar a próxima sessão com o esclarecimento dessas mesmas dúvidas.

Avaliação conjunta da semana

Verificamos que os alunos atingiram os objetivos propostos para esta semana, estiveram atentos e participativos em todas as atividades.

O barulho existente dentro da sala de aula pareceu incomodar vários elementos, como pudemos verificar com alguns comentários: "Não façam tanto barulho" (MM); "Quanto mais depressa nos sentarmos, mais depressa começamos" (IT); " Só o ouço a ele" (GA).

A distribuição a cada grupo das pastas dos projetos foi vivida com grande entusiasmo como indicam diversas reações: "Fixe" (DJ); "Olha a nossa pasta ficou mesmo bonita" (CC); "Tinhas razão, esta imagem ficou bem melhor" (AS).

Nesta semana, todos os grupos se deram bastante bem, existindo um ambiente de respeito e de entreajuda dentro de cada grupo, à exceção do grupo da “vida dos árabes”, onde o aluno DJ tentou sempre impor a sua opinião, não deixando as suas colegas colocar as suas ideias. A professora investigadora pediu ao aluno para ouvir e respeitar a informação dada pelas colegas e partilhar com elas os seus conhecimentos pessoais sobre o tema. Foi interessante verificar, no final da semana de trabalho, como o aluno DJ ensinava as colegas a escreverem os seus nomes em caligrafia árabe.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Esta semana demos início à recolha de dados, os alunos foram sempre participativos e interessados. A forma como se organizaram, uns na sala de informática, outros na biblioteca escolar, pareceu ter resultado. Os alunos aderiram bem às pesquisas feitas na Internet e na biblioteca escolar, mas sentiram dificuldades em perceber qual era a informação mais importante para os seus projetos. Compreende-se, uma vez que estão a iniciar esta modalidade de trabalho e que tudo o que descobrem lhes interessa.

É gratificante, para nós professores, percebermos que os alunos revelam capacidades que desconhecíamos, dominam o computador e a Internet de forma surpreendente. Contudo, a grande dificuldade é saber pesquisar nos livros e nos manuais, onde a informação não aparece

tão facilmente como quando se carrega num botão. A este propósito, vejamos os comentários feitos pelas próprias crianças.

"É mais fácil procurar na Internet, é mais rápido" (GU)

"Mas os livros têm boas imagens" (MM)

"Eu gosto muito de ver as coisas na Internet" (DS)

No que respeita aos dois alunos desencadeadores da nossa intervenção, impõem-se, desde já, algumas observações. A aluna ML continuou resguardada. O seu grupo "os primeiros socorros" estava muito motivado, as suas colegas estavam empolgadas em procurar informações, mas para a aluna ML o mais difícil era descobrir "o que procurar" e "quais os dados mais interessantes para o trabalho". Entreviemos de forma a incentivar os outros elementos do grupo a dar-lhe como tarefa algo que a motivasse e de que gostasse. Nesse sentido, a aluna ML ficou responsável por procurar imagens que ilustrassem o tema.

O aluno DJ, porque "a vida dos árabes" é um tema de grande importância na sua vida pessoal, de início tinha grandes dificuldades em aceitar as opiniões dos demais colegas do grupo e, por vezes, dizia que eles estavam errados. Por isso, entreviemos explicando ao grupo que deviam respeitar as opiniões uns dos outros e que o trabalho só poderia ser rico partilhando ideias. No final da semana, o aluno DJ já aceitava, de forma discreta, a opinião dos colegas e até mostrava, com prazer, às colegas como escreverem os seus nomes em caligrafia árabe. Trata-se, portanto, de um salto qualitativo no seu desenvolvimento sociomoral. No entanto, para a próxima semana continuaremos atentas a esta situação.

Em suma, todo o grupo/turma aderiu a esta nova forma de trabalhar e de aprender. Sentimos que era importante terem a oportunidade de construir algo de que gostassem. Colocaram diversas dúvidas relacionadas com a estrutura de um trabalho escrito. Foi então decidido, por todo o grupo, que, na próxima sessão, iremos elaborar, em conjunto, os critérios para a estrutura de um trabalho escrito.

4.2.2.5 Semana de 27/02/2012 a 02/03/2012

5ª Sessão

Data - 01/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade – Iniciaremos, em conjunto, a elaboração da ficha informativa sobre a estrutura de um trabalho escrito. Dar-se-á continuidade à recolha de dados, mas desta vez, os grupos irão trocar de lugar, ou seja, os que estiveram na biblioteca escolar, na semana passada, irão efetuar o trabalho de pesquisa na sala de informática e vice-versa. A sessão começará, contudo, com a elaboração do cartaz com as regras de comportamento a ter na sala de aula. Fá-lo-ão em conjunto, a partir dos problemas sentidos pelos próprios alunos, sobretudo, na semana anterior.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, Internet, manuais escolares, livros vários diversas revistas, cartolina para as regras de sala de aula e *Data Show*.

Descrição da sessão

A nossa sessão iniciou-se retomando a reflexão semanal que tinha sido feita em conjunto na semana anterior, com especial incidência nos problemas de comportamento. Com as observações dos alunos redigiu-se o cartaz das “regras de funcionamento” que será afixado.

Os alunos lembraram, ainda, a grande dificuldade que estavam a sentir na organização do trabalho escrito. Por essa razão, demos início a uma atividade, onde todos puderam participar e dar ideias. Foi elaborada uma listagem com vários aspetos importantes para um trabalho escrito. Para isto, os alunos foram participando oralmente. Dialogaram entre si, trocando ideias sobre o que já sabiam de um trabalho escrito. Ajudados, foram percebendo quais as informações fundamentais para a estrutura de um trabalho escrito. Com recurso ao

computador, neste caso concreto o *Data Show*, elaborou-se uma tabela preenchida em conjunto.

Posto isto, os alunos formaram os grupos e iniciaram a recolha de dados. Tal como dissemos anteriormente, tinham pesquisado na Internet na semana anterior, foram pesquisar na biblioteca escolar e vice-versa. Alguns grupos tiveram alguma dificuldade em recolher a informação mais importante; é uma aprendizagem que vão fazendo aos poucos. Nesse sentido, fomos passando, de forma rotativa, pelos diversos grupos, para ajudar a esclarecer as dúvidas que lhes iam surgindo no decorrer do trabalho.

Avaliação conjunta da sessão

Os alunos estão a respeitar mais as regras de sala de aula, estão a aprender a respeitar o espaço de cada grupo e os seus métodos de trabalho. A realização do cartaz das “regras de funcionamento” revelou o sentido de responsabilidade de um certo número de alunos, que levaram o grupo/turma a tomar consciência da necessidade de um bom ambiente na sala de aula, para o bom desempenho de todos. Os comportamentos menos conseguidos acabaram por se transformar numa excelente ocasião de criar estas regras de vida e funcionamento do grupo/turma. Quer dizer, o que correu mal foi uma mais valia para fazer avançar o desenvolvimento sociomoral das crianças.

Foi importante elaborarmos, em conjunto, a estrutura do trabalho escrito, pois os alunos cooperaram muito concretamente para alcançar um objetivo comum. Já no final da reflexão conjunta, deram ainda outras ideias, entre as quais a plastificação da tabela da estrutura do trabalho escrito, para ficar mais bonita e com mais durabilidade, podendo, assim, vir a ser utilizada nos próximos projetos. Chamaram-lhe "Critérios para a estrutura de um trabalho escrito". Os critérios têm uma especial importância pois foram criados para que os alunos se sentissem mais seguros, tendo em conta que nunca tinham elaborado trabalhos escritos e nunca tinham utilizado esta metodologia.

Quadro 5 - Critérios para a estrutura de um trabalho escrito

Critérios para a estrutura de um trabalho escrito		
1	Capa	deve estar relacionada com o tema do trabalho (imagens, fotografias, ...). Pode ter só o título ou também a informação da folha de rosto.
2	Página de rosto	indicação da escola e da disciplina; imagem ilustrativa; título do trabalho; identificação dos autores do trabalho e data da realização.
3	Índice	indica as várias partes do trabalho indicando a página correspondente a cada uma, de acordo com a paginação do trabalho.
4	Introdução	indica o âmbito do trabalho e explica, em traços gerais, qual o tema e assuntos abordados assim como os objetivos do trabalho.
5	Desenvolvimento do trabalho	são desenvolvidos os assuntos que foram objeto de pesquisa, dividindo-os em capítulos separados e devidamente destacados. Poder-se-á recorrer a citações, ou seja, transcrever frases de autores, que devem estar entre aspas e identificadas com o respetivo autor e obra da qual foi retirada. Também devem incluir-se imagens, gráficos, esquemas quando tal se justificar.
6	Conclusão	conclusões a que se chegou e opinião sobre o trabalho realizado.
7	Bibliografia	indicação de todas as obras consultadas por ordem alfabética e da seguinte forma apelido do autor, seguido de vírgula e das iniciais do nome; título da obra em itálico ou sublinhado; n.º da edição, nome da editora, local e data da edição (se não tiver escreve-se s/d) Exemplo: Antunes, C.; Bispo, M.; Guindeira, P. Descobrir a Terra – Ciências Naturais – 3.º Ciclo do Ensino Básico. 1.º Edição. Areal Editores. Porto. 2004. Se for consultada a Internet deverá indicar-se o endereço completo dos sites consultados, enunciados por ordem alfabética e separados das restantes fontes bibliográficas. Atenção: o Google é apenas um motor de busca e não um site sobre um tema específico! Exemplo: http://www.saudepublica.web.pt/05-PromocaoSaude/alcool.htm consultado em (data da consulta)
8	Anexos	documentos que serviram de apoio ao trabalho, gráficos, mapas, quadros, figuras... e que devem ser numerados (anexo I, anexo II, ...) e legendados.

6ª Sessão

Data - 01/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Esta sessão será centrada na organização da informação recolhida. Os grupos reunir-se-ão para refletir acerca da informação mais interessante para os seus projetos. Ou seja, selecionar e organizar os dados mais pertinentes.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, Internet, manuais escolares, livros vários e diversas revistas.

Descrição da sessão

Na sessão anterior, os alunos tiveram como atividade a recolha de dados realizada na sala de informática e na biblioteca escolar. No início desta sessão pedimos aos alunos para formarem os grupos, dentro da sala de aula. Estes reuniram-se e cada elemento foi dando aos restantes a informação que tinha selecionado na recolha de dados. Foram trocando ideias, opiniões e dúvidas.

O grupo "os primeiros socorros" levantou uma questão: "podemos utilizar o nosso “Magalhães” para colocar a informação que já temos?" (ML) Como nos pareceu interessante e importante para que os alunos pudessem produzir texto, aceitamos a proposta. Alguns grupos optaram por utilizar o computador, outros preferiram anotar em papel. Os que trabalharam com o computador criaram, no ambiente de trabalho, uma pasta com o nome do projeto.

Nesta sessão, iniciaram a produção de texto, uns grupos escreveram-no com a ajuda do computador, outros fizeram-no em manuscrito.

Avaliação conjunta da sessão

Para a turma foi importante a sugestão do grupo "os primeiros socorros" de utilizarem o computador. Isto é motivador pois o que se pretende é que os grupos possam também

partilhar ideias uns com os outros, ajudando-se mutuamente. Alguns alunos realçaram que raramente utilizavam o computador e que era bom os projetos permitirem isso.

Para todos, a seleção da informação então recolhida, foi a etapa mais complexa, criando dúvidas e incertezas nos alunos.

Todos sentiram que a criação dos "critérios para a estrutura de um trabalho escrito" foi um suporte importante que os ajudou e orientou nesta primeira fase da produção de texto.

Avaliação conjunta da semana

Esta semana os alunos acharam que as ideias dadas por eles, tanto para a elaboração das “regras de funcionamento”, como para a elaboração dos critérios de escrita e o uso do computador foram importantes. Sentiram que as suas opiniões contavam muito e que podiam partilhá-las com toda a turma. No fundo, sentiram-se úteis uns aos outros. Em nossa opinião, isto tem contribuído para fortalecer os laços afetivos e aumentar a coesão grupal.

Os critérios para a estrutura de um trabalho escrito ajudaram-nos a esclarecer as dúvidas existentes. Provam-no os seguintes comentários:

" Vai ser importante para nós" (DS)

"Podemos pôr na nossa pasta do projeto" (HC)

"Tiveste uma boa ideia em falar do Magalhães" (GA)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Sentimos que nesta semana foi importante os alunos perceberem que realmente os projetos são deles e que são eles que acabam por conduzir as sessões. Perceberam que as suas ideias são fundamentais para as aprendizagens de todo o grupo/turma. Os alunos surpreendem-nos com ideias inesperadas, como a da criação dos critérios ou a da utilização do “Magalhães”. É fundamental que estas ideias venham deles próprios, pois conduz o grupo/turma para uma maior responsabilização pelas suas aprendizagens, desencadeando a tomada de consciência do que necessitam para aprender mais e melhor. Tiveram dificuldade em escolher a informação mais importante, mas foi interessante ver alguns grupos a comunicarem uns com os outros. Surgiram alguns comentários interessantes:

"Se vos ensinarmos como tratar as hemorragias, gostam?" (AS)

"Gostavam de saber qual é o maior rio de Portugal?" (MM)

O grupo/turma está a aprender a conviver e a trabalhar em conjunto, ajudando-se e dando ideias uns aos outros. É fundamental perceberem que podem enriquecer-se uns com os outros, ajudando-se e apoiando-se, isto é, completando-se pela cooperação. Este aprender a viver juntos é o cerne do desenvolvimento sociomoral. Quer dizer que a par do desenvolvimento cognitivo vão crescendo como pessoas. O trabalho em projeto permite-lhes a construção da cidadania, como explica Serralha (2007). No mesmo sentido, podemos afirmar que a reação sobre os comportamentos e consequente realização das regras de sala de aula revelam um salto qualitativo do seu desenvolvimento humano. É, de certo modo, o desabrochar da “ética comum do respeito pelo outro(...)a moral coletiva que brota do interior do grupo” de que fala, também, Serralha (2009, p.30).

A aluna ML pareceu esta semana estar um pouco mais à vontade, trocando ideias com as colegas. Gostamos de a ver mostrar às suas colegas as imagens, relacionadas com o tema, que tinha encontrado. Demonstrou estar motivada e interessada no trabalho, as colegas gostaram das imagens apresentadas por ela e aproveitaram para lhe dar umas palavras de incentivo. Isto deixou-a satisfeita. Tentaremos promover estas situações, levando a aluna a trabalhar aquilo de que mais gosta, juntamente com as suas colegas, para se poder sentir integrada dentro do seu grupo de projeto e dentro do grupo/turma.

O aluno DJ ficou satisfeito em poder utilizar o “Magalhães”, mas levantou alguns problemas em querer ser o único a trabalhar com o material, visto que as suas colegas de grupo tinham deixado os seus computadores em casa. Explicamos-lhe, novamente, que tinha de partilhar o material com as suas colegas, da mesma forma que partilhava ideias e opiniões. De início, não foi muito recetivo, mas como não domina bem o suporte informático, sentiu a necessidade de perguntar às colegas alguns aspetos. Percebeu que podiam ajudá-lo e explicar-lhe aquilo que não sabia. Percebemos que, aos poucos, descobriu que necessitam todos uns dos outros, para melhorarem as suas aprendizagens.

4.2.2.6 Semana de 05/03/2012 a 09/03/2012

7ª Sessão

Data - 08/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão os alunos irão dar continuidade à produção de texto do seus projetos.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, computador, internet, manuais escolares, livros vários e revistas.

Descrição da sessão

Iniciamos a nossa sessão trocando impressões com os alunos sobre o modo como têm trabalhado nos projetos. Todos responderam que têm aproveitado alguns intervalos e o ATL para trocarem ideias e produzir algum trabalho.

Alguns grupos disseram que já estavam a selecionar fotos e imagens para colocar no trabalho escrito, outros demonstraram alguma preocupação relacionada com a comunicação dos projetos. Tranquilizamo-los dizendo que não deviam preocupar-se com esse aspeto, pois as comunicações iriam ser preparadas a seu tempo.

Posto isto, os alunos reuniram-se em grupo para dar continuidade aos seus projetos e nós, professoras, fomos passando por cada grupo para perceber como estavam a evoluir, ajudando sempre que se justificasse.

Tendo-se organizado de modo a que todos tivessem uma tarefa, alguns trabalharam na produção de texto, utilizando como base os critérios para a estrutura de um trabalho escrito, outros encarregaram-se de selecionar imagens para o trabalho escrito com a ajuda do Magalhães. Foram surgindo diversas dúvidas: "Podemos pôr imagens no trabalho?" (GA);

"Podemos também passar a computador o texto" (DS) Passamos em cada grupo, esclarecendo as dúvidas que nos eram colocadas.

Avaliação conjunta da sessão

Os alunos têm estado empenhados nos projetos, mas alguns grupos acham que existem elementos que poderiam trabalhar mais. Ficou então esclarecido que todos tinham de contribuir, mas que era da responsabilidade de todo o grupo motivar e ajudar os colegas que estavam a ter mais dificuldades.

8ª Sessão

Data - 08/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Continuação da elaboração dos projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, internet, computador, manuais escolares, livros vários e revistas.

Descrição da sessão

Depois do intervalo demos início à segunda sessão desta semana, os grupos reuniram-se e iniciaram o trabalho em conjunto. Organizaram-se para que todos tivessem uma tarefa. Uns organizavam a informação, a estrutura do trabalho e selecionavam imagens alusivas ao tema, outros produziam texto e passavam algum para o suporte informático.

Avaliação conjunta da sessão

No final da sessão, todos os alunos estavam satisfeitos, pois os seus projetos estavam a ganhar forma. O poder trabalhar com o computador entusiasmou toda a turma.

A preocupação demonstrada por todos, no que respeita às comunicações, foi relevante. A turma pediu que utilizássemos um momento da nossa aula para serem esclarecidas as dúvidas.

Avaliação conjunta da semana

Todos acharam que a turma estava mais concentrada e mais silenciosa. Apesar de alguns alunos se terem levantado várias vezes, isso deve-se, sobretudo, à necessidade que decorre do trabalho conjunto. Demonstraram, uma vez mais, uma grande preocupação com as comunicações. Nesta avaliação, foi importante os alunos poderem partilhar ideias e angústias.

O aluno GA partilhou a sua ideia com os colegas: "E se fizéssemos uns critérios para as comunicações? "

"Sim, como fizemos para o trabalho escrito" (IR)

"Podemos fazer já hoje!" (AS)

"Não há tempo, fazemos noutro dia" (IT)

Decidimos, entre todos, que os critérios para uma boa comunicação seriam, então, elaborados na próxima semana.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Cada vez mais percebemos que esta forma de trabalhar é enriquecedora tanto para nós, professores, como para os alunos. O entusiasmo deles tem sido uma constante. Esperam pelas quintas-feiras de manhã ansiosamente e com grandes expectativas. Na hora do intervalo, normalmente muito aguardada para a brincadeira, agora, pelo contrário, os alunos querem continuar na sala. Isto porque estão, geralmente, tão absorvidos pelas suas tarefas, que nem pedem para sair. Mas é importante eles poderem respirar e na altura de lhes explicar isso mesmo, ouviram-se os comentários:

"Mas não temos fome" (MN)

"Estamos só a acabar isto" (HC)

"Podemos aqui ficar?" (BC)

Durante esta semana, os alunos estiveram, na sua maioria, organizados. O grupo de trabalho de projeto sobre "o corpo humano" esteve barulhento e não existia consenso sobre as tarefas de cada um. Tivemos, por diversas vezes, de chamá-los à atenção.

A aluna ML continua resguardada, mas a elaboração do projeto está a ajudá-la a desabrochar, tendo alguma dificuldade em perceber como se constrói o trabalho escrito. A aluna AS disponibilizou-se para lhe explicar, ao mesmo tempo que ambas elaboravam um texto.

O DJ tem trabalhado bem e com entusiasmo, mas continua muito individualista. Gosta de explicar às suas colegas a sua cultura, mas não aceita da melhor forma as informações dadas por elas. Mas, quando explica algo da sua cultura, fá-lo empolgado, como aconteceu na semana anterior quando ensinou as colegas a escreverem os seus primeiros nomes em caligrafia árabe. No entanto, tem vindo a revelar alguns progressos.

4.2.2.7 Semana de 12/03/2012 a 16/03/2012

9ª Sessão

Data - 15/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - A sessão vai iniciar-se com a elaboração dos “critérios para uma boa comunicação”. Os alunos reunir-se-ão, depois, em grupo e darão continuidade à elaboração dos seus projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, computador.

Descrição da sessão

Iniciamos a aula relembrando a reflexão da semana anterior tendo os alunos recordado que a dúvida existente era sobre a comunicação dos projetos. Achamos, por isso, pertinente esclarecer essa mesma questão. Com a ajuda do computador e do *Data Show*, foi elaborada a tabela que inclui etapas e critérios de uma boa comunicação. Todos os alunos puderam participar dando a sua opinião.

Juntaram-se depois em grupo, para continuarem com a elaboração do trabalho de projeto. Fomos circulando pelos grupos, observando como estavam a ser desenvolvidos os projetos. Os grupos organizaram-se para produzirem texto e, ao mesmo tempo, passá-lo a computador.

Avaliação conjunta da sessão

Os alunos participaram muito ativamente na elaboração dos critérios para uma boa comunicação. Colocavam questões, trocavam opiniões sobre o tema, persistindo na ideia de se realizar um formato semelhante ao dos critérios para a estrutura de um trabalho escrito. Acharam que seria importante poderem ter acesso à informação sempre que necessário. Ficou

decidido que os critérios e etapas de uma boa comunicação seriam plastificados, como feito anteriormente. Trata-se, portanto, de critérios compartilhados para uma boa apresentação do saber então construído.

Nesta sessão, quase todos os grupos trabalharam de forma organizada; a turma sentiu alguma desorganização no grupo do "corpo humano", parecendo residir a justificação disso no facto de ser o grupo mais numeroso. Confirma-se o que defende a teoria a este respeito, que os grupos de trabalho, para serem eficazes, não devem ser numerosos (Jonhson e Jonhson, 1999).

Quadro 6 - Critérios para uma boa comunicação

Critérios para uma boa comunicação		
1	Preparação da comunicação	Negociar em grupo como vai ser feita a comunicação à turma.
2	Apresentação do grupo	Comunicação à turma feita pelos elementos de cada grupo.
3	Apresentação do plano de projeto	Os grupos dão a conhecer à turma o seu plano de projeto, explicando o que motivou o grupo a querer saber mais sobre o assunto em questão.
4	Apresentação do projeto desenvolvido	Partilhar com a turma o que o grupo aprendeu, com a ajuda de placares, imagens, PowerPoint... Todos os elementos do grupo têm que participar na apresentação.
5	Discussão	O grupo aproveita este momento para responder às questões/dúvidas dos restantes alunos da turma.
6	Momento do professor	O professor utiliza este momento para esclarecer aspetos menos claros da comunicação.
7	Avaliação da comunicação	Os restantes alunos da turma avaliam o projeto apresentado pelos colegas. Autoavaliação: O grupo avalia a sua comunicação.
8	Distribuição dos questionários e das fichas informativas	O grupo distribui à turma um questionário e uma ficha informativa que visa detetar dúvidas e incompreensões por parte dos demais companheiros.

10ª Sessão

Data - 15/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Os grupos finalizarão a elaboração dos seus projetos, iniciando a construção do *PowerPoint* e a redação da ficha informativa e do questionário.

A partir desta sessão, os alunos terão ao seu dispor um novo instrumento de monitoragem designado por memorando do trabalho em projeto. Tendo em conta a dinâmica do Movimento da Escola Moderna, em que o currículo passa para a mão dos alunos, verificamos a necessidade de conciliar as exigências de planificações próprias ao Mestrado (da responsabilidade habitual do mestrando) com os trabalhos em projeto (da responsabilidade dos alunos). Para nos auxiliar na programação e na avaliação foi, por isso, necessário criar esse instrumento a que chamamos memorando do trabalho em projeto (Ver p. 93).

Os alunos preencherão, semanalmente e sempre que o desejarem, o memorando do trabalho em projeto que estará sempre disponível numa mesa, na sala de aula.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, memorando do trabalho em projeto e computadores.

Descrição da sessão

No início da sessão, as professoras passaram de grupo em grupo, para perceber como estes se estavam a organizar. Aproveitamos, ainda, para dialogar com eles sobre a importância da organização do grupo, tanto para o trabalho que estavam a produzir, como para o trabalho que iriam apresentar. Foi explicado aos alunos que nesta sessão, para além de terminarem o trabalho escrito, iriam poder iniciar a preparação das comunicações com a elaboração do *PowerPoint*, da ficha informativa e do questionário para distribuir à turma no dia da

comunicação, com o objetivo de se perceber se todos se apropriaram das aprendizagens comunicadas. Nesse sentido, os grupos organizaram-se para que conseguissem acabar o trabalho escrito, para, de seguida, iniciarem o *PowerPoint*, as fichas informativas e os questionários. Os alunos que ficaram com a tarefa de elaborar as fichas informativas e os questionários recolheram as opiniões dos demais colegas. Nesse sentido, cada elemento foi dizendo uma pergunta que gostava de colocar aos colegas.

Os alunos preencheram o primeiro memorando do trabalho em projeto. Em todas as sessões o memorando é de utilização livre, sendo os registos feitos quando os alunos sentem necessidade de o fazer.

Avaliação conjunta da sessão

Esta sessão foi muito positiva para os alunos, na medida em que descobriram as exigências ligadas à elaboração das fichas informativas e dos questionários, elementos essenciais para se avaliarem as aquisições das aprendizagens feitas por todos e cada um. Contudo, sentiram alguma dificuldade em elaborar questões para colocar nos questionários. O especial entusiasmo com que abordaram a construção, por eles próprios, de um *PowerPoint*, transformou-se num verdadeiro acontecimento no grupo.

A turma reconheceu que o seu comportamento estava a melhorar. Contudo, voltaram a notar que o grupo do "corpo humano" poderia ter um comportamento mais favorável, pois acabavam por incomodar os colegas.

Avaliação conjunta da semana

Esta semana pareceu ser muito positiva, pois reconheceram que produziram muito trabalho e que os seus projetos estavam praticamente concluídos. Continuavam muito receosos em relação às comunicações, já que adquiriram a convicção de que é importante dar a conhecer aos colegas o trabalho produzido por eles. Todos gostaram de elaborar em conjunto os “critérios para uma boa comunicação” e acharam que tinham ficado mais esclarecidos. Foi-lhes explicado que na próxima semana teremos uma sessão extra para que possam acabar a preparação das comunicações e elaborar uma ficha para a melhor organização do grupo.

Durante esta semana, ouviram-se vários comentários sobre as comunicações e alguns bem engraçados:

"Precisamos de um microfone?" (MM)

"Quando nos apresentamos, temos de dizer onde moramos?" (HC)

"Vou ter tanta vergonha!" (AS)

A aluna MR colocou uma questão interessante: "podemos dizer se gostamos ou não dos trabalhos dos nossos colegas?" Esta questão permitiu uma discussão entre os alunos: uns

achavam que era uma boa ideia, outros, porém, algo receosos, como o aluno GA, propuseram que em vez de dizer que gostaram ou não, podiam dar uma nota. De início não existiu consenso, até a aluna CF dizer: "Podemos utilizar umas caras". Como se pode verificar, os alunos estão a desenvolver o seu espírito crítico e a falta de experiência leva-os a propostas algo incertas em relação à apreciação das comunicações.

Ficou, pois, decidido, por toda a turma, que seriam feitas umas caras/*smiles*, umas felizes e outras tristes, para os alunos demonstrarem o gosto pelo trabalho dos colegas. Foi-lhes explicado que era importante a opinião dos colegas, para perceberem se o trabalho de projeto foi esclarecedor ou não; que estávamos num processo de aprendizagens e que era importante refletir sobre estas práticas para melhorarem os próximos projetos; que os conhecimentos adquiridos eram um bem de todos que devíamos partilhar com todos. Se não o fizéssemos, tínhamos trabalhado só para nós ou para nada! Todos têm a possibilidade de beneficiar do sucesso do grupo, uma vantagem da construção cooperada das aprendizagens.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Verificamos, uma vez mais, que os alunos estavam um pouco preocupados e ansiosos por causa das comunicações, mas tivemos sempre o cuidado de lhes dizer que o importante é terem aprendido e serem capazes de transmitir aos colegas essas aprendizagens. É um facto que a preocupação pelas comunicações demonstra a forte responsabilidade que os alunos sentem na elaboração dos seus projetos. Tem sido ótimo ver o entusiasmo deles na elaboração dos trabalhos, terem ideias para colmatarem as dificuldades, como aconteceu com a elaboração dos critérios para uma boa comunicação. A realização dos *PowerPoint* foi o ponto forte desta semana. Os alunos vão descobrindo, aos poucos, como se constrói. Clica daqui e clica dali, leva a imagem para ali e cola aqui, foi uma constante nesta semana.

Os grupos funcionaram de forma positiva, à exceção do grupo do "corpo humano" que andou um pouco desorganizado já que os alunos conversavam muito entre eles e acabavam por incomodar também os colegas. Sentimos que não existia consenso dentro do grupo, que não estavam de acordo com a elaboração do *PowerPoint*, da ficha informativa e do questionário. Tentamos intervir, explicando que a organização era fundamental para o sucesso de trabalho de projeto.

A elaboração dos critérios para uma boa comunicação foi um momento que os alunos apreciaram, sentem que é um instrumento produzido por toda a turma e que pode ser utilizado para todos os projetos.

A realização das fichas informativas e dos questionários colocou os alunos, de certo modo, no papel de professor. Isso levou-os, de modo responsável, a interrogar-se sobre a informação que querem transmitir aos outros colegas. Verificamos, com Serralha (2009) que os alunos “crescem através da fala social que os vai tornar mais autónomos” (p.23). Constatamos, ao fim de poucas semanas, que o grupo/turma se transformou e se tornou mais coeso e solidário.

A aluna ML continua sempre resguardada, mas sentimos um esforço por parte das colegas para a integrar. Tem-se interessado na elaboração do *PowerPoint* e tem dado ideias. Observamos, por vezes, a aluna a rir e a brincar com as colegas. Percebemos que, calmamente, sendo aceite pelos colegas, entra num processo de inclusão, já não resiste e vai aprendendo consoante o seu ritmo.

O aluno DJ tem melhorado gradualmente o seu comportamento. Continua a ser complicado ele respeitar as ideias dos colegas. Por diversas vezes tivemos que lhe explicar o que isso representa e relembrar-lhe essa atitude fundamental. Constatamos que para DJ este trabalho de projeto sobre a vida dos árabes tem grande importância, já que poder dar a conhecer aos outros colegas a sua cultura; é uma ocasião de ver reconhecida a sua identidade, o que contribui para a sua inclusão no grupo.

Concluimos esta semana com uma frase da aluna IT: "para a semana é o grande dia".

4.2.2.8 Semana de 19/03/2012 a 23/03/2012

11ª Sessão

Data - 21/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - A nossa sessão vai iniciar-se com a explicação aos alunos da importância de uma boa preparação para as comunicações. Será distribuída, depois, a ficha de preparação para as comunicações, para os alunos se organizarem e distribuírem tarefas por cada elemento do pequeno grupo. Posto isso, poderão terminar o material para as comunicações.

Objetivos - Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de preparação da comunicação, memorando do trabalho em projeto, computadores.

Descrição da sessão

A sessão iniciou-se com uma conversa introdutória com os alunos, lembrando a importância de uma boa organização da comunicação. Foram distribuídos aos alunos os critérios para uma boa comunicação para serem utilizados como apoio nesta sessão.

De seguida, formaram os pequenos grupos. Foi-lhes distribuída a ficha de preparação das comunicações; preencheram e organizaram por partes as comunicações. Depois de terem organizado e distribuído as tarefas entre eles, cada aluno ficou assim responsável por apresentar uma parte do trabalho de projeto aos colegas. Todas as decisões ficaram registadas na ficha de preparação da comunicação. Utilizaram o restante tempo para terminar o *PowerPoint* que será o instrumento de suporte para as comunicações.

Três grupos: "os rios de Portugal", "os primeiros socorros", "as culturas de Portugal" – aproveitaram, também, para treinarem a comunicação. Cada elemento lia aos colegas de grupo a parte que ia apresentar. Seguindo os critérios já estabelecidos, foram imaginando o

desenrolar da comunicação, trocando ideias sobre as possíveis perguntas que poderiam ser feitas pelos colegas.

Avaliação conjunta da sessão

Houve empenho e interesse nesta sessão devido à aproximação da data das comunicações. A sessão ajudou a clarificar algumas dúvidas. Foi importante para os alunos poderem ter um momento para se organizarem, definirem em grupo o desenrolar da comunicação e distribuírem tarefas. No final, verificamos que se sentiam mais tranquilos e seguros.

12ª Sessão

Data - 22/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Comunicações dos trabalhos de projeto dos grupos: "a vida dos árabes" e "os rios de Portugal"

Objetivos - Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em conjunto, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Computador, *Data Show*, ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, ficha de preparação da comunicação, *PowerPoint*, ficha informativa, questionário e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

Iniciamos a nossa sessão explicando como iria decorrer a nossa aula com as comunicações dos dois primeiros grupos: "vida dos árabes" e "rios de Portugal". Cada grupo tinha à sua disposição o computador e o *Data Show*.

O grupo "a vida dos árabes" iniciou a comunicação com a apresentação do trabalho de projeto, utilizando como suporte o *PowerPoint* preparado. Posto isto, os alunos colocaram questões aos colegas do grupo apresentador, dialogaram, discutiram e pediram, também,

esclarecimentos para que tudo ficasse claro no grupo/turma. Chegado o momento do professor, destinado a fazer avançar ainda mais os saberes dos alunos e ultrapassar algumas fragilidades, explicitamos as diferenças entre árabe e muçulmanos. E, porque tinham ficado surpreendidos com a intervenção entusiasmada de DJ e com o facto de estar vestido com um traje tradicional árabe, procuramos explicar à turma o que é viver fora do país em que se nasceu e onde ficaram familiares e amigos. Esta intervenção levou a que um aluno fizesse alusão ao seu pai, desempregado, que ia partir para o Luxemburgo.

Depois dos tempos destinados à discussão e ao professor, o grupo distribuiu aos restantes colegas os questionários. Foram-lhes dados alguns minutos para responderem ao questionário composto por seis perguntas sob a forma “verdadeiro” ou “falso”. Depois de feita, oralmente, a correção dos questionários verificou-se, pelas respostas dadas, que, na sua maioria, os alunos tinham assimilado os conhecimentos transmitidos pelo grupo. No final, distribuíram as fichas informativas.

Seguiu-se o grupo "os rios de Portugal". Leram inicialmente, em voz alta, o plano de projeto, explicando as razões da escolha deste tema, o que já sabiam dele e o que este trabalho lhes permitiu saber mais. Os autores do projeto apresentaram o seu conteúdo com o apoio do *PowerPoint* tendo colocado, no termo da apresentação, duas questões aos restantes colegas da turma: "qual é o maior rio de Portugal?" e "qual é o rio mais pequeno?" Seguiu-se o momento de discussão onde os alunos fizeram muitas perguntas aos autores do projeto. O tempo do professor foi utilizado para esclarecer algumas noções menos claras do projeto, nomeadamente: a jusante e a montante de um rio, acrescentando algumas informações relevantes a esse propósito. Posto isto, foram distribuídos os questionários. Os alunos tiveram alguns minutos para responderem a quatro questões sobre os rios de Portugal. Depois de feita a correção do questionário, houve ainda algum tempo para mais umas questões a que responderam os membros do grupo. Como na primeira apresentação, os alunos manifestaram interesse pela comunicação dos colegas, verificando-se, pelas respostas e pelo conteúdo das perguntas ali colocadas, que todos tinham assimilado bem os conteúdos transmitidos. Concluíram com a distribuição das fichas informativas.

Avaliação conjunta da sessão

Estas primeiras comunicações eram aguardadas ansiosamente pela turma. Todos sentiram que estavam a fazer algo de novo. No final desta sessão os alunos mostraram-se satisfeitos. As comunicações foram do agrado de todos.

A turma achou interessante o aluno DJ ter vindo vestido com um traje tipicamente árabe para fazer a comunicação do trabalho. Consideraram também que todos se tinham empenhado e que o projeto tinha sido apresentado de forma simples e acessível a todos.

O grupo "rios de Portugal", também foi muito elogiado, tendo sido salientadas a boa organização e a qualidade do *PowerPoint* realizado. Referiram, de modo particular, o gráfico realizado pelo grupo e apresentado no *PowerPoint* para demonstrar o comprimento dos rios. Vários elementos mostraram-se curiosos sobre o modo como tinham feito o gráfico e ficou acordado, por sugestão da professora-investigadora, que os autores do projeto ensinariam, mais tarde, os colegas da turma a construir um gráfico no *PowerPoint*.

13ª Sessão

Data - 22/03/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Comunicações dos projetos: "o corpo humano", "as culturas de Portugal" e "os primeiros socorros".

Objetivos – Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em conjunto, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Computador, *Data Show*, ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, ficha de preparação da comunicação, *PowerPoint*, ficha informativa, questionário e memorando do trabalho em projetos.

Descrição da sessão

A sessão iniciou-se de forma um tanto atribulada, pois o grupo "o corpo humano" não sabia o que era feito do *PowerPoint* elaborado para a comunicação. Depois de alguma preocupação, alguns alunos tomaram a iniciativa de ajudar o grupo a recuperar o *PowerPoint* da reciclagem do computador. Posto isso, já mais calmo, o grupo fez a comunicação apoiando-se no *PowerPoint*. Posteriormente, alguns alunos da turma fizeram perguntas às quais os autores responderam com clareza. Chegando o tempo do professor, explicamos alguns aspetos menos claros do projeto, nomeadamente sobre o sistema respiratório e a função circulatória.

Tendo em conta que o grupo não tinha tido tempo para elaborar a ficha informativa nem os questionários e apesar de isso não corresponder à metodologia do Movimento da Escola Moderna, demos aos autores a possibilidade de colocarem algumas questões ao grupo. Tivemos que reconhecer que estamos no início de uma forma de trabalho desconhecido dos alunos e que, dado o empenho do grupo, nós professores não poderíamos, pela recusa, colocá-los à margem fazendo comparações negativas com os outros grupos.

O grupo "as culturas de Portugal" iniciou a sua comunicação com a apresentação do *PowerPoint*, tendo cada elemento apresentado uma parte. Seguiu-se uma questão posta pelos autores à turma: "Sabem o nosso hino nacional?" Tendo respondido que sim, o grupo de projeto desafiou a turma a cantar em conjunto o hino nacional, o que fizeram num momento muito bonito. Seguidamente iniciou-se a discussão, trocando opiniões e diversas questões. O nosso momento como professora, foi utilizado para clarificar alguns aspetos sobre a literatura e a língua portuguesa, aspetos que nos pareceram mais frágeis do projeto, fazendo, assim, avançar ainda mais os saberes dos alunos. De seguida, o grupo distribuiu os questionários aos colegas. Foi feita a correção oralmente com respostas reveladoras de uma boa assimilação dos conteúdos comunicados a que não foi estranha a interpretação do hino nacional. Para terminar, distribuíram as fichas informativas aos colegas.

Depois de um pequeno intervalo, para poderem dialogar entre eles e descontraírem um pouco, demos início à quinta e última comunicação. O grupo "os primeiros socorros" começou por apresentar o trabalho de projeto com a ajuda do *PowerPoint*. De seguida,

fizeram uma pequena demonstração de como colocar uma ligadura. Seguiu-se a discussão, com inúmeras questões e trocas de opiniões. Chegado o momento de alargar o conhecimento construído pelos alunos, clarificamos alguns aspetos que tinham ficado menos claros, como por exemplo, alguns socorros que devem ser deixados aos profissionais e a importância de avaliar a gravidade de certos ferimentos. Completamos, ainda, a informação sobre o sistema respiratório que o grupo tinha tido alguma dificuldade em apresentar com clareza. Distribuíram aos colegas os questionários para ver se todos se tinham apropriado dos saberes comunicados. As respostas deram conta da boa compreensão dos conhecimentos transmitidos e vontade de saber ainda mais sobre o tema. Por fim, distribuíram as fichas informativas.

Seguidamente, foi feita a avaliação dos projetos por parte dos alunos, com a ajuda do cartaz e dos *smiles*. Os grupos fizeram também a auto avaliação, dizendo o que poderiam ter feito melhor.

Avaliação conjunta da sessão

Para a turma, o projeto do grupo "o corpo humano" foi o menos conseguido, por estar um pouco desorganizado. A professora-investigadora aproveitou para relembrar alguns aspetos da necessária organização e distribuição de tarefas. Chamou ainda a atenção para a dificuldade própria dos grupos com mais elementos que exige uma melhor distribuição de tarefas e mais atenção para respeitarem as opiniões.

O grupo "as culturas de Portugal" foi muito esclarecedor e proporcionou à turma um momento diferente e agradável, tendo os alunos ficado satisfeitos com a interpretação do hino nacional. Salientaram, também, que o grupo tinha elaborado um *PowerPoint* interessante, não muito longo mas com o essencial.

O grupo "os primeiros socorros" elaborou um *PowerPoint* claro; a turma salientou o à vontade das colegas em fazerem a comunicação. O momento da demonstração de como colocar uma ligadura foi um dos preferidos da turma.

A avaliação realizada por cada grupo fez-se de forma organizada e calma. Foi salientado que lhes estava a ser difícil avaliar os colegas, mas que tinham de ser sinceros. Esta forma de avaliar com "caras/*smiles*" não teve sucesso, os alunos inibiram-se bastante. Este

tipo de avaliação não consta da metodologia do Movimento da Escola Moderna, foi escolhida para estes projetos, em conjunto com os alunos, numa tentativa de ser mais claro.

Avaliação conjunta da semana

Esta semana, aguardada com ansiedade, foi para todos os alunos muito importante. Puderam transmitir aos colegas o produto final dos seus projetos, depois de várias semanas a elaborá-los. Para a turma estes primeiros projetos foram enriquecedores, pois, a partir dos seus próprios projetos e dos projetos dos colegas, puderam aprender mais sobre um determinado tema e refletir sobre as suas aprendizagens.

A avaliação das comunicações, feita pelos alunos através de um cartaz com caras/*smiles*, tornou-se um pouco complicada. A ideia, que partiu dos alunos, acabou por se tornar num momento difícil para a turma. Embora achassem que deveriam ser justos, os grupos tiveram dificuldade em dar as avaliações por reconhecerem que todos tinham trabalhado. As avaliações mais positivas, reveladas pelos comentários ouvidos, indicam sobretudo a grande satisfação pelo momento vivido. Estes aspetos mostram que a interação está a fazer crescer a solidariedade dentro da turma. Sentem-se mais cooperantes do que concorrentes.

" Adorei cantar o hino" (BC)

"O grupo dos árabes esteve muito bem" (ML)

"Foi tão giro a parte das ligaduras" (HC)

A autoavaliação foi encarada de forma responsável, todos acharam que deveriam ter uma melhor organização dentro do grupo e que era importante aprenderem a gerir melhor o tempo. Na grande maioria, os alunos estavam muito satisfeitos e surpreendidos com os resultados que conseguiram atingir.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

As comunicações levaram não só à apresentação dos resultados do produto do trabalho, mas também à reflexão sobre o "como chegamos lá". A forma de comunicação escolhida tornou muito atraente a apresentação das aprendizagens realizadas durante a

elaboração dos projetos. Cada grupo, ao escolher uma forma própria que julgou mais pertinente, teve em conta os colegas a que se dirigiam.

A comunicação dos resultados foi facilitadora de diálogos e troca de opiniões interessantes entre os alunos. As perguntas feitas sugeriram, também, outras curiosidades e manifestaram uma vontade de continuar a saber mais sobre cada um dos temas.

A tolerância às críticas e o reconhecimento do direito a ter opiniões diferentes, constituíram duas novas aprendizagens importantes que os alunos puderam fazer graças às discussões e à apreciação das prestações de cada grupo. A dificuldade em avaliar as apresentações dos colegas através dos *smiles*/caras mostrou os limites deste método. Como o modelo pedagógico que se está a aplicar era desconhecido por parte de todos, alunos e professoras, esta forma de avaliar foi escolhida pelos alunos porque parecia ser clara. Verificamos, contudo, que o grupo/turma acabou por se empobrecer com a amostragem das caras que reduziu e até impediu a intercomunicação. Não sendo fiel à pedagogia que se está a implementar, em desacordo com a avaliação preconizada pelo Movimento da Escola Moderna, deveremos, a partir dos próximos projetos, acompanhar os alunos no sentido da avaliação defendida pelo MEM, já que os alunos estão mais habituados e até bastante à vontade numa discussão conjunta.

Reconhecemos, contudo, que esta dificuldade pontual relacionada com o método de apreciação do trabalho acabou por revelar-se positiva pois sentiram que não era justo “desmotivar” um grupo em relação aos outros. O salto qualitativo sociomoral revelado por este crescente sentimento de solidariedade também se verificou quando alguns alunos de outros grupos se propuseram para ajudar a encontrar o *PowerPoint* do grupo do “corpo humano”. Este pequeno incidente revelou que até o “que corre mal na escola torna-se, neste modelo, numa mais valia transformadora tanto dos alunos como do(a) professor(a)” (Serralha, 2009, p.24).

No final do projeto, os alunos descobriram as diferenças em relação aos resultados esperados e colocaram certos desafios que vão tentar enfrentar nos próximos projetos.

No termo destas semanas, verificamos o quanto os alunos aprendem com os projetos. A motivação deles é contagiante. É importante vermos que todo o grupo/turma e os dois alunos desencadeadores da nossa intervenção estão a interagir com os restantes, partindo das aprendizagens escolhidas e conduzidas por eles. Nota-se que o respeito pelos diferentes modos de ser e de estar vai permitindo aos alunos de se empenharem cada vez mais na realização dos projetos e na aquisição das suas aprendizagens.

4.2.2.9 Semana de 09/04/2012 a 13/04/2012

14ª Sessão

Data - 12/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão iniciaremos os segundos projetos. Os novos grupos de trabalho serão organizados de acordo com o interesse manifestado por cada um relativamente aos temas que foram registados no cartaz organizador dos projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Cartaz organizador dos projetos e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A nossa sessão começou por volta das 8h30. Os alunos estavam entusiasmados com a ideia de iniciar novos projetos. No início desta sessão retiramos da parede lateral o cartaz organizador dos projetos e colocamo-lo no centro do quadro, para que ficasse visível aos olhos de todos.

Foram dados aos alunos alguns minutos para o observarem. Pedimos-lhes, também, que escrevessem, individualmente, como para os primeiros projetos, numa folha de papel, o tema escolhido, seguido do seu próprio nome.

Foram recolhidas as folhas e, lendo-as, a professora-investigadora anunciou o tema escolhido por cada aluno. Os grupos foram-se, assim, construindo consoante a escolha de cada um. Dois temas foram escolhidos por apenas duas alunas. Não sendo possível formar grupo de trabalho de projeto com um único elemento, pediu-se às mesmas para escolherem um tema que lhes interessasse de entre os escolhidos pelos restantes colegas. Formaram-se quatro grupos de três elementos e um grupo de quatro elementos, a saber:

- **O amor de Pedro e Inês:** BC, CF e MN
- **Os dinossauros:** GF, HC, ML e IT
- **Os países da Europa:** CC, GA e AS
- **As florestas tropicais:** BG, MR e MM
- **O sistema solar:** DJ, DS e IR

Avaliação conjunta da sessão

A nossa sessão correu de forma um pouco agitada, tendo em conta o entusiasmo dos alunos em iniciarem novos projetos. Na sua maioria, escolheram temas que já tinham sido abordados com a professora titular de turma, manifestando vontade de saber mais sobre o assunto.

Não procuraram a facilidade imediata dos temas e a formação dos grupos revelou que o interesse pelo tema era mais importante de que a afinidade com os colegas de grupo de trabalho. Em nosso entender, este é um aspeto importante a ter em conta por ser revelador de um certo crescimento que corresponde a um salto qualitativo no desenvolvimento dos alunos.

15ª Sessão

Data - 12/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Organizar a sala de aula de modo a facilitar o trabalho em grupo. Distribuir as fichas de plano de projeto e de avaliação do projeto e, de seguida, dar início à elaboração do plano de projeto. Nesta tarefa, o professor-investigador irá acompanhar rotativamente cada um dos grupos de trabalho.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A nossa sessão iniciou-se após o intervalo, tendo sido pedido aos alunos que se organizassem de maneira a juntarem-se nos novos grupos de trabalho.

Depois de reunidos e sentados, cada grupo teve alguns minutos de reflexão e partilha sobre o tema e o seu interesse. Posto isso, foram-lhes distribuídas as fichas de plano de projeto e as fichas de avaliação do projeto. Enquanto iniciavam o preenchimento, fomos passando por cada grupo para poder esclarecer as dúvidas existentes.

Cada grupo optou por apontar numa folha de papel as ideias de cada membro, antes de passar para a elaboração do plano de projeto. De seguida, todos se organizaram para a pesquisa, nos manuais, dos conteúdos programáticos que os ajudassem a preencher o campo ‘aspetos do programa’. Posteriormente, cada grupo alargou a sua discussão, trocando ideias com os outros sobre as realizações que gostariam de concretizar para estes segundos trabalhos em projeto. Fomos passando por cada um deles, aproveitando para dar algumas sugestões de maneira a canalizar os seus interesses no que poderia ser importante.

Seguidamente, a pedido dos alunos, os grupos sucederam-se na sala de informática, para procurar na Internet uma imagem alusiva ao tema destinada à elaboração e ilustração da capa da nova pasta do projeto.

Avaliação conjunta da sessão

A sessão terminou com a avaliação conjunta. Todos os grupos estavam satisfeitos com a forma como cada um estava a trabalhar. Sentiram que tiveram mais facilidade em perceber a ficha do plano de projeto, por já não lhes ser desconhecida.

Avaliação conjunta da semana

Globalmente, esta primeira semana de elaboração dos segundos projetos foi positiva. Os alunos realçaram que era importante, para eles, trabalharem com colegas diferentes. Os temas destes segundos projetos foram escolhidos, da mesma forma que os primeiros, a partir do interesse e da necessidade de aprofundar um ou outro conteúdo do programa nacional.

Todos ficaram satisfeitos com os grupos formados, embora alguns tivessem manifestado uma certa apreensão quanto ao ambiente que iriam encontrar no novo grupo. São disso exemplo, alguns comentários dos alunos:

"Espero que trabalhes como deve de ser" (CC)

"Não é para a brincadeira" (IR)

Desta forma pudemos observar que os alunos estão a crescer, revelando maior responsabilidade quanto ao desenvolvimento dos seus projetos.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

A primeira semana de elaboração dos segundos projetos veio confirmar-nos que os alunos estão entusiasmados, empenhados neste processo de aprendizagem e sentem cada vez mais a responsabilidade daquilo que estão a realizar. São notórias as diferenças entre este processo de cooperação educativa e o processo habitual: quando o professor inicia uma nova matéria, quando aborda novos conteúdos que passa a dar, a explicar e a ensinar, levando os alunos a ouvirem e apontarem. É claro que não tem as mesmas reações dos alunos que observamos nas últimas semanas, com esta organização do trabalho que permite que tudo seja aprendido em colaboração com outros. Vai crescendo em cada uma de nós a convicção de que na sala de aulas o professor é um guia que conduz à construção do conhecimento, é uma ponte

que estabelece laços pessoais e grupais. No fundo, o processo de construção dos saberes contribui para a socialização dos alunos e para a sua inclusão. Em rigor, é essa construção ativa e o diálogo que aí se estabelece que os socializa.

As frases abaixo citadas, ouvidas na sala de aula, demonstram que os alunos sentem que as aprendizagens são deles, são feitas à maneira deles e que têm também como objetivo importante poderem transmiti-las aos colegas.

"Muito fixe, vamos fazer outros projetos" (BC)

"Será que vamos poder fazer um terceiro projeto?" (BG)

"Era giro, porque também já tenho um tema na ideia" (ML)

No que respeita aos dois alunos desencadeadores da nossa intervenção, os temas que escolheram foram, uma vez mais, aqueles que lhes permitem, de alguma forma, partilhar algo com os colegas.

O aluno DJ formou grupo de trabalho com a aluna DS e o aluno IR. O aluno DJ e a aluna DS não se escolhiam nem se rejeitavam para trabalhar (se nos basearmos na sociometria), assim esperamos uma modificação dos comportamentos e das interações. Foi interessante e estimulante ver o aluno DJ, logo nesta primeira semana, partilhar com os colegas uma ideia sua: construir um móbil sobre o sistema solar. Contudo, teve a sinceridade de dizer que não tinha grande habilidade para fazê-lo. Os colegas acharam a ideia interessante e comprometeram-se a ajudá-lo nessa tarefa.

No que respeita à aluna ML, foi importante perceber que o grupo no qual ela se integrou é formado por elementos que, no contexto habitual da sala de aula, pouco sabiam da sua existência, pois (se nos basearmos na sociometria) escolhiam-na pouco (uma única escolha) e não a rejeitavam, apenas um único elemento do grupo, a aluna IT, a rejeitava claramente para trabalhar. As relações e, como consequência, as interações no interior do grupo/turma melhoraram significativamente. Em nossa opinião, o trabalho que temos vindo a desenvolver tem contribuído para que a turma se sinta cada vez mais incluída.

4.2.2.10 Semana de 16/04/2012 a 20/04/2012

16ª Sessão

Data - 19/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Iniciaremos com a distribuição das capas dos novos projetos e com a recolha de dados na sala de informática e na biblioteca escolar.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Capas dos novos projetos, ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, livros vários, manuais, diversas revistas, Internet e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A semana de trabalho iniciou-se com a distribuição das capas dos novos projetos. De seguida, os alunos pediram alguns minutos para reverem o preenchimento dos planos de projeto. Antes de dar início à recolha de dados, preocuparam-se em reler o que tinham escrito e o que tinham decidido na sessão anterior. Alguns grupos modificaram as suas escolhas sobre o material que queriam produzir para as comunicações à turma. Posto isto, estavam preparados para iniciar a recolha de dados. A grande maioria dos grupos queria iniciar as pesquisas na sala de informática, utilizando a Internet. Foi-lhes explicado que todos teriam a oportunidade de o fazer, mas uns de cada vez. Por isso, era importante alguns grupos começarem por ir para a biblioteca escolar e que na próxima sessão trocariam de local das suas pesquisas.

Assim, os grupos do "sistema solar", dos “dinossauros” e das “florestas tropicais” dirigiram-se para a sala de informática e os grupos "dos países da Europa” e do “amor de Pedro e Inês” foram para a biblioteca escolar.

Os grupos que estavam a efetuar a recolha de dados na sala de informática, puderam procurar informações mais concretas sobre os seus temas e imagens.

Os grupos que estavam na biblioteca escolar aproveitaram para procurar manuais, livros e revistas que os pudessem ajudar a perceber melhor o tema que tinham escolhido. Organizaram-se de forma interessante: dois elementos de cada grupo procuravam a informação nos manuais e livros e os restantes alunos apontavam numa folha a informação que iria ser utilizada para a elaboração dos trabalhos escritos.

Avaliação conjunta da sessão

Esta sessão foi de muito interesse para os alunos, pois puderam finalmente iniciar as pesquisas da informação dos projetos. Todos sentiram que estavam a ter mais facilidade em selecionar a informação mais pertinente. Unanimemente, os grupos escolheram o cartaz como forma de comunicação à turma. Mas revelaram rapidamente que não sabiam como realizá-lo, pelo facto de nunca o terem feito antes. Porque não era ainda tempo para preparar as comunicações, remetemos para mais tarde um momento de reflexão para encontrarmos, em conjunto, a melhor maneira de elaborar um cartaz.

No que respeita ao comportamento dos alunos, estes concordaram que nem sempre tiveram as melhores atitudes. Isto porque, de início, todos queriam ir, ao mesmo tempo, pesquisar na Internet. Alguns grupos ou elementos dos grupos sentiram-se incomodados por isso. Todos concluíram que era fundamental existir diálogo, não só com os elementos de cada grupo mas também entre todos os grupos. Só assim aprenderão a respeitar-se e a conviverem.

17ª Sessão

Data - 19/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade – Continuação da recolha de dados na sala de informática e na biblioteca escolar.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, livros vários, manuais, diversas revistas, Internet e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A nossa sessão iniciou-se com a organização dos grupos em função dos respetivos locais de pesquisa. Os grupos tiveram em atenção a atribuição de tarefas a todos os elementos. Os que já tinham estado na sala de informática como os que aí estiveram nesta sessão tiveram o cuidado de gravar numa *Pen Drive* toda a informação que recolheram, para poder ser utilizada mais facilmente nos seus “Magalhães”.

Quase todos os grupos que estavam na sala de informática optaram por pesquisar imagens, tendo em conta que já tinham alguma informação escrita sobre o tema.

De seguida, já na sala de aula, trocaram informação e criaram um novo ficheiro no “Magalhães”, introduzindo a informação e as imagens recolhidas sobre o tema. Iniciaram, de imediato, a troca de informações e dúvidas sobre o trabalho escrito. Abordaram também, com uma certa apreensão, as modificações a introduzir em relação aos primeiros projetos. Fomos passando pelos grupos para poder esclarecer algumas dúvidas.

Os alunos do grupo dos “dinossauros” manifestaram vontade de imprimir algumas imagens, fruto das suas pesquisas, para ilustrarem o seu projeto. Esta ideia levou os restantes a quererem também algumas imagens relacionadas com os respetivos temas. Houve até uma troca interessante de propostas de imagens recolhidas de grupo para grupo. Foi decidido que um aluno de cada grupo seria escolhido para realizar essa tarefa com a ajuda da professora-investigadora.

Concluímos, fazendo em conjunto a reflexão final da sessão bem como a reflexão final da semana.

Avaliação conjunta da sessão

O ambiente desta sessão foi mais sereno. Os alunos respeitaram-se mais e comunicaram entre si e com os outros grupos. Ideias que iam surgindo em alguns grupos eram partilhados com os restantes, tornando-se património comum a toda a turma. De notar a entreaajuda manifestada na proposta de troca de imagens recolhidas.

Um dos aspetos mais positivos que sobressaiu nesta sessão foi claramente o tom de voz utilizado por cada um dos grupos. Já falavam mais baixo, respeitando assim o espaço de comunicação dos restantes grupos, tendo a preocupação de não incomodar. Tendo em conta, também, o que já tinham realizado nos primeiros projetos, manifestaram o desejo de melhorar o trabalho escrito.

DE referir, no entanto, algum desentendimento existente nos grupos do “sistema solar” e dos “países da Europa”, onde os seus elementos não conseguiam entrar em consenso sobre aquilo que queriam fazer e como o queriam fazer, o que acabou por se tornar numa nova alavanca para a turma. Com efeito, os colegas dos outros grupos acabaram por se preocupar com essas situações e tentaram ajudar a resolver o problema. Voltamos a verificar que uma situação menos boa permitiu um outro salto qualitativo com a intervenção dos outros colegas.

Avaliação conjunta da semana

Durante esta semana, os alunos revelaram-se muito mais implicados na procura e na partilha, tornando-se mais solidários. É sempre positivo ver que os alunos, dentro do seu próprio grupo e com os outros grupos, comunicam e trocam ideias. Confirmam-no alguns comentários:

" As imagens que encontrei são muito boas" (IT)

" Obrigado por nos dar esta informação" (MN)

" Acho que encontrei umas coisas para o vosso trabalho" (AS)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Os alunos estão cada vez mais unidos; sentimos que a turma caminha para um objetivo comum, o sucesso de todos os projetos. Se os desentendimentos dentro dos grupos do “sistema solar” e dos “países da Europa” constituíram as dificuldades desta semana, as atitudes dos restantes colegas da turma que decidiram intervir para ajudarem a resolver a situação, foram os aspetos positivos. Ver os alunos a solucionarem problemas desta natureza, utilizando a mediação, é a prova de como eles estão a crescer e a aprender a interagirem, ultrapassando as suas diferenças. Tocamos aqui na socialização, um dos aspetos essenciais que emerge deste trabalho de construção do conhecimento. Socializam-se agindo e dialogando. Assim cresce a responsabilização de todos. Alguns comentários referem isso mesmo:

"Vocês não precisam de ser assim, podem cada um dar ideias " (HC)

"Olha, eu acho que as ideias são todas boas, podem junta-las" (BC)

"Não sejas assim DJ, o trabalho não é só teu, é de todos!" (MM)

"É preciso ter uma paciência!" (MN)

No que respeita aos dois alunos "caso", a sua transformação vai sendo visível, embora de modo desigual.

A aluna ML teve uma boa semana de aprendizagens durante a qual pôde partilhar com os outros conhecimentos que já tinha e alguns livros sobre os dinossauros que trouxe de casa. Verificamos que foi importante para a aluna sentir os colegas de grupo atentos ao seu entusiasmo em explicar o que já conhecia sobre os dinossauros, mostrando os seus livros preferidos sobre o assunto. O facto de trabalhar um tema de que gosta e poder partilhá-lo com os seus colegas é motivante para ML.

O aluno DJ teve uma semana marcada por contrastes. Na primeira sessão, esteve muito empenhado em explicar aos colegas as ideias que já tinha para elaborar algum material, os colegas estiveram sempre recetivos. Contudo, nesta segunda sessão, DJ continuou a mostrar que quer ser o líder, isto leva os colegas a ficarem desiludidos, criando, por vezes, um clima de conflito.

4.2.2.11 Semana de 23/04/2012 a 27/04/2012

18ª Sessão

Data - 26/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo

Atividade - Os alunos juntar-se-ão em grupo de trabalho para organizar os dados recolhidos nas sessões anteriores e para iniciar a elaboração do projeto.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação do projeto, livros vários, diversas revistas, manuais, internet, computador e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

Como na semana anterior, esta sessão teve início de forma um pouco agitada, devido ao entusiasmo dos alunos em trabalhar nos projetos, todos queriam falar ao mesmo tempo. Relembramos as regras de sala de aula e de trabalho em projeto, acentuando uma regra fundamental: a de levantarem o dedo para pedir a palavra. Todos queriam contar o que já tinham pesquisado. Tivemos de relembrar, diversas vezes, a regra de "falar um de cada vez". Como os alunos já tinham elaborado um trabalho escrito para os primeiros projetos, estavam agora mais familiarizados com esta questão. Nesse sentido, aproveitamos o início da sessão para rever, em conjunto, o que poderia ser modificado nos critérios para a estrutura do trabalho escrito. Foi-lhes também assinalado por nós, que nestes projetos teriam de colocar paginação, o que os familiarizaria, cada vez mais, com as boas regras de um trabalho escrito.

Juntaram-se, depois, em grupo para iniciar a organização das informações recolhidas na pesquisa de dados. O grupo dos "dinossauros" tomou a liberdade de ligar o “Magalhães” e criar uma pasta para organizar a informação, levando desta forma os outros grupos a fazer o mesmo.

Alguns grupos necessitavam de rever alguns aspetos na Internet e nos livros. Por esta razão, foi decidido que cada grupo indicava o material de que precisava e um elemento encarregava-se da procura para a poder fornecer aos restantes colegas.

Avaliação conjunta da sessão

Na primeira sessão desta semana, foi necessário relembrar diversas vezes as regras de sala de aula e de trabalho em projeto. A turma concordou que o seu comportamento não tinha sido apropriado, mas também realçaram que isso se devia ao seu entusiasmo. Refletiram e acharam que o comportamento tinha sido prejudicial ao bom funcionamento dos trabalhos. Decidiram que, enquanto turma, deviam fazer um esforço para respeitarem o espaço de cada um, promovendo a interação entre uns e outros, não falando tão alto e não incomodando os restantes grupos. Todos percebem que elaborar projetos em silêncio é tarefa impossível, mas que tinham de fazer um esforço para tornar o ambiente mais agradável e adequado à produção de trabalho.

19ª Sessão

Data - 26/04/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade – Começaremos por relembrar o que tinha ficado decidido na sessão anterior acerca do comportamento. Os grupos continuarão com a elaboração dos projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, computador e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A sessão iniciou-se relembrando a reflexão final da sessão anterior sobre os comportamentos a ter no tempo de trabalho em projetos.

Os pequenos grupos organizaram-se de modo a que enquanto uns elementos trabalhavam na produção de texto, outros elaboravam desenhos, escolhiam imagens, organizavam o índice e pesquisavam mais alguma informação que pudesse ser pertinente. Todos os elementos de cada grupo iam comunicando aos restantes as ideias e dúvidas que iam surgindo.

Avaliação conjunta da sessão

Nesta sessão os alunos sentiram que estiveram mais organizados e que os grupos puderam trabalhar de forma mais tranquila; o barulho na sala e a interação entre os grupos foi controlada e feita de forma consciente e responsável. Estavam satisfeitos com o trabalho que tinha sido produzido. Apesar de alguns momentos de discórdia no seio de alguns grupos, esses foram controlados e ultrapassados pelos próprios elementos.

Avaliação conjunta da semana

Esta semana iniciou-se de forma um pouco atribulada e os alunos concordaram que na primeira sessão semanal o comportamento deles não foi o mais adequado e que isso os prejudicou. Podiam ter elaborado mais trabalho se não fossem as diversas interrupções e o tempo perdido para recordar as regras de sala de aula e de trabalho em projeto. Tal como se pode ver, estas reflexões conjuntas têm contribuído tanto para a tomada de consciência do comportamento de cada um, como das suas aprendizagens.

Foi essencial terem utilizado algum tempo para esclarecerem alguns aspetos dos critérios para a estrutura de um trabalho escrito. A segunda sessão semanal, já foi mais produtiva: tiveram o cuidado de respeitar as regras podendo, assim, trabalhar de forma mais apropriada. Alguns alunos sentiram a necessidade de relembrar nesta reflexão semanal o seguinte:

"Para a próxima semana temos de ter cuidado com o nosso comportamento" (CF)

"Pois, porque atrasa-nos e já não temos muito tempo" (BC)

A turma, no seu conjunto, estava satisfeita com o trabalho produzido nesta última sessão. Embora reconhecessem que os trabalhos estavam a ganhar forma, lembraram que tinham de ter algum cuidado em gerir o tempo. Esta, é uma aprendizagem que têm vindo a fazer aos poucos.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

A primeira sessão desta semana foi um pouco complicada de gerir, pois os alunos estavam muito barulhentos e pouco concentrados, todos queriam falar ao mesmo tempo. Foi necessário intervir para introduzir um pouco de ordem e de calma. Na primeira reflexão semanal os alunos reagiram de forma consciente, concordando que o comportamento deles não tinha sido dos melhores. Existiu consenso, na hora da reflexão da sessão, em reconhecerem que o comportamento tinha prejudicado o trabalho, atrasando as atividades previstas.

Depois da primeira sessão desta semana houve alguns receios da nossa parte, mas a segunda sessão tranquilizou-nos, pois os alunos estiveram mais calmos e concentrados. Os grupos organizaram-se de modo a que todos os elementos tivessem uma tarefa a cumprir. Estiveram empenhados em produzir textos, tendo contribuído para isso os critérios para a estrutura de um trabalho escrito, o que levou a professora titular a considerar a possibilidade de vir a utilizar este material como bem comum em atividades futuras da escola. Os produtos resultantes do trabalho em projetos irão integrar o acervo da biblioteca da escola, ficando então à disposição de toda a comunidade escolar. Ganham assim dimensão social alargando a sua utilidade a outros para além daqueles que os realizaram.

A aluna ML viveu durante esta semana um ponto alto de reconhecimento por parte dos colegas de grupo. Como o tema dos dinossauros a interessa e apaixona muito, aproveitou para mostrar que sabia de cor o nome dos dinossauros. Ia mostrando as imagens e dizendo o nome, impressionando, por isso, os seus colegas GF, HC e IT. É claro que interage cada vez mais com os seus colegas e está a desinibir-se. Foi para nós entusiasmante perceber que o grupo já tinha distribuído tarefas para a próxima semana e que uma delas era a aluna IT ajudar a aluna

ML a produzir um texto. Esta interajuda é fundamental para o desenvolvimento das suas aprendizagens e das interações entre os colegas.

O aluno DJ esteve mais calmo esta semana. É claro que existe ainda algum caminho a percorrer, mas é motivante perceber que as atitudes de DJ perante os colegas estão a modificar-se aos poucos e que, ao mesmo tempo, a postura dos colegas em relação a ele também está a melhorar.

Confirma-se assim, uma vez mais, que o trabalho em projetos que temos vindo a realizar está a permitir que a turma se torne cada vez mais inclusiva. O olhar particular sobre estes dois alunos tem-nos levado a avaliar os progressos feitos pelo conjunto da turma. Sentimos que a cultura, o modo de ser e de estar, de cada aluno acaba por se encaixar no todo porque aprendem a respeitar-se.

4.2.2.12 Semana de 30/04/2012 a 04/05/2012

20ª Sessão

Data - 03/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão os alunos irão finalizar a elaboração dos trabalhos. Iniciaremos a sessão com a construção, em conjunto, dos critérios para elaborar um cartaz. Os alunos também irão elaborar a ficha informativa para distribuir aos colegas.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Computador, *Data Show*, ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, cartolinas e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

As dúvidas dos alunos são sempre muito importantes e são o elemento chave para podermos perceber como realizaremos as próximas sessões. Várias vezes os alunos tinham manifestado uma certa apreensão quanto à realização dos cartazes que, desde cedo, escolheram como meio de comunicar as aprendizagens adquiridas. Agora que estes segundos projetos se aproximam da sua conclusão, a primeira atividade desta sessão consistiu no esclarecimento das dúvidas sobre a elaboração do cartaz. Com a ajuda do *Data Show* e do computador, fomos criando uma grelha, colocando as ideias que os alunos iam propondo. Depois de a grelha estar criada e de terem ficado esclarecidas as principais dúvidas, foi-lhes explicado que os “critérios para elaborar um cartaz” serão plastificados e distribuídos a cada um, como temos vindo a fazer para os anteriores.

Desde logo, os grupos reuniram-se e dialogaram acerca do trabalho que já tinha sido produzido, o que faltava e como se iriam organizar nesta sessão. Iniciaram as tarefas que tinham sido definidas, uns terminavam o texto, outros passavam-no a computador. Depois de terminarem estas tarefas, os trabalhos foram vistos por nós. Os alunos efetuaram as alterações de melhorias que lhes propusemos e terminaram o produto final. Cada grupo elaborou, depois, a ficha informativa a distribuir aos restantes colegas.

Avaliação conjunta da sessão

Esta sessão foi bastante produtiva já que os alunos, ao terminarem a elaboração dos seus trabalhos, revelaram e, isso foi notório, responsabilidade. Os projetos decorrem dentro da normalidade, todos conseguiram terminá-los a tempo. É importante realçar que têm aproveitado alguns momentos, como os intervalos, para discutirem o que tem sido feito por cada elemento. A elaboração dos “critérios para elaborar um cartaz” foi do agrado de todos. Ficaram mais esclarecidos e com muito entusiasmo para iniciar a produção dos seus cartazes, que serão o material de apoio para as comunicações dos trabalhos.

É notório que, para a turma, o momento das comunicações que irá decorrer na próxima semana não será tão assustador como nos primeiros projetos. A maioria sente-se mais à

vontade pelo facto de saberem que a turma irá enfrentar com naturalidade as dificuldades existentes. Alguns comentários ouvidos atestam isso mesmo:

" Não tenho tanto medo" (BC)

" É normal, porque é entre nós" (DS)

" Pois, agora imagina se apresentamos a outras pessoas" (MN)

" É verdade! Aí era muito mais complicado" (GA)

Baseados nestes comentários decidimos perguntar à turma a quem poderíamos fazer as comunicações dos projetos.

" Aos nossos pais, por exemplo" (IR)

" Os meus pais estão a trabalhar" (HC)

Por estas reações, concluímos que se tornava complicado convidarem, de uma semana para outra, os pais para assistirem às comunicações, mas desafiamos a turma a fazê-las aos colegas de outra turma. Todos adoraram a proposta, embora a maioria tivesse ficado algo receosa. Com o acordo de todos, decidiu-se que iríamos falar com a professora da turma do segundo ano para lhe apresentar a nossa ideia.

Quadro 8 - Critérios para elaborar um cartaz

Critérios para elaborar um cartaz		
1	Escolher o tema	O tema tem de ser bem escolhido. Tem de haver unicamente um tema por cartaz.
2	Introduzir um slogan	O slogan deve de ser curto e claro.
3	Introduzir imagens	As imagens têm de ser claras ,cativantes e a cores, para a mensagem ser transmitida com maior facilidade.
	Algumas regras	
1	Dividir o espaço	Dividir o espaço para melhor colocar o tema, o slogan e as imagens.
2	A letra	Ter em atenção o tamanho das letra (título, texto ou legenda). Deve-se escolher letras simples e legíveis.
3	O texto	O texto deve de ter frases curtas e claras. O texto pode ser escrito à mão ou a computador.
4	A imagem	A imagem tem de estar sempre acompanhada por uma legenda.
5	A cor	A cor deve de ser utilizada de forma a que o cartaz seja apelativo e as letras sejam bem legíveis.

21ª Sessão

Data - 03/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Iniciaremos a nossa sessão explicando como irão decorrer as comunicações da próxima semana. Posto isso, os alunos irão elaborar os cartazes para as comunicações, os questionários e as fichas de preparação da comunicação.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de preparação das comunicações, cartolinas e memorando do trabalho de projeto.

Descrição da sessão

Durante o intervalo aproveitamos para conversar com a professora titular da turma do segundo ano, com quem partilhamos a ideia das comunicações destes projetos serem feitas aos alunos da turma que acompanha. Sendo um pouco em cima do acontecimento, tínhamos alguns receios que isso não fosse possível. A professora refletiu e, depois de analisar a sua planificação para a próxima semana, respondeu-nos, com entusiasmo, que sim. Pareceu-lhe uma atividade bastante interessante, enriquecedora e motivadora para os mais pequenos. Depois da resposta positiva da professora do segundo ano de escolaridade, pudemos iniciar a segunda sessão, com esta grande novidade para os nossos alunos. Explicamos-lhes que iriam fazer as comunicações aos mais novos, outro tipo de público, e que as apresentações teriam de ser claras e adequadas ao público em questão. Foram-lhes distribuídas diversas cartolinas bem como as imagens impressas que tinham sido pesquisadas pelos alunos em semanas anteriores.

A valorização e a responsabilidade sentidas pelos alunos eram evidenciadas pelo entusiasmo e preocupação das apresentações, para que fossem do agrado de todos.

Era a primeira vez que elaboravam cartazes, levando isso a vários comentários e alguns engraçados:

" Uma cartolina não chega, eles gostavam dos namoricos e dos casamentos" (CF)

" Não podemos só colar imagens, temos também de escrever textos" (DS)

" Sim, porque se não, não se percebe nada" (IR)

" Vamos colocar só alguns exemplos de animais" (BG)

Os alunos reuniram-se e atarefados construíram os seus cartazes utilizando algum material, imagens e desenhos, que já tinham vindo a arquivar nas suas pastas de projeto. Empenhados, organizaram-se de forma a não perder tempo, uns colavam, outros escreviam e outros elaboravam o questionário.

Chamamos a atenção do grupo/turma sobre o cuidado que deveriam ter, na hora das comunicações, em explicar o conteúdo dos cartazes, tendo em conta que o público era mais novo e que, provavelmente, ainda não tinham falado destes temas. Lembramos, também, que em cada grupo deveriam tomar a palavra inicial alunos que não o tinham feito nas primeiras comunicações. Procuramos, assim, motivar os mais tímidos com a preocupação de manter uma igualdade de oportunidades.

Foram, depois, distribuídas aos grupos as fichas de preparação das comunicações. Cada grupo repartiu tarefas de modo a que cada um tivesse um conteúdo a apresentar, sendo que os conteúdos escolhidos por cada aluno eram os de que mais gostavam e aqueles em que se sentiam mais à vontade.

Avaliação conjunta da sessão

O grupo/turma, no termo desta sessão estava globalmente satisfeito pois verificaram que tinham produzido bem, os trabalhos estavam prontos e estavam organizados para as comunicações. Três grupos ainda tinham alguns pormenores a acrescentar nos seus cartazes, mas todos os elementos se mostraram disponíveis para se reunirem para os poder finalizar. Revelavam alguma preocupação com as comunicações dos projetos, tendo em conta o novo público a quem elas eram dirigidas.

Avaliação conjunta da semana

Na hora da reflexão semanal os alunos estavam orgulhosos, pois tinham tido uma semana exemplar no que respeita ao comportamento: cada vez mais os grupos convivem uns com os outros, ajudam-se e, acima de tudo, respeitam-se. Sentiram que trabalharam cooperando uns com os outros e levando os seus projetos a cabo. Foi relevante observar que os alunos têm feito diversas aprendizagens e que, por essa razão, se sentem cada vez mais motivados. As nossas sessões não são de todo meras aulas, onde o professor dita as regras e

dá a matéria, mas sim um espaço que se torna cada vez mais deles, organizado por eles e onde as aprendizagens são uma construção deles próprios. Os alunos tornam-se, dia após dia, mais responsáveis e mais autónomos. Para os grupos a elaboração dos projetos tem sido entusiasmante. Alguns comentários refletem esse sentimento:

"Já vamos apresentar os segundos projetos" (DS)

"O tempo passa depressa" (CF)

"É verdade, nem vimos o tempo passar" (ML)

"Espero fazer um terceiro projeto" (DJ)

As comunicações são para os alunos um dos momentos fundamentais dos projetos, é a altura em que partilham com os colegas tudo o que aprenderam. Apresentar aos outros o conhecimento então construído é um gesto de solidariedade que une os membros do grupo/turma, tornando-o cada vez mais coeso. Mostrar/dar aos demais o que cada um aprendeu contribui para estabelecer laços cada vez mais fortes. Quando o público-alvo das apresentações se estende a outras turmas, como neste caso concreto, aumenta o sentido de responsabilidade e a entajuda também. São exemplo disso algumas reações:

" Estou tão nervosa, será que eles vão perceber o que vamos explicar?" (MR)

" Tenho medo de me atrapalhar" (ML)

" Não te preocupes, dou uma ajuda" (IT)

" Achas que eles vão gostar do mobile?" (DJ)

" De certeza!" (DS)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora -

Foi uma semana rica em aprendizagens e troca de ideias. Os alunos aproveitaram cada momento para conversarem, trocarem opiniões e elaborar trabalho. Para nós, professoras, é importante sentir que os alunos estão a evoluir nas aprendizagens e também na interação que

decorre do trabalho conjunto. O facto de fazerem as comunicações a outro público, diferente daquele a que estão habituados, vai proporcionar-lhes uma nova experiência. Vão poder comunicar uma forma diferente de aprender e de transmitir os conhecimentos. Notamos que o grupo/turma estava a sentir o peso da responsabilidade em fazer as comunicações aos mais novos, mas foi bom sentirmos que estavam preparados e decididos a ajudarem-se mutuamente. Pelas comunicações do fruto do seu trabalho os alunos existem, são reconhecidos, socializam-se, assumem-se como produtores de bens culturais úteis para a comunidade como preconiza o modelo pedagógico do MEM.

Durante esta semana, a aluna ML pôde contar com a ajuda da IT para elaborar um texto para o cartaz. IT não gostava de trabalhar com ML, mas, esta semana, demonstrou paciência, vontade de ajudar e ensinar a colega, orientando, organizando e até corrigindo o texto de ML. A aluna esteve satisfeita, pois sentiu que fazia parte do grupo. Está a conviver cada vez mais com o resto da turma e, conseqüentemente, está a melhorar as suas aprendizagens não só com a ajuda do seu grupo de trabalho, mas de toda a turma. O que nos permite dizer que graças a esta metodologia de trabalho as crianças têm-se tornado cada vez mais inclusivas.

O aluno DJ esteve empenhado em construir o mobile e em ajudar os colegas a acabarem o cartaz, dando ideias e partilhando opiniões. Ver DJ e a colega DS a mostrarem aos restantes membros do grupo o mobile acabado, veio demonstrar que afinal sempre podem trabalhar em conjunto. DJ esteve sempre atento às explicações e orientações da colega, aceitando e respeitando as suas opiniões. O facto de não saber construir um mobile e de necessitar da ajuda da colega para o poder fazer, levou DJ a perceber que os outros podem ensinar-lhe muito e que ele, com a sua riqueza cultural, também pode ajudar os colegas.

4.2.2.13 Semana de 14/05/2012 a 18/05/2012

22ª Sessão

Data - 18/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão os alunos irão fazer as comunicações dos seus projetos. Estas serão feitas não só ao grande grupo como também à turma do segundo ano de escolaridade. Começaremos pelas comunicações dos grupos: "os dinossauros" e "os países da Europa".

Objetivos – Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em pequenos grupos, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para os alunos e melhorar o desempenho social, a entreajuda e a solidariedade pessoal e grupal.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de preparação da comunicação, cartazes e questionários, memorando do trabalho de projeto.

Descrição da sessão

Após uma semana de interrupção devido às provas de aferição, demos início a nova sessão. Apesar dos alunos terem de se preparar para essas provas, todos os grupos tinham conseguido terminar, a tempo, os materiais para as comunicações. Perguntamos aos dois grupos que iriam iniciar as comunicações se estavam preparados e relembramos que teriam de ter em conta o novo público: os alunos do segundo ano de escolaridade.

Posto isto, dirigimo-nos em silêncio à sala dos mais novos. Todos sentiam um certo nervosismo. O grupo dos "dinossauros" iniciou as comunicações apresentando os dois cartazes que tinham elaborado como suporte de apoio. Nos cartazes estavam incluídas muitas imagens de dinossauros e pequenos textos explicativos das respetivas imagens. Os alunos organizados de modo a que cada um tivesse uma parte para apresentar, esforçaram-se por explicar oralmente o conteúdo e reportaram-se, algumas vezes, aos cartazes para esclarecer o público. Depois da comunicação do trabalho sobre os dinossauros, surgiram as diversas perguntas feitas pelo público às quais os alunos do grupo foram respondendo. Chegado o

momento do professor, complementamos alguma informação sobre a alimentação dos dinossauros e sobre algumas espécies, tendo em conta que o grupo teve alguma dificuldade em explicar. Para terminar, o grupo distribuiu os questionários aos restantes companheiros para poder verificar se tinham adquirido o que tinha sido transmitido, o que de facto aconteceu, incluindo os alunos mais novos. Concluíram com a distribuição das fichas informativas.

Seguiu-se a comunicação do grupo dos "países da Europa". Apresentaram-se com dois cartazes para os auxiliar na comunicação, sintetizando os saberes construídos, um sobre os países da Europa e a União Europeia e outro sobre as cidades europeias. Tentaram comunicar, de forma clara, o que tinham aprendido, explicando como nasceu a União Europeia e quais eram os países membros. Depois da explicação, chegou o momento da discussão. O grupo respondeu às questões colocadas pelos restantes. As perguntas baseavam-se essencialmente nas cidades dos países Europeus. A pergunta sobre a formação da União Europeia suscitou algumas dúvidas e o grupo teve alguma dificuldade em responder. Posteriormente, a professora esclareceu a turma sobre alguns desses aspetos que tinham ficado menos claros, nomeadamente a formação da União Europeia. Distribuíram os questionários aos colegas para que pudessem revelar os saberes aprendidos. As respostas dadas, incluindo as dos mais pequenos, mostraram uma boa compreensão das informações transmitidas. Distribuíram, depois, as fichas informativas.

Avaliação conjunta da sessão

A primeira sessão desta semana decorreu de acordo com o planeado. Os alunos demonstraram alguma ansiedade em fazer as comunicações à turma do segundo ano. Os dois grupos comportaram-se de forma adulta e consciente: demonstraram sentido de responsabilidade na hora da comunicação, ao apresentarem os projetos a outro tipo de público para além da turma deles. Todos frisaram que os dois grupos tinham feito um bom trabalho e que as apresentações tinham sido claras. As respostas às perguntas que incluíam o questionário distribuído após as comunicações, revelaram que todos aprenderam os saberes ali partilhados e que estes interessaram os mais novos.

23ª Sessão

Data - 18/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão, os grupos: "o amor de Pedro e Inês", "o sistema solar" e "as florestas tropicais", irão fazer as comunicações dos seus projetos, não só ao grande grupo, mas também à turma do segundo ano de escolaridade.

Objetivos – Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em pequenos grupos, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para os alunos e melhorar o desempenho social, a entreajuda e a solidariedade.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de preparação da comunicação, cartazes, questionários e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A segunda sessão semanal iniciou-se com a comunicação do projeto "o amor de Pedro e Inês". O grupo elaborou vários cartazes, à maneira de um friso de textos e imagens, como suporte para os guiar na comunicação e para facilitar a explicação da história. Depois da explicação do projeto, o grupo apresentou uma grelha de palavras cruzadas, elaboradas como síntese, para ser preenchida oralmente e em conjunto. Seguiu-se o momento da discussão, não tendo o grupo dificuldade em responder às diversas perguntas postas pelos outros alunos, já que conheciam bem a história. Para o tempo do professor reservamos o desenvolvimento de alguns aspetos que não tinham ficado muito claros, nomeadamente ligados à História de Portugal, fazendo desta forma avançar ainda mais os saberes dos alunos. Para terminar, o grupo distribuiu os questionários com a finalidade de percebermos quais as aprendizagens feitas pelo público. As respostas dadas revelaram muito interesse, uma boa assimilação das aprendizagens e, também, desejo de saber mais sobre a História de Portugal. Finalmente, distribuíram as fichas informativas.

O grupo do "sistema solar" começou por apresentar um dos materiais que tinha sido construído por dois elementos do grupo, realçando que a ideia tinha vindo do aluno DJ. O móbil foi mostrado e apresentado pelo aluno DJ. Fizeram, de seguida, a comunicação do projeto, recorrendo aos cartazes. Cada elemento do grupo que apresentava uma parte tentou explicar, de forma clara, os diversos conteúdos ali abordados, lembrando que toda a informação estava contida nos cartazes e que no final poderiam aproximar-se para os ver melhor. Posto isto, o grupo iniciou um momento de discussão sobre o tema, tendo surgido várias perguntas, uma delas inesperada: "como se chama aquela zona onde existem muitos asteroides?" O grupo teve dificuldade em responder, mas o aluno IR que tinha com ele um livro sobre o sistema solar aproveitou, de forma muito subtil, para verificar a resposta. "A cintura de asteroides", respondeu ele. O livro acabou por suscitar alguma curiosidade e foi circulando pelo público. Depois das diversas questões colocadas pelos demais, foi a nossa vez de intervirmos como professora para explicarmos e complementarmos alguns aspetos para ultrapassar certas fragilidades do projeto, como aconteceu com a informação da cintura de asteroides. Para terminar, o grupo distribuiu os questionários aos colegas, podendo assim verificar que as aprendizagens tinham sido feitas com interesse. Distribuíram, de seguida, as fichas informativas.

Posteriormente, seguiu-se a comunicação do projeto "as florestas tropicais" com o grupo a iniciá-la colocando uma pergunta ao público: "sabem como são as florestas tropicais?" Ouviram-se algumas respostas como "é onde há vários animais selvagens"; "está lá muito calor". Para esclarecer, o grupo apresentou a primeira parte do projeto, baseando-se num primeiro cartaz que explicava quais eram as propriedades das florestas tropicais e o seu clima. De seguida, explicaram o restante conteúdo do projeto, servindo-se, como guia, de um segundo cartaz que exemplificava algumas espécies animais existentes nas florestas tropicais. No momento de discussão, os alunos colocaram todas as dúvidas com que tinham ficado. O grupo respondeu diversas vezes com clareza. Chegada a hora do professor, aprofundamos algumas informações nomeadamente sobre o clima tropical. Para terminar, distribuíram-se os questionários para verificarmos se todos se tinham apropriado dos saberes comunicados. Com exceção de alguns dos mais novos, todos tinham aprendido. A comunicação do grupo terminou com a distribuição das fichas informativas.

No final das comunicações foi feita a avaliação dos projetos e a reflexão semanal.

Avaliação conjunta da sessão

Esta sessão revelou-se muito interessante tanto para o público como para os autores dos projetos. Os primeiros, colocaram questões não esperadas pelos grupos, a que estes souberam responder claramente. Foi consensual: todos os projetos estavam claros e bem organizados e tinha sido necessário muito trabalho para os elaborar. Os mais novos surpreenderam pela sua curiosidade e tendo já alguns conhecimentos.

Avaliação conjunta da semana

Tendo em conta que as comunicações tinham sido feitas com os alunos do segundo ano de escolaridade, estes também participaram da avaliação. Para todos as comunicações tinham sido de qualidade e acharam que os cartazes estavam muito bons. Para além de existir consenso ao considerarem que todos estiveram muito bem, cada um tinha uma opinião e uma preferência por um ou outro trabalho. O grupo dos "dinossauros" teve grandes adeptos nos alunos do segundo ano de escolaridade, provavelmente por ser um tema que os interessasse mais e de que tinham algum conhecimento.

" O trabalho dos dinossauros foi giro" (aluna do 2º ano).

" Eu também gostei muito das imagens" (aluno do 2º ano).

" Estava bem explicado" (DJ)

" O trabalho do sistema solar foi o meu preferido" (aluno do 2º ano).

O grupo do "sistema solar" foi considerado como o mais completo e o mais esclarecedor.

" Foi um trabalho muito bem organizado, fizeram um móbile e tudo" (HC)

" Eu adorei, explicaram muito bem" (BG)

O grupo dos "países da Europa" foi apontado como aquele que deixou alguma insatisfação.

"Podiam ter explicado mais" (IR)

"Os cartazes estavam mais vazios" (BC)

"Tinham muitas bandeiras e pouco texto" (MM)

"Tiveram mais dificuldade em responder às perguntas" (IR)

O grupo das "florestas tropicais" também foi apreciado e o grupo/turma concordou que podiam ter dito mais sobre o tema, mas que não tinham tido muito tempo.

Para terminar, o projeto "o amor de Pedro e Inês" foi para todos muito interessante e completo.

"Trabalharam muito bem" (ML)

"Falaram também da História de Portugal e a professora ajudou" (GA)

"Escreveram muito" (HC)

"Eu não gosto muito destas histórias mas trabalharam bem" (DJ)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Temos consciência que não foi tarefa fácil apresentarem um trabalho de projeto a outro tipo de público. Mas foi animadora a forma como os alunos aceitaram este desafio. Para que tudo fosse claro para o grupo/turma e adequado ao público mais novo, tiveram de explicar muitas vezes o conteúdo dos cartazes por palavras espontâneas sem recorrer ao suporte escrito. Na avaliação das comunicações houve consenso quanto ao facto de que todos tinham trabalhado bem; uns projetos estavam mais elaborados do que outros mas, no geral, todos gostaram. O facto de termos abandonado o método dos *smiles*/caras, utilizado nas avaliações das comunicações dos primeiros projetos, foi sentido pelos alunos e por nós como uma avanço não só na tomada de consciência da responsabilidade de cada um, como também no aumento do respeito de uns pelos outros. Cada um teve de assumir, com palavras próprias, as suas apreciações. Estabeleceu-se uma melhor e mais responsável comunicação desencadeadora da solidariedade. O grupo/turma continua a transformar-se e a “fala social” (Serralha, 2009, p.23) torna-os cada vez mais autónomos.

Foi interessante ver os alunos do segundo ano de escolaridade a participarem, colocando perguntas e dando a sua opinião. Ficaram de facto entusiasmados com esta forma de trabalhar e puderam ouvir-se alguns comentários nesse sentido:

"Nós também podemos fazer projetos?" (aluno do segundo ano).

"Eu gostava tanto" (aluna do segundo ano).

Foi fundamental para os nossos alunos poderem transmitir conhecimentos aos mais novos. Sentiram que os seus projetos tinham grande valor e que no próximo ano letivo podem vir a ser consultados não só pelos membros do grupo mas por todos os alunos da escola, uma vez que já fazem parte do património coletivo.

No que respeita aos dois alunos ML e DJ, esta foi uma semana de sucesso. ML pôde falar de um tema de que gosta muito. Pôde mostrar os seus livros e sobretudo apresentar um texto escrito por ela própria. Foi bom constatar que nestas segundas comunicações ML estava mais à vontade, mesmo tendo ficado um pouco tímida no início da comunicação, pelo facto de estar com outros alunos. Pôde transmitir a sua paixão pelos dinossauros e ficou muito satisfeita quando soube responder sem grandes dificuldades às perguntas que eram colocados sobre o tema. Sentiu-se que os colegas mudaram de atitude. ML passou de aluna com dificuldades na leitura, na escrita e na matemática para uma especialista em dinossauros. Esta valorização alargada foi um contributo importante para a sua integração não só na turma como na escola.

O aluno DJ teve o seu momento de sucesso quando pôde apresentar o mobile que tanto queria fazer. Demonstrou grande à vontade na sua apresentação e explicação. Contudo, o momento alto da comunicação foi quando os colegas explicaram que a ideia tinha sido dele. Um facto revelador deve ser notado: DJ fez questão de realçar que a colega DS o tinha ajudado a construir o móbil, que lhe tinha explicado como era feito e que tinha sido um trabalho de equipa. Esta palavra "equipa" deve ser sublinhada, pois passamos de um aluno que era muito individualista para um aluno que trabalha em equipa! Demonstrou-nos que está a aprender a conviver e a colaborar com os seus pares.

4.2.2.14 Semana de 21/05/2012 a 25/05/2012

24ª Sessão

Data - 24/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão daremos início aos terceiros projetos. Os alunos escolherão os temas e organizar-se-ão em grupos, consoante o interesse pelos temas e não pela afinidade que têm com os colegas. Inicialmente será colocado o cartaz organizador dos temas no centro do quadro. Como nos dois primeiros projetos, pedir-se-á aos alunos que indiquem numa folha de papel o tema escolhido seguido do seu nome.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Cartaz organizador dos temas, ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, manuais escolares e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

No início da sessão, o cartaz organizador dos temas foi colocado no centro do quadro, foi pedido aos alunos para escreverem numa folha de papel o tema eleito por eles, seguido do respetivo nome. De seguida, ao mesmo tempo que íamos lendo as folhas, anunciávamos os nomes dos alunos e os temas escolhidos. Foram-se formando os grupos sem grandes dificuldades. As alunas BC e CF tendo escolhido as duas o tema do "mundo animal" e as alunas HC e CC escolhido o tema da "reprodução das plantas", na impossibilidade de formar grupos de apenas dois elementos, foi-lhes explicado e pedido para refletirem qual destes dois temas gostariam mais de trabalhar para formarem um grupo de quatro elementos. Por fim, constituíram-se os grupos com os seguintes temas:

Os sismos: MN, GF e IR

A reciclagem: AS, ML e IT

Países africanos: MR, GA e DJ

O ciclo da água: MM, DS e BG

Reprodução das plantas: CF, HC, BC e CC

A organização dos grupos foi feita sem dificuldades, com as precauções/estratégias já habituais (escolha em folha pessoal do tema e não dos colegas). Como nos restava ainda algum tempo, distribuímos as fichas de plano de projeto e as fichas de avaliação de projeto para dar início aos seus preenchimentos.

Os alunos iniciaram a organização dos seus grupos, interagindo uns com os outros, pois alguns ainda não tinham trabalhado juntos nos projetos anteriores. Depois de estarem todos organizados, iniciaram o preenchimento das fichas, começando a procurar nos seus manuais elementos interessantes a incluir nos seus projetos, de modo a poderem também preencher o campo “aspetos do programa” na ficha de plano de projeto. Cada grupo escolheu, em conjunto, qual era o material que iriam produzir e como o iriam comunicar. Fomos circulando pelos grupos e, pelas trocas de impressões entre grupos, depressa se tornou consensual que o material que iria ser produzido seria um folheto e que, para a comunicação, utilizariam um *PowerPoint*.

Avaliação conjunta da sessão

A primeira sessão de elaboração dos novos projetos correu como sempre, da forma planeada. Os alunos respeitam, cada vez mais, as regras de trabalho em projeto, lembrando eles próprios essas regras para um bom funcionamento do tempo em trabalho de projeto. O grupo/turma estava satisfeito por iniciar um terceiro estudo, mesmo sabendo que iriam ter muito pouco tempo para o elaborar. A ideia vinda deles, de realizar um folheto informativo sobre o tema, teve em conta duas realidades importantes: por um lado, tendo menos sessões e menos tempo que nos anteriores projetos, juntavam assim o material necessário para a comunicação à ficha informativa final; por outro, já que o ano letivo estava a terminar, tiveram em mente o propósito de poderem distribuí-lo, no dia da festa final de ano, não só aos colegas de turma mas também aos pais. Recuperavam assim, de outra forma, uma ideia avançada e deixada de lado na 20ª sessão.

"Espero ter tempo de o fazer" (CC)

"E vamos dar aos nossos pais, vai ser bom" (BC)

25ª Sessão

Data - 24/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Os alunos irão desencadear a recolha de dados para a elaboração dos seus projetos. Reunir-se-ão em grupo para distribuir tarefas a cada um dos seus elementos e partilhar as ideias e opiniões acerca da seleção e organização da informação.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, computadores, Internet, manuais escolares, livros vários, diversas revistas e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

Na sessão desta semana, como estamos a iniciar os novos projetos e como já não é novidade para os alunos, tentamos organizá-la de uma forma um pouco diferente. Enquanto na elaboração dos projetos anteriores a fase de recolha de dados era organizada por nós, indicando a ordem de passagem dos grupos pela sala de informática e biblioteca escolar, agora, os alunos tiveram liberdade de escolha, um aspeto que nos parece importante na conquista da sua autonomia e responsabilidade, uma vez que sem liberdade, como afirma Serralha (2009), não há responsabilidade. Disponibilizamos sensivelmente quinze minutos para que cada grupo pudesse refletir sobre as necessidades sentidas e comunicarem uns com os outros acerca delas.

Decidiram, entre eles, que os grupos da "reciclagem" e o grupo dos "países africanos" começariam pela biblioteca. Os grupos do "ciclo da água", "dos sismos" e da "reprodução das plantas" pesquisariam na sala de informática, acedendo assim à informação disponível na Internet.

Os grupos organizaram-se de forma a dividir tarefas para rentabilizarem o tempo. Alguns elementos ficaram na sala de aula manuseando os manuais escolares e o material que lhes era fornecido pelos colegas que estavam ora na sala de informática ora na biblioteca escolar.

Posto isso, todos regressaram à sala de aula, partilhando as ideias e seleccionando a informação. Alguns grupos tinham recolhido imagens na Internet que gostariam de imprimir, outros preferiram o desenho para ilustrar estes últimos projetos. Para terminar a segunda sessão desta semana, foi feita a reflexão final.

Avaliação conjunta da sessão

Esta sessão revelou-se positiva tanto a nível da organização como a nível da informação pesquisada. A passagem pela biblioteca e pela sala de informática correu da melhor forma, confirmando-se que foi importante serem eles a organizar-se. De sessão para sessão, vão sentindo cada vez mais facilidades em pesquisar e em seleccionar a informação mais pertinente para os seus trabalhos. Isto é, a turma está a fazer um percurso evolutivo que salta à vista de todos.

Avaliação conjunta da semana

O facto da turma se ter organizado quanto aos locais e ordem de pesquisa demonstrou que se responsabilizam cada vez mais pelos seus projetos e pela forma como os grupos se organizam e trabalham. Souberam tomar decisões em conjunto, tendo em conta as necessidades de cada grupo de trabalho. Todos estavam satisfeitos por lhes ter sido dada essa oportunidade, ou melhor, por sentirem algum poder nas suas próprias mãos.

"Foi muito bom sermos nós a organizar" (IR)

"E até correu muito bem" (MM)

" Nem houve assim tanto barulho" (DS)

Na hora da reflexão semanal surgiu uma dúvida quanto à escolha do folheto como material a ser produzido. Se uns tinham algumas ideias, outros manifestavam dúvidas e preocupação. Ficou, pois, acordado que na próxima semana prepararíamos critérios sobre a elaboração do folheto, para juntarem aos diversos critérios já criados em sessões anteriores. Nesse sentido, a aluna AS sugeriu que cada grupo fizesse uma pequena pesquisa. "Podemos todos pesquisar ou até perguntar, para a próxima semana, assim é mais fácil e ganhamos tempo" (AS).

Foi, ainda, decidido, em conjunto, que na próxima semana as recolhas de dados para os trabalhos em projeto iriam ser feitas na biblioteca municipal, outro aspeto que nos parece importante para o seu desenvolvimento pessoal e social. Aos poucos temos vindo a introduzir variáveis que fazem avançar o desenvolvimento pessoal e grupal, como neste caso concreto.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

A notícia de que iriam ter oportunidade de elaborar mais um projeto foi motivo de grande satisfação. O início da elaboração foi marcado por grande entusiasmo. Foi-lhes explicado previamente que o tempo era curto e que era fundamental produzirem trabalho de acordo com esse tempo disponibilizado. Todos perceberam que o ano letivo estava a chegar ao fim e que teriam de gerir bem o tempo. Todos os grupos escolheram temas que não lhes eram desconhecidos, pois já tinham sido abordados dentro da sala de aula. Preferiram saber mais sobre cada assunto, ampliando saberes que poderiam transmitir aos restantes colegas.

Os alunos ML e DJ, ficaram em grupos de três elementos. A aluna ML ficou no grupo da "reciclagem" e esteve toda a semana muito motivada com o tema. No momento da pesquisa, verificamos que procurou e encontrou diversos elementos que poderão ajudar o grupo na elaboração do trabalho. Na hora da partilha e da análise da informação, ML mostrou, com satisfação, aos restantes membros do grupo tudo o que tinha encontrado. A aluna já elaborou projetos tanto com a aluna AS como com a aluna IT. Embora o trabalho elaborado em conjunto nos dois primeiros projetos tenha corrido bem, não podemos deixar de lembrar que os testes sociométricos aplicados no início do ano tinham revelado que as alunas AS e IT não só não escolhiam ML para trabalhar mas também a rejeitavam. Este novo projeto vem criar, por esta razão e no campo da inclusão, grande expectativa. O mesmo acontece com o aluno

DJ que se juntou aos colegas MR e GA com quem ainda não trabalhou em projetos. Os alunos MR e GA, baseando-nos nos testes sociométricos, também não o escolhiam e rejeitavam-no para trabalhar. Estes aspetos pareceram-nos importantes quer do ponto de vista da inclusão quer da sua socialização. DJ esteve toda a semana muito entusiasmado, pois o tema dos "países africanos" vai dar-lhe uma nova oportunidade de dar a conhecer as suas raízes.

4.2.2.15 Semana de 28/05/2012 a 01/06/2012

26ª Sessão

Data - 31/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - A sessão será realizada num local exterior ao recinto escolar. Deslocar-nos-emos à biblioteca municipal onde os alunos poderão efetuar a pesquisa de dados para a elaboração dos seus projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, computadores, diversos livros e revistas, e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A sessão teve início na sala de aula por volta das 8h30. Relembramos aos alunos que esta seria um pouco diferente, uma vez que teria lugar num local exterior ao recinto escolar como, aliás, era já do conhecimento deles, na medida em que tinham sido pedidas as autorizações aos pais. Esta sessão era aguardada com grande entusiasmo. Lembramos também as regras a respeitar quer durante as deslocações de ida e regresso, quer dentro da biblioteca municipal. Como o edifício fica próximo da escola, deslocamo-nos a pé.

A sessão teve início com uma das colaboradoras da biblioteca a explicar-lhes como poderiam procurar os livros relacionados com os seus temas e que a organização era feita por áreas, por temas e por ordem alfabética. Seguidamente, os alunos iniciaram as suas pesquisas. Numa primeira fase distribuíram as tarefas para cada elemento e dirigiram-se depois às estantes para procurar a informação. Fomos acompanhando os alunos, ajudando-os a encontrar os livros necessários, recorrendo, por vezes, aos computadores da biblioteca. Em grupo, cada elemento foi apontando num caderno a informação que encontrava e lhe parecia interessante para incluir no folheto. Relembramos que tinham de indicar a fonte da informação recolhida e como deveriam fazê-lo. Feita a pesquisa, que durou cerca de uma hora, os alunos arrumaram livros e outros materiais utilizados, agradeceram aos funcionários da biblioteca e regressamos à escola.

Avaliação conjunta da sessão

Todos gostaram desta sessão. Foi uma forma diferente de fazerem pesquisa. O facto de saírem do espaço escolar foi do agrado geral. O comportamento foi exemplar, tanto durante as deslocações como dentro da biblioteca. No que respeita à recolha de dados, sentiram certas dificuldades em localizar os livros e selecionar informação. Para muitos esta ida à biblioteca municipal foi uma estreia. Embora alguns já lá tivessem estado com os pais, a grande maioria fê-lo pela primeira vez. Ficaram deslumbrados com a quantidade de livros que aí se podiam encontrar e demonstraram alguma tristeza por não termos utilizado a biblioteca em projetos anteriores. Salientamos, no entanto, que no futuro o podem fazer sempre que se justifique, mas que tal requer uma negociação entre a turma e a professora.

27ª Sessão

Data - 31/05/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Iniciaremos a sessão determinando em conjunto quais os critérios para a elaboração de um folheto. Procuraremos esclarecer as dúvidas dos alunos. Posto isso, reunir-se-ão em grupo de trabalho para organizar os dados recolhidos e iniciar a elaboração dos folhetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, “Magalhães” e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A sessão iniciou-se com a redação, em conjunto, dos critérios para a elaboração de um folheto, como fora dito na semana anterior. No momento da reflexão conjunta da semana anterior, a aluna AS tinha sugerido aos colegas que fizessem para esta semana uma pequena pesquisa sobre o folheto. Fiéis à sugestão da colega, os alunos vieram preparados com diversas informações. Todos tinham pesquisado e puderam, assim, reunir rapidamente uma informação interessante que ajudamos a selecionar e a organizar. Em conjunto, os alunos participaram, discutiram entre si as diferentes opiniões e, pouco a pouco, os critérios foram ganhando forma. Reuniram-se depois em grupo e iniciaram a seleção dos dados recolhidos nas suas pesquisas. Posto isso, distribuíram tarefas entre os diversos elementos de cada grupo. Todos optaram por fazer inicialmente um rascunho do folheto, de maneira a organizá-lo da melhor forma. Alguns grupos, aproveitaram para ver imagens e vídeos que pudessem esclarecer dúvidas existentes. O grupo do "ciclo da água" pôde visualizar um pequeno filme informativo sobre o tema.

Avaliação conjunta da sessão

Uma vez mais, a “elaboração de critérios” constituiu um momento apreciado, por poderem construir em conjunto um instrumento que lhes proporciona uma informação que desconheciam. A elaboração dos folhetos assim facilitada está a ser produtiva. A criação inicial de um folheto em rascunho está a ser fundamental já que podem modificá-lo à medida que progridem nas aprendizagens.

Quadro 9 - Critérios para elaborar um folheto

Critérios para elaborar um folheto		
1	O texto	No folheto deve existir uma parte de texto explicativo sobre o tema. O texto segue os mesmos critérios de um trabalho escrito. A informação deve ser resumida e clara.
2	A imagem	A imagem deve de ser adequada ao tema e ao espaço disponível no folheto. As imagens podem ser fotografias e desenhos. As imagens podem ser colocadas na frente ou no verso do folheto.
3	Introduzir imagens	As imagens têm de ser claras ,cativantes e coloridas, para a mensagem ser transmitida com maior facilidade.
4	A página inicial	Na página inicial do folheto deve ser colocado o nome da escola, o tema, os autores e o ano letivo.
5	Construir o folheto	O folheto pode ser elaborado de diversas formas, pode ser uma folha A4 ou um desdobrável escrito à mão ou a computador, o importante é que seja divulgada a mensagem.
6	Programas PC	Para produzir um folheto podem ser utilizados alguns softwares como o Publisher ou o Word.

Avaliação conjunta da semana

Por diversas razões, a sessão foi do agrado de todos. A iniciativa de elaborarem um folheto para estes novos projetos está a ser entusiasmante. O facto de muitos estarem a trabalhar com colegas com quem ainda não tinham trabalhado nos anteriores projetos, tem

sido um fator positivo já que constroem projetos cada vez mais elaborados, podendo contar com a colaboração de outros, com quem partilham opiniões e ideias diferentes. O fator tempo tem vindo a preocupar os alunos, pois estão na incerteza de poderem acabar antes do final de ano letivo. Estão empenhados em criar folhetos que sejam simples e claros para os colegas, pois perceberam que é uma forma, como outra qualquer, mas não menos importante, de transmitir informações sobre um tema. Sentimos que estão satisfeitos com estes meses de trabalho e que foi proveitoso para eles, como referem alguns comentários, a saber:

"Estamos quase a acabar o ano e os projetos, passou depressa" (CF)

"Eu gostava de fazer mais um" (DS)

"Espero fazer projetos para o próximo ano" (IT),

" Aprendi tanto " (DS)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

O momento alto da semana foi claramente o trabalho de pesquisa na biblioteca municipal; foi importante tanto para lhes dar a conhecer a estrutura e o seu edifício, como para lhes explicar como pesquisar e, no fundo, para promover hábitos de leitura. Pelo facto de muitos nunca terem ido à biblioteca, esperamos que esta iniciativa venha a ser uma "rampa de lançamento" para o fazerem mais regularmente no futuro. Descobriram que se as pesquisas na Internet são úteis, rápidas e algumas de qualidade, também podem ter a informação em suporte de papel com grande importância e profundidade. Torna-se por demais evidente que os alunos estão a crescer e a amadurecer. O comportamento deles na biblioteca municipal foi exemplar ao sentirem que aquele espaço era de leitura, de pesquisa e de trabalho. Souberam respeitar os colegas, os funcionários da biblioteca e os restantes utilizadores, o que nos permite dizer que a socialização se está a fazer, de facto.

A elaboração dos folhetos tem sido feita de forma responsável, o fator tempo não os impediu de elaborarem primeiramente um esboço ou rascunho do folheto final. É evidente que os alunos compreendem a seriedade dos seus trabalhos e que não estão a fazer mais uma atividade à espera que passe o tempo. Esta constatação confirma-se também pelo facto de,

desde há várias semanas, trocarem informações e opiniões em alguns intervalos para que os projetos não sofram atrasos.

Os alunos ML e DJ estiveram empenhados nos seus projetos e, de uma certa forma, tentaram mostrar aos colegas que conseguem ajudar o grupo.

A aluna ML parecia estar satisfeita na biblioteca municipal, pois era uma das poucas que já tinha lá estado, algumas vezes acompanhada pela tia. Aproveitou esse facto para explicar algumas noções que tinha de como pesquisar e encontrar a informação de que se precisa. Na segunda sessão desta semana, por decisão do grupo, a aluna IT, em conjunto com ML, estiveram a elaborar o esboço do folheto. IT apreciou as sugestões de ML dizendo-lhe diversas vezes "são boas as tuas ideias". Estas atitudes são fundamentais para a autoestima e autoconfiança de ML.

DJ teve oportunidade de falar um pouco mais sobre a sua cultura, os colegas ouviam-no atentos quando na biblioteca mostrava um livro que tinha encontrado com fotografias de diversos países africanos. Os colegas nunca tinham tido a oportunidade de trabalhar com ele na elaboração dos projetos, mas verificamos esta semana que o grupo está equilibrado. Para DJ é importante poder mostrar ao colega GA que é capaz de trabalhar bem e de forma séria, pois desde o início do ano GA é o aluno que DJ mais escolhe para brincar, para se sentar na mesma carteira e para trabalhar (baseando-nos na sociometria). Porém, GA, não o aceita. Nesta semana, descobrimos com agrado que estão a interagir um com outro e que GA está surpreendido com as atitudes de DJ.

4.2.2.16 Semana de 04/06/2012 a 08/06/2012

28ª Sessão

Data - 08/06/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Os alunos irão continuar com a elaboração dos projetos.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, “Magalhães”, memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

A sessão iniciou-se de forma interessante e inesperada. Normalmente começamos com o grupo/turma reunido na sala e antecipamos o trabalho com uma conversa sobre o modo como vai decorrer a sessão, pedindo-lhes depois que se juntem nos respetivos grupos. Desta vez foi diferente pois, quando chegamos à sala de aula, os alunos tinham tomado a liberdade de se juntarem, as mesas estavam organizadas e os grupos estavam reunidos. Estavam preparados para começar a trabalhar, não querendo perder tempo visto que este é pouco. Explicamos-lhes que na sessão de hoje continuariam com a elaboração do folheto. Recuperaram as pastas dos seus projetos e iniciaram o trabalho. O crescimento dos alunos é evidente, até na gestão do espaço/sala de aula. É visível que estão cada vez mais autónomos e mais responsáveis.

Alguns grupos já tinham avançado bastante, tendo aproveitado, como vem sendo hábito, alguns momentos da semana para trabalhar. Dois grupos já tinham acabado o esboço do folheto e estavam prontos para elaborá-lo a computador. Outros estavam na fase de conclusão do esboço. Vários perguntaram se deveriam criar uma ficha informativa. Como os folhetos iriam ser distribuídos a cada aluno, ouviram-se vozes a dizer: ”mas os folhetos já são informativos” (IR e MN). Concordamos, aí se vê o crescimento das crianças.

De seguida, os grupos foram distribuindo e organizando as tarefas, uns acabavam o esboço do folheto, outros passavam-no a limpo e outros introduziam-no no computador. Os alunos que estavam na fase de construção do folheto no computador dirigiram-se à sala de informática acompanhados pela professora titular de turma que os orientou nessa tarefa. Os outros elementos permaneceram dentro da sala de aula com a professora investigadora.

Avaliação conjunta da sessão

Na hora da avaliação, os alunos realçaram que o facto de terem pouco tempo para a elaboração destes projetos, isso obrigava-os a uma organização mais rigorosa. Torna-se claro que estão um pouco preocupados com o tempo, com receio de não conseguirem passar o folheto a computador.

29ª Sessão

Data - 08/06/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Os alunos irão terminar a elaboração dos folhetos e de seguida prepararão as comunicações e respetivos materiais de suporte.

Objetivos – Construir em conjunto o conhecimento, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para todos e melhorar o desempenho social.

Material de suporte - Ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de organização da comunicação e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

Demos início à segunda sessão desta semana lembrando aos alunos que é necessário terminar os folhetos e começar a elaborar os materiais que iriam utilizar nas comunicações e o questionário a distribuir aos colegas. Alguns grupos realçaram que provavelmente não iriam conseguir passar o folheto a computador. Foi-lhes então explicado que teriam de decidir como fazer e encontrar uma solução conjunta.

Os grupos do "ciclo da água", da "reprodução das plantas" e da "reciclagem" estavam um pouco atrasados. Decidiram entre eles que fariam o folheto à mão, colocando cor e fazendo desenhos. Os grupos dos "países africanos" e dos "sismos", como já tinham iniciado a elaboração do folheto em suporte informático, iriam acabá-lo.

Depois de terminados os folhetos, os alunos organizaram-se de forma a elaborarem os *PowerPoint* e os questionários para distribuir aos colegas.

Avaliação conjunta da sessão

Todos os grupos estavam mais ou menos satisfeitos com o trabalho realizado, orgulhosos os que conseguiram passar o folheto a computador, os restantes também, mas com alguma pena por não terem tido tempo para o fazerem.

Avaliação conjunta da semana

Mais uma vez os grupos vão efetuar as comunicações dos seus projetos. Estavam felizes por terem conseguido elaborar mais um projeto, neste caso concreto, em apenas quatro semanas. Alguns grupos como ainda sentiam necessidade de aperfeiçoar os folhetos, foi-lhes alargado o tempo para os concluírem sem terem que recorrer aos momentos destinados à brincadeira. Sendo a última semana do ano letivo, de ensaios e de alguma correria para a festa final de ano, os alunos estavam dispostos a fazer mais um esforço, tendo em conta que apenas faltavam alguns pormenores. A aluna IT aproveitou a reflexão semanal para relembrar uma ideia já avançada anteriormente, a distribuição dos folhetos aos pais visto ser a semana da festa final de ano:

"Podemos dar os folhetos aos pais no dia da festa" (IT)

"É uma boa ideia" (AS)

"E como fazemos para fazer tantos?" (BG)

"Podemos fotocopiar" (IR)

Foi confirmada a decisão de que os folhetos, para além de serem distribuídos a todos os elementos da turma, também seriam distribuídos aos pais e aos colegas das outras turmas, na festa final de ano.

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Esta semana foi rica em trabalho e em interações entre os alunos que resolveram, em conjunto, os diversos problemas existentes nos seus projetos. Sentimos que, ao aproximar-se do fim do ano letivo, o grupo/turma está cada vez mais unido e coeso.

É perceptível a necessidade que os alunos têm de dialogar entre eles, membros do mesmo grupo e de outros grupos. É claro que não existe qualquer competição, todos estão dispostos a ajudarem-se uns aos outros; todos percebem que o trabalho de cada grupo de projeto é importante para cada um deles individualmente. Esta aprendizagem cooperativa tem-nos revelado, semana após semana, que os alunos estão a crescer na tomada de consciência desta realidade, convicção profunda do MEM: o êxito de cada um decorre do êxito do grupo. Quanto mais se entreejudam, melhores são as suas produções e melhor é a sua socialização tanto no pequeno como no grande grupo.

Assim acontece com os dois alunos, ML e DJ, que fizeram ao longo destes meses uma caminhada, não sozinhos, mas em conjunto com os colegas.

Durante a semana, ML demonstrou desinibição, pudemos ouvi-la a lançar várias gargalhadas quando estava a trabalhar com as suas colegas. Deram-lhe a oportunidade de partilhar as suas ideias para a elaboração do questionário e de escrever no folheto. A colega AS aproveitou para lhe dar algumas indicações para escrever no folheto, como por exemplo, escrever primeiro a lápis e, só depois, passar a caneta. ML poderia, assim, estar mais segura do que estava a fazer e não necessitava de ter medo de errar. As colegas apoiaram-na muito e vimos que ML estava tranquila e confiante em si.

DJ teve uma grande evolução. Enquanto no início dos trabalhos em projeto era muito individualista, agora partilha as suas ideias e aceita as opiniões dos restantes colegas. Partilhar um computador era sempre tarefa complicada, pois queria ser o único a utilizá-lo. Agora tem vindo a demonstrar o contrário, utilizando o computador com o seu colega, deixando espaço para ele trabalhar e respeitando-o. Ouvimos diversas vezes as palavras: "um de cada vez"; "passei até aqui, agora és tu". As atitudes dos seus colegas foram-se modificando e as dele também.

4.2.2.17 Semana de 11/06/2012 a 15/06/2012

30ª Sessão

Data - 14/06/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Os alunos irão fazer as comunicações dos seus projetos. Começaremos pelas comunicações dos grupos: "os países africanos", "a reciclagem" e "o ciclo da água".

Objetivos – Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em pequenos grupos, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para os alunos e melhorar o desempenho social, a entreaajuda e a solidariedade pessoal e grupal.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de preparação da comunicação, PowerPoint, folhetos e questionários e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

O dia começou com uma grande agitação já que estavam entusiasmados por fazerem as comunicações dos últimos projetos que tanto tinham desejado.

O grupo dos "países africanos" foi o primeiro a efetuar a comunicação. Guiando-se pelo *PowerPoint* elaborado pelo grupo, apresentaram as diversas zonas do continente africano e seus respetivos países. Seguiu-se a explicação do clima africano e, por fim, apresentaram a população africana e a religião. Surgiram depois as perguntas da turma aos autores do projeto, tendo os aspetos mais focados sido o clima e a população. Entreviemos, no tempo próprio do professor, para esclarecimento de alguns aspetos que não tinham ficado suficientemente claros, nomeadamente sobre as diferentes zonas climáticas do continente africano. Para terminar a sua comunicação, o grupo distribuiu aos colegas o questionário a que responderam, com qualidade, os restantes colegas. Por fim, distribuíram a fotocópia do folheto.

O grupo "a reciclagem" que sucedeu ao primeiro, apresentou os vários tipos de lixo e como fazer a sua separação, continuou com a explicação da "política dos 3 R" e explicou a existência das estações de tratamento e da importância de reciclar. Por fim, apresentaram uma parte interessante do *PowerPoint*, que tinha sido criada de maneira a originar uma interação com a turma a partir de diversas perguntas às quais o público tinha de responder. Este momento de interação, bem interessante, foi continuado pelo tempo de discussão, onde os colegas colocaram as questões que lhes pareciam mais pertinentes para que fossem clarificadas as dúvidas existentes. Posto isto, no tempo oportuno para intervirmos como professoras, desenvolvemos alguns aspetos relativos às estações de tratamento que tinham ficado um pouco aquém do pretendido. Finalizaram com a distribuição do questionário. Pelas respostas dadas verificamos que os alunos tinham retido o essencial das aprendizagens transmitidas. Cada aluno recebeu depois a fotocópia do folheto.

Após alguns minutos de diálogo entre os alunos, continuou-se com a comunicação do grupo o "ciclo da água". Para criar alguma interação com a turma, os autores perguntaram o que já sabiam sobre o ciclo da água, tendo em conta que tinha sido um assunto falado nas últimas aulas e objeto, na terça-feira anterior, de um questionário de um teste sumativo. A turma foi respondendo e explicando o que já sabia. Para fazer avançar a comunicação, a aluna MM tomou a palavra: "então nós vamos explicar um pouco mais". Com a ajuda do *PowerPoint*, apresentaram o esquema do ciclo da água e explicaram-no. Depois de terem dado algumas explicações sobre o modo de tratar a água, concluíram salientando a importância do ciclo da água. Seguiram-se as questões colocadas pelo grupo/turma, às quais as autoras do projeto responderam com clareza e muito à vontade. Chegado o momento em que, como professora, esclarecemos alguns aspetos menos claros, completamos alguma informação sobre o ciclo da água, procurando fazer avançar ainda mais os saberes dos alunos. Terminaram a comunicação distribuindo o questionário. As respostas dadas revelaram uma boa aquisição dos conhecimentos transmitidos. Distribuíram depois uma fotocópia do folheto a cada colega.

Avaliação conjunta da sessão

Embora tenham apreciado todas as comunicações, os alunos apontaram o grupo do "ciclo da água" como o preferido. Consideraram que tinham explicado de uma forma mais simples e que as perguntas colocadas no questionário tinham sido interessantes e que o grupo tinha conseguido esclarecer as dúvidas de todos. Quanto ao grupo dos "países africanos", todos consideraram que trabalharam bem, mas que poderiam ter dito um pouco mais sobre a população africana. A turma achou que o grupo da "reciclagem" tinha feito um *PowerPoint* interessante e muito engraçado.

31ª Sessão

Data - 14/06/2012

Tempo de duração - 2h00

Destinatários - Todo o grupo/turma

Atividade - Nesta sessão os grupos "os sismos" e "a reprodução das plantas" irão fazer as comunicações dos seus projetos.

Objetivos – Permitir a apropriação coletiva dos conhecimentos construídos em pequenos grupos, desenvolver e ampliar aprendizagens com sentido para os alunos e melhorar o desempenho social, a entreajuda e a solidariedade pessoal e grupal.

Material de suporte - ficha do plano de projeto, ficha de avaliação de projeto, ficha de organização da comunicação, *PowerPoint*, folhetos, questionários e memorando do trabalho em projeto.

Descrição da sessão

O grupo dos "sismos" deveria realizar a sua comunicação logo após o intervalo. Contudo, foram necessários alguns minutos para acalmar o grupo/turma, já que continuavam entusiasmados a conversar entre si, trocando opiniões sobre as comunicações anteriores. O grupo dos "sismos" iniciou a sua comunicação com a ajuda do *PowerPoint*. Começaram por

162

explicar o que é um sismo. Depois, o que é a escala de Richter e, por fim, informaram das medidas a serem tomadas na altura de um sismo. No fim da apresentação seguiu-se o momento de discussão dos saberes apresentados, os autores tentaram esclarecer todas as dúvidas. No tempo que é destinado ao professor, esclareceram-se e aprofundaram-se alguns aspetos que tinham ficado pouco explícitos, nomeadamente sobre a escala de Richter. Finalizaram com a distribuição do questionário a que responderam os demais alunos e com a distribuição do folheto informativo.

As comunicações foram concluídas pelo grupo da "reprodução das plantas". Servindo-se do *PowerPoint* explicaram o processo da fotossíntese, de brotamento e de polinização e apresentaram as diversas partes da planta e os seus respetivos nomes. Para terminar, explicaram a reprodução das plantas por sementes. Depois da apresentação terminada, as alunas responderam às diversas questões colocadas pelos companheiros. Chegado o momento do professor, porque o processo da fotossíntese tinha sido o menos claro, esclarecemos todo o grupo para alargar o conhecimento construído. Distribuíram o questionário a que responderam de forma completa os restantes alunos. Seguiu-se a distribuição da fotocópia do folheto.

A última sessão semanal e última da nossa intervenção terminou com a avaliação e autoavaliação dos projetos.

Avaliação conjunta da sessão

Os grupos dos "sismos" e da "reprodução das plantas" foram considerados por todos como tendo elaborado um trabalho completo e explícito para a turma. O grupo de trabalho sobre os "sismos" foi o mais apreciado, pois conseguiram captar a atenção do grande grupo com as orientações sobre o que fazer na hora de um sismo.

Avaliação conjunta da semana

Estas últimas comunicações foram consideradas interessantes, gostaram de todos os projetos mas, no conjunto, tinham claramente algumas preferências. O grupo do "ciclo da água" e da "reciclagem" tinham sido os favoritos, um por ter dado informações claras e por ter interagido com a turma, o outro por ter feito um *PowerPoint* que permitiu a participação da turma através de perguntas. O projeto que deixou alguma insatisfação foi o dos "países

africanos". A turma sentiu que podiam ter explicado mais e na hora da autoavaliação o grupo concordou dizendo que estiveram muito preocupados com o facto de o poder passar a computador, tendo por esta razão sido levados a retirar alguns aspetos que eram importantes.

O facto de, no conjunto, não terem distribuído o folheto logo de início de cada comunicação foi apontado como um aspeto negativo. A aluna MM realçou esta questão e toda a turma concordou. Se cada um tivesse em mãos o folheto, no início de cada comunicação, poderia ter sido mais esclarecedor pois cada um podia acompanhar melhor a apresentação. Entreviemos para levantar a questão: e se tivessem tido o folheto em mãos, teriam estado tão atentos aos colegas que explicavam? Não teriam passado o tempo a ler sem ouvir? Seguiu-se um pequeno debate, tendo os alunos concordado que de facto teriam estado menos atentos.

Na hora da avaliação todos os grupos estavam satisfeitos com a forma como tinham trabalhado e como tinham interagido uns com os outros. Todos se tinham dado bem e tinham aprendido. Um comentário sobressaiu: "há um pouco de todos no projeto" (AS)

Foi isto que os alunos fizeram ao longo destes meses, aprenderam e interagiram uns com os outros. Sentimos que no final desta sessão havia alguma tristeza por terem acabado o terceiro e último projeto. Os comentários foram bem explícitos nesse sentido:

"Adorei estes meses" (AS)

"Passou tão depressa" (GF)

"Espero fazer mais para o próximo ano" (BC)

"Nunca pensei conseguir trabalhar contigo, mas foi bom" (GA)

"Se pudéssemos fazer outro projeto eu já tinha um tema" (DJ),

"Estou contente, aprendi muitas coisas" (ML)

Avaliação e reflexão semanal da professora titular e da professora investigadora

Com esta semana de comunicações encerra-se um período de trabalho em cooperação durante o qual os alunos aderiram bem a esta nova forma de trabalhar. O trabalhar em projeto era, há uns meses atrás, algo de desconhecido para os alunos, mas rapidamente se

ambientaram e familiarizaram com estes processos de aprendizagens. O professor não foi apagado durante este período mas, antes pelo contrário, transformou-se num auxílio e no apoio de que cada grupo precisava. Estivemos sempre presentes para ampliar conhecimentos e colmatar algumas falhas; tivemos, também, que ser mediadores de conflitos mas, semana após semana, os alunos souberam resolver os problemas existentes dentro do grupo. Elaborando os seus projetos, foram respeitando e aceitando a ideia de cada elemento e utilizando-a para enriquecer o trabalho que estavam a fazer em cooperação. Os projetos não foram unicamente o juntar os alunos em grupo e pô-los a trabalhar, não! Foi conseguir formar grupos de trabalho baseados no gosto pelo tema. No início de todo este processo, poderíamos ter tido a dificuldade de os alunos se juntarem por afinidades. Encontramos, porém, as estratégias adequadas para evitar esse risco e os alunos perceberam desde muito cedo que o importante era trabalhar um tema do qual gostavam independentemente dos colegas do grupo. Souberam fazê-lo e souberam criar entre eles relações que não existiam no início deste ano. Sentimos que neste momento é um grupo/turma que não tem a menor dificuldade em trabalhar em equipa para um objetivo comum. Os projetos permitiram isso e muito mais como desinibir os mais tímidos, controlar os mais agitados, ajudar os mais fracos e estimular os mais fortes.

Trabalhar em projeto foi sinónimo de inclusão e ML e DJ são a prova disso mesmo. ML que era uma aluna inibida, com medo de errar e que acabava por ser transparente para os colegas, é hoje uma menina mais desinibida, convive com os colegas, participa dando a sua opinião e, acima de tudo, ganhou autoconfiança, levando-a a desenvolver as suas aprendizagens. DJ, aluno conflituoso que não respeitava os colegas, querendo fazer passar-se por líder, prejudicando assim as suas aprendizagens e as suas interações com os demais, acaba por ser um rapaz de forte carácter mas que aprendeu a gerir os seus comportamentos, levando os colegas a olhar para ele de uma outra forma. O respeitar os outros, partilhando as suas experiências, tornou mais ricas as suas aprendizagens e as dos restantes.

4.3 Avaliação global da intervenção

Depois de terminada a nossa intervenção junto do grupo, elaboramos a avaliação global do trabalho de projeto, analisando os contextos iniciais e finais da nossa intervenção.

Contextos	Situação inicial	Situação final
Grupo	▪ Grupo equilibrado (1ª entrevista à professora titular) ▪ Resultados médios (pesquisa documental) ▪ Existência de diversos grupos (1ª entrevista à Prof. titular/ sociometria) ▪ Dificuldade em integrar outros elementos nesses mesmos grupos, principalmente a aluna ML e o aluno DJ (1ª entrevista/ 1ª observação naturalista)	▪ Maior motivação e interesse (2ª entrevista à professora titular/ 2ª observação naturalista) ▪ Melhoria nas aprendizagens (2ª entrevista) ▪ Maior sentido de responsabilidade dos alunos (2ª entrevista) ▪ Maior interação do grupo (2ª entrevista/2ª observação naturalista) ▪ Melhor respeito pelos colegas e pelas regras de sala de aula (2ª entrevista) ▪ Integração e interação da aluna ML e do aluno DJ com o grande grupo (2ª entrevista /sociometria)
Aluna "caso" ML	▪ Fraca participação, (1ª entrevista/ 1ª observação naturalista) ▪ Pouca autoconfiança (1ª entrevista) ▪ Insegurança (1ª entrevista/ 1ª observação naturalista)	▪ Melhoria da participação (2ª entrevista/2ª observação naturalista) ▪ Maior envolvimento nas atividades (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista) ▪ Maior interesse, autoestima e autoconfiança (2ª entrevista) ▪ Maior autonomia nas tarefas pedidas e nas suas decisões (2ª entrevista)

	▪ Dificuldades de integração/interação com os outros alunos (1ª entrevista, observação naturalista, sociometria) ▪ Fraco aproveitamento escolar (grelha de competências/grelha de avaliação 1º período)	▪ Boa integração dentro do grupo (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista/ sociometria) ▪ Maior interação com os colegas (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista/ sociometria) ▪ Aquisição de diversas competências e melhoria no aproveitamento escolar (2ª entrevista/ grelha de avaliação 2º e 3º período)
Aluno "caso" DJ	▪ Fraca participação (1ª observação naturalista) ▪ Pouca motivação e desinteresse (1ª entrevista/1ª observação naturalista) ▪ Dificuldades de integração/interação com os outros alunos (1ª entrevista, 1ª observação naturalista, sociometria) ▪ Comportamentos inadequados (1ª entrevista/observação naturalista) ▪ Fraco aproveitamento escolar (grelha de competências/grelha de avaliação 1º período)	▪ Melhoria da participação (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista) ▪ Maior envolvimento e empenho nas atividades (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista) ▪ Boa integração dentro do grupo (2ª entrevista/ observação naturalista/ sociometria) ▪ Maior interação com os colegas (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista/ sociometria) ▪ Melhoria no comportamento dentro da sala de aula e com os seus colegas (2ª entrevista/ observação naturalista) ▪ Maior respeito pelos colegas (2ª entrevista/ 2ª observação naturalista) ▪ Aquisição de diversas competências e melhoria no aproveitamento escolar (2ª entrevista/ grelha de avaliação 2º e 3º períodos)

Sala de aula	▪ Ensino tradicional (1ª entrevista) ▪ Desejo de implementação da aprendizagem cooperativa (1ª entrevista)	▪ Ensino baseado na cooperação /MEM - alunos-alunos – professor (2ª entrevista/2ª observação naturalista)
Família	▪ Presença assídua dos encarregados de educação (pesquisa documental) ▪ Participação fraca dos encarregados de educação na componente letiva e não letiva (pesquisa documental) ▪ Fraca participação por parte dos encarregados de educação dos alunos "caso" (pesquisa documental) ▪ Inibição por parte dos encarregados de educação dos alunos "caso" (pesquisa documental)	▪ Maior envolvimento dos encarregados de educação (2ª entrevista) ▪ Maior motivação e interesse dos pais pelas atividades desenvolvidas (2ª entrevista) ▪ Desinibição dos encarregados de educação dos alunos "caso" (entrevistas às mães de ML e DJ)

4.3.1 A nível do grupo

Com os dados da 1ª entrevista à professora titular de turma, realizada no início da intervenção, em 28 de outubro de 2011, apuramos que o grupo era equilibrado e que os resultados eram médios. Era notória a existência de diversos pequenos grupos e a dificuldade de integrar outros elementos dentro desses mesmos grupos. Os alunos tinham por hábito trabalhar individualmente, embora a maioria aceitasse de bom grado trabalhar cooperativamente. Analisando os dados recolhidos na 2ª entrevista à professora titular de turma, realizada em 14 de junho de 2012, podemos afirmar que o comportamento dos alunos melhorou consideravelmente, estavam mais motivados e envolviam-se nas atividades propostas. No que respeita às aprendizagens, na disciplina de estudo do meio, em que incidia a intervenção, destacam-se resultados positivos no segundo período e um aproveitamento significativo no terceiro.

Os primeiros testes sociométricos aplicados demonstravam que alguns alunos ficavam à margem, não eram escolhidos, mas sim rejeitados. Verificava-se, também, que as raparigas escolhiam mais as raparigas e os rapazes escolhiam mais os rapazes, existindo uma única relação recíproca entre rapariga e rapaz.

A primeira observação naturalista, realizada no dia 11 de novembro de 2011, mostrava que os alunos nem sempre respeitavam as regras de sala de aula e que existia alguma desorganização, os grupos eram restritos não deixando espaço para incluir outros elementos. O ensino tradicional era o implementado na altura e não o de aprendizagem cooperativa. Na segunda observação naturalista é evidente a mudança da dinâmica de sala de aula, os alunos trabalham em grupos cooperativos, onde todos partilham e produzem em conjunto, respeitando os colegas e as regras de sala de aula.

Foi possível constatar, também, através dos primeiros testes sociométricos, que os alunos mais escolhidos eram os alunos DS, AS e HC. Os alunos menos escolhidos eram ML e DJ que eram também os mais rejeitados nos dados da matriz de rejeições. A professora titular de turma, na sua primeira entrevista, afirmava também que estes dois alunos eram os que interagiam menos e que não eram incluídos dentro do grupo.

Na aplicação dos segundos testes sociométricos observamos que a interação do grupo era real e que a integração dos alunos que inicialmente eram excluídos tinha sido feita. Os resultados constatados mostraram que se alteraram significativamente as situações iniciais, os alunos eram mais unidos e ML e DJ passaram a ser escolhidos tanto em situação de aula, como em situação de recreio.

4.3.2 A nível da aluna ML

De acordo com a primeira entrevista da professora titular de turma e a primeira observação naturalista, no início do processo, a aluna ML era insegura e pouco confiante, tinha uma grande falta de autoestima e uma fraca participação em contexto de sala de aula. No que respeitava às aprendizagens, o nível académico era deficiente e a interação com os colegas era quase inexistente, os colegas rejeitavam-na. Nos primeiros testes sociométricos pudemos constatar que a aluna escolhia unicamente três alunos: IT, MN e GF e rejeitava constantemente BC. Quem mais a rejeitava eram os alunos CF, AS, BG e MR. Nos testes sociométricos aplicados a seguir à intervenção observamos que a aluna ML alargou o seu leque de escolhas aos colegas AS, BG, DS, IT, MN e GF. A nível das rejeições ML continuou a rejeitar a aluna BC, mas passou a ser rejeitada uma única vez pela aluna CF. ML passou de três escolhas para sete e de doze rejeições para uma.

Na observação naturalista de novembro de 2011, podíamos observar uma aluna insegura, com grandes dificuldades em ser aceite, quase transparente aos olhos dos colegas. Isso levava-a a desinteressar-se pelas atividades desenvolvidas na sala de aula. Na observação naturalista do mês de junho de 2012, constatamos uma evolução no que respeita a ML: participava, interessava-se, tomava decisões autonomamente, partilhava com os colegas e todos interagiam com ela.

A nível das aprendizagens, a aluna melhorou consideravelmente, tornando-se mais autónoma, mais responsável pelas suas aprendizagens e adquiriu diversas competências como é dito pela professora titular de turma na segunda entrevista e como pudemos também verificar nas avaliações da unidade curricular de estudo do meio do segundo e terceiro períodos. Trata-se, em nosso entender, de um percurso evolutivo muito significativo.

4.3.3 A nível do aluno DJ

Recordando os dados recolhidos na primeira entrevista realizada à professora titular de turma, o aluno DJ era desmotivado, pouco participativo, tinha comportamentos desadequados e um fraco aproveitamento. Na primeira aplicação dos testes sociométricos verificamos que o aluno escolhia BC, GF, GA e IR mas a nível das rejeições estes, à exceção de GF e IR, rejeitavam-no claramente. DJ rejeitava constantemente AS, rejeição essa que era recíproca pois AS nunca o escolhia e rejeitava-o. Como observamos nos testes sociométricos, aplicados no mês de junho de 2012, as modificações foram significativas, passando as suas escolhas a recair nos alunos BC, DS, GF, GA e IR enquanto as suas rejeições iam para CF e MM, deixando de rejeitar AS, como acontecia nos primeiros testes sociométricos, sendo que AS também já não o rejeitava. Os alunos BC e GA, que eram sempre escolhidos por ele, passaram a não o rejeitar. Só a aluna BC o rejeitou uma única vez, no primeiro critério, situação de lugar. GA escolhe DJ tanto para a situação de lugar como para trabalhar. DJ passou de duas escolhas no mês de novembro para nove escolhas no mês de junho e de doze rejeições para três.

Na primeira observação naturalista constatamos que DJ era pouco respeitador dos colegas e das regras de sala de aula, sendo desinteressado e desestabilizador. Na segunda observação naturalista descobrimos DJ interessado, motivado e a trabalhar com os colegas, respeitando e ajudando o seu grupo a produzir trabalho.

A nível académico foram notórias as melhorias no segundo e terceiro períodos, soube partilhar e aprender com os colegas. Isso permitiu que adquirisse diversas competências, como reconheceu a professora titular de turma na sua segunda entrevista.

4.3.4 A nível do contexto escolar

Apesar da metodologia utilizada na intervenção ser desconhecida pelos elementos da comunidade educativa, foi recebida de forma positiva. Ao longo dos meses da intervenção todos se interessaram e se entusiasmaram com a nova estrutura de trabalho. Tanto as professoras titulares dos outros anos de escolaridade, os docentes das atividades extra curriculares, os dirigentes escolares, bem como os próprios técnicos operacionais foram recetivos e tentaram, de alguma forma, apoiar-nos no desenrolar da intervenção, incentivando

também os alunos, ao verem o entusiasmo com que se entregavam ao trabalho. O facto da professora do 2º ano de escolaridade ter acedido ao nosso convite para participar, juntamente com a sua turma, nas comunicações dos alunos, mostrou-nos que a dinâmica do contexto escolar pode ser modificada. Verificarmos que esta nova forma de trabalhar foi do agrado de todos e alguns afirmaram explicitamente desejar implementá-la. O interesse de todos em acompanhar todo o processo, querendo saber o que os alunos estavam a construir e quando poderiam ver os produtos finais foi um ponto positivo.

4.3.5 A nível da família

No início da intervenção os encarregados de educação estavam na maioria presentes à vida da escola mas eram pouco participativos. Durante a intervenção interessaram-se, tentaram compreender a nova metodologia de trabalho, revelando alguma curiosidade, as atividades desenvolvidas foram vistas por eles com muito entusiasmo. Semanalmente questionavam-nos sobre o que estava a ser feito, pois os alunos em casa partilhavam o desenvolvimento dos seus projetos, por vezes com algumas angústias. De acordo com a segunda entrevista realizada à professora titular de turma, sabemos que os encarregados de educação não manifestaram pontos negativos. Este trabalho foi sempre visto por eles como uma mais valia para o processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos.

A encarregada de educação de ML revelou modificações significativas, já que, de início, se mostrou bastante inibida, desconfiada e recusou, até, ser entrevistada por nós. Pouco à vontade para conversar sobre a filha, porque todo este processo lhe era desconhecido não percebia que tipo de trabalho iríamos desenvolver com o grupo e nomeadamente com ML. No fim da intervenção, a encarregada de educação da aluna, aceitou partilhar a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido durante estes meses e, desinibida, explicou o quanto estava satisfeita pelas transformações da sua filha que cresceu tanto a nível das aprendizagens como da interação com o grupo.

Inicialmente a encarregada de educação de DJ era pouco recetiva, pouco comunicava tanto com a professora titular como com os outros pais. A entrevista desejada por nós não foi aceite, inibindo-se de falar do filho e das suas angústias. Percebemos, desde muito cedo, que a sua condição de imigrante lhe trazia alguma preocupação ao ver o filho a querer partilhar

aspetos da sua cultura e da sua religião. Aos poucos, foi percebendo que isso era importante para ele e o facto de o ter autorizado a vestir o fato tradicional foi um avanço considerável, já que estava a permitir que DJ desse a conhecer aspetos da sua identidade. Surpreendeu-nos, agradavelmente, vermos, no fim da intervenção, a encarregada de educação de DJ se dirigir-se a nós e demonstrar vontade de dar a sua opinião. Partilhou connosco, durante uma entrevista, o que tinham significado estes meses para ela e para DJ. Poder ver o aluno a melhorar o seu aproveitamento escolar, interagir com os colegas, demonstrando respeito pelos outros, foram apontados por ela como grandes avanços.

4.3.6 A nível do processo

O trabalho desenvolvido foi gratificante, a maioria dos grupos envolveram-se, desde muito cedo, na realização dos seus projetos. Todos os elementos, participaram com empenho na elaboração dos trabalhos para atingir um objetivo comum. A motivação e o interesse dos alunos por um modelo pedagógico inicialmente desconhecido, foram aumentando ao longo dos meses. Os alunos foram-se tornando cada vez mais participativos e responsáveis pelas suas aprendizagens. O facto de os grupos de projetos serem sempre formados a partir dos temas e não das afinidades existentes, isso permitiu uma maior interação dos alunos, foram construindo projetos com colegas com quem nunca tinham tido oportunidade de trabalhar. Na segunda entrevista da professora titular de turma constatamos que a aprendizagem cooperativa permitiu que os alunos aprofundassem temas do programa nacional da disciplina de estudo do meio, como também uma melhoria nas aprendizagens, na integração recíproca e no respeito de cada um. O entusiasmo do grupo/turma ao elaborarem e ao comunicarem aos restantes os saberes ali construídos, foram grandes momentos de partilha e de aprendizagem. Os alunos souberam respeitar as regras de funcionamento. Embora tivessem acontecido, por vezes, alguns desentendimentos dentro deste ou daquele grupo, fundamentalmente souberam ser eles próprios os mediadores de conflitos para encontrarem soluções. O facto de esta metodologia ser novidade, tanto para o grupo, como para nós, professoras, permitiu uma aprendizagem e um crescimento comuns. Estes meses de trabalho permitiram que a turma passasse do trabalho em competição para um trabalho em cooperação.

É de salientar que a falta de tempo foi, por vezes, prejudicial à elaboração dos projetos. Foi necessário gerir os condicionalismos da nossa intervenção numa escola em que

não éramos professora, numa turma que não era nossa, com um estatuto de voluntário, intervindo apenas uma vez por semana, em dois blocos de duas horas cada. Quando, em certas semanas, a professora titular necessitava de mais tempo para poder trabalhar outros conteúdos com a turma, acabava por ser "uma corrida contra o tempo" como ela própria reconhece na sua segunda entrevista. Para que os alunos não saíssem prejudicados e dentro dos condicionalismos acima expostos, registamos o esforço e a cooperação da professora titular que acabou por se deixar envolver totalmente neste projeto.

Reflexões conclusivas

Para a elaboração deste trabalho de projeto tivemos como apoio teórico os princípios fundadores do Movimento da Escola Moderna, de autores como Serralha e Niza e os princípios da Aprendizagem Cooperativa, de autores como Sanches, Johnson e Johnson, Vygotsky, Bruner e Fontaine. O trabalho teve por objetivo promover a inclusão de todos os membros do grupo/turma, sobretudo dos dois alunos caso, pela interação social que decorre da construção conjunta das aprendizagens, a partir do trabalho em projetos, numa turma do 3º e 4º ano de escolaridade.

O trabalho cooperativo baseia-se essencialmente na troca de saberes, na entreajuda e no desenvolvimento social dos alunos, levando os alunos a serem responsáveis pelas suas próprias aprendizagens, cooperando com os colegas, modificando, assim, a dinâmica de sala de aula.

No decorrer das sucessivas sessões, a nossa pouca experiência de trabalho cooperativo e reduzido conhecimento do modelo pedagógico do MEM deixaram-se surpreender pela dinâmica democrática da interação alunos/professoras. Lentamente, o currículo gerido cooperadamente perdeu o seu carácter de imposição exterior, tornando-se um bem de que os alunos se apropriaram através da planificação, avaliação e comunicação do fruto do seu trabalho.

Experimentamos o voltar costas a uma prática corrente em que a palavra do professor se sobrepõe em permanência à dos alunos. Experimentamos uma nova realidade que prova que um grupo/turma silencioso pode não ser o paradigma de um grupo/turma que trabalha e aprende!

Experimentamos a democracia na sala de aula, através da implementação de duas estruturas organizativas do desenvolvimento curricular do modelo pedagógico do MEM: o trabalho em projetos e comunicações. Verificamos que as crianças se tornam, assim, mais iguais numa escola que é mais justa já que assegura a todos e a cada um “a oportunidade tanto de se tornarem responsáveis como de atingirem o sucesso” (Serralha, 2009, p.26). O respeito pela diferença, a igualdade de oportunidades, o reconhecimento do direito à palavra, a palavra livre, tornaram-se, durante estes meses, os pilares de uma escola mais justa, mais inclusiva e mais humana.

Assim, as avaliações feitas por nós, as autoavaliações feitas pelos alunos e os dados recolhidos através das técnicas de investigação, permitem-nos concluir que existiram fortes modificações nos diversos níveis tanto das competências académicas como das competências sociais.

Verificou-se que as competências académicas melhoraram consideravelmente nos 2º e 3º períodos, não tendo sido atribuídos, no final do ano letivo, níveis negativos. Os alunos acabaram por se interessar mais pelos conteúdos programáticos da unidade curricular de estudo do meio, por serem eles próprios a escolherem os temas que gostavam de aprofundar e de conhecer melhor. Ajudando-se mutuamente, os alunos foram construindo as suas aprendizagens, sendo que o sucesso de um era o sucesso de todos. A entreajuda sempre esteve presente, apoiando-se, incentivando os que tinham mais dificuldades, acabaram todos por adquirir e desenvolver diversas competências. O desejo demonstrado por eles próprios, de que no futuro esta metodologia venha a ser implementada nas outras unidades curriculares, demonstra que os alunos não são meros espectadores que se limitariam a ouvir o professor, único dono do saber, mas sim protagonistas daquilo que aprendem.

No que respeita às competências sociais, as transformações foram palpáveis. O grupo que era inicialmente constituído por diversos "grupinhos", em que alguns ficavam à margem e a competição era a única forma de trabalhar, passou a ser um grupo unido, em que uns cooperavam com os outros, permitindo a inclusão de alunos que, no início da intervenção, eram simplesmente transparentes aos olhos de todos. Embora nestas idades as crianças não estejam particularmente sensíveis às diferenças culturais, constatamos que se interessaram muito a tudo o que DJ lhes transmitia sobre as suas origem e religião. De certo modo, percorreram um pouco do caminho a que as nossas sociedades são cada vez mais convidadas.

Os comportamentos alteraram-se. De uma sala de aula com uma dinâmica pedagógica tradicional, com alunos pouco interessados, com regras que não eram respeitadas e motivação quase inexistente, chegamos, no final do percurso a um grupo coeso, solidário e onde o entusiasmo e o interesse pelos projetos que estavam a ser produzidos eram uma constante.

Em relação aos dois alunos desencadeadores da intervenção, as melhorias foram consideráveis, tanto a nível das competências académicas como a nível das competências sociais. Analisando a técnica da sociometria aplicada no princípio e no fim do processo,

concluímos que a metodologia utilizada foi impulsionadora do desenvolvimento das aprendizagens e da interação com o grupo. Estes alunos passaram a ser escolhidos para brincar e para trabalhar e acabaram por ser respeitados e aceites pela turma. Não aprenderam só com os restantes colegas, mas puderam, também, por sua vez, ensinar-lhes e partilhar as suas competências.

Esta nova metodologia poderia ter sido um obstáculo à elaboração do projeto, por ser pouco conhecida por nós. Em cooperação, tentamos aplica-la de forma correta, refletindo, avaliando e modificando. O processo não foi fácil, sentimos que o tempo constituiu uma limitação da intervenção, mas esse aspeto foi superado por uma real vontade de cooperar entre todos os intervenientes educativos. Pudemos partilhar as experiências e as preocupações, transformando as práticas educativas tradicionais em práticas educativas inclusivas em que os alunos têm um papel mais ativo e responsável. Encorajar os professores a assumirem estas práticas de cooperação é necessário para que seja criada uma escola onde todos têm o seu lugar. Foi gratificante, depois de uma conversa informal, no início já deste novo ano letivo, ser informada pela professora titular que estava a seguir a metodologia do Movimento de Escola Moderna, novamente na unidade curricular de estudo do meio e a iniciá-la na unidade de língua portuguesa. Este trabalho não foi em vão, demos o nosso contributo para uma mudança de mentalidade, não só nos alunos mas também nos professores daquela escola.

As reflexões dos diversos autores consultados por nós, explicam como a educação inclusiva se baseia na modificação das mentalidades, das práticas dos professores, da organização das próprias escolas, da participação dos pais e de toda a comunidade escolar. Nós experimentamo-lo durante a nossa intervenção. Só assim a inclusão e o termo de educação inclusiva podem fazer sentido. Ressoam em nós, ao concluirmos este trabalho de projeto, as convicções de Niza:

a melhor formação se faz entre pares, cooperando, caminhando em conjunto. Só transitoriamente as relações verticais nos podem ajudar, nos primeiros tempos de vida (ou até em momentos mais frágeis do percurso), porque as verdadeiras interações educativas, as mais fundas, as determinantes, cumprem-se na relação entre iguais (Niza 1992b, p.32)

Referências bibliográficas

- Ainscow, M. (1997). Educação para todos: torná-la uma realidade. In Ainscow, M., Porter, G. & Wang, M., *Caminhos para as Escolas Inclusivas*, pp. 7-10. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação, Um guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores.
- Audinet, J. (2007). *Le visage de la mondialisation: Du multiculturalisme au métissage*. Paris: Les Editions de l'Atelier.
- Bairrão, J. (coord.), Felgueiras I., Fontes P., Pereira F. & Vilhena C. (1998). *Os alunos com necessidades educativas especiais, subsídios para o Sistema de Educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bessa, N. & Fontaine, A.M. (2002). A aprendizagem cooperativa numa pós-modernidade crítica, *Educação, Sociedade e Culturas*, nº18, pp. 123-147. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIE) da Universidade do Porto.
- Bruner, J. (1996/2000). *Cultura da Educação*, (A. Queirós: Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Bruner, J. (1983/2011). *Le développement de l'enfant. Savoir faire – Savoir dire*, (M. Deleau, J. Michel: Trad.), (8ª Ed.). Paris: PUF.
- Cabral, F. (1995). *Sociedade multicultural. Reflexão ético-social contra o racismo e o nacionalismo por uma sociedade aberta e solidária*. Lisboa: Comissão Episcopal das Migrações.
- Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projetos, Guião Prático*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Citoler, S.D. (1996). *Las dificultades de aprendizaje: Un enfoque cognitivo – Lectura, Escritura, Matemáticas*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Correia, L.M. (2008). *Dificuldades de aprendizagem específicas: Contributos para uma definição portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas, *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. XIII, nº2, pp. 355-378. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.

- Cruz, V. (2009). *Dificuldades de Aprendizagem Específicas*. Lisboa-Porto: Lidel-Edições técnicas, Lda.
- Depestre, R. (1998). *Le métier à métisser*. Paris: Stock.
- Estrela, A. (1984/1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores* (4ª Ed.). Porto: Porto Editora.
- Freitas, L.V. & Freitas, C.V. (2003). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA Editores.
- Johnson, D.W., Johnson, R.T. & Holubec E.J. (1999). *El aprendizaje cooperativo en el aula*, (G. Vital: Trad.). Buenos Aires: Paidós
- Ketele, J-M. & Rogiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados, Fundamentos dos Métodos de Observação, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leitão, F. (2010). *Valores Educativos, Cooperação e Inclusão*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Lins, S. (2003). *Transferindo conhecimento tácito. Uma abordagem construtivista*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.
- Lopes, J. & Silva, S.H. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula, Um Guia Prático para o Professor*. Lisboa-Porto: Lidel – Edições técnicas, Lda.
- Marques, J. & Sarmiento, T. (2007). Investigação-acção e construção da cidadania, *Revista Lusófona de Educação*, 9, pp. 85-102. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Nielsen, L. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula*, (I. Soares: Trad.). Porto: Porto Editora.
- Niza, S. (1992a). Em Comum Assumimos uma Educação Democrática. In G. Vilhena et al. (org.), *Nos 25 anos do Movimento da Escola Moderna*, pp. 39-47. Lisboa: Movimento da Escola Moderna.
- Niza, S. (1992b). Lembrar 25 Anos de Movimento da Escola Moderna Portuguesa. In G. Vilhena et al. (org.), *Nos 25 anos do Movimento da Escola Moderna*, pp. 31-37. Lisboa: Movimento da Escola Moderna.
- Niza, (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º ciclo o Ensino Básico. *Inovação*, 11, 77-98.
- Nortway, M. L. e Weld, L. (1999). *Testes sociométricos*. Lisboa : Livros Horizonte.

- Rodrigues, D. (org), (2001). *Educação e Diferença, Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, pp. 127-142. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Sanches, I. e Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 8, pp. 63-83. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Sanches, I. (2011). *Em busca de indicadores de Educação Inclusiva. A “voz” dos professores de apoio sobre o que pensam, o que fazem e o que gostariam de fazer*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Serralha, F. (2009). Caracterização do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 35 (5), pp. 5-50. Lisboa: Movimento da Escola Moderna.
- Silva, M. O. (2011). *Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Slavin R. E., (2010). L'apprentissage coopératif: pourquoi ça marche? In OCDE (2010), *Comment apprend-on ? La recherche au service de la pratique*, pp. 171-189. Editions OCDE.
- Stake, R. E. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stoer, S. R. (2008). Desocultando o voo das andorinhas: Educação inter/multicultural crítica como movimento social. *Educação, Sociedades & Culturas*, 26, pp. 185-211. Porto: CHE/Edições Afrontamento.
- Torres, C. (1999). Entrevista a *A Página da Educação*, 76 (8), pp. 8-10.
- Touraine, A. (1997). *Pourrons-nous vivre ensemble?* Paris: Editions Fayard.
- Unesco, (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Unesco.
- Vygotsky, L.S. (1984/2007). *A formação social da mente*, (J.C.Neto, L. Silveira, S. Afeche: Trad.), (7ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Vygotsky, L.S. (1986/2011). Aprendizaje y desarrollo intelectual en la edad escolar. In Luria, Leontiev, Vigotsky, *Psicologia y pedagogia*, (M.E.Benitez : Trad.), (4ª Ed., pp.23-39). Madrid : Ediciones Akal.

Wieviorka, M. (1999). Será que o multiculturalismo é a resposta? *Educação, Sociedades & Culturas*, 12, 7-46. Porto: CHE/Edições Afrontamento.

Legislação

Decreto-lei nº3/2008 de 7 de janeiro, do Ministério da Educação, *Diário da República*, 1.ª série — N.º 4 — 7 de Janeiro de 2008, 154-164.

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Anexos

Anexo 1 - Pedido de autorização à direção

Exmo.(a) Senhor(a) Director(a)

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados/investigação

No âmbito do Mestrado em Educação Especial, eu Clara Silva, mestranda na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, venho por este meio solicitar a V. Ex.ª autorização para realizar um trabalho de investigação em alunos com necessidades educativas especiais do 1º ciclo do ensino básico regular.

Este pedido prende-se com a realização do trabalho de projecto, no âmbito do mestrado acima referido.

Mais informo que será previamente solicitado a cada aluno a sua permissão e aos seus encarregados de educação, para colaborarem no trabalho, respondendo a questionários, entrevistas e permitindo a observação.

A confidencialidade dos dados a obter, bem como o anonimato serão sempre preservados.

Caso exista algum aspecto a esclarecer estarei ao dispor de V. Ex.ª através do contacto telefónico 968293465 ou por email: silvestre27@sapo.pt

Agradeço desde já a atenção que lhe possa merecer este pedido, com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 15 de Outubro de 2011

Clara Silva

Clara Silva

Referido
- Ex.ª
A. Del. Carlos Nogueira
2011-10-15 - 14:00:00

Anexo 2 - Pedido de autorização ao encarregado de educação

Exmo.(a) Senhor(a) Encarregado de Educação

No âmbito do Mestrado em Educação Especial, eu Clara Silva, mestranda na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, venho por este meio solicitar a V. Ex.^a autorização para que o vosso educando participe num estudo, podendo responder a questionários e entrevistas, sendo realizados na escola, não prejudicando o normal funcionamento das respectivas aulas.

Este pedido prende-se com a realização do trabalho de projecto, no âmbito do mestrado acima referido.

Mais informo que me comprometo a utilizar os dados recolhidos exclusivamente no âmbito da referida investigação, mantendo a confidencialidade e o anonimato dos mesmos.

Obrigada pelo Vosso Consentimento!

A mestranda

Clara Silva

Eu, _____ encarregado/a de educação do
aluno/a _____ nº _____ autorizo meu
educando/a a participar no estudo anteriormente mencionado.

Anexo 3 - Ficha de pesquisa documental

3. Caracterização da situação em que se vai intervir e dos contextos em que a mesma se insere	
3.2. O contexto escolar	"o externato é de ensino particular e cooperativo do 1º ciclo de escolaridade" (PEA) "Pertence ao agrupamento.... onde se inserem diversas escolas da zona" (PEA)
3.2.1. Espaço físico e logístico	"o externato está situado num rés do chão num edifício urbano adaptado" (PEE) "tem duas salas de aulas, um gabinete onde funciona a Direção da escola, duas casas de banho, um refeitório, uma cozinha, uma sala de biblioteca, uma sala de audiovisuais, uma sala de apoio e um ginásio" (PEE) "No exterior a escola tem uma zona ao ar livre, com um pátio vedado com cobertura" (PEE) "As salas estão compostas por um quadro, diversas estantes e um data show"(PEE)
3.2.2. Recursos humanos	" O externato tem onze funcionários efetivos, entre duas professoras do 1º ciclo, um de Inglês, um de Informática, um de Música, um de Judo, um de Educação Física, duas auxiliares, uma cozinheira e uma auxiliar de limpeza" (PEE)

3.2.3. Dinâmica educativa	" o horário normal do externato é das 8h30 às 16h00, com dois intervalos, um para o almoço e outro para o lanche" (PEE) " a partir das 16h00 os alunos frequentam o A.T.L e atividades extracurriculares Dois dias por semana, os alunos frequentam as aulas de Inglês" (PEE) " a terapeuta da fala comparece na escola todas as terças feiras às 11h00 e a psicóloga comparece às quintas feiras às 10h00" (PEE) " a avaliação é feita de acordo com a definição das competências a serem adquiridas no fim do ano" (PCT) " Serão definidas pelos professores e pelos técnicos as competências a serem adquiridas, a avaliação é contínua ao longo do ano" (PCT) " a avaliação é utilizada para cada período, no sentido de observar quais as dificuldades e quais os apoios a serem implementados... a avaliação é entregue aos Encarregados de Educação... é feita no final de cada período a avaliação formativa e a autoavaliação" (PCT) " o tema por uma escola para aprender a viver está a ser desenvolvido com o intuito de desenvolver a cidadania, o respeito e a autonomia pessoal, soluções
---------------------------	--

	individuais e em grupo para cooperar na vida cívica da escola e da comunidade" (PCT)
3.2.4. Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos	"Foi feito um levantamento das vivências e dificuldades da comunidade, a fim de desenvolver projetos que envolvam a escola e a comunidade, a pedagogia aberta é privilegiada, como também as novas tecnologias, defendendo o trabalho de todos os alunos, com todos ou individualmente" (PEE)
3.3. O grupo/a turma	" A turma é composta por dezasseis alunos, doze raparigas e quatro rapazes" (PCT)
3.3.1. Caracterização estrutural	" A turma é composta por dezasseis alunos, doze raparigas e quatro rapazes" (PCT) " os alunos provêm de famílias estruturadas e de nível socio económico médio" (PCT) " 4 encarregados de educação têm o 12º ano, sete têm o 9º ano e um tem o 4º ano" (PCT) " 15 alunos frequentaram o JI e 16 frequentam de momento o A.T.L" (PCT) " Existem no seio da turma 12 famílias estruturadas e 4 famílias monoparentais" (PCT) "grande maioria dos alunos gostam de trabalhar em grupo, só dois preferem o

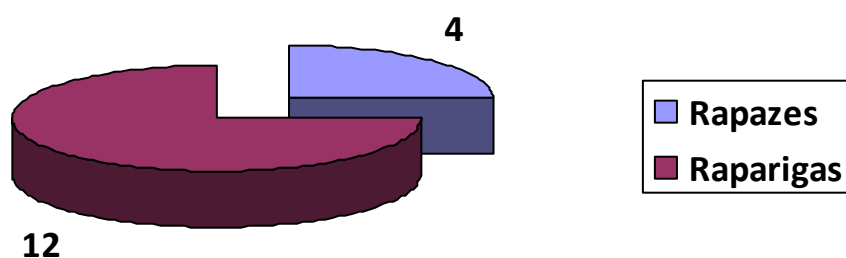
	trabalho individual" (PCT)
3.3.2. Dinâmica educativa da turma	" grande maioria dos alunos que integram a turma, conhecem-se desde o 1º ano de escolaridade e alguns desde o infantário" (PCT) " é uma turma que se dá bastante bem" (PCT)
3.3.2.1. Ensino e Aprendizagem	"a turma em si não tem grandes dificuldades, existem dois alunos que têm resultados que ficam aquém" (PCT)
3.3.2.2. Socialização	"os alunose... têm menos facilidades em conviver com o grupo" (PCT)
3.3.2.3. Pontos fortes e pontos fracos	"...existe pouca integração e interação com alguns elementos da turma" (PCT)
3.3.3. Casos específicos do grupo/da turma	" o grupo é bastante interessado e motivado, os resultados são satisfatórios, os alunos e.... têm resultados mais fracos" (PCT)
3.3.3.1. História compreensiva do/s aluno/s	"os alunose... têm menos facilidades em conviver com o grupo" (PCT) "a turma em si não tem grandes dificuldades, existem dois alunos que têm resultados que ficam aquém" (PCT) " filha de um segundo casamento, tem uma irmã mais velha de 30 anos do primeiro casamento" (PCT) " nasceu de uma gravidez de risco " (PCT) " menina muito protegida pela família"(PCT) " criança muito carinhosa e comunicativa

	em casa" (PCT) " tem graves dificuldades aprendizagem" (PCT) " nasceu de uma gravidez atribulada" (PCT) " Pais de origem marroquina imigraram para Portugal, onde viveram vários meses com familiares, nomeadamente primos" (PCT) " provem de uma família muito unida que segue com rigor religião Islâmica" (PCT) "aluno desinteressado e muito pouco integrado" (PCT)
3.3.3.2. Caracterização do percurso escolar	" frequentou o JI a partir dos 3 anos de idade e ingressou com 6 anos no 1º ano de escolaridade" (PCT) " frequenta o A.T.L" (PCT) "não frequentou o JI e entrou com 6 anos no 1º ano de escolaridade" " frequenta o A.T.L desde o ano passado"(PCT)
3.3.3.3. Nível atual de competências	" a tem graves dificuldades na aprendizagem" (PCT) "os alunos e.... têm resultados mais fracos" (PCT) "existem dois alunos que têm resultados que ficam aquém, os alunos... e" (PCT)

Anexo 4 - O Grupo/Turma

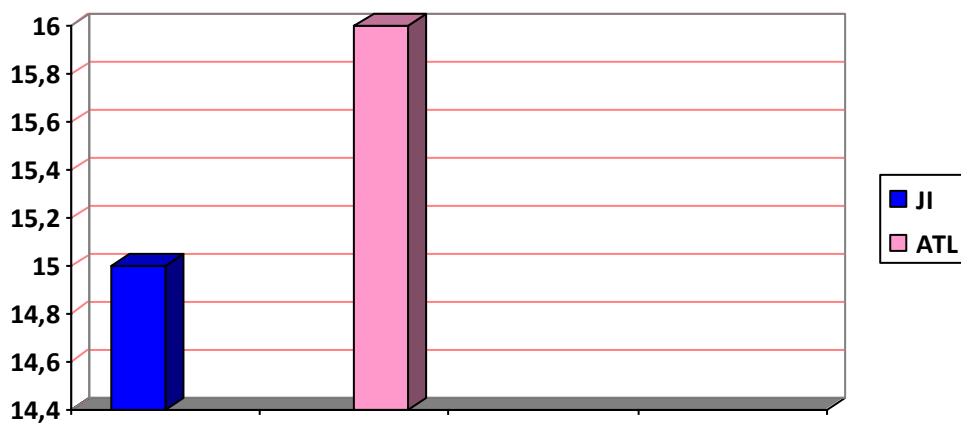
Ano de Escolaridade	Horário de Funcionamento
3ºe 4ºAno	Manhã (8h30 – 12h30) Tarde (14h00 - 16h00)

Distribuição dos Alunos por Sexo	
Masculino	Feminino
4	12



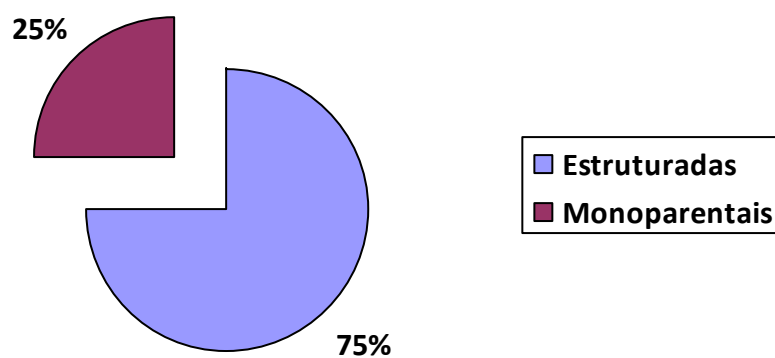
Percurso Escolar

Frequência no JI	Frequência no ATL
15	16



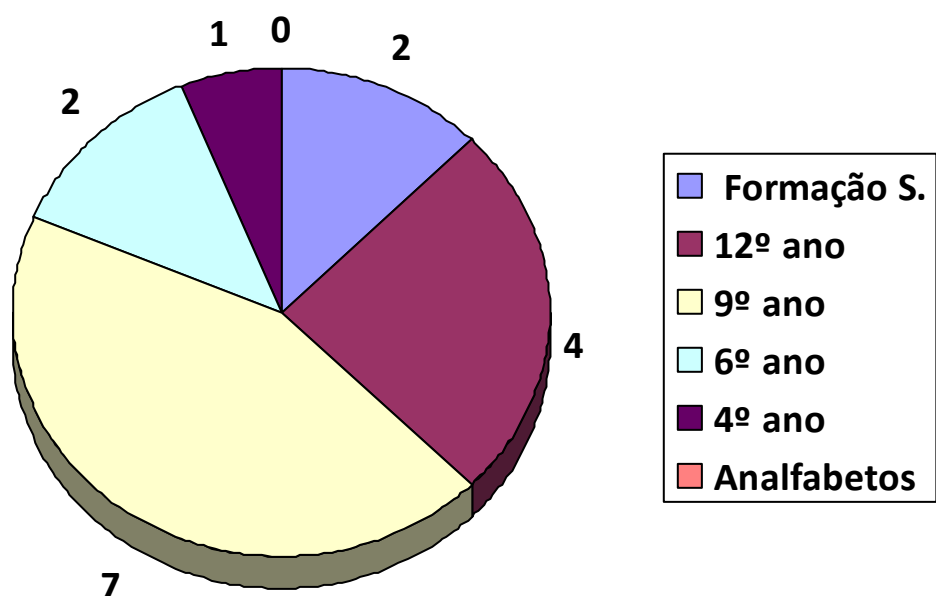
Caracterização familiar

Caracterização das Famílias		
Famílias Estruturadas	Famílias Monoparentais (divorciados)	Outras Situações
12	4	



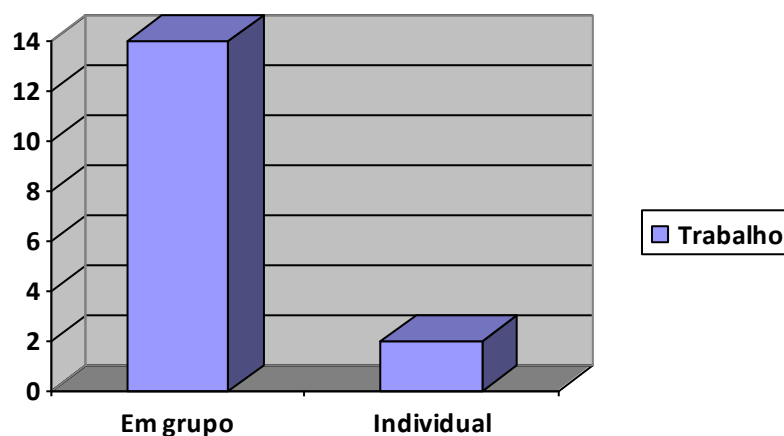
Caracterização Sociocultural das Famílias

Formação Superior	12º ano	9º ano	6º ano	4º ano	Analfabetos
2	4	7	2	1	0

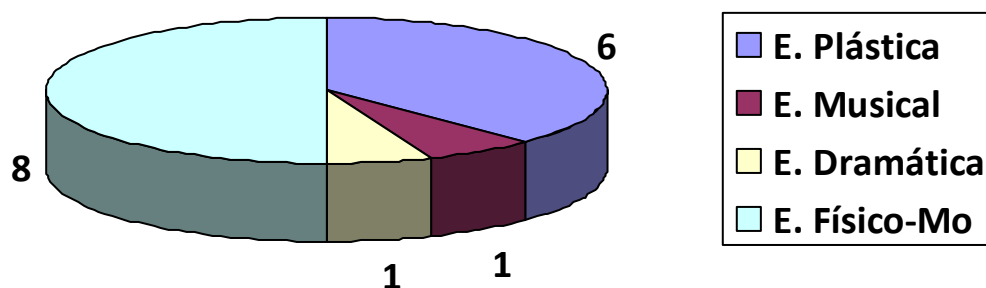


Motivações e Interesses dos Alunos

Preferências	
Trabalho de Grupo	Trabalho Individual
14	2



Preferências na Áreas de Expressão			
Expressão Plástica	Expressão Musical	Expressão Dramática	Expressão Físico-Motora
6	1	1	8



Anexo 5 - Guião da 1ª Entrevista à professora titular

Temática: Interação/inclusão de dois alunos num grupo do 1º ciclo

Objetivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado
- Recolher informações sobre o aluno com NEE
- Recolher informações sobre outros casos emergentes
- Recolher informações sobre o grupo para detetar problemas de interação
- Recolher informações sobre a interação/inclusão dos dois alunos com o restante do grupo

Entrevistado: Professora titular de turma

Data : 28/10/2011

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	▪ Motivar a entrevistada ▪ Valorizar a confidencialidade. ▪ Tornar a entrevista necessária e oportuna	▪ Pedir autorização para gravar a entrevista ▪ Motivos da entrevista ▪ Objetivos da entrevista	▪ Entrevista semidiretiva. ▪ Criar um ambiente agradável e confortável ▪ Será utilizada uma linguagem apelativa. A entrevista realizar-se-á na sala dos professores em horário pós-letivo .
Bloco B Perfil do entrevistado	▪ Caracterizar o entrevistado em termos pessoais e profissionais	▪ Idade ▪ Habilitações académicas ▪ Tempo de serviço	O entrevistador deve estar atento a todos os comentários e reações do entrevistado.
Bloco C Perfil dos alunos com NEE	▪ Caracterizar os alunos considerados NEE	▪ Atitudes destes alunos ▪ Aprendizagens	Serão identificadas as atitudes dos alunos com NEE dentro e fora do grupo, levando o entrevistadora a constatar quais são as necessidades dos alunos.
Bloco D Perfil do grupo	▪ Caracterizar o grupo ▪ Caracterizar a interação existente dentro do grupo	▪ Atitudes do grupo ▪ Comportamentos do grupo	Serão identificadas as atitudes do grupo e a interações existentes dentro do grupo.

Bloco E Interação/inclusão dos alunos com NEE com o restante do grupo	▪ Caracterizar a interação dos alunos com NEE dentro do grupo ▪ Caracterizar os comportamentos do grupo face aos alunos com NEE	▪ Comportamentos das crianças com NEE face ao grupo ▪ Interação existente entre o grupo e os alunos com NEE	Serão identificados os comportamentos do grupo face aos alunos com NEE e as atitudes dos alunos com NEE face ao grupo.
Bloco F Trabalho pedagógico	▪ Caracterizar as metodologias utilizadas ▪ Caracterizar as metodologias a utilizar	▪ Objetivos ▪ Estratégias	Serão identificadas as estratégias já implementadas pela professora.
Bloco G Dados complementares	▪ Dar a oportunidade ▪ Agradecer a disponibilidade do entrevistado	▪ Agradecimentos	O entrevistador deverá demonstrar gratidão para com a disponibilidade do entrevistado.

A entrevista iniciar-se-á com uma pequena conversa introdutória para que o entrevistado se sinta confortável ao responder às diversas questões. O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Anexo 6 - Protocolo da 1ª entrevista à professora titular

Caracterização da situação : O grupo é composto por dezasseis alunos, doze do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Duas dessas crianças têm problemas de interação com o grupo, uma por ter necessidades educativas especiais, outra por ter uma situação cultural diferente.

Data: 28/10/2011

Objetivos Gerais:

- Recolher informações sobre o perfil do entrevistado
- Falar sobre Inclusão
- Falar sobre Educação Inclusiva
- Recolher informações sobre o aluno com necessidades educativas especiais
- Recolher informação sobre outros casos emergentes
- Caracterizar a interação do grupo
- Caracterizar a interação/inclusão dos dois alunos com o grupo
- Caracterizar o trabalho pedagógico dentro da sala de aula

Entrevistado: Professora titular da turma

E – *Gostaria de saber um pouco sobre si : a sua idade, a sua formação académica e o seu tempo de serviço...*

P – Tenho 25 anos, terminei o meu curso de professora do primeiro ciclo em 2009, tenho dois anos de tempo de serviço, estou a gostar imenso da nova experiência; estou a tentar pôr em prática tudo o que foi adquirido e desenvolvido durante os anos do meu curso. Está a ser uma luta diária e ao mesmo tempo um desafio. Os dias não são monótonos, não são iguais... está a ser muito bom mesmo.

E – Depois deste tempo de serviço, já pode avaliar o que antes era para si ensinar e o que é agora...

P – O que toda a gente tem em mente é que ensinar é transmissão de saberes. Mas é um engano. Não deverá ser assim porque não se abre a cabeça e não se coloca o saber lá dentro. Os saberes, os conhecimentos desenvolvem-se. Por isso, hoje, como professora consigo chegar aos meus alunos e desenvolver passo a passo os objetivos que desejo alcançar. É isso que diariamente fazemos, é isso que diariamente construímos tanto eu como os meus colegas. Normalmente sou eu que conduzo a aula, mas são quase sempre os alunos que marcam, de certo modo o rumo, porque a aula nunca é uma aula linear que é feita do início até ao fim como eu tinha perspectivado. Acaba por seguir muito os horizontes deles. As maneiras de pensar, aquilo que eles acham, aquilo de que gostam vão ditar como a aula se há-de desenrolar durante todo o dia. Realmente é muito diferente do que eu pensava antes de iniciar e de acabar o meu curso .

E – Apesar de destabilizante, isso acaba por ser bom...

P – Sim, porque assim estou sempre em constante aprendizagem.

E – A partir da sua prática e para além das definições teóricas, em sua opinião o que significa a inclusão ?

P – A inclusão para mim tem a ver com o respeito mútuo, isto é : todas as pessoas são iguais, dependem das suas culturas, dos seus hábitos, da sua maneira de pensar. É importante saber aceitar as opiniões, os pontos de vista de cada um. Para mim a inclusão é não entrar em conflito com as opiniões, as diferenças de cada um. É importante o respeito mútuo das diferenças, das opiniões como já disse.

E– É interessante essa fundamentação da inclusão no respeito...

P – Sim, mas julgo que devemos acrescentar a humildade que é um fator que também se está a perder muito hoje em dia. É importante ambas as partes serem humildes para poderem então respeitar as respetivas diferenças.

E – *Sem esquecermos que falar da inclusão – termo muito abrangente – é falar de inclusão social, inclusão escolar... gostaria que comparasse o seu pensamento sobre a educação inclusiva dentro da sala de aula com os alunos antes e agora que já tem algum tempo de serviço...*

P – A minha opinião mantém-se, a minha linha de conduta é a mesma. A única coisa que acaba por ser diferente é que as experiências dentro da sala de aula têm que ser trabalhadas de outra forma. A inclusão tem de ser trabalhada passo a passo. Tendo em conta o aluno, por exemplo com necessidades educativas especiais, é fundamental trabalhar com esse aluno mas com o restante da turma. É importante incluir a nível social, a nível das dificuldades de aprendizagem, a nível das diferenças culturais e como base disso tudo temos sempre o respeito. Considero que o respeito mútuo e a inclusão dentro da sala de aula devem ser iniciados precocemente, desde pequeninos. Iniciar cedo a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, por exemplo, dentro de uma sala de aula, levará a que muito naturalmente ela se torne um hábito dos colegas de turma que a realizarão, a viverão e, sobretudo, acreditarão nela...

E – *Muito concretamente, julgo que é o momento de falarmos dos alunos com necessidades educativas especiais que tem nas suas turmas.*

P - Tenho dois casos que sobressaem claramente : uma menina com necessidades educativas especiais e um menino que tem dificuldades a nível da aprendizagem e a nível da integração dentro do grupo por ter uma origem cultural diferente.

No caso da menina que tem necessidades educativas especiais, as suas dificuldades em integrar-se dentro do grupo não dizem respeito ao contexto do recreio, mas essencialmente no que diz respeito ao contexto da sala de aula onde acaba por estar um pouco aquém das expectativas. Ela não se integra dentro do grupo, não gosta de conviver com os outros meninos. E não trabalhando em grupo com os outros acaba por revelar uma baixa autoestima e muito medo de errar. Essa aluna tem problemas bastante graves de disortografia, dislexia e discalculia. Percebendo que tem essas dificuldades acaba por se resguardar não convivendo muito com os seus colegas e revela sempre com muito medo da ajuda deles. Essa menina é muito sensível e humilde. Realço que por se sentir inferiorizada não quer a ajuda dos colegas.

Sempre que posso procuro dar-lhe incentivos positivos quando acerta numa resposta, quando faz uma reflexão dentro da aula. Aproveito sempre essa oportunidade para mostrar um reforço positivo para que se sinta entusiasmada e para que, numa próxima oportunidade, não tenha medo de repetir a sua intervenção.

E – Quais são as suas maiores dificuldades ?

P – A grande dificuldade dela tem a ver com a expressão escrita ; tem também a ver com a compreensão do sistema numeral. Por exemplo, não consegue perceber as quantidades, não atinge os objetivos. Não consegue passar a linguagem corrente para uma linguagem matemática. Não consegue descodificar códigos de linguagem.

E – E a área onde ela tem menos dificuldades ou onde ela é mais forte ?

P – A interpretação de texto por incrível que pareça e, também, o estudo do meio, uma das suas áreas de preferência. É uma criança muito curiosa sobre o mundo, o ser humano, os animais, tudo o que são conhecimentos geográficos, o meio ambiente. Isto motiva-a bastante. A razão deste gosto prende-se com o facto de viajar muito durante as férias com uma tia : visitam museus, viajam para diversos sítios até a nível internacional. Acabou por se entusiasmar e ganhar essa curiosidade em aprender o mais que pode sobre outras culturas, sobre o mundo em si. Isto cativa-a muito.

E – Parece-me, pelo que me diz, que devemos utilizar esta sua área mais forte que a cativa muito para ser o elo de ligação para ir incentivar as áreas mais fracas...

P – Sim, concordo plenamente, mas infelizmente nem sempre é fácil, sei que tenho de arranjar estratégias e soluções, sendo uma aluna que é abrangida pelo Decreto Lei 3/2008, o P.E.I tem de ser elaborado, mas confesso que pouco percebo.

E – Mas nas suas turmas há outros casos que exigem atenções especiais ...

P – Como já havia referido há um aluno de origem marroquina ; tem uma cultura e uma origem diferentes. Pratica de modo muito sério a religião islâmica. Na aula acaba sempre por referir aspetos da sua cultura e da sua religião. Não tenta esconder nada, antes pelo contrário. Nos comportamentos em grupo acaba sempre por ser um pouco excluído. Ele tem que ser

sempre o líder, o elo mais forte, o que domina. Como facilmente se imagina não é fácil para o restante da turma aceitar isso. Não o conseguem ver como líder e acabam por pô-lo de parte. Isso vai prejudicá-lo a nível das aprendizagens e isso leva-o a sentir-se posto de parte, muito pouco motivado e pouco interessado. O estudo do meio é a área que o motiva mais, mas existem grandes dificuldades na Língua Portuguesa, a Leitura e a Escrita não são as suas áreas de eleição, acaba por ser um aluno médio baixo em Matemática e um aluno abaixo da média em Língua Portuguesa.

E – Na primeira parte da sua aula optou por falar um pouco das invasões árabes. Já o tinha feito antes. Ele referiu alguma coisa ou manteve-se calado ?

P – Levantou logo as orelhas e ficou todo interessado. Acabámos depois por diferenciar o islamismo do cristianismo, diferenciar também os nomes dados por cada religião a Deus. Diferenciámos também a Bíblia do Alcorão. Infelizmente eu também pouco percebo, mas mais para a frente havemos de aprofundar estas questões.

E – Acha importante trabalhar a interculturalidade dentro da sala de aula?

P – Claramente. É algo que tenho tentado realizar. Infelizmente o tempo é pouco, as ajudas também são poucas. Temos um programa a cumprir e infelizmente nem sempre podemos fazer aquilo que nos parece o mais certo, mas simplesmente o nosso dever. Há alguns assuntos importantes que deveriam ser tratados e que acabam por não o ser. É importante juntá-los para seguirem o mesmo caminho de forma a que interajam dentro e fora da sala de aula. É fundamental eles interagirem como pessoas e não só como alunos. Não se trata só de ficar pela rama no que é politicamente correto.

E – Como pode caracterizar a relação destes dois alunos no seio do grupo ?

P – Estes dois alunos são diferentes. Têm uma maneira de ser diferente e por isso temos de trabalhar com eles de maneira diferente, para que sejam incluídos dentro e fora da sala de aula com o restante do grupo. A menina é calada e meiga, acaba por ficar de parte ; o menino acaba por ser um pouco conflituoso com o restante do grupo. Tanto um como o outro são rejeitados. Uma porque se resguarda e fica de parte e tem uma autoestima muito baixa e o

outro é excluído por ser conflituoso. É um aluno muito frio que gosta de impor a sua ideia de forma mais agressiva. Não é diplomata, é fechado e individualista.

E – Como pode caracterizar a interação dos alunos uns com os outros dentro do grupo-turma ?

P – É um grupo que se dá bastante bem. Infelizmente existem diversos pequenos grupinhos de meninos e de meninas. A interação faz-se, mas há uma grande dificuldade em inserir outros elementos dentro desses grupos já existentes. No seu todo é uma turma equilibrada, mas temos sempre estes dois meninos que ficam à parte e que têm de ser incluídos. Daí a nossa grande dificuldade.

E- Quais são as estratégias que tem vindo a implementar dentro da sala de aula?

P- Tenho tentado implementar o trabalho em grupo, eles gostam muito. É uma forma de interagirem e tenho vindo a observar que resulta e que (silêncio) afinal as aprendizagens são feitas (riso)

E - Quais são as estratégias que futuramente podem vir a ser implementadas, dentro da sua sala de aula ?

P - Sem dúvida o trabalho cooperativo e a ajuda mútua embora ainda não perceba muito sobre o assunto, mas gostaria que futuramente isso fizesse parte integrante das minhas aulas.

E – Obrigada pela sua disponibilidade e até breve.

Anexo 7 - Análise de conteúdo dos dados da 1ª entrevista à professora titular

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Perfil do entrevistado	▪ Formação académica e percurso profissional	▪ Tenho 25 anos ▪ terminei o meu curso de professora do primeiro ciclo em 2009 ▪ tenho dois anos de tempo de serviço ▪ Estou a gostar imenso da nova experiência ; estou a tentar pôr em prática tudo o que foi adquirido e desenvolvido durante os anos do meu curso. Está a ser uma luta diária e ao mesmo tempo um desafio. Os dias não são monótonos, não são iguais... está a ser muito bom mesmo.
Inclusão/educação inclusiva	▪ Conceito de Inclusão	▪ A inclusão para mim tem a ver com o respeito mútuo, isto é : todas as pessoas são iguais, dependem das suas culturas, dos seus hábitos, da sua maneira de pensar. ▪ É importante saber aceitar as opiniões, os pontos de vista de cada um. ▪ Para mim a inclusão é não entrar em conflito com as opiniões, as diferenças de cada um. ▪ É importante o respeito mútuo das diferenças, das opiniões como já disse. ▪ julgo que devemos acrescentar a humildade que é um fator que também se está a perder muito hoje em dia. É importante ambas as partes serem humildes para poderem então respeitar as respetivas diferenças.

	▪ Educação inclusiva: práticas de sala de aula	▪ A única coisa que acaba por ser diferente é que as experiências dentro da sala de aula têm que ser trabalhadas de outra forma. A inclusão tem de ser trabalhada passo a passo. Tendo em conta o aluno, por exemplo com necessidades educativas especiais, é fundamental trabalhar com esse aluno mas com o restante da turma. É importante incluir a nível social, a nível das dificuldades de aprendizagem, a nível das diferenças culturais e como base disso tudo temos sempre o respeito. Considero que o respeito mútuo e a inclusão dentro da sala de aula devem ser iniciados precocemente, desde pequeninos. Iniciar cedo a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, por exemplo, dentro de uma sala de aula, levará a que muito naturalmente ela se torne um hábito dos colegas de turma que a realizarão, a viverão e, sobretudo, acreditarão nela...
Trabalho pedagógico	▪ Metodologias implementadas e a implementar	▪ Tenho tentado implementar o trabalho em grupo, eles gostam muito, é uma forma de interagirem e tenho vindo a observar que resulta e que afinal as aprendizagens são feitas. ▪ Sem dúvida o trabalho cooperativo e a entre ajuda, embora ainda não perceba muito sobre o assunto mas gostaria que futuramente fizesse parte integrante das minhas aulas.

	▪ Interação no grupo	▪ É um grupo que se dá bastante bem. ▪ infelizmente existem diversos pequenos grupinhos de meninos e de meninas. A interação faz-se, ▪ há uma grande dificuldade em inserir outros elementos dentro desses grupos já existentes. No seu todo é uma turma equilibrada, ▪ temos sempre estes dois meninos que ficam à parte e que têm de ser incluídos. Daí a nossa grande dificuldade.
Perfil da aluna com necessidades educativas especiais	▪ Perfil da aluna	▪ Essa menina é muito sensível e humilde. ▪ A menina é calada e meiga, acaba por ficar de parte ▪ É uma criança muito curiosa sobre o mundo, o ser humano, os animais, tudo o que são conhecimentos geográficos, o meio ambiente. ▪ as suas dificuldades em integrar-se dentro do grupo não dizem respeito ao contexto do recreio, mas essencialmente no que diz respeito ao contexto da sala de aula onde acaba por estar um pouco aquém das expectativas. Ela não se integra dentro do grupo, não gosta de conviver com os outros meninos.

	▪ Interação da aluna dentro do grupo ▪ Áreas de maior dificuldade da aluna	▪ Percebendo que tem essas dificuldades acaba por se resguardar não convivendo muito com os seus colegas e revela sempre com muito medo da ajuda deles. Realço que por se sentir inferiorizada não quer a ajuda dos colegas. ▪ A grande dificuldade dela tem a ver com a expressão escrita ; tem também a ver com a compreensão do sistema numeral. Por exemplo, não consegue perceber as quantidades, não atinge os objetivos. Não consegue passar a linguagem corrente para uma linguagem matemática. Não consegue descodificar códigos de linguagem.
	▪ Áreas de menor dificuldade da aluna	▪ A interpretação de texto por incrível que pareça e, também, o estudo do meio, uma das suas áreas de preferência.
Perfil do outro caso emergente	▪ Perfil do aluno	▪ aluno de origem marroquina ; tem uma cultura e uma origem diferentes. Pratica de modo muito sério a religião islâmica. Na aula acaba sempre por referir aspetos da sua cultura e da sua religião. Não tenta esconder nada, antes pelo contrário.

	▪ Interação do aluno dentro do grupo ▪ Áreas de menor e maior dificuldade do aluno	▪ Nos comportamentos em grupo acaba sempre por ser um pouco excluído. Ele tem que ser sempre o líder, o elo mais forte, o que domina. Como facilmente se imagina não é fácil para o restante da turma aceitar isso. Não o conseguem ver como líder e acabam por pô-lo de parte. Isso vai prejudicá-lo a nível das aprendizagens e isso leva-o a sentir-se posto de parte, muito pouco motivado e pouco interessado. ▪ O estudo do meio é a área que o motiva mais, mas existem grandes dificuldades na Língua Portuguesa, a Leitura e a Escrita não são as suas áreas de eleição, acaba por ser um aluno médio baixo em Matemática e um aluno abaixo da média em Língua Portuguesa.
▪ Interação com o grupo dos dois alunos "caso"	▪ Comportamentos de ML e DJ no grupo	▪ Têm uma maneira de ser diferente e por isso temos de trabalhar com eles de maneira diferente, para que sejam incluídos dentro e fora da sala de aula com o restante do grupo. ▪ Tanto um como o outro são rejeitados.
	▪ Aluna ML	▪ A menina é calada e meiga, acaba por ficar de parte ▪ Resguarda-se e fica de parte e tem uma autoestima muito baixa

	▪Aluno DJ	▪ O menino acaba por ser um pouco conflituoso com o restante do grupo. ▪ é excluído por ser conflituoso. É um aluno muito frio que gosta de impor a sua ideia de forma mais agressiva. Não é diplomata, é fechado e individualista.
Interculturalidade dentro da sala de aula	▪ Conceito de interculturalidade	▪É algo que tenho tentado realizar. Infelizmente o tempo é pouco, as ajudas também são poucas. Temos um programa a cumprir e infelizmente nem sempre podemos fazer aquilo que nos parece o mais certo, mas simplesmente o nosso dever. Há alguns assuntos importantes que deveriam ser tratados e que acabam por não o ser. É importante juntá-los para seguirem o mesmo caminho de forma a que interajam dentro e fora da sala de aula. É fundamental eles interagirem como pessoas e não só como alunos. Não se trata só de ficar pela rama no que é politicamente correto.

Anexo 8 - Guião da 2ª entrevista à professora titular

Temática: Interações e aprendizagens num grupo do 1º ciclo de escolaridade.

Objetivos da entrevista:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Recolher informações sobre o trabalho pedagógico.
- Recolher informações sobre a interação do grupo.
- Recolher informações sobre a interação/inclusão dos alunos ML e DJ com o grupo.
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Professora titular de turma

Data : 14/06/2012

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	▪ Motivar a entrevistada ▪ Valorizar a confidencialidade. ▪ Tornar a entrevista necessária e oportuna	▪ Pedir autorização para gravar a entrevista ▪ Motivos da entrevista ▪ Objetivos da entrevista	▪ Entrevista semidiretiva. ▪ Criar um ambiente agradável e confortável ▪ Será utilizada uma linguagem apelativa. A entrevista realizar-se-á na sala dos professores em horário pós-letivo .
Bloco B Intervenção com o grupo	▪ Recolher informação sobre a intervenção ▪ Caracterizar as práticas pedagógicas ▪ Perspetiva dos pais	▪ Objetivos ▪ Estratégias implementadas	▪ O entrevistador deve estar atento a todos os comentários e reações do entrevistado.

Bloco C Trabalho pedagógico	▪ Metodologia implementada	▪ Objetivos ▪ Estratégias implementadas ▪ Aprendizagens	▪ O entrevistador deve estar atento a todos os comentários e reações do entrevistado.
Bloco D Perfil da turma	▪ Caracterizar o grupo ▪ Caracterizar a interação do grupo	▪ Relações/ interações existentes dentro do grupo ▪ Observação de comportamentos da turma ▪ Aprendizagens	▪ Prestar atenção aos comportamentos não verbais da entrevistada
Bloco E Perfil da aluna ML	▪ Caracterizar a interação da aluna ML dentro do grupo ▪ Caracterizar as atitudes do grupo face a aluna ML	▪ Relação existente entre a aluna ML e o grupo ▪ Observação de comportamentos da aluna ML ▪ Aprendizagens	▪ Prestar atenção aos comportamentos não verbais da entrevistada ▪ Estar atenta e disponível
Bloco F Perfil do aluno DJ	▪ Caracterizar a interação do aluno DJ dentro do grupo ▪ Caracterizar as atitudes do grupo face ao aluno DJ	▪ Relação existente entre o aluno DJ e o grupo ▪ Observação de comportamentos do aluno DJ ▪ Aprendizagens	▪ Prestar atenção aos comportamentos não verbais da entrevistada ▪ Estar atenta e disponível
Bloco G Dados complementares	▪ Agradecer a disponibilidade do entrevistado	▪ Agradecimentos	▪ O entrevistador deverá demonstrar gratidão para com a disponibilidade do entrevistado.

A entrevista iniciar-se-á com uma pequena conversa introdutória para que a entrevistada se sinta confortável ao responder às diversas questões. O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Anexo 9 - Protocolo da 2ª entrevista à professora titular

Caracterização da situação : O grupo é composto por dezasseis alunos, doze do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Duas dessas crianças tinham no início da nossa intervenção problemas de interação com o grupo e as aprendizagens saíam fortemente prejudicadas. ML aluna com necessidades educativas especiais e DJ aluno com uma situação cultural diferente.

Data: 14/06/2012

Objetivos Gerais:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Caracterizar o trabalho pedagógico dentro da sala de aula
- Recolher informações sobre a interação/inclusão dos alunos ML e DJ com o grupo
- Caracterizar a interação do grupo
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Professora Titular de Turma

E– Como avalia o trabalho realizado ao longo destes meses?

P – Produtivo, muito produtivo. Surpreenderam-me muito positivamente as respostas dos alunos ao trabalho e às pesquisas que lhe foram sendo pedidos. Admirei a capacidade deles em se entregarem aos projetos. Viram sempre os projetos como um desafio e não ficaram nada mal porque responderam em pleno ao desafio que lhes foi colocado. Fiquei babada mesmo de ver os meus alunos a entregarem-se àqueles projetos. As responsabilidades que lhes incutimos eles duplicaram-nas, bem como a motivação que eles tiveram em querer trabalhar durante os intervalos, sem esquecer a preocupação deles uns com os outros, o respingar de uns com os outros já que as coisas tinham que ser feitas. Houve poucas queixas de que um ou outro trabalhava mal e ‘que não consigo trabalhar com ele’, porque, entretanto, souberam que eram eles próprios que tinham que resolver as situações em grupo. Só tenho uma palavra: produtividade! Foi espetacular.

E – Ouviu algum comentário positivo ou negativo dos pais em relação a este trabalho desenvolvido?

P – Não houve sequer um ponto negativo salientado pelos pais. Às vezes podia haver uma ou outra reação quanto a uma iniciativa que vinha quebrar a rotina, mas isso não aconteceu porque desde sempre houve uma abertura a mostrar aos pais o que ia ser feito. E as próprias crianças andavam muito motivadas. Os pais só diziam era bem. Um exemplo foi a curiosidade deles quanto ao *PowerPoint* ; e os pais com o sorriso nos olhos a verem os filhotes a fazerem *PowerPoint* já com gráficos. Foi qualquer coisa de surpreendente.

E– Quais foram os aspetos mais positivos desta experiência?

P – A aprendizagem deles, o trabalho de projeto, de investigação, de apresentação, de desinibição perante grupos, sobretudo com outro público. Viu-se perfeitamente quem estava nervoso e quem estava à vontade, quem puxava pelos colegas e quem não deixava ficar mal o grupo. Viu-se também a absorção de todos os detalhes que ressalvávamos e que eles absorviam. A minha própria aprendizagem, para além da deles, em estruturar trabalhos de projetos; eu aprendi com eles, e fui percebendo que tipo de trabalho e de evolução se pode ter perante um projeto. Saber aplicá-lo e saber rentabilizar um projeto, foi bastante enriquecedor.

E– E aspetos negativos?

P – Talvez o tempo, porque num programa com uma turma mista há sempre consolidações a serem feitas; as matérias a serem trabalhadas são sempre muito importantes. A corrida atrás do tempo acabava por levantar questão que deve ser trabalhada, mas não devemos fazer dela um bicho de sete cabeças. Eu gosto de ver a minha sala desarrumada, não certinha: é sinal de que eles estão felizes e que estão a trabalhar. Eles sabiam, na hora dos projetos, que era para trabalhar e na desarrumação visível eles não se perdiam. O tempo foi bem gerido; por isso posso até dizer que não foi um aspeto claramente negativo.

E – O que lhe pareceu o trabalho a partir dos projetos?

P - Achei que foi enriquecedor tanto para eles como para nós; nunca tinha trabalhado desta forma e aprendi muito. Para o próximo ano quero implementar esta metodologia; é uma mais valia para transmitir conteúdos.

E – Julga que as atividades desenvolvidas durante estes meses foram de encontro às necessidades do grupo?

P– Foram completamente, porque os temas trabalhados não fugiram dos programas; todos os projetos tinham temas que foram ou iam ser trabalhados dentro deste ano letivo, daí o seu grande interesse. Notava-se também que no primeiro projeto escolheram temas com os quais estavam à vontade, mas já nos segundos e nos terceiros não. Não fugiram à dificuldade, procuraram o conhecimento. Para todo o grupo, os trabalhos foram desafiadores e motivadores e escolheram muitas vezes temas que os apaixonavam.

E - As aprendizagens foram feitas?

P - Se foram ! Nunca pensei que fosse possível eles aprenderem pesquisando, investigando, criando, sobretudo em conjunto. Mas foi possível. Geriu-se sempre tudo da melhor forma, as aprendizagens foram feitas, os resultados melhoraram e o programa foi dado.

E - E por parte dos dois alunos "casos"?

P - Aprenderam muito. ML desenvolveu diversas competências, está mais à vontade para escrever um texto e para ler, os resultados melhoraram bastante. O facto de não recear perguntar e de pedir ajuda foi um fator essencial para ela ser apoiada nas suas necessidades, ML cresceu. DJ melhorou, sim, por se empenhar mais. Como o relacionamento com os colegas não era o melhor, acabava por não gostar da escola e de tudo o que se pudesse relacionar com ela. Agora ele está em harmonia com o grupo e acaba por se empenhar mais, os colegas puxam por ele e os resultados melhoraram.

E - O trabalhar em projetos ajudou a modificar as interações dos alunos?

P– Modificaram bastante! Descobriram aos poucos as capacidades de trabalho de cada um; acabaram por se respeitar uns aos outros. Posso, aliás, arriscar-me a dizer que aprenderam a conhecer-se melhor e dão-se todos bem agora.

E – Como é que caracteriza a relação e a interação dos dois alunos "casos" com os outros membros do grupo depois do trabalho desenvolvido quer em situação de recreio quer na sala de aula?

P – DJ aprendeu a estar em grupo, ele que tinha a mania de que era líder e se comportava como um galifão. Soube aprender que não pode ser galifão e que tem que ser mais humilde. Julgo que descobriu o que é ser humilde. Está bem mais lapidado e respeitador dos colegas e da opinião deles. ML está mais desinibida e mais interessada, mais confiante e isto é bom para a sua autoestima. Estes dois meninos desenvolveram competências, muitas competências e são alunos agora escolhidos pelo grupo. Na situação de recreio melhoraram bastante. ML continua muito recatada e sempre muito ligada aos amigos do peito, mas já alargou os seus relacionamentos. DJ, notei-o mais calmo, mais ponderado; já lida melhor com os colegas do grupo pois, inicialmente, tinha problemas em lidar com os colegas perante os quais tinha que sobressair sempre como líder. Agora, noto que ele já respeita mais os colegas. Em sala de aula, idem: noto que ML está mais autónoma em termos de trabalho, mais confiante e mais desinibida. Agora já afirma perante os colegas certos valores e não tem vergonha de os realçar e de afirmar a sua opinião. Isso aconteceu na elaboração dos projetos, tendo dito várias vezes: "eu gostava que fosse feito assim".

E – Como caracteriza a relação e a interação do grupo face aos dois alunos "casos" ?

P – Melhorou muito. De início, como vimos, a relação da turma perante eles era de indiferença, pouco interagiam com eles. Agora já não é assim; trabalham juntos, ajudam-nos e brincam com eles; sinto que já fazem parte de todo o grupo, a turma respeita-os e sabe que eles têm muito para lhes dar.

E – Obrigada pela sua disponibilidade e por estes meses de grande aprendizagem.

Anexo 10 - Análise de conteúdo dos dados da 2ª entrevista à professora titular

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Intervenção com o grupo	▪ Trabalho desenvolvido com o grupo ▪ Perspetiva dos pais	▪ Produtivo, muito produtivo. Surpreenderam-me muito positivamente as respostas dos alunos ao trabalho e às pesquisas que lhes foram sendo pedidos. Admirei a capacidade deles em se entregarem aos projetos. Viram sempre os projetos como um desafio e não ficaram nada mal porque responderam em pleno ao desafio que lhes foi colocado. Fiquei babada mesmo de ver os meus alunos a entregarem-se àqueles projetos. As responsabilidades que lhes incutimos eles duplicaram-nas, bem como a motivação que eles tiveram em querer trabalhar durante os intervalos, sem esquecer a preocupação deles uns com os outros, o respingar de uns com os outros já que as coisas tinham que ser feitas. Houve poucas queixas de que um ou outro trabalhava mal e ‘que não consigo trabalhar com ele’, porque, entretanto, souberam que eram eles próprios que tinham que resolver as situações em grupo. Só tenho uma palavra: produtividade! Foi espetacular. ▪ Não houve sequer um ponto negativo salientado pelos pais. Às vezes podia haver uma ou outra reação quanto a uma iniciativa que vinha quebrar a rotina, mas isso não aconteceu porque desde sempre houve uma abertura a mostrar aos pais o que ia ser feito. E as próprias crianças andavam muito motivadas. Os pais só diziam era bem. Um exemplo foi a curiosidade deles quanto ao <i>PowerPoint</i> ; e os pais com o sorriso nos olhos a verem os filhotes a fazerem

	▪ Aspetos positivos ▪ Aspetos negativos	<i>PowerPoint</i> já com gráficos. Foi surpreendente. ▪ A aprendizagem deles, o trabalho de projeto, de investigação, de apresentação, de desinibição perante grupos, sobretudo com outro público. Viu-se perfeitamente quem estava nervoso e quem estava à vontade, quem puxava pelos colegas e quem não deixava ficar mal o grupo. Viu-se também a absorção de todos os detalhes que ressalvávamos e que eles absorviam. A minha própria aprendizagem, para além da deles, em estruturar trabalhos de projetos; eu aprendi com eles, e fui percebendo que tipo de trabalho e de evolução se pode ter perante um projeto. Saber aplicá-lo e saber rentabilizar um projeto, foi bastante enriquecedor. ▪ Talvez o tempo, porque num programa com uma turma mista há sempre consolidações a serem feitas; as matérias a serem trabalhadas são sempre muito importantes. A corrida atrás do tempo acabava por levantar questão que deve ser trabalhada, mas não devemos fazer dela um bicho de sete cabeças. Eu gosto de ver a minha sala desarrumada, não certinha: é sinal de que eles estão felizes e que estão a trabalhar. Eles sabiam, na hora dos projetos, que era para trabalhar e na desarrumação visível eles não se perdiam. O tempo foi bem gerido; por isso posso até dizer que não foi um aspeto claramente negativo.
--	--	--

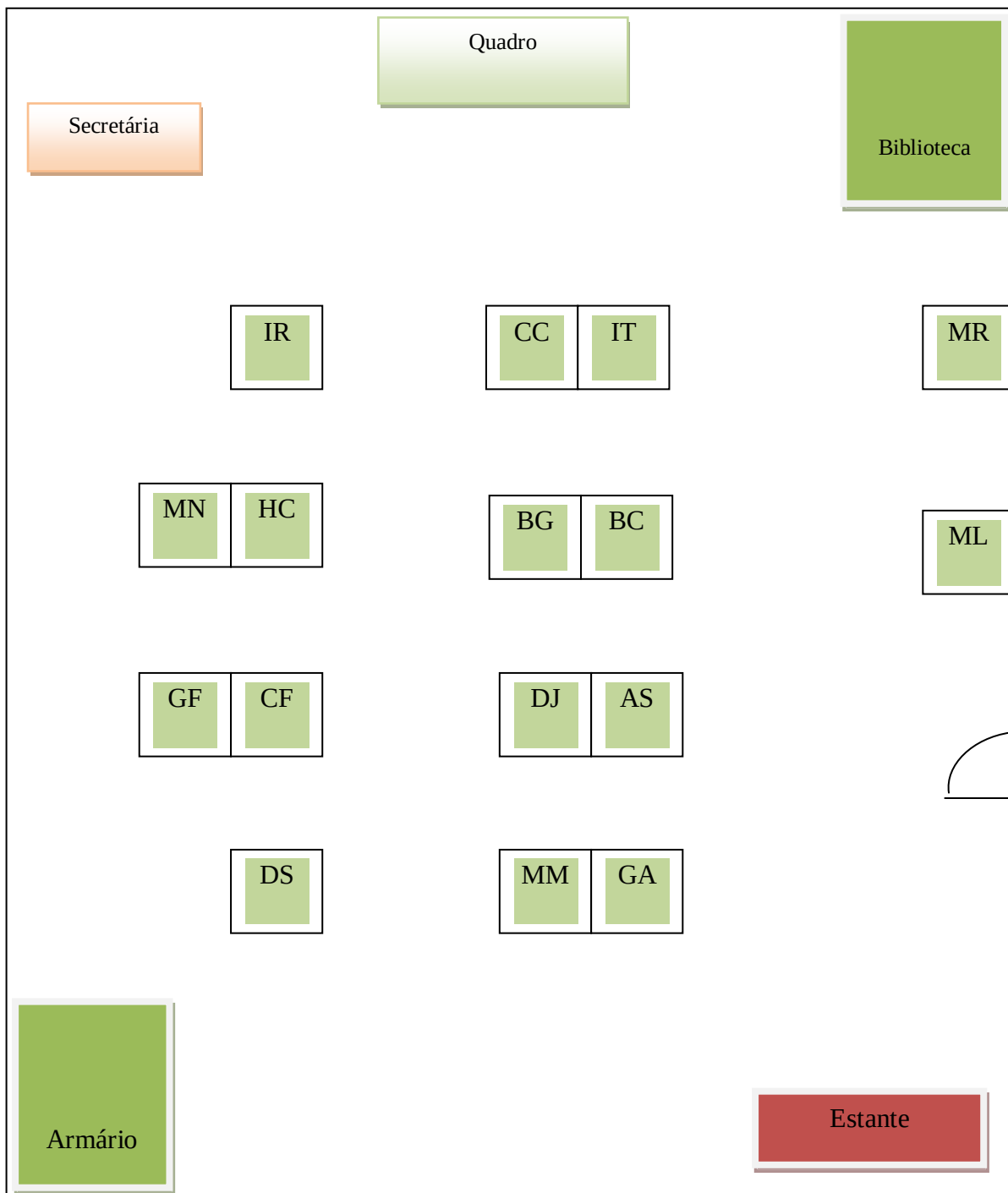
Trabalho pedagógico	▪ Metodologia implementada ▪ Aprendizagens	▪ Achei que foi enriquecedor tanto para eles como para nós; nunca tinha trabalhado desta forma e aprendi muito. Para o próximo ano quero implementar esta metodologia; é uma mais valia para transmitir conteúdos. ▪ os temas trabalhados não fugiram dos programas; todos os projetos tinham temas que foram ou iam ser trabalhados dentro deste ano letivo, daí o seu grande interesse. Notava-se também que no primeiro projeto escolheram temas com os quais estavam à vontade, mas já nos segundos e nos terceiros não. Não fugiram à dificuldade, procuraram o conhecimento. Para todo o grupo, os trabalhos foram desafiadores e motivadores e escolheram muitas vezes temas que os apaixonavam. ▪ Nunca pensei que fosse possível eles aprenderem pesquisando, investigando, criando, sobretudo em conjunto. Mas foi possível. Geriu-se sempre tudo da melhor forma, as aprendizagens foram feitas, os resultados melhoraram e o programa foi dado.
Perfil da turma	▪ Interação no grupo ▪ Aprendizagens	▪ Descobriram aos poucos as capacidades de trabalho de cada um; acabaram por se respeitar uns aos outros. Posso, aliás, arriscar-me a dizer que aprenderam a conhecer-se melhor e dão-se todos bem agora. ▪ Nunca pensei que fosse possível eles aprenderem pesquisando, investigando, criando, sobretudo em conjunto.

Perfil da aluna ML	▪ Comportamentos de ML no grupo ▪ Comportamento do grupo face à aluna ML ▪ Aprendizagens feitas por parte de ML	▪ ML está mais desinibida e mais interessada, mais confiante e isto é bom para a sua autoestima. ▪ ML continua muito recatada e sempre muito ligada aos amigos do peito, mas já alargou os seus relacionamentos. ▪ Em sala de aula, idem: noto que ML está mais autónoma em termos de trabalho, mais confiante e mais desinibida. Agora já afirma perante os colegas certos valores e não tem vergonha de os realçar e de afirmar a sua opinião. Isso aconteceu na elaboração dos projetos, tendo dito várias vezes: "eu gostava que fosse feito assim". ▪ De início, como vimos, a relação da turma perante eles era de indiferença, pouco interagiam com eles. Agora já não é assim; trabalham juntos, ajudam-nos e brincam com eles; sinto que já fazem parte de todo o grupo, a turma respeita-os e sabe que eles têm muito para lhes dar. ▪ ML desenvolveu diversas competências, está mais à vontade para escrever um texto e para ler, os resultados melhoraram bastante. O facto de não recear perguntar e de pedir ajuda foi um fator essencial para ela ser apoiada nas suas necessidades, ML cresceu. ▪ Estes dois meninos desenvolveram competências, muitas competências e são alunos agora escolhidos pelo grupo.
---------------------------	---	--

Perfil do aluno DJ	▪ Comportamentos de DJ no grupo ▪ Comportamento do grupo face ao aluno DJ ▪ Aprendizagens feitas por parte de DJ	▪ DJ aprendeu a estar em grupo, ele que tinha a mania de que era líder e se comportava como um galifão. Soube aprender que não pode ser galifão e que tem que ser mais humilde. Julgo que descobriu o que é ser humilde. Está bem mais lapidado e respeitador dos colegas e da opinião deles ▪ notei-o mais calmo, mais ponderado; já lida melhor com os colegas do grupo pois, inicialmente, tinha problemas em lidar com os colegas perante os quais tinha que sobressair sempre como líder. Agora, noto que ele já respeita mais os colegas. ▪ De início, como vimos, a relação da turma perante eles era de indiferença, pouco interagiam com eles. Agora já não é assim; trabalham juntos, ajudam-nos e brincam com eles; sinto que já fazem parte de todo o grupo, a turma respeita-os e sabe que eles têm muito para lhes dar. ▪ DJ melhorou, sim, por se empenhar mais. Como o relacionamento com os colegas não era o melhor, acabava por não gostar da escola e de tudo o que se pudesse relacionar com ela. Agora ele está em harmonia com o grupo e acaba por se empenhar mais, os colegas puxam por ele e os resultados melhoraram. ▪ Estes dois meninos desenvolveram competências, muitas competências e são alunos agora escolhidos pelo grupo.
---------------------------	--	---

Anexo 11 - Protocolo da 1ª Observação Naturalista

Planta do Contexto



Situação: Leitura do texto sobre a agricultura

Objetivo:

- Observar a interação dos alunos dentro da sala de aula
- Observar a interação dos alunos com a professora A
- Observar a interação dos alunos ML e DJ com o grupo
- Observar a interação do grupo com os alunos ML e DJ

Professora : A

Data : 11/11/2011

Tempo de observação : 50 minutos (11h45 às 12h35)

A observação inicia-se a seguir ao intervalo

Hora	Descrição dos comportamentos observados	Notas e inferências
11h45 11h50	- IR, MR e GA conversam entre si. - MM vai afiar o lápis. - MN olha para o observador. - A pergunta ao resto do grupo onde está DJ. - DJ entra atrasado na sala de aula. - A diz a DJ que a hora do intervalo é para ser cumprida. - DJ olha para A e encolhe os ombros. - A pede a DJ para se sentar.	- O observador é alvo de curiosidade - DJ entra com um sorriso provocador. - DJ parece não se importar com o comentário de A.

XXXIX

11h55	- A diz que a próxima atividade da manhã é a leitura de um texto sobre a agricultura. - ML suspira. - A pede a GF para começar a ler. - HC e BG conversam. - DJ brinca com a borracha. - DS e MM seguem juntas o texto. - A pede a ML para continuar com a leitura. - ML começa a ler orientando-se com o dedo indicador da mão direita. - ML engana-se numa das palavras. - IT e CC riem-se. - A pede para não se rirem. - ML baixa a cabeça. - A passa ao lado de ML, toca-lhe na mão e pede-lhe para continuar com a leitura. - ML olha para A, abana a cabeça a dizer que sim e continua com a leitura. - DS levanta-se e entrega um papel a GF. - A pede a DS para continuar com a leitura. - DJ faz um desenho no seu caderno. - MR tira o casaco e diz, em voz alta, que está calor. - A pede a AS para ler o último parágrafo do texto.	- A parece estar desiludida. - ML parece não gostar da atividade. - DJ parece não estar interessado no texto. - ML demonstra insegurança. - A demonstra carinho por ML. - ML continua com a leitura com um ar de desmotivação e tristeza. - Os alunos parecem estar distraídos. - DJ continua a não estar interessado no texto.
---------------------	---	--

12h05	- DJ olha para AS tentando distrai-la da leitura. - AS dá uma cotovelada em DJ e abana com a cabeça. - DJ ri-se - CF vira-se para DS e tira-lhe o lápis. - ML procura algo dentro da mochila. - A pede aos alunos para se juntarem em grupos de quatro para responderem às perguntas do texto. - IT e CC juntam-se . - DJ olha para GA e pede-lhe para fazerem parte do mesmo grupo. - GA abana com a cabeça a dizer que não quer. - ML fica no seu lugar e olha para AS. - AS diz a ML que o grupo já está completo. - ML encolhe os ombros. - A diz a DJ que vai ficar no grupo de GA, MR e CF. - GA diz a A que DJ não faz nada e que quer estar na brincadeira. - DJ sorri - GA empurra a cadeira com o pé. - BC diz que falta um elemento no grupo.	- DJ tenta ser engraçado para chamar a atenção do seu colega. - AS não parece gostar da brincadeira. - ML demonstra pouca motivação e parece estar pensativa. - Demonstrando gosto em trabalhar juntos. - DJ demonstra gostar de trabalhar com GA mas o gosto não parece ser recíproco. - DJ parece ter problemas em integrar-se. - ML demonstra insegurança e pouca auto confiança. -ML também parece ter problemas em integrar-se. - DJ parece ter ficado satisfeito. - GA parece ter ficado aborrecido.
---------------------	--	---

12h10	- A diz a ML para se juntar ao grupo. - ML levanta-se a arrastar a cadeira. - A distribui uma ficha com quatro perguntas. - ML folheia o livro enquanto o grupo responde às perguntas. - A pede a ML para participar com o grupo na atividade. - ML chega a cadeira junto à mesa e olha para os colegas. - CC conta uma anedota ao grupo e riem-se. - DJ pergunta porque se estão a rir. - AS olha para DJ e diz-lhe: "parvo". - GA chama A e faz-lhe uma pergunta sobre o texto.	- ML demonstra pouca motivação. - ML parece não estar integrada dentro do grupo.
12h25	- DJ está virado para trás, brincando com a tesoura de MM. - DJ vira-se agarra na folha das perguntas e diz: "os cereais dão-se bem nas zonas frias" e ri-se. - GA tira-lhe a folha da mão e empurra-lhe o braço. - A pergunta a ML: "os cereais dão-se bem em que zonas?"	- AS parece ter dificuldades em relacionar-se com DJ. - DJ está pouco interessado, dá pouca atenção à tarefa pedida. - DJ não colabora com o seu grupo.

12h35	- ML responde: " nas zonas secas" e baixa a cabeça. - A responde-lhe: " muito bem ML". - ML sorri a A. -A diz que a turma está a fazer muito barulho. - GF diz que é DJ que faz barulho. - DS põe o dedo no ar para chamar A. - MR diz que o grupo já acabou. - GA diz que não conseguem acabar porque DJ não para de brincar. - DJ levanta-se e puxa o cabelo a AS. -AS bate nas costas de DJ. - DJ olha para AS com um olhar duro. - A pede para acabarem de responder às perguntas e se comportarem melhor dentro da sala de aula. - BC levanta-se e diz: "nós já acabámos". - ML levanta-se e vai sentar-se no seu lugar e deita a cabeça em cima da mesa. - A recolhe as fichas. - MM diz que a campainha está a tocar. - DJ levanta-se, espreguiça-se e diz "estou cheio de fome". - A diz a DJ que espera que esteja mais calmo depois do almoço.	- A elogia a participação de ML. - ML parece ter ficado satisfeita com o reforço positivo. - A fica com uma expressão de zangada. - DJ continua a não prestar atenção à tarefa pedida e está mais preocupado em destabilizar os colegas. - DJ parece estar muito aborrecido. - ML parece estar triste.
---------------------	---	---

	- DJ olha para A e diz: "pois" - A diz aos alunos que podem ir almoçar.	- DJ demonstra pouca preocupação com o comentário de A. - Os alunos saem barulhentos e a correr da sala de aula.
--	---	--

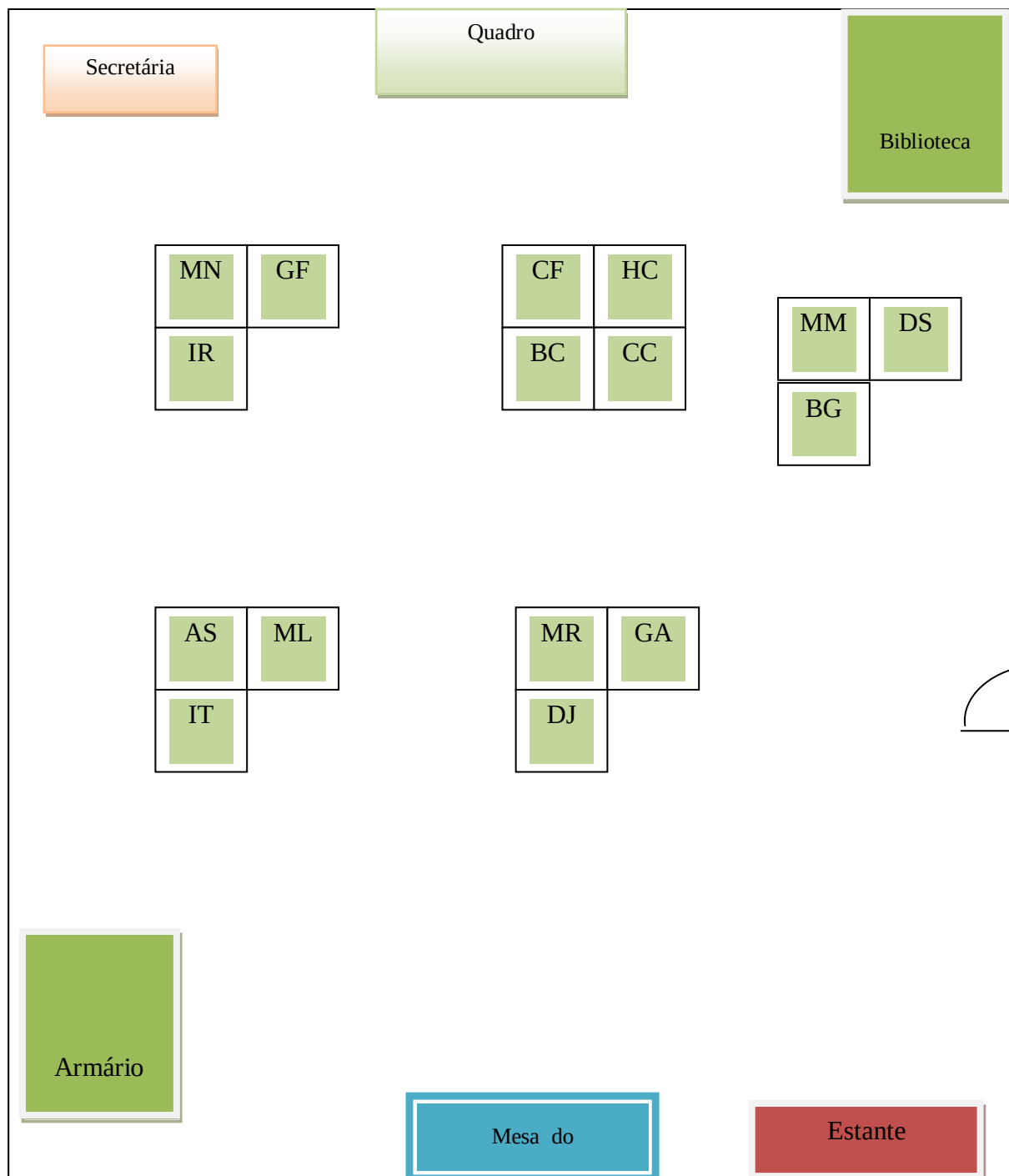
Anexo 12 - Análise do protocolo da 1ª Observação

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Perfil de atuação de A	Com o grupo	- A pergunta ao resto do grupo: “onde está DJ?” - A diz que a próxima atividade da manhã é a leitura de um texto sobre a agricultura. - A pede para não se rirem. - A pede aos alunos para se juntarem em grupos de quatro para responderem às perguntas do texto. - A distribui uma ficha com quatro perguntas. - A diz que a turma está a fazer muito barulho. - A pede para acabarem de responder às perguntas e se comportarem melhor dentro da sala de aula. - A recolhe as fichas. - A diz aos alunos que podem ir almoçar.
	Com ML	- A pede a ML para continuar com a leitura. - A passa ao lado de ML, toca-lhe na mão e pede-lhe para continuar com a leitura. - A diz a ML para se juntar ao grupo. - A pede a ML para participar com o grupo na atividade. - A pergunta a ML : "os cereais dão-se bem em que zonas?" - A responde-lhe : "muito bem, ML".
	Com DJ	- A diz a DJ que a hora do intervalo é para ser cumprida. - A pede a DJ para se sentar. - A diz a DJ que vai ficar no grupo de GA, MR e CF. - A diz a DJ que espera que esteja mais calmo depois do almoço.

Perfil de atuação do grupo	Com ML	- IT e CC riem-se. - MN diz a ML que o grupo já está completo.
	Com DJ	- AS dá uma cotovelada em DJ e abana com a cabeça. - GA abana com a cabeça a dizer que não quer. - GA diz a A que DJ não faz nada e que quer estar na brincadeira. - AS olha para DJ e diz-lhe: " parvo". - GA tira a DJ a folha da mão e empurra-lhe o braço. - GF diz que é DJ que faz barulho. - GA diz que não conseguem acabar porque DJ não para de brincar. - AS bate nas costas de DJ.
Perfil de atuação de ML	Com os colegas	- ML baixa a cabeça. - ML procura algo dentro da mochila. - ML fica no seu lugar e olha para AS. - ML encolhe os ombros. - ML levanta-se a arrastar a cadeira. - ML folheia o livro enquanto o grupo responde às perguntas. - ML levanta-se e vai sentar-se no seu lugar e deita a cabeça em cima da mesa.
	Com A	- ML olha para A, abana a cabeça a dizer que sim e continua com a leitura. - ML sorri a A.

Perfil de atuação de DJ	Com os colegas	- DJ entra atrasado na sala de aula. - DJ olha para AS tentando distrai-lo da leitura. - DJ ri-se. - DJ olha para GA e pede-lhe para fazerem parte do mesmo grupo. - DJ pergunta porque se estão a rir. - DJ está virado para trás, brincando com a tesoura de MM. - DJ vira-se, agarra na folha das perguntas e diz: "os cereais dão-se bem nas zonas frias" e ri-se. - DJ levanta-se e puxa o cabelo a AS. - DJ olha para AS com um olhar duro. - DJ levanta-se, espreguiça-se e diz: "estou cheio de fome".
	Com A	- DJ olha para A e encolhe os ombros. - DJ olha para A e diz: "pois"

Anexo 13 - Protocolo da 2ª Observação Naturalista



Situação: Os alunos estão organizados por grupos elaborando os trabalhos em projeto. 29ª sessão: fase de finalização dos folhetos, dos PowerPoint e elaboração dos questionários e preparação da comunicação.

Objetivo:

- Observar a interação dos alunos dentro da sala de aula
- Observar a interação dos alunos com a professora A
- Observar a interação dos alunos ML e DJ com o grupo
- Observar a interação do grupo com os alunos ML e DJ

Professora investigadora : PI

Data : 08/06/2012

Tempo de observação : 50 minutos (11h45 às 12h35)

A observação inicia-se a seguir ao intervalo.

A observação foi realizada pela professora investigadora - observação participante

Hora	Descrição dos comportamentos observados	Notas e inferências
11h45	- PI inicia a segunda parte desta sessão perguntando aos alunos o porquê de vários não terem ido ao intervalo. - MM e DS dizem: "estivemos a organizar o trabalho" - PI explica aos alunos que nesta segunda sessão têm de terminar os folhetos, fazer os questionários e preparar a comunicação - CC baixa a cabeça - BC suspira e olha para CC	- Os grupos estão muito interessados - Parecem estar preocupadas

	- AS e IT olham para ML atentamente - ML engana-se diz que o vidro coloca-se no ecoponto amarelo - ML baixa a cabeça - AS diz a ML para não se preocupar e que os erros acontecem - ML olha para AS com um sorriso - IR explica a DJ o que fazer na hora de um sismo - DJ ouve com atenção o grupo - GA pergunta a IR se vão falar da escala de Richter - GF diz que sim - HC olha para o folheto dos colegas do grupo do "ciclo da água" e diz que está bonito. - PI pergunta ao grupo da "reciclagem" como se vão organizar. - AS diz que cada uma tem a sua parte - PI pede-lhes para lhe explicar - AS diz que ML sabe muito bem a parte dela mas que está nervosa - ML suspira - IT diz a ML que vai correr tudo bem e põe-lhe a mão no ombro - ML diz a IT: "obrigado"	- ML demonstra tristeza - AS motiva e apoia ML - ML fica feliz por ter apoio de AS - DJ demonstra interesse - Os grupos comunicam e entre ajudam-se - IT e AS demonstram carinho para com ML
--	--	---

12h30	- O grupo do "ciclo da água" ouve com atenção o grupo dos "países africanos" a treinarem a comunicação - MR diz ao grupo do "ciclo da água" que depois também querem ouvir a deles. - PI diz a GA para não se agarrar tanto ao texto escrito - DJ diz a PI que GA está um pouco nervoso mas que percebe bem o tema - PI pergunta aos grupos se estão organizados para a comunicação - Maioria respondeu que "mais ou menos" - PI disse que iam refletir em conjunto numa solução - PI disse que iam então iniciar a reflexão semanal porque já faltava pouco tempo para acabar a sessão - GA diz a DJ: " trabalhamos bem, está pronto" - DJ diz a GA:" dá cá cinco" - MR diz a GA e a DJ: "e eu ?" - DJ e GA dizem a MR: "dá cá mais cinco, pequenina" - ML e AS dão gargalhadas - GF e IR conversam	- Os grupos apoiam-se na hora de treinar a comunicação - Os alunos são solidários uns com os outros - GA e DJ demonstram contentamento - GA, DJ e MR demonstram cumplicidade - ML e AS demonstram boa disposição
---------------------	---	--

12h40	- BC e CC mostram o folheto a MM e DS - MM e DS dizem: "lindo" - PI diz aos alunos que trabalharam todos bem na sessão - PI pede aos alunos para tomarem atenção que se ia iniciar a reflexão	- BC e CC parecem estar orgulhosas
--------------	---	--

Anexo 14 - Análise do protocolo da 2ª Observação

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Perfil de atuação de PI	Com o grupo	- PI inicia a segunda parte desta sessão perguntando aos alunos o porquê de vários não terem ido ao intervalo. - PI explica aos alunos que nesta segunda sessão têm de terminar os folhetos, fazer os questionários e preparar a comunicação - PI aproveita para se dirigir ao grande grupo e diz: "as perguntas do questionário devem ser claras" - PI lê e diz: "a terceira pergunta não está bem formulada" - PI diz que lhe parece bem e pergunta onde encontraram as imagens - PI pergunta ao grande grupo se podem ser distribuídas as fichas - PI pede a CC para distribuir - PI pergunta ao grupo da "reciclagem" como se vão organizar. - PI pede-lhes para lhe explicar - PI diz a GA para não se agarrar tanto ao texto escrito - PI pergunta aos grupos se estão organizados para a comunicação - PI disse que iam refletir em conjunto numa solução - PI disse que iam então iniciar a reflexão semanal porque já faltava pouco tempo para acabar a sessão - PI diz aos alunos que trabalharam todos bem na sessão - PI pede aos alunos para tomarem atenção que se ia iniciar a reflexão

Perfil de atuação do grupo	Interação dos alunos	- MM e DS dizem: "estivemos a organizar o trabalho" - BC suspira e olha para CC - MR olha para DJ e mete as mãos à cabeça - DJ faz um sinal com a mão - BG fala com MM e DS - CF e HC escrevem no folheto - CF olha para BC com um sorriso - AS levanta-se e pede os lápis de cor a GF - GF mostra o folheto a AS - AS dá um abraço a GF - ML e IT estão concentradas a elaborar o questionário - IR levanta-se e pede emprestado o Magalhães a DJ - DJ leva o Magalhães para a mesa de IR - DJ liga o computador à ficha - DJ pergunta a IR se precisa de mais alguma coisa - IR dá a DJ um aperto de mão e ri-se - MM chama GA - MM diz a GA que tem um problema com o PowerPoint - GA olha para o PowerPoint de MM e ajuda-a - HC desenha uma flor no folheto - BC diz que está fantástico para colocar legendas - ML mostra o questionário a AS - AS faz o sinal "bom" com o polegar a ML - CC dita a BC - MR diz a GA e a DJ que já terminou o questionário - MR pergunta a GA e a DJ se gostam do questionário - GA e DJ batem palmas - GA, DJ e MR riem-se - AS fala com ML sobre a comunicação - CF, HC, BC e CC treinam a comunicação - DJ olha para CF, HC, BC e CC com um sorriso
-----------------------------------	----------------------	--

		- GA faz sinal a MR para olhar para DJ e riem-se - DJ apercebe-se e ri-se - MM e BG conversam sobre a comunicação - AS e IT olham para ML atentamente - AS diz a ML para não se preocupar e que os erros acontecem - ML olha para AS com um sorriso - IR explica a DJ o que fazer na hora de um sismo - GA pergunta a IR se vão falar da escala de Richter - HC olha para o folheto dos colegas do grupo do "ciclo da água" e diz que está bonito. - O grupo do "ciclo da água" ouve com atenção o grupo dos "países africanos" a treinarem a comunicação - MR diz ao grupo do "ciclo da água" que depois também querem ouvir a deles. - GA diz a DJ: " trabalhamos bem, está pronto" - DJ diz a GA": dá cá cinco" - MR diz a GA e a DJ: "e eu ?" - DJ e GA dizem a MR: "dá cá mais cinco, pequenina" - ML e AS dão gargalhadas - GF e IR conversam - BC e CC mostram o folheto a MM e DS - MM e DS dizem: "lindo"
--	--	--

	Com ML	- ML e IT estão concentradas a elaborar o questionário - AS faz o sinal "bom" com o polegar a ML - AS fala com ML sobre a comunicação - AS e IT olham para ML atentamente - AS diz a ML para não se preocupar e que os erros acontecem - AS diz que ML sabe muito bem a parte dela mas que está nervosa - IT diz a ML que vai correr tudo bem e põe-lhe a mão no ombro - ML e AS dão gargalhadas
	Com DJ	- MR olha para DJ e mete as mãos à cabeça - IR levanta-se e pede emprestado o Magalhães a DJ - IR dá a DJ um aperto de mão e ri-se - MR diz a GA e a DJ que já terminou o questionário - MR pergunta a GA e a DJ se gostam do questionário - GA, DJ e MR riem-se - GA e DJ batem palmas - GA faz sinal a MR para olhar para DJ e riem-se - IR explica a DJ o que fazer na hora de um sismo - GA diz a DJ: " trabalhamos bem, está pronto" - DJ e GA dizem a MR: "dá cá mais cinco, pequenina"

Perfil de atuação de ML	Com o grupo	- ML e IT estão concentradas a elaborar o questionário - ML mostra o questionário a AS - ML olha para AS com um sorriso - ML diz a IT: "obrigado" - ML e AS dão gargalhadas
Perfil de atuação de DJ	Com o grupo	- DJ faz um sinal com a mão - DJ diz a GA: "está fixe assim" - DJ leva o Magalhães para a mesa de IR - DJ pergunta a IR se precisa de mais alguma coisa - GA e DJ batem palmas - GA, DJ e MR riem-se - DJ apercebe-se e ri-se - DJ ouve com atenção o grupo - DJ diz a PI que GA está um pouco nervoso mas que percebe bem o tema - DJ diz a GA: "dá cá cinco" - DJ e GA dizem a MR: "dá cá mais cinco, pequenina"

Anexo 15 - Teste Sociométrico

1. Que colega gostarias que ficasse sentado, ao pé de ti, na mesma carteira ? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias ? _____

2. Com que colega de turma realizarias tarefas escolares ? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias ? _____

3. Qual dos teus colegas escolherias para brincar contigo no recreio ? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias ? _____

Nome : _____ Nº _____ T. _____

Fonte : Adaptado de Northway e Weld (1957, p. 17-18)

Anexo 16 - 1ª Matriz sociométrica - Escolhas

		Raparigas												Rapazes				N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		BC	CF	AS	BG	CC	DS	HC	IT	MN	ML	MR	MM	GF	GA	IR	DJ		
	BC			100	300		011	030	200	022	003							9	7
	CF			320			033	202				111						9	4
	AS	020			012	001	200	133	300									9	6
	BG	003					310	102	230	020				001				9	6
	CC			230			001		322			100		010		003		9	6
	DS			020				111	202	303		030						9	5
	HC	001			010		203		020	030	102	300						9	7
	IT				111	202	300	030		003								9	5
	MN	203		010	300				122		001				030			9	6
	ML								222	111				333				9	3
	MR		132	200			021	300					010		003			9	6
	MM		023	010			201	300				132						9	5
	GF		003		020		330					010			202	101		9	6
	GA		300	003									030	122		211		9	5
	IR											023		112	201		330	9	4
	DJ	121												033	212	300		9	4
	Totais por Critério	224	223	451	342	112	656	644	744	244	012	454	120	355	324	313	110	00	
	Totais combinados	8	7	10	9	4	17	14	15	10	3	13	3	13	9	7	2	144	
	N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido	5	4	8	6	2	10	8	7	6	3	7	3	6	5	4	1		

Legenda	1º critério-situação de lugar
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério - situação de recreio

Anexo 17 - 1ª Matriz sociométrica - Rejeições

Raparigas

Rapazes

		BC	CF	AS	BG	CC	DS	HC	IT	MN	ML	MR	MM	GF	GA	IR	DJ	N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados
	BC											100			001		010	3	3
	CF										110				001			3	2
	AS										011						100	3	2
	BG										110						001	3	2
	CC	010			100										001			3	3
	DS					111												3	1
	HC		010			001										100		3	3
	IT										010						101	3	2
	MN										010						101	3	2
	ML	111																3	1
	MR										101						010	3	2
	MM																111	3	1
	GF					111												3	1
	GA					100					001						010	3	3
	IR		100						001		010							3	3
	DJ			111														3	1
	Totais por Critério	121	110	111	100	323	000	000	001	000	363	100	000	000	003	100	444	000	
	Totais combinados	4	2	3	1	8	0	0	1	0	12	1	0	0	3	1	12	49	
	N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado	2	2	1	1	4	0	0	1	0	8	1	0	0	3	1	8		

Legenda	1º critério-situação de lugar
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério - situação de recreio

Anexo 18 - 2ª Matriz sociométrica - Escolhas

		Raparigas												Rapazes				N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		BC	CF	AS	BG	CC	DS	HC	IT	MN	ML	MR	MM	GF	GA	IR	DJ		
	BC		310	020			101		002	233								9	5
	CF						300	023				101	212				030	9	5
	AS						100	200	010		030		300	001	023	002		9	8
	BG					002	133	301	010	200			020					9	6
	CC	020		310	002		003	001	130				200					9	7
	DS				023			001	202				110	000			030	9	6
	HC		030	001	100		012		200				020	300	003			9	8
	IT			203			110	030		301	022							9	5
	MN			330	020				202		111						003	9	5
	ML			030	300		022		003	111				200				9	6
	MR		003	300			220	030					111			002		9	6
	MM		030	303		002	200				020	111						9	6
	GF	030					100		300				200		022	011	003	9	7
	GA			003				030				010		202		101	320	9	6
	IR												010	102	221		333	9	4
	DJ	300					130							003	022	211		9	5
Totais por Critério		120	131	544	222	002	965	244	534	423	142	222	662	504	145	225	243	00	
Totais combinados		3	5	13	6	2	20	10	12	9	7	6	14	9	10	9	9	144	
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		3	4	9	5	2	12	8	9	4	4	3	9	7	5	5	6		

Legenda	1º critério-situação de lugar
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério - situação de recreio

Anexo 19 - 2ª Matriz sociométrica - Rejeições

		Raparigas											Rapazes								
		BC	CF	AS	BG	CC	DS	HC	IT	MN	ML	MR	MM	GF	GA	IR	DJ	N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados		
	BC					010								001			100	3	3		
	CF					011					100							3	2		
	AS					100						011						3	3		
	BG		001	010													100	3	3		
	CC														111			3	1		
	DS					110						001						3	2		
	HC					011										100		3	2		
	IT															011	100	3	2		
	MN											010	100			001		3	3		
	ML	111																	3	1	
	MR	101												010					3	2	
	MM					010											101		3	2	
	GF												111						3	1	
	GA	011							100										3	2	
IR			101										010					3	2		
DJ		101										010						3	2		
Totais por Critério		223	102	111	000	252	000	000	100	000	100	133	110	021	111	213	300	000			
Totais combinados		7	3	3	0	9	0	0	1	0	1	7	2	3	3	6	3	49			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		3	2	2	0	6	0	0	1	0	1	4	2	3	1	4	3				

Legenda	1º critério-situação de lugar
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério - situação de recreio

Anexo 20 - Grelha de competências da aluna ML

Ano Lectivo 2011/2012
 Ano de Escolaridade: 4º ano
 Aluno: Clara Silva Turma: 4º A
 Assiduidade: Presenças 2 Faltas 0 Pontualidade: Sim X Não 0 Às vezes 0 [Escrever texto]

Língua Portuguesa 4º ano

Capacidade de compreensão	Interpreta	Revela dificuldades na interpretação.	
		Compreende globalmente o texto.	X
		Responde a perguntas directas.	X
		Percebe a mensagem do texto.	
	Responde	Usa o vocabulário adequado.	X
		Não usa o vocabulário adequado.	
		Respeita a estrutura da frase.	
		Não respeita a estrutura da frase	X
	Reconta	Não localiza a acção.	
		Localiza a acção.	X
		Respeita o conteúdo da mensagem.	X
		Não respeita o conteúdo da mensagem.	
		Tem capacidade de análise.	
		Não tem capacidade de análise.	X
	Questiona	Não questiona.	X
		Questiona e intervém.	
		Problematiza com sentido de oportunidade.	
		Problematiza nem sempre com sentido de oportunidade.	
		Intervém com sentido de oportunidade problematizando corretamente o tema.	
	Oral	Expressa-se corretamente.	
		Não se expressa corretamente.	
		Utiliza um vocabulário restrito.	
		Expressa-se com dificuldade.	X
		Utiliza vocabulário adequado.	
		Expressa-se utilizando vocabulário elaborado.	
	Caligrafia	Tem uma caligrafia ilegível	X
		Desenha os grafemas com vícios de escrita embora legíveis.	
		Desenha os grafemas de forma legível.	

Ano Lectivo 2011/2012

Ano de Escolaridade: 4º ano

Aluno _____

Turma: _____

Assiduidade: Presenças _____ Faltas _____ Pontualidade: Sim _____ Não _____ Às vezes _____ [Escrever texto]

	Ortografia	Elabora um texto com mais de dez erros.	X
		Elabora um texto com mais de cinco erros.	
		Elabora um texto com máximo de cinco erros	
		Elabora um texto sem erros ortográficos.	
		Elabora frases não aceitáveis.	X
	Organização de frases	Elabora frases com estrutura lógica nem sempre respeitando regras gramaticais.	
		Elabora frases com estrutura lógica respeitando regras gramaticais.	
		Tem dificuldade em organizar textos.	X
	Organização de textos	Elabora por vezes textos mal estruturados.	
		Elabora textos respeitando a estrutura.	
		Lê com hesitação e sem ritmo.	X
	Leitura	Lê com alguma hesitação.	
		Lê sem hesitação.	
		Lê com correção.	
		Lê de forma expressiva.	

Matemática 4º ano

Capacidade de compreensão	Representação de números	Não representa nem lê números inteiros até à classe dos milhões.	
		Revela dificuldade na representação de números decimais e mistos decimais.	X
		Representa e lê números por ordem.	
		Representa e lê por ordem de classes, números inteiros até à classe de um milhão.	
	Situações problemáticas aritméticas	Não interpreta nem resolve situações problemáticas.	
		Revela dificuldade no raciocínio matemático.	X
		Resolve situações problemáticas que envolvam uma operação.	
		Resolve situações problemáticas que envolvam até duas operações.	
		Resolve situações problemáticas que envolvam até três operações e sabe explicar os passos dados.	
	Situações problemáticas não aritméticas	Não resolve problemas não aritméticos.	X
		Revela alguma dificuldade na interpretação e na resolução.	
		Interpreta e resolve mas não sabe explicar as estratégias.	
		Interpreta e resolve cometendo alguns erros ao explicar as estratégias.	
		Interpreta e resolve explicando as estratégias.	
	Números	Não compõe nem decompõe números.	
		Revela dificuldades.	X
		Compõe e decompõe números inteiros, não sabendo utilizar a propriedade associativa da adição.	
		Compõe e decompõe números por ordem.	

	Noções de medidas	Não conhece as grandezas e não sabe medir.	
		Não sabe utilizar instrumentos de medida.	
		Tem dificuldade em conhecer as grandezas e medir.	X
		Relaciona as grandezas e as medidas.	
		Compreende a razão e relaciona com as medidas.	
	Noções básicas de geometria	Não revela noções básicas de geometria.	≡
		Identifica e compara alguns sólidos.	
		Tem dificuldade em utilizar o material: régua, compasso.	X
		Por vezes comete alguns erros ao identificar e construir alguns sólidos.	
		Tem dificuldades em construir sólidos e necessita de ajuda.	
		Identifica e constrói sólidos sem ajuda.	
	Técnicas de cálculo	Não conhece e não domina a técnica das quatro operações.	
		Domina a técnica da adição e subtração.	X
		Não domina as técnicas de multiplicação e divisão.	X
		Domina as técnicas de multiplicação e divisão.	
		Não domina a tabuada.	X
		Não domina o cálculo mental.	X
		Domina a tabuada.	
		Domina as quatro técnicas, domina bem e o cálculo mental.	

Estudo do Meio 4º ano				
Adquire conhecimento	Adquire conhecimento	Não compreende e não retém novos conhecimentos.		
		Compreende e adquire alguns conhecimentos.		
		Adquire e compreende conhecimentos.	X	
		Adquire e compreende com facilidade os conhecimentos.		
	Aplica conhecimentos	Não aplica.		
		Revela algumas dificuldades.		
		Aplica.	X	
		Aplica com facilidade.		
		Aplica com autonomia.		
	Revela interesse	Não revela.		
		Revela pouco.		
		Revela interesse.	X	
		Revela interesse quando tem conhecimento.		
		Revela muito interesse		
		Revela muito interesse e criatividade sobre os temas.		
	Revela técnicas simples de pesquisa	Revela técnicas simples de pesquisa	Não gosta de pesquisar.	
			Revela pouco interesse.	
			Revela interesse.	X
Revela interesse quando gosta do tema.				
Revela muito interesse.				
Experimentação		Gosta de pesquisar.	X	
		Pesquisa com orientação.		
		Pesquisa sem orientação.		
		Não se interessa.		
		Interessa-se pouco.		
		Faz algumas tentativas a manusear.	X	
		Revela interesse e participa.		
		Revela interesse e participa quando gosta do tema.		
		Revela muito interesse, realiza com êxito as experiências e faz sugestões.		

Expressões		
Artísticas	Aplica as técnicas	Não domina as técnicas elementares.
		Domina pouco as técnicas elementares.
		Domina as técnicas satisfatoriamente.
		Domina bem as técnicas.
		Domina plenamente as técnicas, revelando iniciativa.
	Expressa-se livre e criativamente	Não se expressa livre e criativamente.
		Expressa-se com limitações.
		Expressa-se de forma satisfatória.
		Expressa-se bem.
		Expressa-se plenamente.
	Identifica sons e ritmos	Não identifica sons nem ritmos.
		Identifica com limitações.
		Identifica satisfatoriamente.
		Identifica bem.
		Identifica plenamente.
	Produz sons e ritmos	Não produz sons nem ritmos.
		Produce com limitações
		Produce satisfatoriamente.
		Identifica bem.
		Identifica plenamente.
	Conhece canções, lengalengas e rimas	Não conhece canções, lengalengas e rimas.
		Conhece poucas.
		Conhece satisfatoriamente.
		Conhece bem.
		Conhece plenamente.

Físico - Motoras	Compreende jogos de comunicação verbal/não verbal	Não compreende jogos de comunicação verbal/não verbal.	
		Compreende alguns com ajuda.	
		Compreende satisfatoriamente.	X
		Compreende bem.	
		Compreende plenamente.	
	Cria/produz personagens, histórias nos jogos	Não cria/produz personagens, histórias nos jogos.	
		Cria/produz com limitações.	X
		Cria/produz satisfatoriamente.	
		Cria/produz bem.	
		Cria/produz plenamente.	
	Conhece regras de jogos e outras atividades desportivas	Não conhece regras de jogos e outras actividades desportivas.	
		Conhece poucas regras.	X
		Conhece satisfatoriamente.	
		Conhece bem.	
		Conhece plenamente.	
	Empenha-se na melhoria das capacidades	Não se empenha .	
		Empenha-se pouco.	
		Empenha-se satisfatoriamente.	
		Empenha-se muito.	X
		Revela elevado nível de empenho.	

Pratica jogos/exercícios diversos	Não pratica.	
	Pratica com limitações	
	Pratica satisfatoriamente.	X
	Pratica bem.	
	Pratica com elevado nível de correcção.	
Domina técnicas de movimento	Não domina técnicas de movimentos.	
	Domina poucas técnicas.	
	Domina satisfatoriamente.	X
	Domina bem.	
	Domina plenamente.	

Atitudes e Valores		
Demonstra respeito pela diversidade do outro.	Não demonstra.	
	Demonstra pouco.	
	Demonstra às vezes.	
	Demonstra.	X
Revela espírito de equipa e de entre-ajuda.	Não revela.	
	Revela pouco.	
	Revela às vezes.	
	Revela.	X
Responsabiliza-se na realização das tarefas.	Não se responsabiliza	
	Responsabiliza-se pouco	
	Responsabiliza-se às vezes.	X
	Responsabiliza-se.	
Revela autonomia, organização e métodos de trabalho.	Não revela.	
	Revela pouco.	X
	Revela às vezes.	
	Revela.	
Respeita a opinião dos outros, exprime e justifica a sua opinião.	Não respeita.	
	Respeita pouco.	
	Respeita às vezes.	
	Respeita.	X

Anexo 21 - Grelha de competências do aluno DJ

Ano Lectivo 2011/2012
 Ano de Escolaridade: 4º ano
 Aluno _____ Turma: 4ª
 Assiduidade: Presenças Faltas Pontualidade: Sim Não Às vezes X [Escrever texto]

Língua Portuguesa 4º ano

Capacidade de compreensão	Interpreta	Revela dificuldades na interpretação.	X
		Compreende globalmente o texto.	
		Responde a perguntas directas.	
		Percebe a mensagem do texto.	
	Responde	Usa o vocabulário adequado.	X
		Não usa o vocabulário adequado.	
		Respeita a estrutura da frase.	
		Não respeita a estrutura da frase	X
	Reconta	Não localiza a acção.	
		Localiza a acção.	X
		Respeita o conteúdo da mensagem.	
		Não respeita o conteúdo da mensagem.	
		Tem capacidade de análise.	
	Questiona	Não tem capacidade de análise.	X
		Não questiona.	X
		Questiona e intervém.	
		Problematiza com sentido de oportunidade.	
		Problematiza nem sempre com sentido de oportunidade.	
	Oral	Intervém com sentido de oportunidade problematizando corretamente o tema.	
		Expressa-se corretamente.	
		Não se expressa corretamente.	
		Utiliza um vocabulário restrito.	X
		Expressa-se com dificuldade.	
		Utiliza vocabulário adequado.	
	Caligrafia	Expressa-se utilizando vocabulário elaborado.	
		Tem uma caligrafia ilegível	
		Desenha os grafemas com vícios de escrita embora legíveis.	X
		Desenha os grafemas de forma legível.	

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Ano Lectivo 2011/2012

Ano de Escolaridade: 4º ano

Aluno _____

Turma: _____

Assiduidade: Presenças _____ Faltas _____ Pontualidade: Sim _____ Não _____ Às vezes _____ [Escrever texto]

	Ortografia	Elabora um texto com mais de dez erros.	
		Elabora um texto com mais de cinco erros.	X
	Organização de frases	Elabora um texto com máximo de cinco erros	
		Elabora um texto sem erros ortográficos.	
		Elabora frases não aceitáveis.	
		Elabora frases com estrutura lógica nem sempre respeitando regras gramaticais.	X
	Organização de textos	Elabora frases com estrutura lógica respeitando regras gramaticais.	
		Tem dificuldade em organizar textos.	X
		Elabora por vezes textos mal estruturados.	
		Elabora textos respeitando a estrutura.	
	Leitura	Lê com hesitação e sem ritmo.	
		Lê com alguma hesitação.	X
		Lê sem hesitação.	
		Lê com correção.	
		Lê de forma expressiva.	

Matemática 4º ano

Capacidade de compreensão	Representação de números	Não representa nem lê números inteiros até à classe dos milhões.	
		Revela dificuldade na representação de números decimais e mistos decimais.	
		Representa e lê números por ordem.	X
		Representa e lê por ordem de classes, números inteiros até à classe de um milhão.	
	Situações problemáticas aritméticas	Não interpreta nem resolve situações problemáticas.	
		Revela dificuldade no raciocínio matemático.	X
		Resolve situações problemáticas que envolvam uma operação.	X
		Resolve situações problemáticas que envolvam até duas operações.	
		Resolve situações problemáticas que envolvam até três operações e sabe explicar os passos dados.	
	Situações problemáticas não aritméticas	Não resolve problemas não aritméticos.	
		Revela alguma dificuldade na interpretação e na resolução.	X
		Interpreta e resolve mas não sabe explicar as estratégias.	
		Interpreta e resolve cometendo alguns erros ao explicar as estratégias.	
		Interpreta e resolve explicando as estratégias.	
	Números	Não compõe nem decompõe números.	
		Revela dificuldades.	X
		Compõe e decompõe números inteiros, não sabendo utilizar a propriedade associativa da adição.	
		Compõe e decompõe números por ordem.	

	Noções de medidas	Não conhece as grandezas e não sabe medir.	
		Não sabe utilizar instrumentos de medida.	
		Tem dificuldade em conhecer as grandezas e medir.	X
		Relaciona as grandezas e as medidas.	
		Compreende a razão e relaciona com as medidas.	
	Noções básicas de geometria	Não revela noções básicas de geometria.	X
		Identifica e compara alguns sólidos.	
		Tem dificuldade em utilizar o material: régua, compasso.	X
		Por vezes comete alguns erros ao identificar e construir alguns sólidos.	
		Tem dificuldades em construir sólidos e necessita de ajuda.	
	Técnicas de cálculo	Identifica e constrói sólidos sem ajuda.	
		Não conhece e não domina a técnica das quatro operações.	
		Domina a técnica da adição e subtração.	X
		Não domina as técnicas de multiplicação e divisão.	X
		Domina as técnicas de multiplicação e divisão.	
		Não domina a tabuada.	X
		Não domina o cálculo mental.	X
		Domina a tabuada.	
		Domina as quatro técnicas, domina bem e o cálculo mental.	

Estudo do Meio 4º ano			
Adquire conhecimento	Adquire conhecimento	Não compreende e não retém novos conhecimentos.	
		Compreende e adquire alguns conhecimentos.	
		Adquire e compreende conhecimentos.	X
		Adquire e compreende com facilidade os conhecimentos.	
	Aplica conhecimentos	Não aplica.	
		Revela algumas dificuldades.	
		Aplica.	X
		Aplica com facilidade.	
		Aplica com autonomia.	
	Revela interesse	Não revela.	
		Revela pouco.	
		Revela interesse.	
		Revela interesse quando tem conhecimento.	X
		Revela muito interesse	
		Revela muito interesse e criatividade sobre os temas.	
	Revela técnicas simples de pesquisa	Não gosta de pesquisar.	
		Revela pouco interesse.	
		Revela interesse.	
Revela interesse quando gosta do tema.		X	
Revela muito interesse.			
Gosta de pesquisar.			
Pesquisa com orientação.			
Pesquisa sem orientação.			
Experimentação		Não se interessa.	
		Interessa-se pouco.	
		Faz algumas tentativas a manusear.	
		Revela interesse e participa.	
		Revela interesse e participa quando gosta do tema.	X
		Revela muito interesse , realiza com êxito as experiências e faz sugestões.	

Expressões			
Artísticas	Aplica as técnicas	Não domina as técnicas elementares.	
		Domina pouco as técnicas elementares.	
		Domina as técnicas satisfatoriamente.	X
		Domina bem as técnicas.	
		Domina plenamente as técnicas, revelando iniciativa.	
	Expressa-se livre e criativamente	Não se expressa livre e criativamente.	
		Expressa-se com limitações.	
		Expressa-se de forma satisfatória.	X
		Expressa-se bem.	
		Expressa-se plenamente.	
	Identifica sons e ritmos	Não identifica sons nem ritmos.	
		Identifica com limitações.	
		Identifica satisfatoriamente.	X
		Identifica bem.	
		Identifica plenamente.	
	Produz sons e ritmos	Não produz sons nem ritmos.	
		Produz com limitações	
		Produz satisfatoriamente.	X
		Identifica bem.	
		Identifica plenamente.	
	Conhece canções, lengalengas e rimas	Não conhece canções, lengalengas e rimas.	
		Conhece poucas.	X
		Conhece satisfatoriamente.	
		Conhece bem.	
		Conhece plenamente.	

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Físico - Motoras	Compreende jogos de comunicação verbal/não verbal	Não compreende jogos de comunicação verbal/não verbal.	
		Compreende alguns com ajuda.	
		Compreende satisfatoriamente.	X
		Compreende bem.	
		Compreende plenamente.	
	Cria/produz personagens, histórias nos jogos	Não cria/produz personagens, histórias nos jogos.	
		Cria/produz com limitações.	X
		Cria/produz satisfatoriamente.	
		Cria/produz bem.	
		Cria/produz plenamente.	
	Conhece regras de jogos e outras atividades desportivas	Não conhece regras de jogos e outras actividades desportivas.	
		Conhece poucas regras.	X
		Conhece satisfatoriamente.	
		Conhece bem.	
	Empenha-se na melhoria das capacidades	Conhece plenamente.	
		Não se empenha .	
		Empenha-se pouco.	X
		Empenha-se satisfatoriamente.	
		Empenha-se muito.	
		Revela elevado nível de empenho.	

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Pratica jogos/exercícios diversos	Não pratica.	
	Pratica com limitações	
	Pratica satisfatoriamente.	X
	Pratica bem.	
	Pratica com elevado nível de correcção.	
Domina técnicas de movimento	Não domina técnicas de movimentos.	
	Domina poucas técnicas.	
	Domina satisfatoriamente.	X
	Domina bem.	
	Domina plenamente.	

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Atitudes e Valores		
Demonstra respeito pela diversidade do outro.	Não demonstra.	
	Demonstra pouco.	X
	Demonstra às vezes.	
	Demonstra.	
Revela espírito de equipa e de entre-ajuda.	Não revela.	
	Revela pouco.	X
	Revela às vezes.	
	Revela.	
Responsabiliza-se na realização das tarefas.	Não se responsabiliza	
	Responsabiliza-se pouco	X
	Responsabiliza-se às vezes.	
	Responsabiliza-se.	
Revela autonomia, organização e métodos de trabalho.	Não revela.	
	Revela pouco.	X
	Revela às vezes.	
	Revela.	
Respeita a opinião dos outros, exprime e justifica a sua opinião.	Não respeita.	X
	Respeita pouco.	
	Respeita às vezes.	
	Respeita.	

Anexo 22 - Relatório da professora titular

Relatório	
Nome do aluno:	Lisboa, Outubro de 2011
Idade: 9 anos	
Ano lectivo: 2011/2012	
Ano escolar: 4º ano	
O aluno é o mais novo de três irmãos , nasceu em Portugal ao contrário dos seus irmãos que nasceram em Marrocos, os pais mudaram-se para quando a mãe ainda estava grávida de	
A família de é muito unida, o pai costuma ser muito rigoroso com os três irmãos , sobretudo na prática da religião, tentando assim incutir os valores e os costumes da sua cultura. Os pais estão presentes na vida escolar do aluno mas são muito pouco participativos, comunicam muito pouco com a professora e com o restante dos Encarregados de Educação.	
O aluno é muito pouco participativo e pouco interessado, sendo a socialização a área mais fraca. O aluno está claramente pouco integrado dentro do grupo e por vezes os seu comportamento dentro da sala de aula e com os seus colegas não é o mais apropriado, levando os mesmos a rejeitá-lo , influenciando a pouca motivação para aprender.	
Nas áreas curriculares as maiores dificuldades são na Língua Portuguesa, o Estudo do Meio é a área onde tem menos dificuldades e que o motiva mais.	
A integração de é primordial , sendo um trabalho a ser implementado com o restante da turma, com a comunidade escolar e com os pais.	
A professora	

Anexo 23 - Avaliação médica de ML

NEUROPEDIATRIA

CIA **DE** **DESENVOLVIMENTO**
Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil

Aos Pais de _____

NOME: _____
DATA NASCIMENTO: _____
ENVIADO POR: PRÓPRIA
DATA DA CONSULTA: 05-09-11
REF: NLA

CONSULTA DE NEUROLOGIA PEDIÁTRICA

MOTIVO DE CONSULTA: DISCALCULIA

A _____ é uma criança simpática, de 9 anos de idade, que vem a esta consulta por dificuldades de aprendizagem. No passado essas dificuldades eram extensíveis à leitura e à escrita e foi avaliada pela Dra. _____ a qual fez um diagnóstico de dislexia e iniciou intervenção. Porém, embora as questões da leitura e escrita tenham melhorado de forma substancial, persistem as dificuldades no cálculo. É nesse sentido que a família vem buscar auxílio. De notar também que tem um diagnóstico de défice de atenção realizado no passado mas para o qual nunca houve uma intervenção específica.

ANTECEDENTES PESSOAIS

A _____ tem sido uma criança no geral saudável.



Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil

HISTÓRIA FAMILIAR

Mãe de 47 anos, S. A. é filha única deste casal, mas tem um meio-irmão do lado paterno.

HISTÓRIA SOCIAL

A mãe é comerciante tendo uma loja de caça e pesca cuja gestão partilha com a sua irmã e tia da , que tem um papel muito importante também na educação desta criança.

OBSERVAÇÃO

A teve no geral um comportamento adequado no gabinete de consulta. Parece-me uma criança extremamente tímida insegura. Tem um excesso de peso evidente pesando 57 kg para 139,5cm, a auscultação cardiopulmonar e palpação abdominal não apresentam alterações. A tensão arterial é de 111-48.

IMPRESSÃO

A parece ter uma perturbação específica de aprendizagem. Neste momento as dificuldades maiores têm a ver com o cálculo. De notar que uma avaliação cognitiva prévia revelou um QI médio baixo, mas cujos valores não parecem justificar as dificuldades de aprendizagem da . Nesse sentido creio que seria muito importante uma reavaliação incluindo os aspetos de ordem cognitiva. Pela minha parte decidi iniciar Metilfenidato sob a forma de Concerta 18 mg. A família da poderá no entanto aumentar a dose se de tal vir necessidade. Gostaria de a ver de novo em novembro.

(Neuropediatra)

Anexo 24 - Relatório de avaliação cognitiva e psicopedagógica de ML



CENTRO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO COGNITIVA E PSICOPEDAGÓGICA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: **LEONARDO DA SILVA**

CAD: 15149

Datas de Avaliação: 27, 30 de Setembro e 12 de Outubro de 2011

Data de Nascimento: 12/05/2002

Idade Cronológica: 9 anos e 5 meses

Escolaridade: 4º ano de escolaridade

Médico responsável:

Responsável pela avaliação:

— Psicóloga Educacional e Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação

— Psicóloga Educacional & Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação

5. CONCLUSÕES

A revela um perfil intelectual heterogéneo com um nível de funcionamento médio na escala verbal e inferior na escala de realização, quando comparada com o seu grupo etário.

Nas provas verbais, a apresenta competências ao nível do conhecimento dos padrões sociais, da compreensão de conceitos, da memória auditiva de curto prazo, atenção/concentração, e da compreensão de conhecimentos culturais e memória de longo prazo. Revelou resultados mais fracos nas áreas correspondentes ao raciocínio matemático, e ao raciocínio verbal.

Ao nível das provas de realização destacam-se capacidades na atenção ao pormenor, e na compreensão de situações sociais e estruturação temporal. Apresentou maiores dificuldades na organização perceptiva e estruturação espacial, na avaliação figurativa e memória visual de curto prazo, e na coordenação óculo-manual e controlo da impulsividade.

Na oralidade são destacados problemas ao nível da linguagem oral receptiva e expressiva, indicando problemas na capacidade de manutenção da atenção/concentração, e na capacidade de organização.

Não são identificados problemas significativos em termos de consciência fonológica, no que concerne ao nível fonémico e silábico. Identificaram-se dificuldades na consciência fonética.

Na área da leitura, a não revelou grandes dificuldades na capacidade de decodificação, já que não foram identificados erros específicos consistentes.

Na leitura do texto proposto, apresentou uma velocidade leitora abaixo do esperado para a sua idade e ano de escolaridade, com ligeiras dificuldades de modulação e entoação. Não revelou também grandes problemas em termos de exactidão no reconhecimento das palavras.

Contudo, foram identificados problemas significativos de compreensão do texto lido pela própria aquando do reconto oral. Nas respostas às questões de interpretação também revelou algumas dificuldades.

Em termos de escrita, foram apenas registadas dificuldades na grafia mas a legibilidade das suas produções não se encontra comprometida.

Na área da ortografia, foram encontrados erros consistentes e frequentes, associados sobretudo, a dificuldades na aplicação da acentuação, erros em letras de igual valor fonológico, aplicação das regras ortográficas, trocas em vogais e ditongos, trocas na ordem das letras, adições e omissões de letras, separação e aglutinação de porções de palavras.

Revelou dificuldades na expressão escrita. Na prova de composição temática e nas respostas de interpretação apresentou problemas na estruturação frásica e na aplicação da pontuação. São ainda encontradas dificuldades ao nível da organização e expressão de ideias.

Na Matemática, por intermédio do inventário KEYMATH identificam-se problemas na grande maioria dos conceitos matemáticos essenciais.

Pelo preenchimento da *checklist*, a professora identifica também dificuldades particulares nas diversas áreas solicitadas, confirmando o exposto anteriormente.

Relativamente à área comportamental, no decorrer das sessões de avaliação foram identificadas dificuldades particulares em termos da capacidade de manutenção da atenção e ansiedade. As informações transmitidas descrevem para a existência de desatenção tanto em ambiente familiar como escolar.

De acordo com os questionários é observada reduzida concordância entre contextos (escola, família – mãe e irmã), com descrição de valores significativos do ponto de vista clínico para as escalas apenas associadas a desatenção e ansiedade. A família ainda faz destacar excesso de atividade motora, labilidade emocional e sintomas psicossomáticos de mal-estar.

Fazendo a associação entre todos os dados obtidos, é possível confirmar a existência de comportamentos compatíveis com uma Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção, sub-tipo desatento, já que é algo que é apontado nos dois contextos (casa e escola).

A presente avaliação vem assim confirmar o diagnóstico referente a Dificuldade de Aprendizagem Específica na Leitura e na Escrita (Dislexia e Disortografia). De destacar que a intervenção especializada decorrente desta condição, demonstrou efeitos positivos, particularmente no âmbito da leitura, efectuada por melhorias na consciência fonológica e exatidão leitora e prosódia.

Para além do anterior diagnóstico, sobressai a existência de uma Dificuldade Específica da Aprendizagem da Matemática (Discalculia), uma vez que os comportamentos observados são característicos da mesma, e condicionam de modo evidente o seu desempenho escolar e quotidiano.

Estas dificuldades possuem um carácter permanente e encontram-se contempladas na Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) cujos classificadores são listados em anexo (Ver Anexo A).

6. RECOMENDAÇÕES

- De acordo com o perfil da Mariana sugere-se que sejam aplicadas as medidas educativas previstas no Capítulo IV, artigo 16º, do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro justificadas pelas



CENTRO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

DECLARAÇÃO

Declara-se para os devidos efeitos que ,
apresenta um quadro compatível com uma Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, subtipo desatento. Para além do exposto, ainda se confirma uma Dificuldade de Aprendizagem Específica da Leitura e da Escrita (Dislexia e Disortografia), associada a uma Dificuldade de Aprendizagem Específica do Cálculo (Discalculia). Estas questões estão claramente a interferir no rendimento escolar da Mariana e atividades quotidianas relacionadas.

Pelo exposto, encontra-se a seguir terapêutica farmacológica de metilfenidato e a cumprir programa de intervenção pedagógica em regime semanal, que para além de incluir o treino do autocontrolo e capacidade de manutenção da atenção, se centra no exercício e no desenvolvimento dos conceitos envolvidos nas aprendizagens escolares, através do fornecimento de estratégias cognitivas sistematizadas promotoras de competências no âmbito da leitura, da escrita, e em particular, da matemática.

Aterciosamente,

CADiN

Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil

NIPC 506 285 871

Estrada da Malveira - Edifício CADiN

Psicóloga Educacional & Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação
Cédula Profissional n.º 2134

Cascais, 17 de abril de 2012

NIPC 506 285 871

IPSS - Registo pelo insc. n.º 8/03, a fl. 10 do livro n.º 2
das Instituições com fins de saúde, em 23/06/03;
publicação DR II Série, n.º 300, de 30/12/03

Estrada da Malveira - Edifício CADiN - 2750-782 Cascais

tel: + 351 214858240 - fax: + 351 214858250

e-mail: geral@cadin.net - site: www.cadin.net

Anexo 25 - Formulário de Referenciação

FORMULÁRIO DE REFERENCIAÇÃO

ANO LETIVO 2011 / 2012

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS: _____
IDENTIFICAÇÃO
Entidade ou pessoa responsável pela referenciação: _____ _____
Data <u>7</u> / <u>1</u> / 2012

NOME: _____
Data de Nascimento: _____
Morada: _____ Telefone: _____
Nível de educação ou ensino: <u>1º ciclo do ensino básico</u>
Ano de escolaridade: <u>4º ano</u> Turma: <u>-</u>
Outra situação: _____

Motivo da Referenciação:
A <u>N</u> _____ revela dificuldades na aprendizagem, no que diz respeito às duas áreas disciplinares principais - Português e Matemática. Quanto à Matemática, a <u>N</u> _____, revela sérias dificuldades quanto à compreensão da lógica do sistema numérico, interpretação de problemas e dificuldade no cálculo mental. No que concerne à Língua Portuguesa, a <u>N</u> _____, apresenta dificuldades na produção escrita relativamente à textualização e ortografia. Este último aspeto interfere na aprendizagem nos conteúdos de Estudo do Meio

Tomei conhecimento

Assinatura do Conselho Executivo: _____
Data: 11.01.2012

MODELO DE FUNCIONALIDADE – Checklist CIF (CIF-CJ – DGIDC)

Nome: Clara Silva

Data de Nascimento: 01/01/2007 Idade: 9

Funções do Corpo

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação, de acordo com os seguintes qualificadores:

0 – Nenhuma deficiência; 1 – Deficiência ligeira; 2 – Deficiência moderada; 3 – Deficiência grave;
4 – Deficiência completa; 8 – Não especificada¹; 9 – Não aplicável²

¹ Deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da deficiência.
² Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Funções do Corpo		Quantificadores							
		0	1	2	3	4	8	9	
Capítulo 1 – Funções Mentais									
(Funções Mentais Globais)									
b110	Funções da consciência								X
b114	Funções da orientação no espaço e no tempo								X
b117	Funções intelectuais								X
b122	Funções psicossociais globais								X
b125	Funções intrapessoais								X
b126	Funções do temperamento e da personalidade								X
b134	Funções do sono								X
(Funções Mentais Específicas)									
b140	Funções da atenção			X					
b144	Funções da memória		X						
b147	Funções psicomotoras								X
b152	Funções emocionais			X					
b156	Funções da percepção								X
b163	Funções cognitivas básicas								X
b164	Funções cognitivas de nível superior								X
b167	Funções mentais da linguagem			X					
b172	Funções do cálculo			X					
Capítulo 2 – Funções sensoriais e dor									
b210	Funções da visão								X
b215	Funções dos anexos do olho								X
b230	Funções auditivas								X
b235	Funções vestibulares								X
b250	Função gustativa								X
b255	Função olfactiva								X
b260	Função proprioceptiva								X
b265	Função tátil								X
b280	Sensação de dor								X
Capítulo 3 – Funções da voz e da fala									
b310	Funções da voz								X
b320	Funções de articulação								X
b330	Funções da fluência e do ritmo da fala								X
Capítulo 4 – Funções do aparelho cardiovascular, dos sistemas hematológico e imunológico e do									

aparelho respiratório									
b410	Funções cardíacas								X
b420	Funções da pressão arterial								X
b429	Funções cardiovasculares, não especificadas								X
b430	Funções do sistema hematológico								X
b435	Funções do sistema imunológico								X
b440	Funções da respiração								X
Capítulo 5 – Funções do aparelho digestivo e dos sistemas metabólicos e endócrino									
b515	Funções digestivas								X
b525	Funções de defecação								X
b530	Funções de manutenção do peso								X
b555	Funções das glândulas endócrinas								X
b560	Funções de manutenção do crescimento								X
Capítulo 6 – Funções genito-urinárias e reprodutivas									
b620	Funções miccionais								X
Capítulo 7 – Funções neuromusculoesqueléticas e funções relacionadas com o movimento									
b710	Funções relacionadas com a mobilidade das articulações								X
b715	Estabilidade das funções das articulações								X
b730	Funções relacionadas com a força muscular								X
b735	Funções relacionadas com o tônus muscular								X
b740	Funções relacionadas com a resistência muscular								X
b750	Funções relacionadas com reflexos motores								X
b755	Funções relacionadas com reacções motoras involuntárias								X
b760	Funções relacionadas com o controlo do movim. voluntário								X
b765	Funções relacionadas com o controlo do movim. Involuntário								X
b770	Funções relacionadas com o padrão de marcha								X
b780	Funções relacionadas com os músculos e funções do movim.								X
Outras Funções do Corpo a considerar									

Assinatura. _____

Data: 19/01/2012

Actividade e Participação

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação, de acordo com os seguintes qualificadores:

0 – Nenhuma dificuldade; 1 – Dificuldade ligeira; 2 – Dificuldade moderada; 3 – Dificuldade grave;

4 – Dificuldade completa; 8 – Não especificada¹; 9 – Não aplicável²

¹ Deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da dificuldade.

² Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Actividade e Participação	Quantificadores						
	0	1	2	3	4	8	9
Capítulo 1 – Aprendizagem e aplicação de conhecimentos							
d110 Observar							X
d115 Ouvir							X
d130 Imitar							X
d131 Aprender através da interacção com os objectos							X
d132 Adquirir informação							X
d133 Adquirir linguagem							X
d134 Desenvolvimento da linguagem							X
d137 Adquirir conceitos							X
d140 Aprender a ler							X
d145 Aprender a escrever							X
d150 Aprender a calcular							X
d155 Adquirir competências		X					
d160 Concentrar a atenção			X				
d161 Dirigir a atenção							X
d163 Pensar			X				
d166 Ler		X					
d170 Escrever				X			
d172 Calcular				X			
d175 Resolver problemas				X			
d177 Tomar decisões				X			
Capítulo 2 – Tarefas e exigências gerais							
d210 Levar a cabo uma tarefa única							X
d220 Levar a cabo tarefas múltiplas							X
d230 Levar a cabo a rotina diária							X
d250 Controlar o seu próprio comportamento							X
Capítulo 3 – Comunicação							
d310 Comunicar e receber mensagens orais							X
d315 Comunicar e receber mensagens não verbais							X
d325 Comunicar e receber mensagens escritas			X				
d330 Falar							X
d331 Produções pré-linguísticas							X
d332 Cantar							X
d335 Produzir mensagens não verbais							X
d340 Produzir mensagens na linguagem formal dos sinais							X
d345 Escrever mensagens				X			
d350 Conversação							X
d355 Discussão							X
d360 Utilização de dispositivos e de técnicas de comunicação							X
Capítulo 4 – Mobilidade							
d410 Mudar as posições básicas do corpo							X
d415 Manter a posição do corpo							X
d420 Autotransferências							X
d430 Levantar e transportar objectos							X

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

d435	Mover objectos com os membros inferiores								X
d440	Actividades de motricidade fina da mão								X
d445	Utilização da mão e do braço								X
d446	Utilização de movimentos finos do pé								X
d450	Andar								X
d455	Deslocar-se								X
Capítulo 5 – Autocuidados									
d510	Lavar-se								X
d520	Cuidar de partes do corpo								X
d530	Higiene pessoal relacionada com as excreções								X
d540	Vestir-se								X
d550	Comer								X
d560	Beber								X
d571	Cuidar da sua própria segurança								X
Capítulo 6 – Vida doméstica									
d620	Adquirir bens e serviços								X
d630	Preparar refeições								X
d640	Realizar o trabalho doméstico								X
d650	Cuidar dos objectos domésticos								X
Capítulo 7 – Interacções e relacionamentos interpessoais									
d710	Interacções interpessoais básicas								X
d720	Interacções interpessoais complexas								X
d730	Relacionamento com estranhos								X
d740	Relacionamento formal								X
d750	Relacionamentos sociais informais								X
Capítulo 8 – Áreas principais da vida									
d815	Educação pré-escolar								X
d816	Vida pré-escolar e actividades relacionadas								X
d820	Educação escolar								X
d825	Formação profissional								X
d835	Vida escolar e actividades relacionadas								X
d880	Envolvimento nas brincadeiras								X
Capítulo 9 – Vida comunitária, social e cívica									
d910	Vida comunitária								X
d920	Recreação e lazer								X
Outros aspectos da Actividade e Participação a considerar									

Factores Ambientais

Nota: As diferentes categorias podem ser consideradas enquanto barreiras ou facilitadores. Assinale, para cada categoria considerada, com (.) se a está a considerar como barreira ou com o sinal (+) se a está a considerar como facilitador. Assinale com uma (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação, de acordo com os seguintes qualificadores:
 0 – Nenhum facilitador/barreira; 1 – Facilitador/barreira ligeiro; 2 – Facilitador/barreira moderado;
 3 – Facilitador substancial/barreira grave; 4 – Facilitador/barreira completo; 8 – Não especificada;
 9 – Não aplicável

Factores Ambientais	Barreira ou Facilitador	Quantificadores							
		0	1	2	3	4	8	9	
Capítulo 1 – Produtos e Tecnologias									
e110	Para consumo pessoal (alimentos, medicamentos)	+			X				
e115	Para uso pessoal na vida diária								X

e120	Para facilitar a mobilidade e o transporte pessoal								X
e125	Para a comunicação								X
e130	Para a educação	+				X			
e135	Para o trabalho								X
e140	Para a cultura, a recreação e o desporto								X
e150	Arquitetura, construção e acabamentos de prédios de utilização pública								X
e155	Arquitetura, construção e acabamentos de prédios para uso privado								X
Capítulo 2 – Ambiente Natural e Mudanças Ambientais feitas pelo Homem									
e225	Clima								X
e240	Luz								X
e250	Som								X
Capítulo 3 – Apoio e Relacionamentos									
e310	Família próxima								X
e320	Amigos								X
e325	Conhecidos, pares, colegas, vizinhos e membros da comunidade								X
e330	Pessoas em posição de autoridade								X
e340	Prestadores de cuidados pessoais e assistentes pessoais								X
e360	Outros profissionais								X
Capítulo 4 – Atitudes									
e410	Atitudes individ. dos membros da família próxima								X
e420	Atitudes individuais dos amigos								X
e425	Atitudes individuais de conhecidos, pares, colegas e membros da comunidade								X
e440	Atitudes individuais de prestadores de cuidados pessoais e assistentes pessoais								X
e450	Atitudes individuais de profissionais de saúde								X
e465	Normas, práticas e ideologias sociais								X
Capítulo 5 – Serviços, Sistemas e Políticas									
e515	Relacionados com a arquitetura e a construção								X
e540	Relacionados com os transportes								X
e570	Relacionados com a segurança social								X
e575	Relacionados com o apoio social geral								X
e580	Relacionados com a saúde								X
e590	Relacionados com o trabalho e o emprego								X
e595	Relacionados com o sistema político								X
Outros Factores Ambientais a considerar									
e430	Pessoas em posição de autoridade								X
e355	profissionais de saúde	+				X			

Clara Silva
19/01/2012

Anexo 26 - Relatório Técnico-Pedagógico de ML

RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO

IDENTIFICAÇÃO
Nome: _____
Data de Nascimento: _____
Escola: _____

PERFIL DE FUNCIONALIDADE
1. Funções do Corpo
Em relação às Funções do Corpo, observam-se as seguintes competências: Capítulo 1 - Nas Funções Mentais e Específicas a aluna revela uma atenção moderada durante as atividades (b140), pois denota-se algum esforço, da _____ em dedicar-se às mesmas. Quanto ao memorizar os conteúdos trabalhados (b144), a aluna revela também uma dificuldade moderada, pois têm de se encontrar estratégias mais simplificadas para a Mariana alcançar o objetivo. Relativamente aos factores emocionais, (d156) a _____, é muito insegura, o que a faz bloquear aquando atividades mais complexas. Nas funções mentais de linguagem (b167) e de cálculo (b172), a aluna apresenta dificuldades moderadas ao expressar-se oralmente e ao efetuar cálculos mentais com a adição e subtração. Nota : Ver anexo da Checklist
2. Atividade e Participação
Necessita de um ensino mais individualizado, com estratégias específicas, por forma a motivar o gosto pelo conhecimento, e o gosto e desafio, por atividades de caráter lúdico, que apelem ao pensamento. Em relação à Atividade e Participação, observam-se as seguintes competências: Capítulo 1 - Na Atividade e Participação de Conhecimentos, há uma certa dificuldade em adquirir competências (d155) pois a aluna tem dificuldade em concentrar a sua atenção(d160). Quanto ao pensar (d163), a aluna demonstra alguma resistência devido ao medo de falhar. A aluna lê (d166) com alguma fluência, embora durante a leitura raramente faça interpretação. Necessita de reler para interpretar. Relativamente a escrever (d170), calcular (d172), resolver problemas (d175) e tomar decisões (d177) denota-se graves dificuldades. Encontra-se aqui certa influência da falta de confiança e da resistência para pensar, com receio de errar. Nota : Ver anexo da Checklist

3. Factores Ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à participação e à aprendizagem A Mariana, em factores pessoais, apresenta um comportamento tímido, com pouca confiança e irrita-se em seio familiar quando sente que não está a corresponder, às de outrem, e às suas expectativas. Nos aspetos ambientais, afere-se como facilitador moderado a substancial, o qualificador (e110), a toma de Metilfenidato sob a forma de Concerta 18mg, para consumo pessoal (alimentos, medicamentos) e para a educação, respectivamente; referente ao Capítulo 1 - Produtos e Tecnologia. Quanto ao Capítulo 2 - Apoio e Relacionamentos, afere-se como facilitador substancial o qualificador (e360) - outros profissionais e o qualificador (e355) - profissionais de saúde, no acompanhamento da Mariana, para um desenvolvimento mais completo e assertivo. Nota : Ver anexo da Checklist 4. Factores Pessoais História Escolar Após o nascimento, permaneceu com a mãe até cerca dos dois meses e meio de idade. Posteriormente, permaneceu com uma ama até aos três anos. A inclusão no infantário decorreu sem problemas particulares. No decorrer do ensino pré-escolar manifestaram-se alguns alertas. Segundo os dados disponíveis, a Mariana apresentaria alguma dificuldade na execução de tarefas de grafismos e em termos de raciocínio lógico. A Mariana ingressou no 1º ano de escolaridade aos seis anos de idade, no 1º ano de escolaridade. No decorrer do 1º ano evidenciaram-se grandes dificuldades. A este respeito é destacado que a Mariana apresentava problemas na aquisição de mecanismos de leitura e escrita e que efetuava a escrita de números invertidos. No 2º ano de escolaridade usufruiu de apoio especializado no âmbito da leitura (Dra. Mariana, dada grande dificuldade sentida. De imediato se fizeram sentir evoluções importantes na capacidade leitora da Mariana. Atualmente (ano letivo 2011/2012), a Mariana encontra-se a frequentar o 4º ano de escolaridade e tem acompanhamento psicopedagógico com a Dra. Mariana, do CADIN, desde setembro de 2011. A Mariana apresenta já alguma fluência na leitura mas com trocas ligeiras. Contudo, revela problemas na compreensão que faz dos textos que lê. Na escrita, apesar da ligeira melhoria, ainda são identificados muitos erros ortográficos. Segundo a mãe, a Mariana revela grandes lacunas na competência matemática, nomeadamente no que concerne ao raciocínio lógico-matemático. Nas restantes áreas não se identificam problemas particulares. A professora, salienta que a Mariana tem problemas na matemática e na escrita. Não consegue reproduzir textos de acordo com regras semânticas, apesar de demonstrar algumas ideias, mas também não encadeadas. Na matemática, tem dificuldades na recolha de dados para resolver problemas, no sistema de numeração, cálculo mental, entre outros. Na leitura, a professora faz ainda referência que, a Mariana apresenta falhas semânticas e alguns bloqueios no discurso.
--

Antecedentes Relevantes

Segundo as informações disponibilizadas, teve um desenvolvimento dito normal, mas relativamente à fala, é descrito que o seu início também terá decorrido normalmente com ligeiras dificuldades na articulação das palavras, nomeadamente na troca de sílabas. Quanto aos padrões de sono atuais exibe um sono, em geral, completo mas algo agitado. Anteriormente eram destacados pesadelos que eram mais evidentes nas situações de maior ansiedade. Verifica-se uma evolução positiva neste aspeto.

Razões que determinam as N.E.E. de carácter permanente/tipologia

De acordo com o relatório médico, a [] apresenta Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, sub-tipo desatento.

Revela também, Dificuldade de Aprendizagem Específica na Leitura e na Escrita (Dislexia e Disortografia), e no âmbito da matemática Dificuldade Específica da Aprendizagem da Matemática (Discalculia).

Respostas e medidas educativas a adotar

De acordo com o perfil da [] sugere-se que sejam aplicadas as medidas educativas previstas no Cap. IV, artigo 16º, do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro justificadas pelas suas necessidades educativas especiais de carácter permanente, classificadas de acordo com Classificação Internacional de Funcionalidade, nas seguintes alíneas:

a) Apoio pedagógico personalizado:

- Reforço das estratégias utilizadas no grupo ou turma aos níveis de organização, do espaço e das atividades. Estimular e reforçar as competências e aptidões envolvidas na aprendizagem e de competências específicas.

d) Adequações no processo de avaliação:

- Alteração do tipo de provas, dos instrumentos de avaliação e certificação, bem como das condições de avaliação, no que respeita, entre outros aspetos, às formas e meios de comunicação, à periodicidade e duração da mesma.

A [] deverá beneficiar de medidas do regime de educação especial, nomeadamente nas alíneas a) Apoio pedagógico acrescido e d) Adequações no processo de avaliação, do D-Lei 3/2008 de 7 de janeiro, como forma de colmatar as suas dificuldades e assim potencializar as suas capacidades ao nível das áreas curriculares, especialmente na matemática.

Relatório elaborado por:

Data: 20/01/2012

3

Concordo com o presente relatório:

O Encarregado de Educação,

Data: 23/01/2012

Homologado por:

Nome: _____

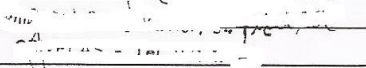
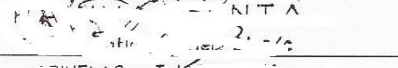
Cargo: _____

Data: 25/01/2012

XCIX

Anexo 27 - Plano Educativo Individual de ML

PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL PEI / Nível de ensino: <u>4.º ano</u>
Ano Letivo <u>2011</u> / <u>2012</u>

Aprovado em Conselho Pedagógico, datado de, <u>1/3/2012</u> O Presidente do Conselho Pedagógico, 	Homologação do Órgão de Gestão da Escola, Em, <u>1/3/2012</u> - Ex.º Director - 
---	---

1. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO / ESCOLA	
Nome:	<u>Maria Clara Fernandes</u>
Ano:	<u>4º ano</u>
Turma e Nº :	<u>----</u>
Data de Nascimento:	<u>01/01/2001</u>
Idade:	<u>9</u>
Filiação:	<u>Nome Mãe: Maria Clara Fernandes</u>
Contactos:	Trab: <u>213 222 111</u> Tlm: <u>213 222 111</u>
Encarregado de Educação:	<u>Prof.ª Maria Clara Fernandes</u>
Morada:	<u>1.º andar, Rua da Liberdade, Nº 100, 2000-000 Lisboa</u>
Escola:	<u>1.º Ciclo do Ensino Básico</u>
Professor Titular de Turma:	<u>Prof.ª Maria Clara Fernandes</u>
Professor de Educação Especial:	

Modelo - 7_ Programa Educativo Individual

C

2. RESUMO DA HISTÓRIA ESCOLAR E OUTROS ANTECEDENTES RELEVANTES

História Escolar

Após o nascimento, a aluna permaneceu com a mãe até cerca dos dois meses e meio de idade. Posteriormente, permaneceu com uma ama até aos três anos.

A inclusão no infantário decorreu sem problemas particulares. No decorrer do ensino pré-escolar manifestaram-se alguns alertas. Segundo os dados disponíveis, a aluna apresentaria alguma dificuldade na execução de tarefas de grafismos e em termos de raciocínio lógico.

A aluna ingressou no 1º ano de escolaridade aos seis anos de idade, no ano letivo 2006/2007. No decorrer do 1º ano evidenciaram-se grandes dificuldades. A este respeito é destacado que a aluna apresentava problemas na aquisição de mecanismos de leitura e escrita e que efetuava a escrita de números invertidos.

No 2º ano de escolaridade usufruiu de apoio especializado no âmbito da leitura (aluno de apoio), dadas grandes dificuldades sentidas. De imediato se fizeram sentir evoluções importantes na capacidade leitora da aluna.

Atualmente (ano letivo 2011/2012), a aluna encontra-se a frequentar o 4º ano de escolaridade e tem acompanhamento psicopedagógico com a professora do CADIN, desde setembro de 2011.

A aluna apresenta já alguma fluência na leitura mas com trocas ligeiras. Contudo, revela problemas na compreensão que faz dos textos que lê. Na escrita, apesar da ligeira melhoria, ainda são identificados muitos erros ortográficos.

Segundo a mãe, a aluna revela grandes lacunas na competência matemática, nomeadamente no que concerne ao raciocínio lógico-matemático. Nas restantes áreas não se identificam problemas particulares.

A professora, salienta que a aluna tem problemas na matemática e na escrita. Não consegue reproduzir textos de acordo com regras semânticas, apesar de demonstrar algumas ideias, mas também não encadeadas. Na matemática, tem dificuldades na recolha de dados para resolver problemas, no sistema de numeração, cálculo mental, entre outros.

Na leitura, a professora faz ainda referência que, a aluna, apresenta falhas semânticas e alguns bloqueios no discurso.

Antecedentes Relevantes

Segundo as informações disponibilizadas, a aluna teve um desenvolvimento dito normal, mas relativamente à fala, é descrito que o seu início também terá decorrido normalmente com ligeiras dificuldades na articulação das palavras, nomeadamente na troca de sílabas.

Quanto aos padrões de sono atuais exibe um sono, em geral, completo mas algo agitado. Anteriormente eram destacados pesadelos que eram mais evidentes nas situações de maior ansiedade. Verifica-se uma evolução positiva neste aspeto.

3. PERFIL DE FUNCIONALIDADE DO ALUNO POR REFERÊNCIA À CIF-CJ

Actividade e Participação, Funções e Estruturas do Corpo e Factores Ambientais

1. Funções do Corpo

Em relação às Funções do Corpo, observam-se as seguintes competências:

Capítulo 1 - Nas Funções Mentais e Específicas a aluna revela uma atenção moderada durante as atividades (b140), pois denota-se algum esforço, da Mariana, em dedicar-se às mesmas. Quanto ao memorizar os conteúdos trabalhados (b144), a aluna revela também uma dificuldade moderada, pois têm de se encontrar estratégias mais simplificadas para a Mariana alcançar o objetivo.

Relativamente aos factores emocionais, (d156) a Mariana, é muito insegura, o que a faz bloquear aquando atividades mais complexas.

Nas funções mentais de linguagem (b167) e de cálculo (b172), a aluna apresenta dificuldades moderadas ao expressar-se oralmente e ao efetuar cálculos mentais com a adição e subtração.

Nota : Ver anexo da Checklist

2. Atividade e Participação

Necessita de um ensino mais individualizado, com estratégias específicas, por forma a motivar o gosto pelo conhecimento, e o gosto e desafio, por atividades de carácter lúdico, que apelem ao pensamento.

Em relação à Atividade e Participação, observam-se as seguintes competências:

Capítulo 1 - Na Atividade e Participação de Conhecimentos, há uma certa dificuldade em adquirir competências (d155) pois a aluna tem dificuldade em concentrar a sua atenção (d160).

Quanto ao pensar (d163), a aluna demonstra alguma resistência devido ao medo de falhar. A aluna lê (d166) com alguma fluência, embora durante a leitura raramente faça interpretação. Necessita de reler para interpretar.

Relativamente a escrever (d170), calcular (d172), resolver problemas (d175) e tomar decisões (d177) denota-se graves dificuldades. Encontra-se aqui certa influência da falta de confiança e da resistência para pensar, com receio de errar.

Nota : Ver anexo da Checklist

3. Factores Ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à participação e à aprendizagem

A Mariana, em factores pessoais, apresenta um comportamento tímido, com pouca confiança e irrita-se em seio familiar quando sente que não está a corresponder, às de outrem, e às suas expectativas.

Nos aspetos ambientais, afere-se como facilitador moderado a substancial, o qualificador (e110), a toma de Metilfenidato sob a forma de Concerta 18mg, para consumo pessoal (alimentos, medicamentos) e para a educação, respectivamente; referente ao **Capítulo 1 - Produtos e Tecnologia**.

Quanto ao **Capítulo 2 - Apoio e Relacionamentos**, afere-se como facilitador substancial o qualificador (e360) - outros profissionais e o qualificador (e355) - profissionais de saúde, no acompanhamento da Mariana, para um desenvolvimento mais completo e assertivo.

Nota : Ver anexo da Checklist

Modelo – 7_ Programa Educativo Individual

4. ADEQUAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM			
Medidas Educativas a Implementar (CAPÍTULO IV, Art. 16.º do Decreto - Lei 3/2008 de 7 de Janeiro)			
Alínea	Especifique		
a) Apoio pedagógico personalizado	Reforço das estratégias já utilizadas na turma aos níveis da organização, do espaço e das atividades. Estimular e reforçar as competências e aptidões envolvidas na aprendizagem e de competências específicas.		
	Objetivos a alcançar no âmbito da <u>matemática</u> (3.ºano de escolaridade)		
		2ºP*	3ºP*
	Compreende a noção de múltiplo e divisor de um número natural		
	Resolve problemas envolvendo números na sua representação decimal e na de fracção em contextos diversos		
	Usa a divisão nos sentidos de medida, partilha e razão		
	Opera com números naturais representados na forma decimal usando propriedades dos números e das operações		
	Opera com números racionais não negativos representados na forma decimal usando propriedades dos números e das operações		
	Resolve problemas em contextos numéricos envolvendo as operações aritméticas		
	Estima e avalia a razoabilidade dos resultados		
	Interpreta e descreve relações espaciais		
	Reconhece figuras no plano e sólidos geométricos, identificando propriedades que os caracterizam		
	Identifica propriedades que caracterizam os sólidos geométricos		
	Compreende a grandeza dinheiro		
	Compreende a noção de perímetro, área, grandeza e volume		
	Compreende as noções de tempo e de intervalo de tempo e compara a duração de acontecimentos		
	Recolhe e organiza dados de natureza diversa		
Utiliza estratégias de cálculo mental e escrito			
Investiga regularidades numéricas			

Modelo – 7 Programa Educativo Individual

	Objetivos a consolidar no âmbito da <u>língua portuguesa</u>																																																
	<table><tr><td></td><td>2ºP*</td><td>3ºP*</td></tr><tr><td>Sabe escutar para organizar a informação.</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Distingue facto de opinião</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Distingue a informação explícita da implícita</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Exprime-se na sua vez, respeitando o tempo de palavra</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Planifica e apresenta exposições breves sobre diversos temas</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Produz discursos orais com vocabulário e estruturas gramaticais adequados</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Lê com fluência diferentes tipos de textos em vários suportes</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Distingue entre informação essencial e acessória</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Usa diferentes técnicas para registo, organização e transmissão de informação</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Escreve diferentes tipos de textos, com tema de abertura e fecho, de forma estruturada e com correcção ortográfica</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Compara dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Reconhece diferentes registos de língua e usa-os nos diferentes contextos</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Aplica os diferentes registos de língua nos contextos que devem ser usados</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo oral</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo escrito</td><td></td><td></td></tr></table>		2ºP*	3ºP*	Sabe escutar para organizar a informação.			Distingue facto de opinião			Distingue a informação explícita da implícita			Exprime-se na sua vez, respeitando o tempo de palavra			Planifica e apresenta exposições breves sobre diversos temas			Produz discursos orais com vocabulário e estruturas gramaticais adequados			Lê com fluência diferentes tipos de textos em vários suportes			Distingue entre informação essencial e acessória			Usa diferentes técnicas para registo, organização e transmissão de informação			Escreve diferentes tipos de textos, com tema de abertura e fecho, de forma estruturada e com correcção ortográfica			Compara dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua			Reconhece diferentes registos de língua e usa-os nos diferentes contextos			Aplica os diferentes registos de língua nos contextos que devem ser usados			Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo oral			Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo escrito		
	2ºP*	3ºP*																																															
Sabe escutar para organizar a informação.																																																	
Distingue facto de opinião																																																	
Distingue a informação explícita da implícita																																																	
Exprime-se na sua vez, respeitando o tempo de palavra																																																	
Planifica e apresenta exposições breves sobre diversos temas																																																	
Produz discursos orais com vocabulário e estruturas gramaticais adequados																																																	
Lê com fluência diferentes tipos de textos em vários suportes																																																	
Distingue entre informação essencial e acessória																																																	
Usa diferentes técnicas para registo, organização e transmissão de informação																																																	
Escreve diferentes tipos de textos, com tema de abertura e fecho, de forma estruturada e com correcção ortográfica																																																	
Compara dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua																																																	
Reconhece diferentes registos de língua e usa-os nos diferentes contextos																																																	
Aplica os diferentes registos de língua nos contextos que devem ser usados																																																	
Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo oral																																																	
Mobiliza o conhecimento adquirido e aplica-o no modo escrito																																																	
d) Adequações no processo de avaliação	Alteração do tipo de provas, dos instrumentos de avaliação e certificação, bem como das condições de avaliação, no que respeita, entre outros aspetos, às formas e meios de comunicação, à periodicidade e duração da mesma.																																																

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Estratégias para alinea/s a) e d)	
Linguagem/Comunicação - Monitorizar o discurso - Minimizar a quantidade de informação transmitida oralmente (por via auditiva) - Reformular perguntas - Dar tempo suficiente para responder - Utilizar diferentes estratégias para facilitar a escrita Atenção/Motivação - Sentar a perto do professor - Informar a do que se espera dela e fornecer <i>feedback</i> - Dar pistas - Promover a manutenção de uma lista escrita - Utilizar as áreas de competência Matemática - Entender a sequência do processo de aprendizagem - Instrução direta - Recorrer a estimativas - Recorrer à utilização de mnemónicas - Padrões e “truques” - Incorporar componentes visuais - Algoritmos de diversas formas - Existência e aplicabilidade das operações inversas - Estratégias de cálculo - Decomposição como estratégia - Formas variadas para alcançar o resultado - Pesquisa das palavras-chave de um problema - Materiais diversos para a “visualização” dos conteúdos - Demonstrar a utilidade das propriedades das operações - Criar estações de interesse - Mostrar a aplicabilidade da matemática em atividades diversas Avaliação - Avaliação essencialmente verbal, ou mediante trabalhos de natureza vária - Atribuição de um menor peso às avaliações escritas - Adaptações nos testes - Perante testes mais extensos, o professor deverá estar por perto - Adaptação na cotação dos testes	
As estratégias deverão ser facilitadoras do desenvolvimento da , respeitando o seu tempo de resposta e proporcionando a interação em diferentes contextos. A terá como base o currículo comum, o Currículo Nacional do Ensino Básico.	
Outras Informações	
* Acompanhamento psicológico • Terapia da fala • Serviço Social • Fisioterapia • Psicomotricidade • Terapia ocupacional • Musicoterapia • Hipoterapia	

Modelo – 7_ Programa Educativo Individual

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

- Hidroterapia - Outros: _____																	
5. RESPONSÁVEIS PELAS RESPOSTAS EDUCATIVAS (ANEXAR HORÁRIO INDIVIDUAL DO ALUNO)																	
Identificação dos Intervenientes	Funções Desempenhadas	Horário															
	Professora Ensino Básico Encarregado de Educação	Componente letiva Mãe															
6. IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PEI																	
Início da Implementação do PEI																	
Data <u>2 / 03 / 2012</u>																	
Avaliação do PEI																	
⇒ Avaliação do processo deve acompanhar o desenrolar da intervenção educativa, através de uma análise informal dos resultados obtidos nas diferentes áreas e será continuamente analisado, com vista à adequação das actividades ao nível de realização do aluno, por todos os intervenientes no processo; ⇒ CrITÉRIOS de avaliação do processo: * Adequação das estratégias adoptadas; * Adequação da sua duração; * Produto final (que conduzirá sempre a uma reavaliação do processo, e sempre que necessário à reformulação de estratégias e objectivos) ⇒ Momentos de Avaliação: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 5%; text-align: center;"> </td> <td style="width: 45%;">Mensal</td> <td style="width: 5%; text-align: center;"> </td> <td style="width: 45%;">Conselhos pedagógicos</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">x</td> <td>Trimestral</td> <td style="text-align: center;"> </td> <td>Em reuniões com todos os intervenientes no processo do aluno.</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td> <td>Quando necessário</td> <td style="text-align: center;">x</td> <td rowspan="2">Em reuniões com o Encarregado de Educação.</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td> <td>Outras: _____</td> <td style="text-align: center;"> </td> </tr> </table> ⇒ Instrumentos de avaliação: * Recolha informal de dados por todos os intervenientes; * Modelo 3- Preparação Individual de Reunião de Equipa -Avaliação conjunta dos objectivos estabelecidos; * Modelo 11 - Impresso próprio, que será anexo ao PEI do aluno;				Mensal		Conselhos pedagógicos	x	Trimestral		Em reuniões com todos os intervenientes no processo do aluno.		Quando necessário	x	Em reuniões com o Encarregado de Educação.		Outras: _____	
	Mensal		Conselhos pedagógicos														
x	Trimestral		Em reuniões com todos os intervenientes no processo do aluno.														
	Quando necessário	x	Em reuniões com o Encarregado de Educação.														
	Outras: _____																

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

⇒ Revisto em (anexar alterações sempre que necessário): Data ____/____/____ Data ____/____/____ Data ____/____/____
Transição entre ciclos
Sobre este item, só no final da segunda avaliação ao PEI, ou seja no final do terceiro trimestre, é que será estipulado e definido estratégias que visem na continuação do desenvolvimento da . . . Constará, em anexo, um relatório que contenha tal informação. Foi colocado o relatório, em anexo, no dia ____/____/____ (Anexo nº ____) Ass.: _____

7. TERMO DE CONCORDÂNCIA
Assinatura dos responsáveis pela sua elaboração
Prof. Titular de Turma / Director de Turma: _____ Encarregado de Educação: _____ Data: <u>1 / 03 / 2012</u>
Encarregado de Educação
Concordo com as medidas educativas definidas e autorizo aplicação do presente PEI: O Encarregado de educação: _____ Data: <u>01 / 03 / 2012</u>

Anexo 28 - Guião da entrevista à Encarregada de Educação de ML

Temática: Interação/inclusão e desenvolvimento das aprendizagens da aluna ML no grupo e com o grupo.

Objetivos da entrevista:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Recolher informações sobre a interação/inclusão da aluna ML com o grupo
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Encarregada de Educação da aluna ML (mãe)

Data : 15/06/2012

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	▪ Motivar a entrevistada ▪ Valorizar a confidencialidade. ▪ Tornar a entrevista necessária e oportuna	▪ Pedir autorização para gravar a entrevista ▪ Motivos da entrevista ▪ Objetivos da entrevista	▪ Entrevista semidiretiva. ▪ Criar um ambiente agradável e confortável ▪ Será utilizada uma linguagem apelativa. A entrevista realizar-se-á na sala dos professores em horário pós-letivo .
Bloco B Intervenção com o grupo	▪ Recolher informação sobre a intervenção ▪ Caracterizar as práticas pedagógicas	▪ Objetivos ▪ Estratégias implementadas	▪ O entrevistador deve estar atento a todos os comentários e reações do entrevista.
Bloco C Perfil da aluna ML	▪ Caracterizar a interação da aluna ML dentro do grupo ▪ Caracterizar as atitudes do grupo face a aluna ML	▪ Relação existente entre a aluna ML e o grupo ▪ Observação de comportamentos da aluna ML ▪ Aprendizagens	▪ Prestar atenção aos comportamentos não verbais da entrevistada ▪ Estar atenta e disponível

Bloco D Dados complementares	▪ Agradecer a disponibilidade do entrevistado	▪ Agradecimentos	▪ O entrevistador deverá demonstrar gratidão para com a disponibilidade do entrevistado.
---	---	------------------	--

A entrevista iniciar-se-á com uma pequena conversa introdutória para que a entrevistada se sinta confortável ao responder às diversas questões. O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Anexo 29 - Protocolo da entrevista à Encarregada de Educação de ML

Caracterização da situação : Aluna com NEE a frequentar o 4º ano de escolaridade.

O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Data: 15/06/2012

Objetivos Gerais:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Caracterizar o trabalho pedagógico dentro da sala de aula
- Recolher informações sobre a interação/inclusão da aluna ML com o grupo
- Caracterizar a interação do grupo
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Encarregada de Educação (mãe da aluna ML) M

E – Antes de mais gostaria de lhe agradecer a sua disponibilidade. Gostaria que me falasse sobre o trabalho que foi desenvolvido durante este ano a partir do que pôde observar na escola, ouvir por parte de outros pais e das reações de sua filha.

M – Achei o trabalho fantástico, nunca pensei que pudesse ser possível os meninos saberem tanto. Fazer projetos foi muito bom, eles aprenderam muito e estavam sempre muito entusiasmados, tanto para os elaborarem como para os apresentarem; as comunicações foram sempre esperadas com entusiasmo por parte de todos. Quando vi a alegria da minha filha ao chegar a casa e explicar o que iam fazer, de início fiquei com alguns receios, não sabia se ela ia conseguir trabalhar com os colegas, sempre foi uma menina com pouca confiança, mas depois destes meses de trabalho consigo, percebi que foi um trabalho muito importante. Agora anda motivada e está mais segura de si. A minha menina aprendeu muito com os colegas, andou sorridente o tempo todo e está mais à vontade para partilhar as ideias com os outros alunos. Não tenho palavras!

CX

E – *O que achou de trabalharmos por projetos?*

M – Trabalhar desta forma é muito bom, é dar a oportunidade aos alunos de darem a opinião deles e sobretudo se relacionarem uns com os outros. Infelizmente eu não tive este tipo de ensino, mas tenho a certeza que teria adorado.

E – *Quais foram os aspetos positivos e negativos?*

M – Os aspetos positivos foram tantos! Falo em relação à minha filha, ela aprendeu muito e gostou muito de trabalhar em grupo. De início teve medo de não ser escolhida para os grupos, mas pelo que eu percebi dos projetos, os grupos formavam-se a partir do tema que os alunos escolhiam. Ela acabou por trabalhar com colegas com quem tinha algum receio em se juntar e adorou. E pelo que eu pude ver ela também já é mais aceite pelos colegas. Foi tão bom ver quando a vinha buscar, os colegas a dizerem-lhe adeus e até amanhã; de início isso não acontecia. Os aspetos negativos? Bem..... acho que só posso dizer um: foi pouco tempo, espero que para o próximo ano ela tenha estas oportunidades.

E – *Qual a sua opinião sobre a relação da ML com o grupo?*

M – Melhorou muito, como já disse. De início pouco se relacionava com os outros meninos, agora tem amigos e antes só tinha colegas de turma. Sei que também não foi fácil para os outros aceitarem a sua maneira de ser, mas todos se esforçaram muito, são crianças mas ao mesmo tempo tornaram-se homenzinhos e mulherzinhas.

E – *E qual é a relação do grupo com ML?*

M – Sempre foi muito complicado, porque ela é muito tímida e tem sempre medo de errar, mas agora acho que ela já conseguiu ultrapassar e está feliz porque os colegas a aceitam melhor. Ela pôde mostrar que também sabia muitas coisas. Estava feliz por ver como os colegas gostavam de a ouvir falar sobre os dinossauros, tive oportunidade de sentir isso, quando a ia buscar à escola.

E – *O que achou das aprendizagens feitas por parte de ML?*

M – Ela aprendeu muito! Sinto que cresceu. É claro que tem as suas dificuldades mas aprendeu tanto, graças aos colegas que lhe explicavam e a ajudavam, as professoras estiveram

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

sempre presentes. Ao longo destes meses ela ganhou o gosto por aprender coisas novas e os resultados não foram maus de todo, melhorou em todas as áreas.

E – *Obrigada pela sua disponibilidade e por aceitar conversar comigo.*

Anexo 30 - Análise de conteúdo dos dados da entrevista

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Intervenção com o grupo	▪ Trabalho desenvolvido com o grupo	▪ Achei o trabalho fantástico, nunca pensei que pudesse ser possível os meninos saberem tanto. Fazer projetos foi muito bom, eles aprenderam muito e estavam sempre muito entusiasmados, tanto para os elaborarem como para os apresentarem, as comunicações foram sempre esperadas com entusiasmo por parte de todos.
	▪ Metodologia implementada	▪ Trabalhar desta forma é muito bom, é dar a oportunidade aos alunos de dar a opinião deles e sobretudo se relacionarem uns com os outros.
	▪ Trabalho desenvolvido com a aluna ML	▪ Quando vi a alegria da minha filha ao chegar a casa e explicar o que iam fazer, de início fiquei com alguns receios, não sabia se ela ia conseguir trabalhar com os colegas, sempre foi uma menina com pouca confiança, mas depois destes meses de trabalho consigo percebi que foi um trabalho muito importante. A minha menina aprendeu muito com os colegas, andou sorridente o tempo todo e está mais à vontade para partilhar as ideias com os outros alunos. Não tenho palavras!
	▪ Aspetos positivos	▪ Os aspetos positivos foram tantos! Falo em relação à minha filha, ela aprendeu muito e gostou muito de trabalhar em grupo. De início teve medo de não ser escolhida para os grupos, mas pelo que eu percebi dos projetos os grupos formavam-se a partir do tema que os alunos escolhiam. Ela acabou por trabalhar com

	▪ Aspetos negativos	colegas com quem ela tinha algum receio em se juntar e pelo que eu pude ver ela também já é mais aceite pelos colegas. Foi tão bom ver quando a vinha buscar, os colegas a dizerem-lhe adeus e até amanhã, de início isso não acontecia. ▪ Os aspetos negativos? Bem..... acho que só posso dizer um, foi pouco tempo, espero que para o próximo ano ela tenha estas oportunidades.
Interação no grupo	▪ Comportamento de ML no grupo	▪ A minha menina aprendeu muito com os colegas, andou sorridente o tempo todo e está mais à vontade para partilhar as ideias com os outros alunos. ▪ Ela acabou por trabalhar com colegas com quem tinha algum receio em se juntar e adorou. ▪ Melhorou muito, como já disse, de início pouco se relacionava com os outros meninos, agora tem amigos e antes só tinha colegas de turma. ▪ Sempre foi muito complicado, porque ela é muito tímida e tem sempre medo de errar, mas agora acho que ela já conseguiu ultrapassar e está feliz porque os colegas a aceitam melhor. ▪ Ela pôde mostrar que também sabia muitas coisas. Estava feliz por ver como os colegas gostavam de a ouvir falar sobre os dinossauros, tive oportunidade de sentir isso, quando a ia buscar à escola.

	▪ Comportamento do grupo face à aluna ML	▪ Pelo que eu pude ver ela também já é mais aceite pelos colegas. ▪ Sei que também não foi fácil para os outros aceitarem a sua maneira de ser, mas todos se esforçaram muito ▪ Foi tão bom ver quando a vinha buscar, os colegas a dizerem-lhe adeus e até amanhã; de início isso não acontecia.
Perfil da aluna ML	▪ Comportamentos de ML ▪ Aprendizagens feitas por parte de ML	▪ Sempre foi uma menina com pouca confiança, mas depois destes meses de trabalho consigo, percebi que foi um trabalho muito importante. Agora anda motivada e está mais segura de si. A minha menina aprendeu muito com os colegas, andou sorridente o tempo todo e está mais à vontade para partilhar as ideias com os outros alunos. ▪ Ela aprendeu muito! Sinto que cresceu; é claro que tem as suas dificuldades mas aprendeu tanto, graças aos colegas que lhe explicavam e a ajudavam, as professoras estiveram sempre presentes. Ao longo destes meses ela ganhou o gosto por aprender coisas novas e os resultados não foram maus de todo, melhorou em todas as áreas.

Anexo 31 - Guião da entrevista à Encarregada de Educação de DJ

Temática: Interação/inclusão e desenvolvimento das aprendizagens do aluno DJ no grupo e com o grupo.

Objetivos da entrevista:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Recolher informações sobre a interação/inclusão do aluno DJ com o grupo
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Encarregada de Educação do aluno DJ (mãe) M

Data : 15/06/2012

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	▪ Motivar a entrevistada ▪ Valorizar a confidencialidade. ▪ Tornar a entrevista necessária e oportuna	▪ Pedir autorização para gravar a entrevista ▪ Motivos da entrevista ▪ Objetivos da entrevista	▪ Entrevista semidiretiva. ▪ Criar um ambiente agradável e confortável ▪ Será utilizada uma linguagem apelativa. A entrevista realizar-se-á na sala dos professores em horário pós-letivo .
Bloco B Intervenção com o grupo	▪ Recolher informação sobre a intervenção ▪ Caracterizar as práticas pedagógicas	▪ Objetivos ▪ Estratégias implementadas	▪ O entrevistador deve estar atento a todos os comentários e reações do entrevistado.
Bloco C Perfil do aluno DJ	▪ Caracterizar a interação do aluno DJ dentro do grupo ▪ Caracterizar as atitudes do grupo face o aluno DJ	▪ Relação existente entre o aluno DJ e o grupo ▪ Observação de comportamentos do aluno DJ ▪ Aprendizagens	▪ Prestar atenção aos comportamentos não verbais da entrevistada ▪ Estar atenta e disponível

Bloco D Dados complementares	▪ Agradecer a disponibilidade do entrevistado	▪ Agradecimentos	O entrevistador deverá demonstrar gratidão para com a disponibilidade do entrevistado.
---	---	------------------	---

A entrevista iniciar-se-á com uma pequena conversa introdutória para que a entrevistada se sinta confortável ao responder às diversas questões. O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Anexo 32 - Protocolo da entrevista à Encarregada de Educação de DJ

Caracterização da situação : Aluno a frequentar o 4º ano de escolaridade, com dificuldades em entregar-se no grupo, prejudicando assim as suas aprendizagens.

O entrevistador solicitará a autorização para a gravação da entrevista e valorizará a confidencialidade da mesma.

Data: 15/06/2012

Objetivos Gerais:

- Recolher informações sobre o trabalho desenvolvido durante este ano letivo.
- Caracterizar o trabalho pedagógico dentro da sala de aula
- Recolher informações sobre a interação/inclusão do aluno DJ com o grupo
- Caracterizar a interação do grupo
- Recolher informações sobre as aprendizagens desenvolvidas neste ano letivo.

Entrevistado: Encarregada de Educação (mãe do aluno DJ)

E – Antes de mais gostaria de lhe agradecer a sua disponibilidade.

Gostaria que me falasse sobre o trabalho que foi desenvolvido durante este ano a partir do que pôde observar na escola, ouvir por parte de outros pais e das reações do seu filho.

M – Eu achei o trabalho muito interessante, nunca tinha ouvido falar desta forma de trabalhar, para mim foi novidade. DJ esteve sempre muito contente e esperava ansiosamente pela semana seguinte, para se poder reunir com os colegas. Acho que os outros pais também gostaram muito, pelo menos é o que ouvia a comentar.

E – O que achou de trabalharmos por projetos?

M – Foi uma maneira interessante dos alunos aprenderem, eles levaram os projetos muito a sério. O meu DJ ficou muito contente de poder explicar a nossa cultura e a nossa religião. Quando no primeiro projeto ele me pediu para levar a Djelaba para apresentar o trabalho

fiquei com um pouco de medo, porque não sabia como os outros alunos iam reagir, mas correu muito bem.

E – *Quais foram os aspetos positivos e negativos?*

M – Os aspetos positivos foram que os alunos puderam trabalhar uns com os outros e podiam ensinar uns aos outros coisas novas. O meu filho aprendeu a respeitar melhor a opinião dos colegas e ele está claramente mais calmo. Ele antes era desinteressado e o comportamento dele não era muito bom, mas agora depois destes trabalhos ele interessa-se mais, fala do que faz na escola, antes não o fazia. Para ser sincera para mim não existiram aspetos negativos, todos nós gostamos muito do trabalho que foi feito.

E – *Qual a sua opinião sobre a relação do DJ com o grupo?*

M – Está muito melhor, antes quando chegava a escola para o ir buscar, a professora contava-me sempre histórias que tinham acontecido durante o dia, DJ portava-se mal e chateava-se muito com os colegas, estes últimos meses isso não aconteceu, a relação dele com os outros alunos melhorou muito. Fico contente porque ele antes discutia muito sobretudo com GA mas agora não, parece-me que são amigos.

E – *E qual é a relação do grupo com DJ?*

M – Parece estar bem, eu percebo isso quando chego à escola, vejo que as raparigas como os rapazes brincam com ele e pelo que percebi a turma gostou das coisas que ele dizia sobre a nossa cultura e a nossa religião, os grupos onde ele trabalhou ficaram satisfeitos com o empenho dele. Antes ele nunca era convidado para festas de anos, mas já foi convidado quatro vezes durante estes meses, dizem que ele dança bem (risos).

E – *O que achou das aprendizagens feitas por parte de DJ?*

M – Ele aprendeu muito, eu sei que o meu filho sabe muitas coisas, mas como o feitio dele é complicado ele não queria estudar, só queria brincadeira, mas agora ele está mais responsável e ganhou o gosto pela escola. Já se preocupa em fazer os trabalhos de casa e em estudar, as notas dele melhoraram.

E – *Obrigada pela sua disponibilidade e por aceitar conversar comigo.*

Anexo 33 - Análise de conteúdo dos dados da entrevista

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Intervenção com o grupo	▪ Trabalho desenvolvido com o grupo ▪ Metodologia implementada ▪ Trabalho desenvolvido com o aluno DJ ▪ Aspetos positivos ▪ Aspetos negativos	▪ Eu achei o trabalho muito interessante, nunca tinha ouvido falar desta forma de trabalhar, para mim foi novidade. ▪ Acho que os outros pais também gostaram muito, pelo menos é o que ouvia comentar. ▪ Foi uma maneira interessante dos alunos aprenderem, eles levaram os projetos muito a sério. ▪ DJ esteve sempre muito contente e esperava ansiosamente pela semana seguinte, para se poder reunir com os colegas. ▪ O meu DJ ficou muito contente de poder explicar a nossa cultura e a nossa religião. Quando no primeiro projeto ele me pediu para levar a Djelaba para apresentar o trabalho fiquei com um pouco de medo, porque não sabia como os outros alunos iam reagir, mas correu muito bem. ▪ Os aspetos positivos foram que os alunos puderam trabalhar uns com os outros e podiam ensinar uns aos outros coisas novas. O meu filho aprendeu a respeitar melhor a opinião dos colegas e ele está claramente mais calmo. Ele antes era desinteressado e o comportamento dele não era muito bom, mas agora depois destes trabalhos ele interessa-se mais, fala do que faz na escola, antes não o fazia mais, fala do que faz na escola, antes não o fazia. ▪ Para ser sincera para mim não existiram aspetos negativos, todos nós gostamos muito do trabalho que foi feito.

Interação no grupo	▪ Comportamento de DJ no grupo	▪ O meu filho aprendeu a respeitar melhor a opinião dos colegas e ele está claramente mais calmo. ▪ Está muito melhor, antes quando chegava a escola para o ir buscar, a professora contava-me sempre histórias que tinham acontecido durante o dia, DJ portava-se mal e chateava-se muito com os colegas, estes últimos meses isso não aconteceu, a relação dele com os outros alunos melhorou muito. Fico contente porque ele antes discutia muito sobretudo com GA mas agora não, parece-me que são amigos.
	▪ Comportamento do grupo face ao aluno DJ	▪ Quando no primeiro projeto ele me pediu para levar a Djelaba para apresentar o trabalho fiquei com um pouco de medo, porque não sabia como os outros alunos iam reagir, mas correu muito bem. ▪ Fico contente porque ele antes discutia muito sobretudo com GA mas agora não, parece-me que são amigos. ▪ Parece estar bem, eu percebo isso quando chego à escola, vejo que as raparigas como os rapazes brincam com ele e pelo que percebi a turma gostou das coisas que ele dizia sobre a nossa cultura e a nossa religião, os grupos onde ele trabalhou ficaram satisfeitos com o empenho dele. Antes ele nunca era convidado para festas de anos, mas já foi convidado quatro vezes durante estes meses, dizem que ele dança bem (risos).
Perfil do aluno DJ	▪ Comportamentos de DJ	▪ O meu filho aprendeu a respeitar melhor a opinião dos colegas e ele está claramente

	▪ Aprendizagens feitas por parte de DJ	mais calmo. Ele antes era desinteressado e o comportamento dele não era muito bom, mas agora depois destes trabalhos ele interessa-se mais, fala do que faz na escola, antes não o fazia. ▪ DJ portava-se mal e chateava-se muito com os colegas, estes últimos meses isso não aconteceu, a relação dele com os outros alunos melhorou muito. ▪ Ele aprendeu muito, eu sei que o meu filho sabe muitas coisas, mas como o feitio dele é complicado ele não queria estudar, só queria brincadeira, mas agora ele está mais responsável e ganhou o gosto pela escola. Já se preocupa em fazer os trabalhos de casa e em estudar, as notas dele melhoraram.
--	--	---

Anexo 34 - Memorandos do trabalho de projeto

Memorando semanal de 12/03/2012 a 16/03/2012

Trabalho em Projeto		
Semana de 12 / 03 a 16 / 03 / 2012		
Nestas sessões gostamos...	Nestas sessões não gostamos...	Dúvidas com que ficámos...
fazer a brochura por imagens no powerpoint a brochura Trabalhar com o Magalhães trazer a apresentação fazer fichas para a comunicação Fazer testes para os colegas Power point Brochura Trabalho escrito Fazer o power point Trabalhar com Magalhães brochura desenhar power point falas com o meu grupo	fazer fichas nada fichas fichas nada fichas nada fichas Questionário nada questões nada nada nada as fichas nada	comunicação apresentação comunicação organizar a apresentação organizar apresentar organizar a apresentação comunicação Comunicação fichas nada apresentar apresentar saber quem vai apresentar apresentação do projeto apresentação

Memorando semanal de 19/03/2012 a 23/03/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de <u>19</u> / <u>03</u> a <u>23</u> / <u>03</u> / 2012		
Nestas sessões gostamos... Aprender a fazer uma comunicação Apresentar o trabalho Apresentar o Trabalho cantar o inno Apresentar o Trabalho Apresentar o Trabalho Apresentar o trabalho Aprender a apresentar Trabalho Apresentar o Trabalho Apresentar o trabalho porque foi uma experiência nova Apresentar o trabalho Tudo a apresentar o Trabalho a lavra. apresentar o trabalho apresentar o Trabalho, apresentar o trabalho apresentar o trabalho Aprender a apresentar Trabalho	Nestas sessões não gostamos... Por vezes tristes Colocar caras tristes na avaliação colocar Colocar a cara : na avaliação Colocar caras : na avaliação Colocar caras : na avaliação Colocar caras : na avaliação Colocar caras : na avaliação Colocar as caras Colocar caras : Eu M B não gostei de por as caras ☹ no grupo do corpo humano de por caras tristes para os outros Não gostei muito das caras. Não gostei também muito do nosso trabalho Não gostei de por caras ☹	Dúvidas com que ficámos... Arábies um pouco nos árabes Arábies um pouco nas Culturas de Portugal um pouco nas culturas de Portugal Arábies O corpo humano Arábies O corpo humano Arábies Não Arábies Não Nadimira Não Arábies O corpo humano

Memorando semanal de 09/04/2012 a 13/04/2012

Memorando do Trabalho em Projeto		
Semana de 09 / 04 a 13 / 04 / 2012		
Nestas sessões gostamos...	Nestas sessões não gostamos...	Dúvidas com que ficámos...
Eu gostei de elaborar o trabalho com novas pessoas. Gostei de elaborar o trabalho com novas pessoas. Gostei de elaborar o trabalho com outras pessoas. <u>De tudo</u> <u>Começar um novo projeto.</u> <u>Escolher um novo tema.</u> <u>De tudo</u> <u>De tudo</u> Gostei de tudo e dissei- mos projetos com os meus colegas. vou adorar este. <u>DE TUDO</u> <u>Aprender mais</u> Eu gostei de tudo porque muito a fazer esse projecto. Eu gostei de tudo Tenho muitas ideias para este tema. Gostei de tudo, dissei-me adarei. <u>De tudo</u> <u>vou pesquisar muito</u>	Eu gostei de tudo Eu gostei de tudo Eu gostei de todo <u>Adoro</u> Eu gostei de Tudo Eu gostei de tudo Eu gostei de tudo Eu gostei de tudo <u>Gostei de tudo</u> Eu gostei de Tudo Eu adorei tudo Eu gostei de tudo gostei de Tudo Eu adorei tudo <u>Gostei de Tudo</u>	Nenhuma Nenhuma nenhuma Nenhumas Nenhumas Nenhumas Nenhumas Nenhumas Nenhumas Nenhumas Nenhumas. Nada não tenho dúvidas de nada. Nenhumas

Memorando semanal de 16/04/2012 a 20/04/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de 16/04 a 20/04/2012		
Nestas sessões gostamos... Eu gostei de tudo e gostei muito de produzir um pouco do trabalho. Eu gostei de tudo aquilo. Gostei de tudo GOSTEI DE TUDO Gostei de produzir texto Procurar mais do tema Procurar imagens GOSTEI DE TUDO Gostei de tudo Ajudar os meus colegas. Procurar informação. Produzir o texto Procurar informações encontrar imagens Gostei de tudo Gostei de tudo e mais do projeto De tudo	Nestas sessões não gostamos... Eu praticamente gostei de tudo. Não gostei nada que eu não gostasse. Bem praticamente gostei de tudo. Bem praticamente gostei de tudo. Gostei de tudo Quando as imagens estavam mais longe do papel GOSTEI DE TUDO Gostei de tudo Gostei de tudo Gostei de tudo Gostei de tudo Gostei de tudo O poder do texto de nada	Dúvidas com que ficámos... Não fiquei com dúvidas nenhuma. organizar o cartaz. Nada Praticamente nenhuma NADA organizar o texto Como fazer um texto. organizar o cartaz Como organizar o cartaz Procurar mais informações NINGUÉM organizar o cartaz ninguém Nenhuma Nenhuma Como colocar as imagens ninguém Como pesquisar as imagens Nenhuma Como vamos organizar o power point.

Memorando semanal de 23/04/2012 a 27/04/2012

Memorando do Trabalho em Projeto		
Semana de 23 / 04 a 27 / 04 / 2012		
Nestas sessões gostamos... <i>Eu gostei muito deste projeto.</i> Gostei de tudo <i>Eu gostei muito.</i> Gostei mais do projeto mas gostei de tudo e gostei de pesquisar coisas. Aprender mais. Tudo produzir texto Colar imagens e produzir texto Produzir e pesquisar texto Colar as imagens e produzir texto Gostei de tudo de escrever o texto de fazer o Power Point Colar imagens TUDO TUDO	Nestas sessões não gostamos... <i>gostei de tudo.</i> Bem gostei de tudo <i>Gostei de tudo</i> Gostei de tudo. Gostei de tudo. de nada Gostei de tudo eu gostei de tudo Gostei de tudo Do barulho e da cintura a refilar só por eu estar a fazer uma coisa e ela não Do barulho Da largada do implante comigo. DO DA NV.AAL no chato GOSTEI DE TUDO	Dúvidas com que ficámos... <i>nenhuma.</i> Praticamente nenhuma <i>Nenhuma</i> Por acaso nenhuma nenhuma. Nenhuma Nenhuma Nenhuma nenhuma Nenhuma da cintura barulhenta e gritada Nenhuma Se a largada do implante não é a mesma nenhuma. Nenhuma NENHUMA

Memorando semanal de 30/04/2012 a 04/05/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de <u>30 / 04</u> a <u>04 / 05</u> / 2012		
Nestas sessões gostamos... Brochura do Cartaz brochura da brochura acabar o texto acabar o cartaz FAZER O TEXTO preparar a apresentação a brochura produzir texto fazer o mobil acabar o trabalho a brochura mobil brochura mobil escrito trabalho escrito	Nestas sessões não gostamos... gostei tudo gostei fazer as questões gostei de tudo tudo FICHAS fichas 😊 fichas Nada gostei tudo as perguntas Nada fichas nada fichas fichas	Dúvidas com que ficámos... Nada Nada preparar a comunicação escola a comunicação medo da comunicação FICHAS Nenhuma as perguntas para os alunos nada Nada as perguntas nada comunicação Nada nada nada comunicação as fichas nada

Memorando semanal de 14/05/2012 a 18/05/2012

Memorando		
do		
Trabalho em Projeto		
Semana de <u>14/05</u> a <u>18/05</u> /2012		
Nestas sessões gostamos... tudo as floresas aborei tudo tudo tudo e amor de Pedro e Tereza tudo Quando fomos a apresentar o trabalho dos livros dos dinossauros Tudo de apresentar o trabalho a outros colegas. das perguntas dos colegas de ter apresentado o trabalho aos mais pequenos para que eles aprendam mais tive medo mas gostei eu gostei de apresentar o trabalho a outros alunos Eu gostei de tudo adorei os sistemas solar Gostei de apresentar o trabalho aprendi sobre as plantas Gostei de apresentar o trabalho do 3º ano e ao 4º ano - Carol gostei de tudo Eu gostei de tudo	Nestas sessões não gostamos... nada nada nada nada Nada Nada nada nada eu gostei de tudo tive um pouco de medo Não gostei da Europa nada Não gostei o trabalho da Europa o trabalho da Europa	Dúvidas com que ficámos... Nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma nenhuma nada nada nenhuma Nenhuma Nenhuma - Carol Nenhuma

Memorando semanal de 21/05/2012 a 25/05/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de <u>21</u> / <u>05</u> a <u>25</u> / <u>05</u> / 2012		
Nesta sessão gostamos...	Nesta sessão não gostamos...	Dúvidas com que ficámos...
De formar novos grupos e de iniciar o projecto	Nada	Nenhuma
De formar novos grupos e de iniciar o projecto	Gostei de tudo	fazer um folheto
De formar novos grupos e de iniciar o projecto	Gostei de tudo	Nenhuma
De formar novos grupos e de iniciar o projecto	Gostei de tudo	brochuras.
De formar novos grupos e de iniciar o projecto	Nada	Nenhuma
Os grupos e de o projecto ser interessante	Nada Gostei de tudo	Nenhuma
De iniciar um projeto diferente e de poder trabalhar com novas pessoas para nos darmos melhor	Adeci tudo.	FÁZER UM FOLHETO
Eu gostei de fazer um projeto com outras pessoas	adorei	Nenhuma
gostei de tudo	adorei tudo.	tempo
gostei de tudo	adorei tudo	Nenhuma
gostei de tudo	adorei tudo	o tempo
De que fizemos	adorei tudo	Nenhuma
De tudo	adorei tudo	Nenhuma
De pesquisa no computador e de partilhar ideias com os meus amigos	adorei tudo	Nenhuma
Tudo Adeci	adorei tudo	Nenhuma
Tudo	adorei tudo	Nenhuma

Memorando semanal de 28/05/2012 a 01/06/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de 28/05 a 01/06/2012		
Nestas sessões gostamos... De ver o vídeo do ciclo da água para saber onde a água é tratada e o que acontece na biblioteca. De ver o vídeo do ciclo da água e de terminar o folheto de resumo. Eu gostei de me pesquisas nos livros da biblioteca. Tudo. Tudo. Tudo. Eu gostei de tudo. Eu gostei de tudo. fazer o folheto Gostei de pesquisar. Organizar o folheto e decorá-lo com os meus colegas do grupo o que desejamos fazer. Adorei ir à biblioteca organizar o folheto de todos os livros e saber mais coisas sobre os livros. Gostei - não gostei de nada. Adorei a biblioteca. Mariana - Gostei de tudo. Organizar o folheto e decorá-lo com os meus colegas de grupo o que desejamos fazer.	Nestas sessões não gostamos... Que o Ivo não tivesse internet para pesquisar. De ter chatises pequeninas. De ter pequenas chatises. Gostei de tudo. Nada. Nada. que não se estarem a deslocar e a não se intarem a fazer. Gostei de tudo. Adorei tudo. De me divertir. Adoro tudo. Mariana - Eu gostei de tudo. gostei de tudo. Adorei tudo.	Dúvidas com que ficámos... ① - Saber explicar como se faz o folheto. ② - Como vamos apresentar o folheto. ① - Saber explicar, como se faz o folheto. ② - Como devemos apresentar aos colegas o folheto. 1 - Saber explicar como fazer o folheto. 2 - Como apresentar o folheto aos colegas. eu também Nenhuma. Eu não fiquei com dúvidas nenhuma. Eu não fiquei com nenhuma dúvida. Algumas como organizar o folheto e decorá-lo. Nenhuma dúvida. Nenhuma. Nenhuma. Nenhuma. Nenhuma. Nenhuma.

Memorando semanal de 04/06/2012 a 08/06/2012

Memorando do Trabalho em Projeto Semana de 04/06 a 08/06/2012		
Nestas sessões gostamos... de escrever no folheto e desenhar. de desenhar no folheto de desenhar no folheto De desenhar no folheto e de escrever Tudo Tudo tudo acabar o folheto de fazer a preparação da comunicação Gostei de fazer tudo acabou o texto Gostei de tudo De acabar de fazer o folheto para apresentar De ter tempo para acabar o folheto. escrever gostei de tudo gostei de tudo de preparar a comunicação	Nestas sessões não gostamos... de saber o que vamos apresentar Gostei de tudo Gostei de tudo Gostei de tudo Adorei tudo adorei tudinho de o folheto ser branco Eu gostei mesmo de tudo de o folheto não estar no computador. Gostei de tudo de não ter tempo. Gostei de tudo De ter de fazer o folheto a fazer gostei de tudo gostei de tudo gostei de tudo gostei de ter o folheto a computador	Dúvidas com que ficámos... de conseguir chegar o folheto. de organização. Nada Nada se os pais não gostar o que vamos fazer Nada nenhuma de organizar porque foi muito difícil Eu não tive dúvidas nenhuma nenhuma como vamos apresentar saber quem apresenta o que saber que vou apresentar o que Nenhuma Nenhuma. Nenhuma

Memorando semanal de 11/06/2012 a 15/06/2012

Memorando		
do		
Trabalho em Projeto		
Semana de 11 / 06 a 15 / 06 / 2012		
Nestas sessões gostamos... <i>de conseguir trabalhar em grupo com quase nenhuma desistência</i> Gostei de tudo do trabalho de uma Pêra, gostei das aulas. Eu gostei de ter trabalhado com vários colegas. <i>De tudo tendo dar o folheto a toda gente</i> Eu gostei de trabalhar com vários colegas Gostei de tudo menos do trabalho dos países africanos apresentar e dar os folhetos aos pais.. Gostei de apresentar em Gostei dos sistemas folheto Gostei de Tudo o que <i>Quase gostei de tudo das comunicações da apresentação no folheto</i> <i>Gostei de mandar para as coisas</i> de tudo mas o que eu mais gostei foi dos países africanos de tudo mas comunicações Eu gostei de quase tudo <i>Confesso - De apresentar o folheto</i> Gostei de tudo	Nestas sessões não gostamos... <i>Das muitas, muito, muito poucas desistências</i> Eu não gostei de que alguns colegas tivessem desistências GOSTEI DE TUDO <i>E eu não tenho nada a dizer.</i> Gostei de tudo países Africanos gostei do trabalho com alguns colegas que estavam a trabalhar comigo, e de trabalhar o tema países Africanos porque não foi eu que escolhi <i>Gostei de tudo menos nos países africanos</i> <i>Do conteúdo tanto de alguns colegas</i> Não gostei de ser tanto pouco tempo Não gostei dos Países Africanos <i>Eu não gostei de quase todos nos países africanos</i>	Dúvidas com que ficámos... <i>Países Africanos um pouco nos países africanos.</i> Países Africanos; Países Africanos <i>Nenhuma</i> <i>Nenhuma</i> <i>Algumas</i> <i>O ciclo da água</i> Países africanos <i>Países Africanos.</i> Tive dúvidas na reciclagem e nos países africanos Fiquei com dúvidas a pensar que ia ser giro trabalhar com o paranyal e com o Gustavo mas adorci. Tive dúvidas no paranyal e nos países africanos. Tive dúvidas dos países do estado africanos. Não fiquei com dúvidas nenhumas.

Anexo 35 - Trabalhos elaborados pelos alunos



Queimaduras:

Quando nos queimamos primeiro temos de aliviar a dor, com compressas frias.

Depois beber muitos líquidos.

Depois por um creme para queimaduras e nunca gorduras.

E se forem queimaduras muito graves, temos de telefonar a um médico.

Fracturas:

Primeiro: Imobilizar a zona do corpo que esta fraturada .

Segundo: Telefonar para o 112 para chamar a ambulância.

Picadelas de insectos:

Quando somos picados temos de tirar o ferrão com uma pinça, de temos de aplicar gelo ou água fria e no fim pomos algodão com álcool, vinagre ou uma pomada que acalma (compramos na farmacia).

Mordeduras de animais:

Quando um animal nos morde temos de limpar e desinfectar a ferida , depois os nossos pais tem de saber se o animal esta vacinado e se a ferida for muito funda temos de ir ao médico.

Hemorragias nasais:

Primeiro: Sentar com a cabeça para trás e não para a frente.

Segundo: Colocar algodão com água no nariz.

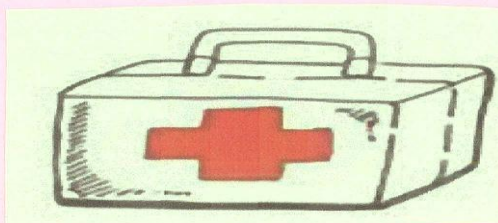
Terceiro: Fazer pressão na outra narina com o dedo.

Quarto: Depois do sangue parar lavar em volta do nariz e da boca com água morna.

Quinto: Não se assoar durante os próximos minutos.

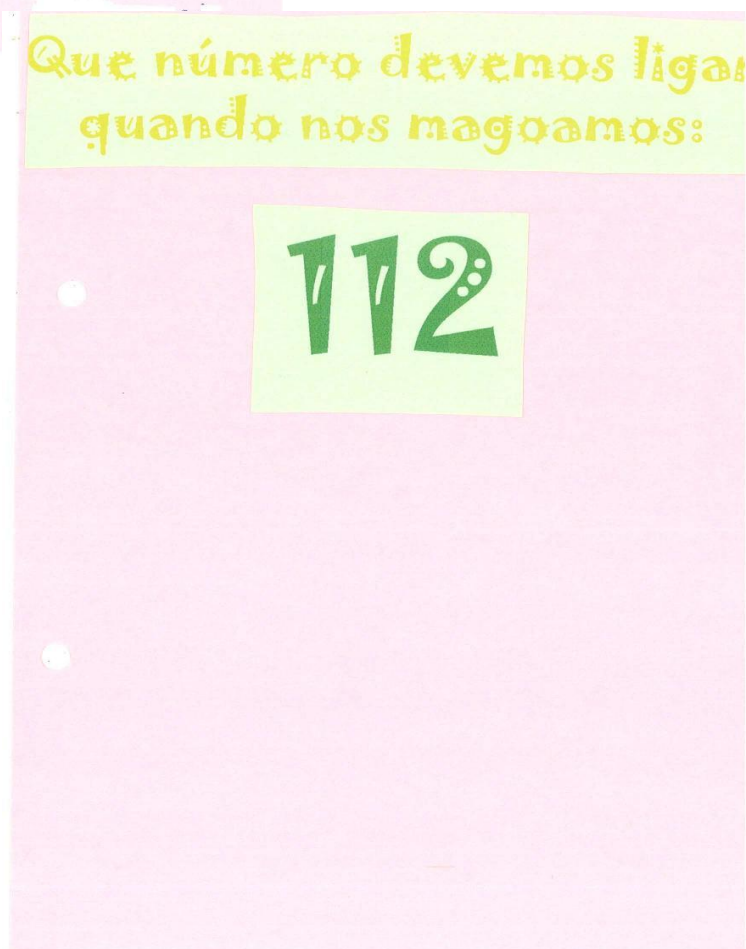
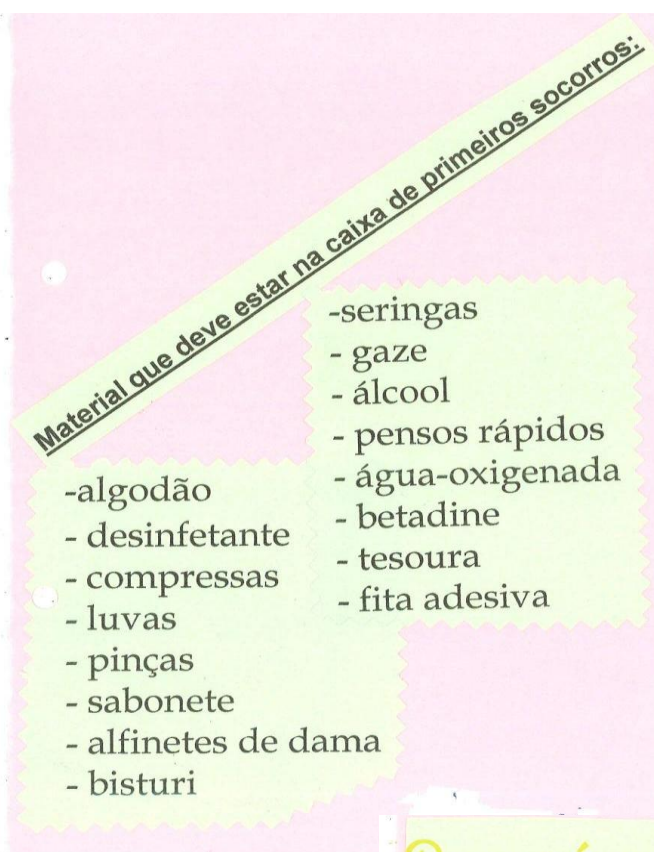
A caixa

dos



primeiros

socorros:



Bibliografia

Rocha, A; Lago, C, Amiguinhos - Estudo do Meio - 3º ano. Texto Editores, Lisboa.

Rodrigues, A; Pereira, C; Estudo do Meio 4 - 4º ano. Areal Editores, Porto

Ferreira, L ; Dinis, C - Caminhos - Estudo do Meio 3º ano. Porto Editora, Porto

primeirosocorros.com/

pt.wikipedia.org/wiki/Primeiros_socorros

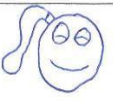
Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>Os animais nascem</u>					
Autores: <u>Clara</u> , <u>Haragada</u> , <u>2</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Embrões nasais, mordeduras de animais, fusimoduras, fraturas, distensões, fraturas, humectação. E também que a caixa do fumos, rotação e injeção, também ajuda o nervo do modo no caso de imigração.		- Todas as células e células. - saber mais sobre as immoduras, mordeduras, distensões, fraturas e humectação nasais.		De, Sengue.	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas	X	Acetatos	
Folheto		Internet	X	Cartaz	
Livro	X	Livros	X	Power point	X
Power point	X	Questionários	X		
Dadas					
Início: <u>16/02/2012</u>	Fim: <u>10/03/2012</u>	Apresentação: <u>22/03/12</u>		Sessões de trabalho:	
				<u>16/02/12</u>	<u>22/03/12</u>
				<u>17/03/12</u>	<u>27/03/12</u>

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Os Primeiros solos

Nome dos autores: Lena Margarida Leal

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
16/02/2012	Organização dos grupos e elaboração de planos	todas	
23/02/2012	Pesquisa na internet e nos livros	todas	
1/03/2012	Iniciação do Power Point	todas	
8/03/2012	Continuação do Power Point	todas	
15/03/2012	↓	todas	
22/03/2012	↓	todas	

Preparação da comunicação

Projeto: Os primeiros socorros

Autores: Sandra, Margarida, Loge

Data da comunicação: 22 / 03 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Mariana	Início, Introdução, Índice, Quimoduras, Fraturas, Distensões e Hematomas e Piródelas.
Margarida	Hemorragias nasais, Hemorragias por ferida, A caixa de primeiros socorros, Que número devemos ligar quando nos magoamos, O que são as drogas.
Helena	Alcool, Tabaco, O tabaco é constituído por, A cocaína é feita de quê, Os medicamentos tóxicos, O que podem causar os medicamentos tóxicos, Conclusão
Tódas	Fim!



Os primeiros socorros

Quando nos queimamos primeiro temos de aliviar a dor, com compressas frias, colocar um creme para queimaduras e beber muitos líquidos.

Quando temos uma fratura temos de imobilizar a zona do corpo fraturada e telefonar para o 112 para chamar a ambulância.

Quando somos mordidos por um animal temos de limpar e desinfetar a ferida, é importante nos informar se o animal está vacinado contra a raiva e sempre que preciso temos de ir ao médico.

Quando temos uma hemorragia nasal temos em primeiro lugar de nos sentar com a cabeça um pouco inclinada para trás e não para a frente, depois colocamos algodão embebido em água oxigenada na narina que está a sangrar, pressionando a outra narina com o dedo. Depois da hemorragia parar lavar o nariz e a boca com água morna. É importante não se assoar durante os próximos minutos.

Material que deve estar na caixa de primeiros socorros:

- desinfetante
- compressas
- luvas
- pinças
- sabonete
- bisturi
- gaze
- álcool
- pensos rápidos
- água-oxigenada
- betadine
- tesoura
- fita adesiva



Os primeiros socorros - Questionário

O que devemos fazer quando nos queimamos ?

Quando temos uma fratura que devemos fazer ?

Quando somos mordidos por um animal devemos limpar a ferida porquê ?

Quais são as etapas para tratar uma hemorragia nasal ?

Indica seis materiais que podem estar na caixa dos primeiros socorros

Nome: _____ Turma: _____

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>A vida dos árabes</u>					
Autores: <u>Carolina</u> , <u>Haris</u> , <u>Deo</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Sá sabemos que as palavras começaram por lá e da origem árabe. Todos os dias os árabes vão à Mesquita e rezam. E por fim saí sabemos que a religião é muçulmana.		Os países árabes A alimentação árabe Os costumes árabes A Religião árabe A língua árabe As cidades árabes		A cultura dos outros países	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto		Internet x		Cartaz	
Livro	x	Livros x		Power point x	
Power point x		Questionários			
Datas					
Início: 16/2/2012	Fim: 22/3/2012	Apresentação: 22/3/2012		Sessões de trabalho:	
				16/2/12	23/2/12
				1/3/12	8/3/12
				15/3/12	22/3/12
				21/3/12	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: A vida dos árabes

Nome dos autores: Maria + De Carolina

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
16/2/2012	Organização em grupo	Todo o grupo	
23/2/2012	Pesquisa na Internet	- Maria os costumes islâmicos - Carolina países árabes	
1/3/2012	Pesquisa na biblioteca	↓	
6/3/2012	Enzer Bimt	↓	
8/3/2012	Pesquisa	↓	
11/3/2012	Pesquisa em grupo	↓	
15/3/2012	Power Point	Trabalho em grupo	
22/3/2012	Apresentação	Todo o grupo	

Preparação da comunicação

Projeto: A vida dos árabes

Autores: De Carolina, Maria

Data da comunicação: 22 / 3 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Carolina	→ Países árabes, cidades árabes e a língua árabe.
Maria	→ Os costumes árabes, a dança e a culinária.
Do	→ A Religião Muçulmana, introdução e conclusão.

Ficha Informativa

*Alguns países Árabes, são: Egito, Arábia Saudita, Iraque, Marrocos.

*Algumas palavras portuguesas que vêm da língua árabe: alface, açúcar, açorda, açafraão, alcatifa e arroz.

*A língua árabe tem 28 consoantes e três vogais.

*Os árabes escrevem da direita para a esquerda e leem da trás para a frente.

*A palavra Deus, em árabe, se diz Alá.

*Os crentes da religião islâmica são chamados Muçulmanos e o livro sagrado é

*o Corão, foi o primeiro texto escrito em árabe.

*Música Árabe pode ter vários estilos e deve ser cantada na língua árabe.

*A dança árabe pode ser feita com véus ou com espadas.

*Os árabes têm uma alimentação a base de tâmaras, trigo, cevada, arroz e carne e utilizam muitas especiarias.

Questionário

1- A Argélia é um país árabe?

V F
☒ ☐

2- Algarve é uma palavra árabe?

☐ ☐

3- A língua árabe escreve-se da direita para a esquerda?

☐ ☐

4- A palavra Deus em árabe diz-se Maomé?

☐ ☐

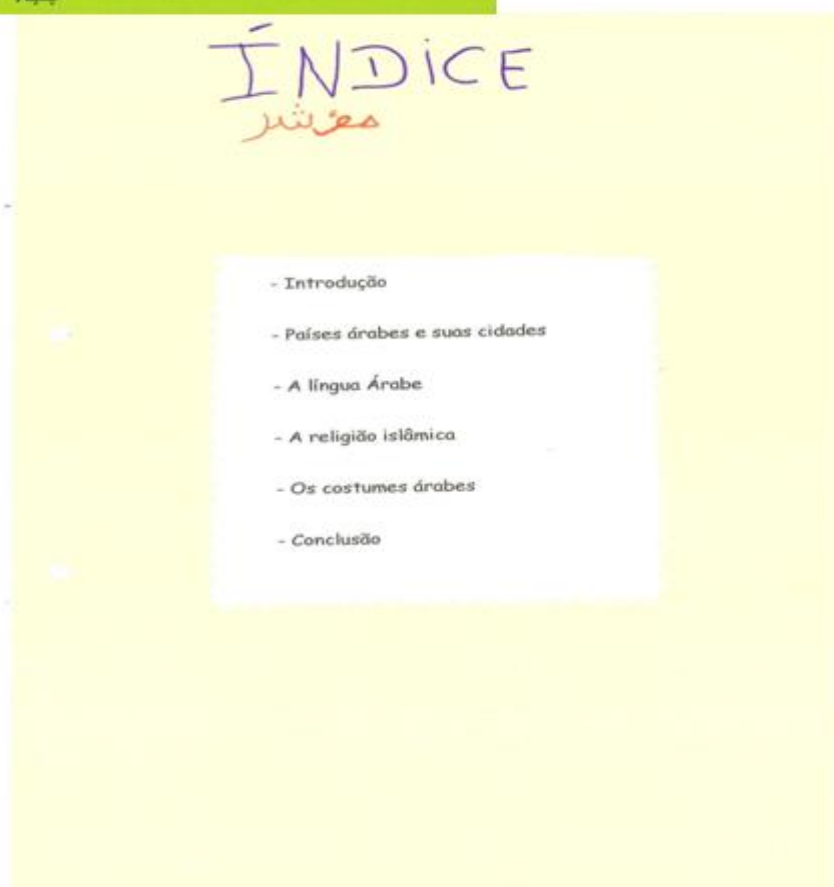
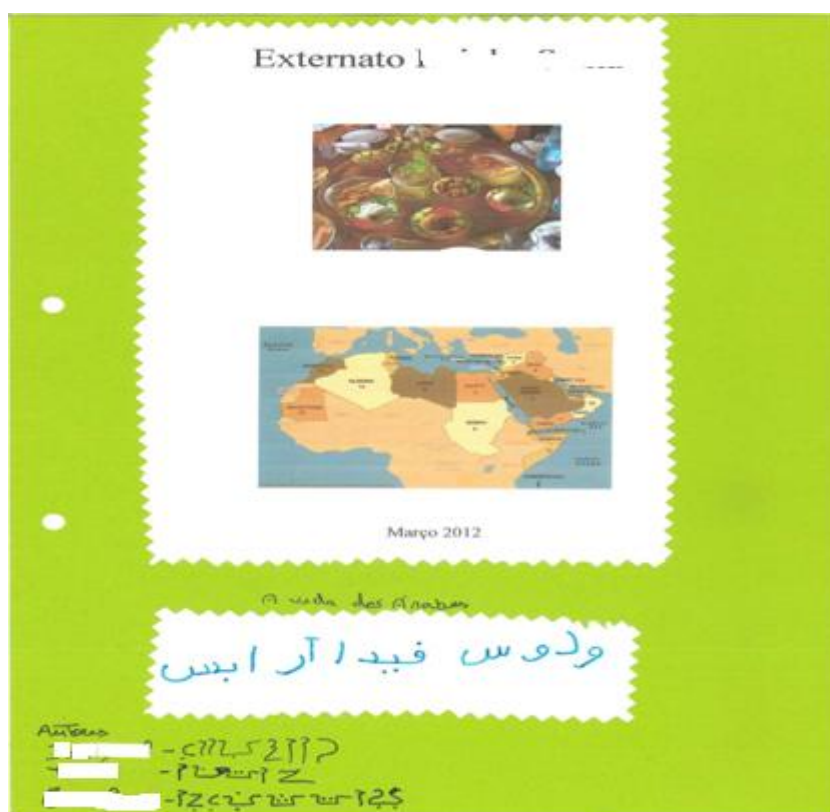
5- A dança árabe pode ser feita com véus e com espadas?

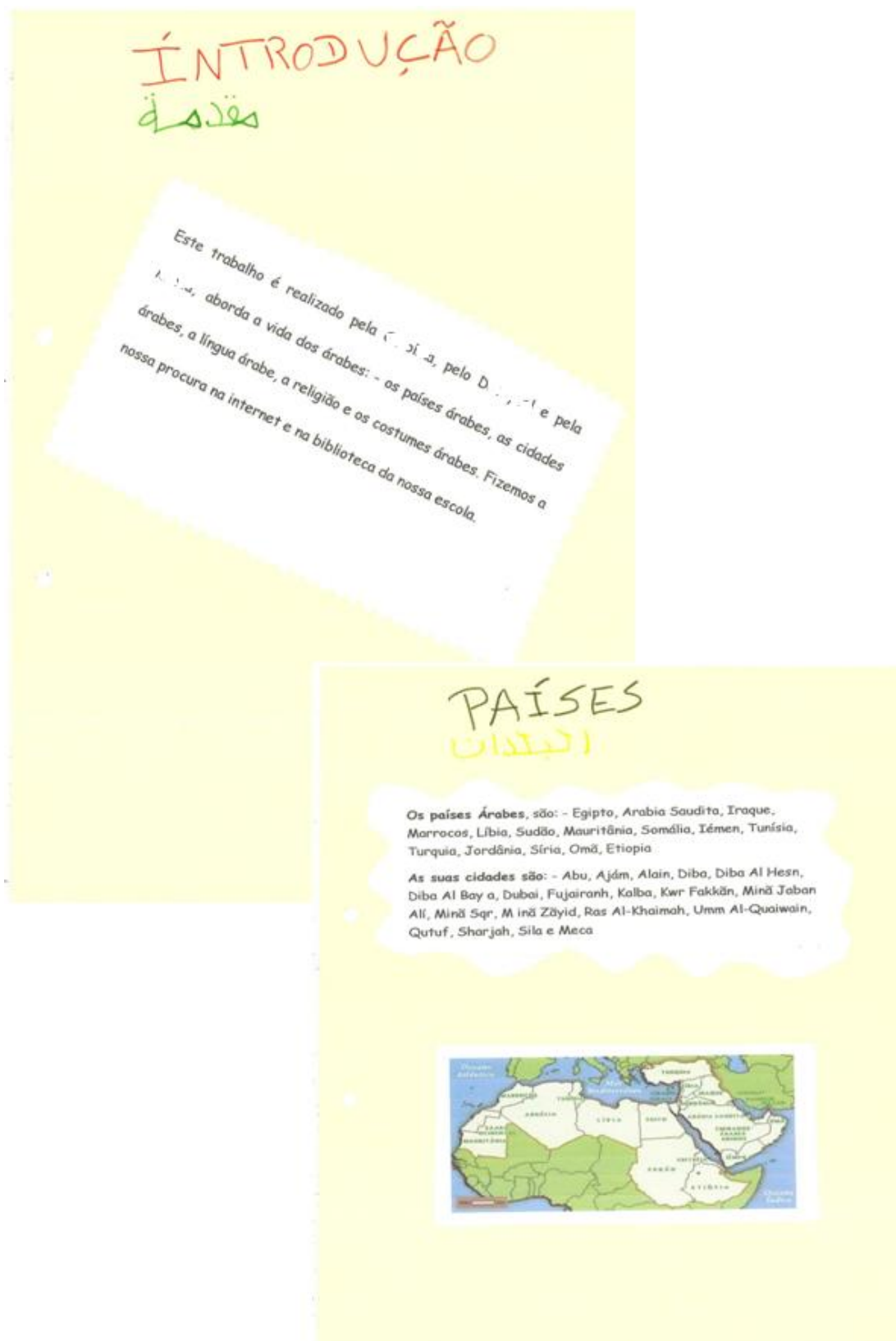
☐ ☐

6- Os árabes têm uma alimentação a base de carne de porco?

☐ ☐

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade





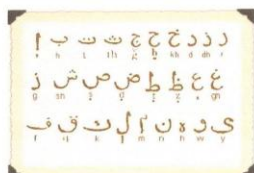
LÍNGUA

لغة

A língua árabe popular é utilizada nas conversas. A língua árabe tem 28 consoantes e três vogais.

Os árabes escrevem da direita para a esquerda e os livros são lidos de trás para frente.

Existem muitas palavras portuguesas que vêm da língua árabe:



A RELIGIÃO

الديانة

Maomé é o profeta foi durante muito tempo guia de caravanas.

Na religião islâmica Deus chama-se Alá.

A palavra deus, em árabe, se diz Alá.

Os que acreditam no Deus Alá são os Muçulmanos e o livro sagrado dos muçulmanos é o Corão, foi o primeiro texto escrito em árabe.

Os Muçulmanos têm várias regras que são:

- orar cinco por dia com o rosto voltado para Meca; jejuar regularmente; dar esmolas; peregrinar ao menos uma vez na vida para Meca.

OS COSTUMES

الأزياء ألابس

Música Árabe

A música árabe deve ser cantada na língua árabe. Ela tem vários ritmos porque existem vários países árabes e cada país tem o seu tipo de música.

Instrumentos

Na música árabe podem existir instrumentos de corda, de sopro e de percussão.

Instrumentos de corda

- Violino
- Kanna



Instrumentos de Sopro

- Nay
- Mizmar



Instrumentos de percussão

- Bendir



A dança do ventre

A dança do ventre pode ser dançada de duas maneiras com um véu e com espadas. Os véus podem ser de várias cores e a dança é sempre muito lenta. Os árabes quando dançam com espadas estão a fazer uma homenagem a deusa Neit, mãe de rã. A deusa Neit é a deusa da caça.

A Culinária Árabe

Os árabes utilizam as tâmaras, o trigo, a cevada, o arroz e a carne na alimentação. Utilizam também muitas especiarias como o Açafrão, o nome vem do árabe *zafaran*,

Carnes: O carneiro é a carne que os árabes comem mais. A carne de cabrito, a galinha e o peru também são utilizados.

Grãos: Os árabes gostam muito de comer trigo, lentilhas, ervilhas, o grão-de-bico e arroz.

CONCLUSÃO

اختتام

A conclusão deste trabalho é que os Árabes é um povo muito rico, tem uma cultura muito interessante. Gostamos muito de fazer este trabalho porque descobrimos um povo que não conhecíamos antes de fazer este trabalho. Foi muito engraçado procurar na internet e na biblioteca.

e Maria

Bibliografia

www.suapesquisa.com/historia/arabe/

mb-soft.com/believe/ttn/arabs.htm

pt.wikipedia.org/wiki/Arábia

Rocha, A; Lago, C, Amiguinhos - Estudo do Meio - 3º ano. Texto Editores, Lisboa.

Rodrigues, A; Pereira, C, Estudo do Meio 4 - 4º ano. Areal Editores, Porto

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>O corpo humano</u>					
Autores: <u>Gonçalo</u> , <u>João</u> , <u>Clara</u> , <u>Bea</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspectos do Programa	
O que já sabemos é o aparelho digestivo, o aparelho circulatório, o aparelho respiratório, o aparelho urinário, o aparelho excretor e o aparelho reprodutor		O que queremos saber é o aparelho locomotor, como trabalha os ossos e como trabalha o cérebro.		Músculos - órgãos ativos do movimento. Esqueleto - conjunto de ossos.	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz	☒	Entrevistas	☒	Acetatos	
Folheto		Internet	☒	Cartaz	☒
Livro	☒	Livros	☒	Power point	☒
Power point	☒	Questionários			
Datas					
Início:		Fim:		Apresentação:	
Hoje 16/2/2012		22/03/2012		22/03/2012	
				Sessões de trabalho:	
				16/2/2012	23/2/2012
				22/3/2012	1/3/2012
				21/3/2012	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: o corpo humano

Nome dos autores: Pitizimmo, Cintia, Bea

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
16/2/2012	Elaboração do plano	conçalo todo o grupo	
23/2/2012	pesquisa na internet	João, Bea e conçalo	
1/3/2012	pesquisa na Biblioteca	toda a grupo	
8/3/2012	Hoje fizemos pesquisas iniciamos o Be	Bea inicia Power Point	
15/3/2012	fizemos trabalho escrito →		
22/3/2012	Apresentação		

Preparação da comunicação

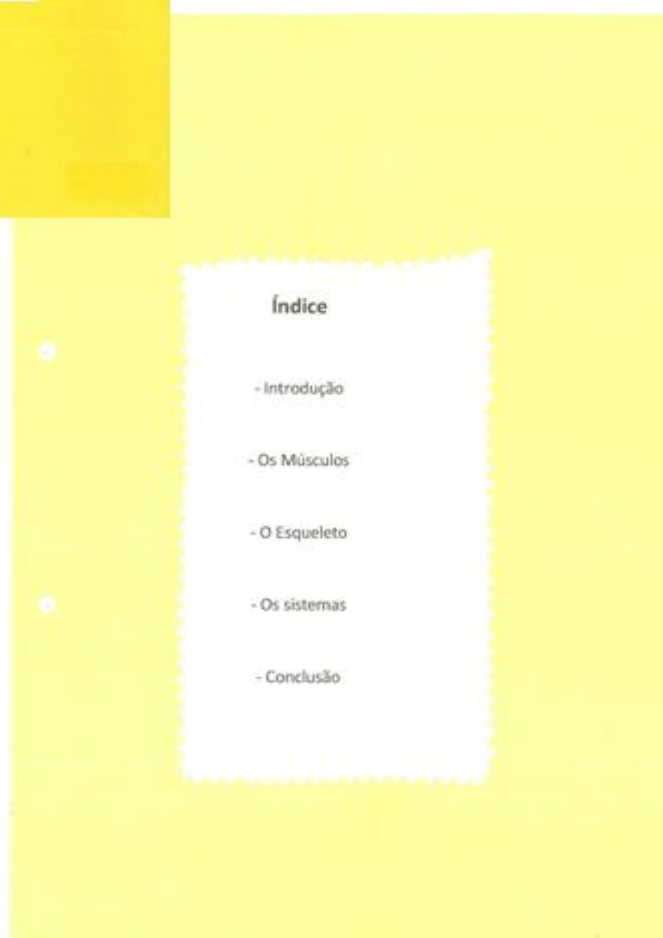
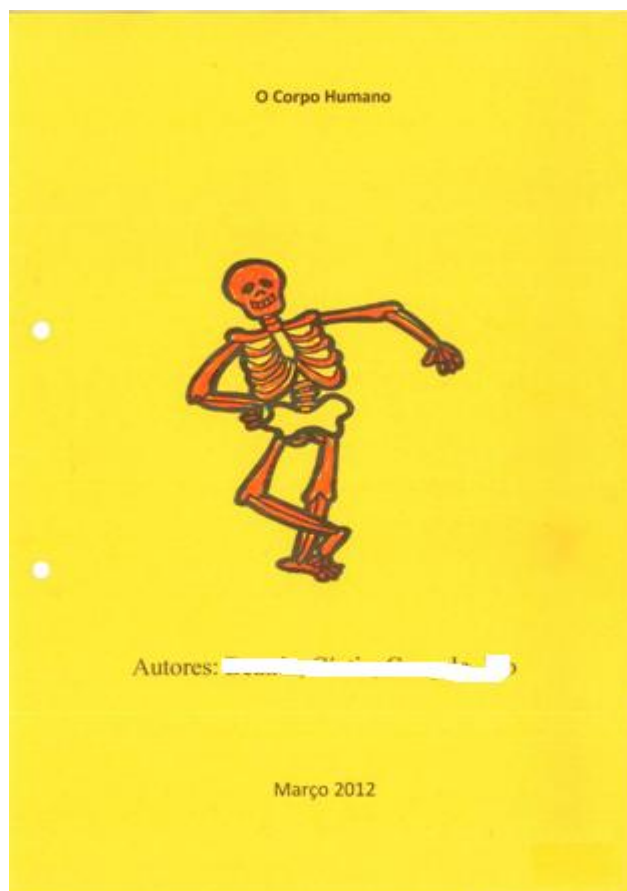
Projeto: o corpo humano

Autores: Ino, Bia, Cintia e Gonçalo

Data da comunicação: 22 / 3 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Bia	Sistema digestivo
Gonçalo	Sistema urinário
Ino	Sistema circulatório
Cintia	Esqueleto

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Introdução

O nosso trabalho fala sobre o corpo humano. É organizado com a introdução, com uma parte sobre os músculos, outra sobre o esqueleto, outra sobre os sistemas e a conclusão.

O nosso trabalho fala do corpo humano em primeiro, depois da introdução vamos falar dos músculos, do esqueleto, de alguns órgãos e terminamos com a nossa conclusão

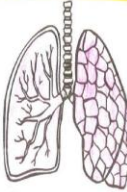


Músculos

O sistema muscular é capaz de fazer vários movimentos, os movimentos são comandados pelo cérebro.

Os músculos são:

- 1- Órgãos ativos do movimento
- 2- No corpo humano há músculos se movimentam sem a nossa vontade.
- 3- Todos os movimentos do corpo, andar, comer dependem dos músculos.



Pulmões



Membros superiores



Coração



Estômago



Intestinos

Curiosidade

O estômago, coração, intestino e veias são músculos que se movimentam mesmo quando estamos a dormir.

Esqueleto

O nosso corpo tem uma estrutura que se chama esqueleto ele é formado por 206 ossos e a função principal é sustentar o corpo. O esqueleto é um conjunto organizado de ossos que permitem o movimento do corpo.

O osso maior do nosso corpo é o fémur que se situa na perna .



O esqueleto é composto por cabeça, tronco e membro.

O sistema circulatório

O sangue circula, através dos vasos sanguíneos. É o coração que funciona como uma bomba que põe o sangue em movimento.

O coração leva o sangue através das artérias, para todas as partes do corpo. Depois o sangue volta ao coração, através das veias. É chamada a Função circulatória.

Os órgãos do aparelho circulatório são o coração, os vasos sanguíneos e as artérias .



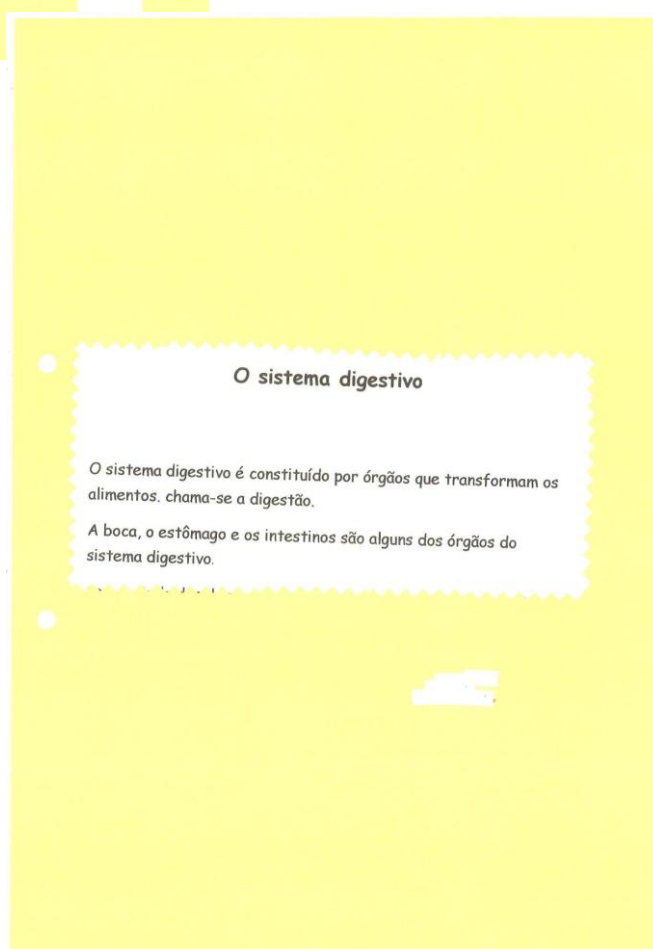
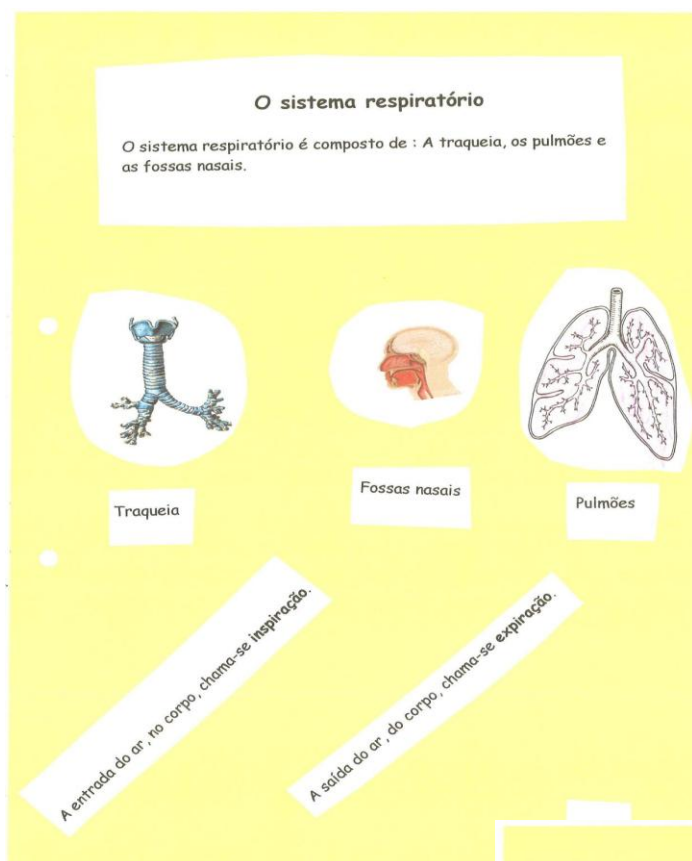
coração



veias



artérias



Conclusão

Gostamos muito de fazer este trabalho, aprendemos muitas coisas sobre o corpo humano. Estamos com um pouco de medo para apresentar o trabalho, mas pensamos que vai correr bem. Demoramos muito tempo a organizar e tivemos algumas chatices entre nós.

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>culturas de Portugal</u>					
Autores: <u>Mariana</u> , <u>Bea</u> , <u>Delore</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
- A História de Portugal - Os primeiros povos - Os feriados nacionais - Os símbolos nacionais		- Quais são as culturas de Portugal? - Que diferenças têm?		= *	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas	X	Acetatos	
Folheto		Internet	X	Cartaz	
Livro	X	Livros	X	Power point	X
Power point	X	Questionários			
Datas					
Início: 16/02/2012	Fim: 22/03/12	Apresentação: 22/03/12		Sessões de trabalho:	
				12/02/12	23/02/12
				15/03/12	22/03/12

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: culturas de Portugal

Nome dos autores: Mariama, Bea e Debora

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
16/02/12	Pesquisar nos livros	Bea	
14/02/12	Pesquisar nos livros festas tradições	Todas	
23/02/12	Pesquisar nos livros gastronomia	Todas	
24/02/12	Pesquisar nos livros danças tipicas	Todas	
28/02/12	Pesquisar imagens na internet	Mariama e Bea	
29/02/12	Pesquisar imagens na internet	Mariama	
1/03/12	Pesquisar nos livros os primeiros povos	Debora	
8/03/12	Passar para o computador	Mariama	
15/03/12	Continuar o trabalho	Todas	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Culturas de Portugal

Nome dos autores: Mariana, Bea e Clara

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
22/03/12	Apresentação	Todas	

Preparação da comunicação

Projeto: culturas de Portugal

Autores: Mariana, Beatriz e Débora

Data da comunicação: 22 / Março / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Mariana Débora Beatriz Débora Beatriz Mariana	1º Depósito 2º Depósito 3º Depósito 4º Depósito 5º Depósito 6º Depósito

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Ficha Informativa

Portugal tem varias **danças Tradicionais**: o vira, o corridinho, o fandango.

A **musica tradicional portuguesa** mais conhecida é o fado é cantado pelo fadista , acompanhado ao som da guitarra portuguesa. A fadista mais conhecida é a Amália Rodrigues.

A **Língua portuguesa** é falada por 200 milhões de pessoas em todo mundo, é falada em vários países: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor Leste, Macau, São Tomé e Príncipe.

A **gastronomia**: A gastronomia portuguesa é deliciosa, os pasteis de nata, o bacalhau e os queijos são as especialidades.

As **festas populares** são festas religiosas que se realizam em honra de santos. Exemplos de festas : Senhora da Agonia Festa do São João e a Festa de Santo António.

Questionário

1- Diz o nome de uma *dança tradicional*: _____

2- Qual é o nome da fadista mais conhecida? _____

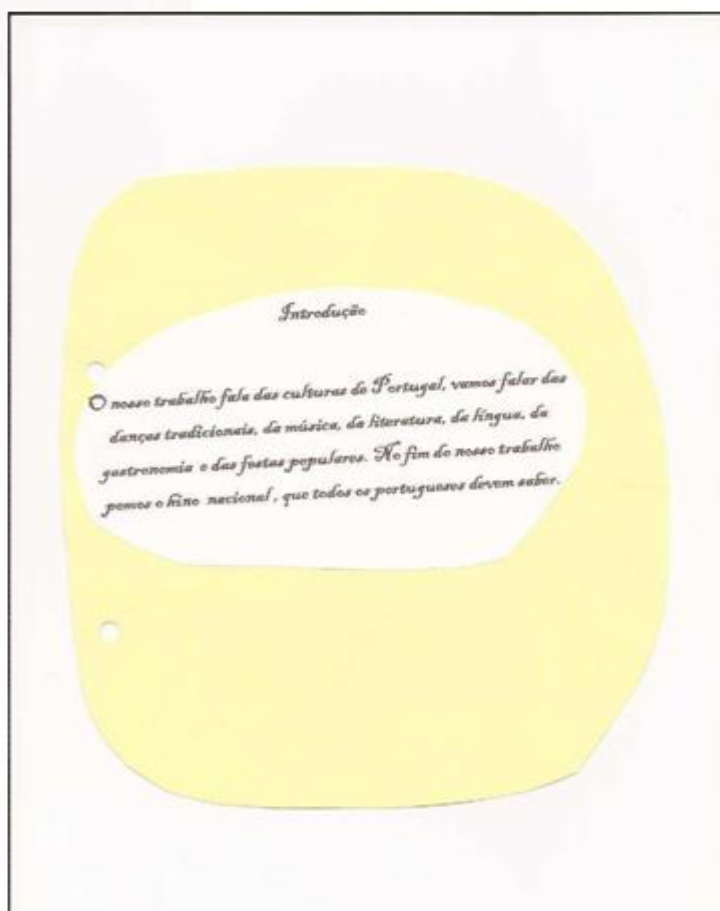
3- Diz quatro países onde se fala o português: _____, _____, _____, _____

4- Qual é o teu doce português preferido? _____

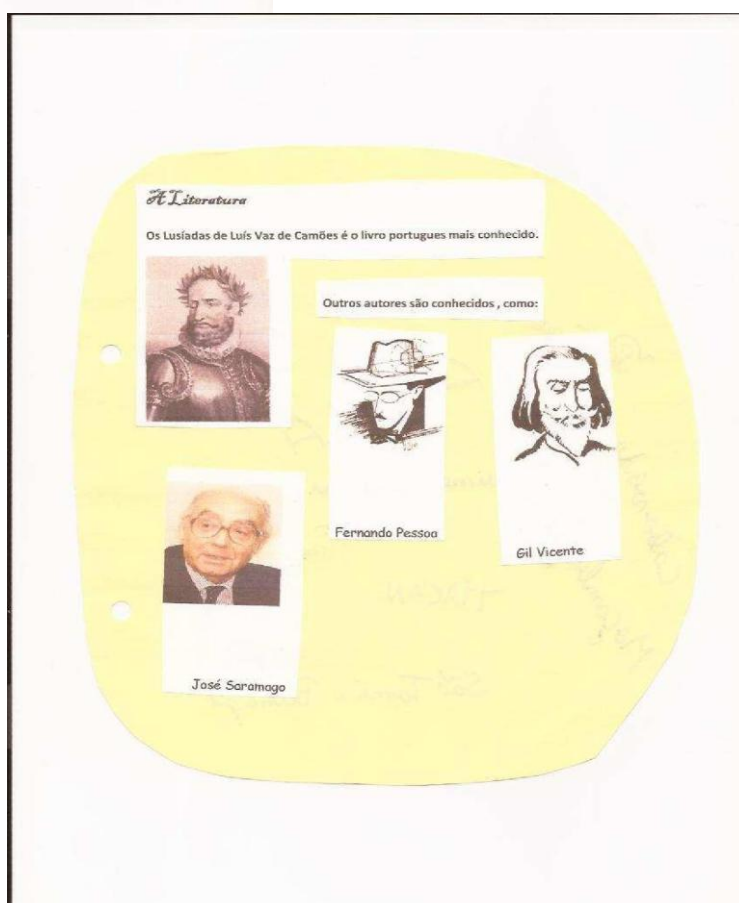
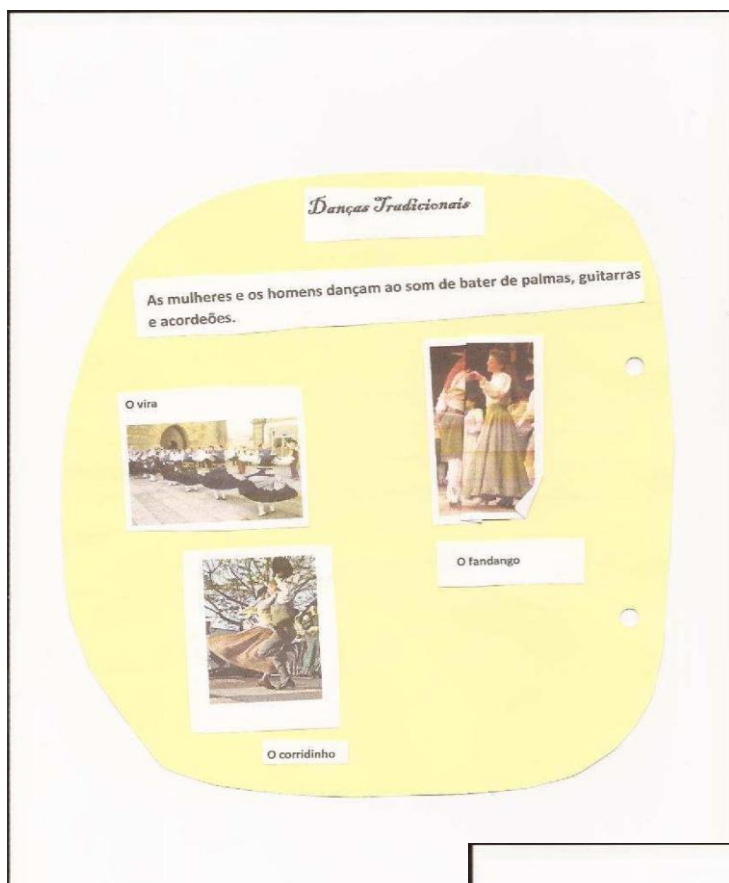
5- A festa de Santo António é uma festa popular? *Sim ou não*

Nome: _____ Turma: _____

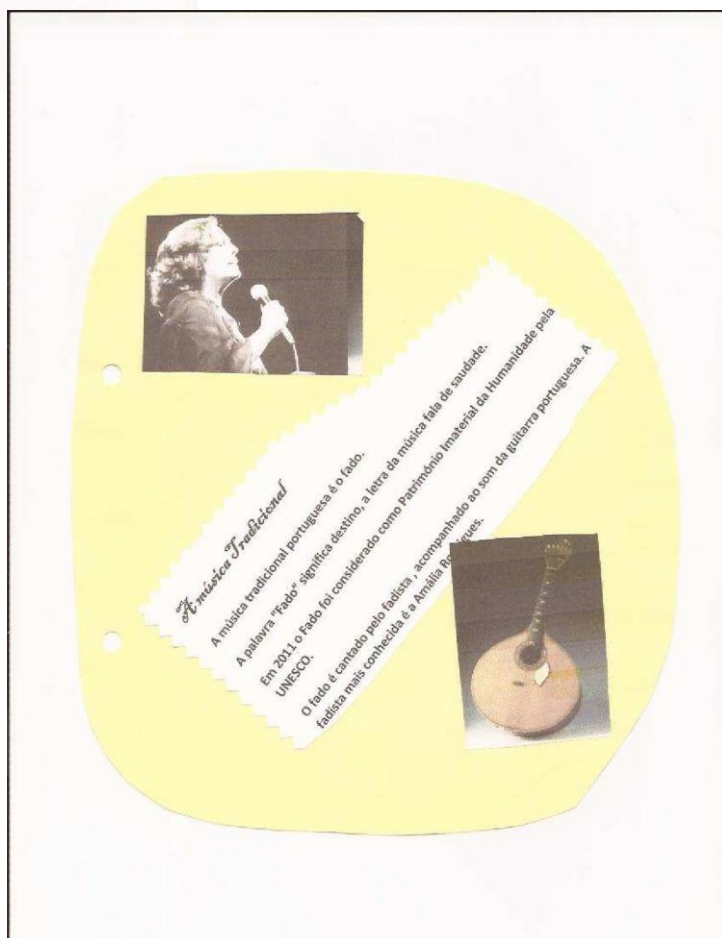
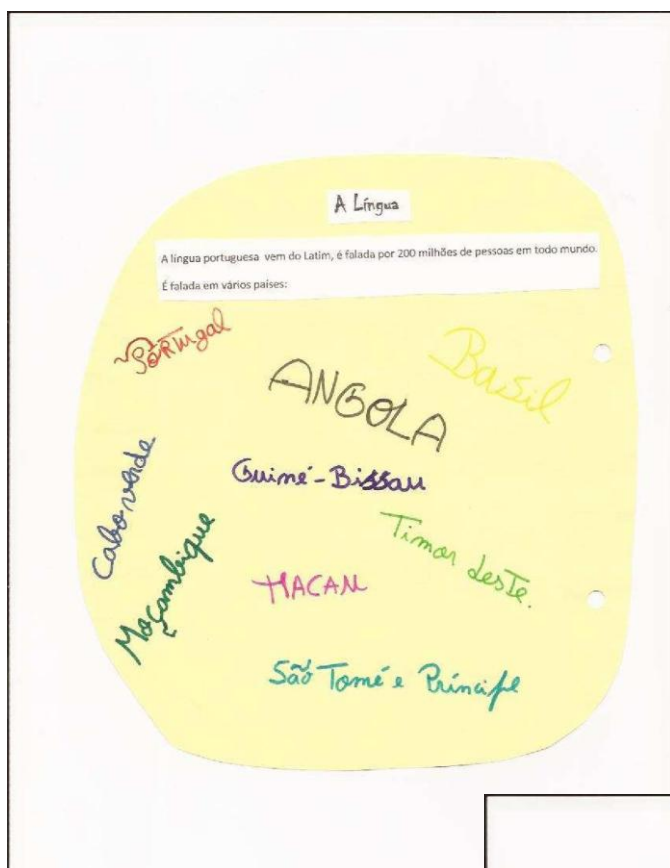
Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

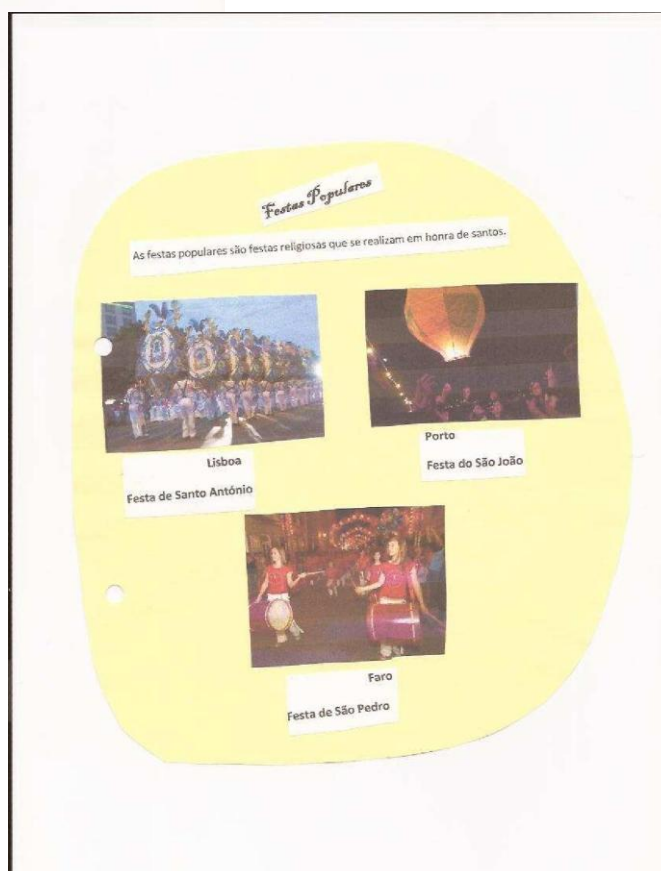
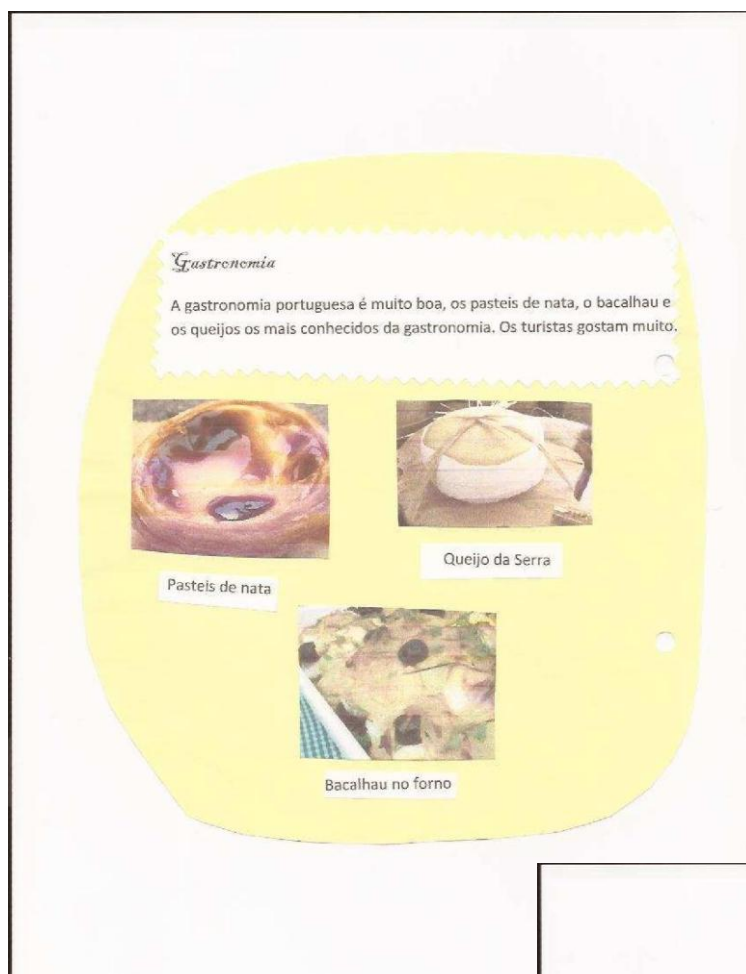


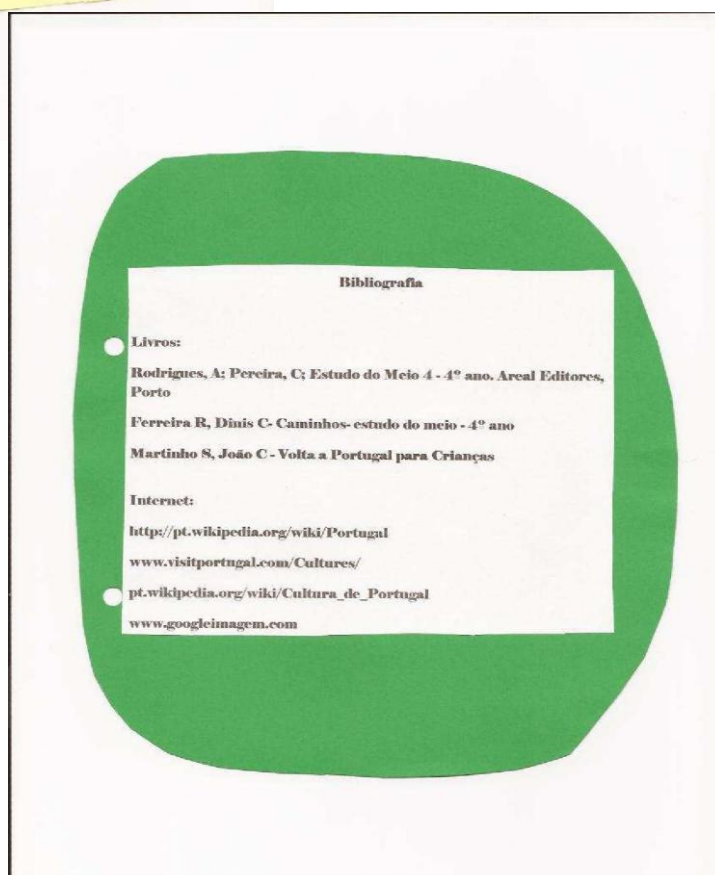
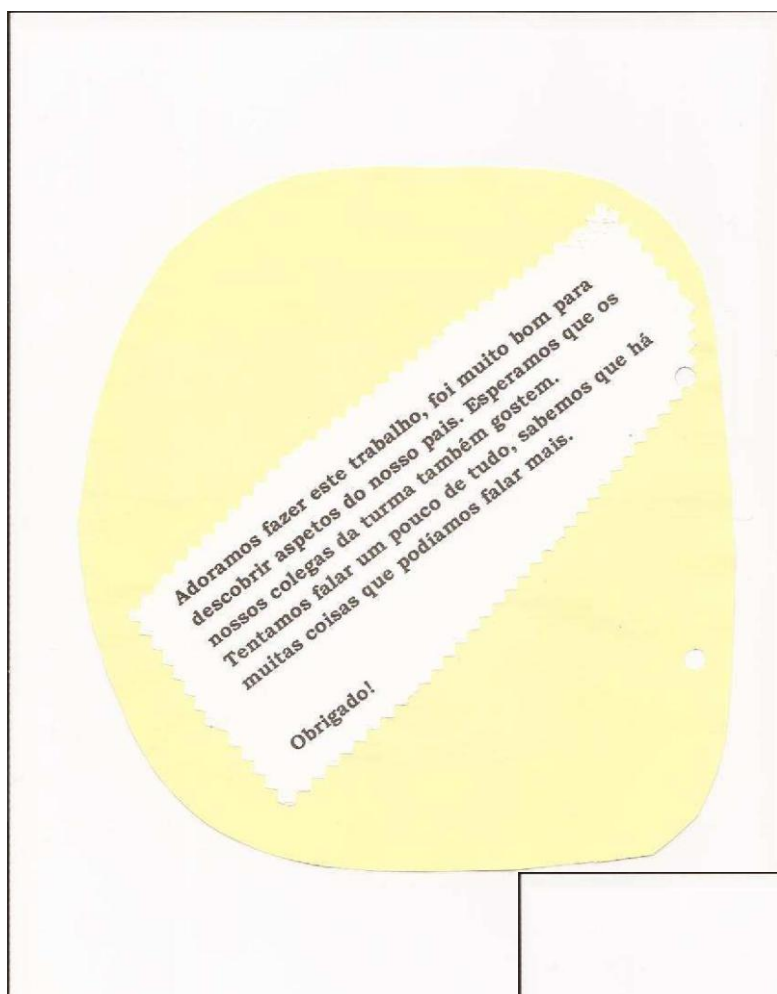
Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

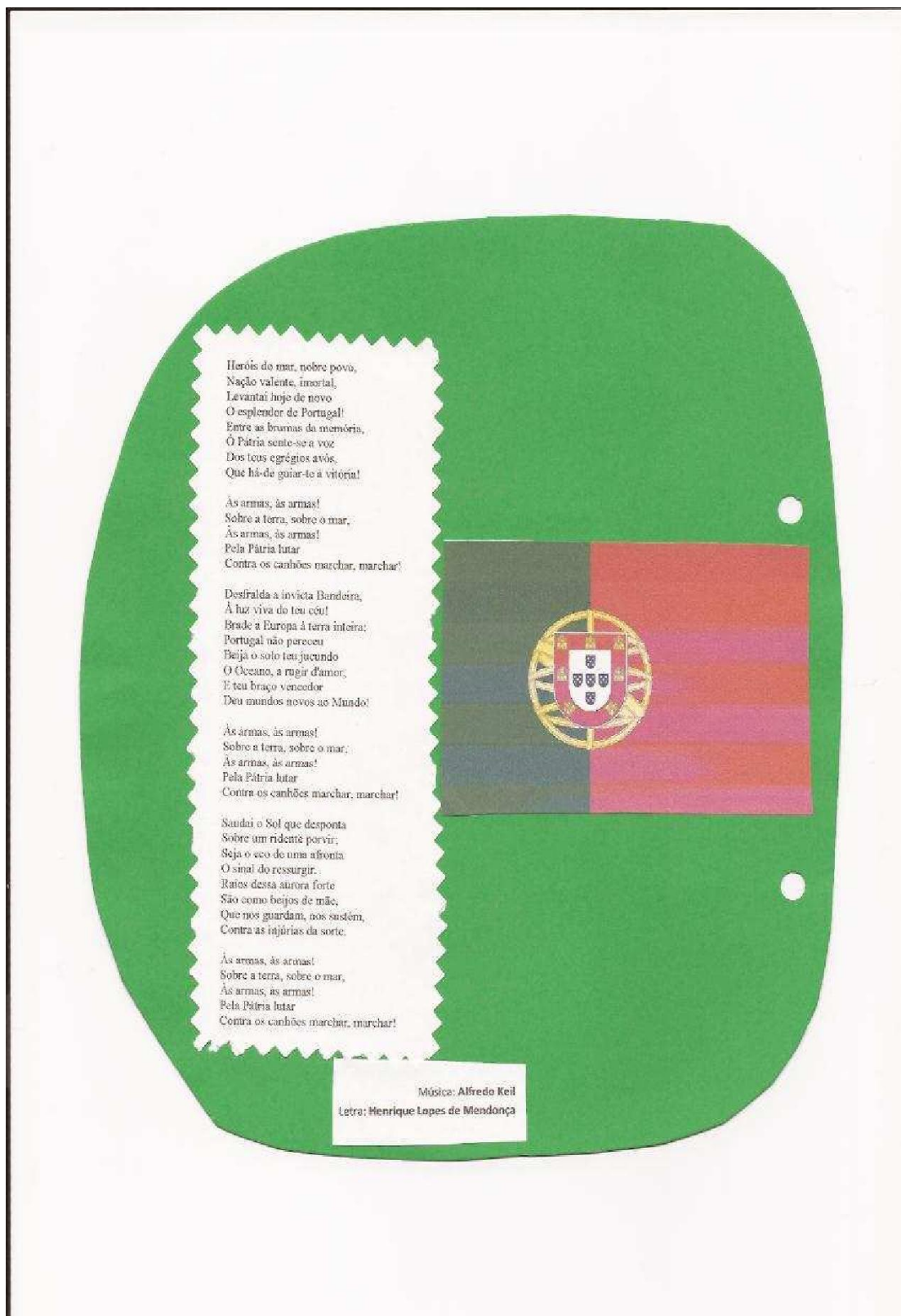


Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade









Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>rios de Portugal</u>					
Autores: <u>gustavo</u> , <u>matilde</u> , <u>maria</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Já sabemos que o rio Tejo nasce em Espanha. Desagua em Portugal.		Quais rios existem em Portugal? Quanto km tem cada rio? Qual é o maior rio de Portugal? E o mais pequeno?		O que é um rio?	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto		Internet	x	Cartaz	
Livro	x	Livros	x	Power point	x
Power point	x	Questionários	x		
Datas					
Início: 16/02/2012		Fim: 22/3/12		Apresentação: 22/3/12	
				Sessões de trabalho:	
				16/02/2012	23/2/12
				15/3/2012	22/3/12
				21/3/2012	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Rios de Portugal

Nome dos autores: Imês, Hátilda, e Gustavo

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
16/2/2012	- Organização em grupo	todos	
23/2/2012	- Elaboração dos planos do projeto	todos	
1/3/2012	- Pesquisa na Internet	todos	
23/2/2012	- Pesquisa na Biblioteca	todos	
23/2/2012	- Pesquisa	todos	
8/3/2012	- Elaboração do Power Point - Passar o trabalho a escrito	Gustavo Imês Hátilda	
15/3/2012	- Continuar o trabalho	todos	
22/3/2012	- Entrega do trabalho	todos	

Preparação da comunicação

Projeto: Rios de Portugal

Autores: Imês, Gustavo, Matilde

Data da comunicação: 22 / 03 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Imês	Peixes que há no rio
Gustavo	Rios que existem em Portugal
Gustavo	Quantos km tem cada rio.
Matilde	O que é um rio
Gustavo	Que rios existem em Portugal
Matilde	Qual é o maior rio
Gustavo	O que acontece

Rios de Portugal

Um rio é um curso natural de água, normalmente de água doce que flui no sentido de um oceano, um lago, um mar, ou um outro rio.

Os rios de Portugal são os seguintes: rio Minho, rio Lima, rio Cavado, rio Ave, rio Douro, rio Vouga, rio Mondego, rio Tejo, rio Sado, rio Mira e rio Guadiana.

O maior rio de Portugal é o rio Tejo. Nasce em Espanha e desagua na capital de Portugal tem 1007km, em Portugal tem 275km.

O Rio mais pequeno de Portugal é o Rio Mondego, nasce na Serra da Estrela e desagua na Figueira da Foz tem 227km.

Quando os rios estão poluídos há cheiros desagradáveis, as águas ficam escuras e morrem muitos peixes. Para proteger os rios devemos não deitar lixo e resíduos tóxicos.



Questionário dos Rios de Portugal

- O que é um rio ?

- Dá o nome de três rios de Portugal ?

- Qual é o maior rio português ?

- Qual é o mais pequeno rio português ?

- O que acontece quando os rios estão poluídos ?

- Que devemos fazer para não sujar o rio ?

Nome: _____

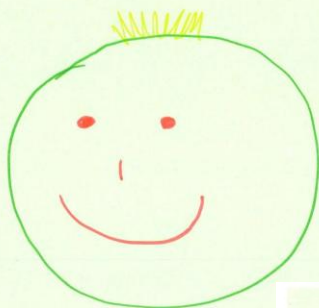


Índice
• Introdução
• Quantos km tem cada rio
• O que é um rio
• Que peixes existem num rio
• Que rios existem em Portugal
• Qual é o rio maior
• Qual é o rio mais pequeno
• Como não sujar o rio
• O que acontece
• Como ficam os rios poluídos
• Conclusão

Introdução

O tema do nosso trabalho é os rios de Portugal. Vamos falar dos nomes dos rios , dos peixes que vivem nos rios e da poluição.

O grupo



Quantos km tem cada rio ?

O Rio Tejo é o maior rio de Portugal e da Península Ibérica, tem 1120 km , nasce em Espanha e desagua no Oceano Atlântico.

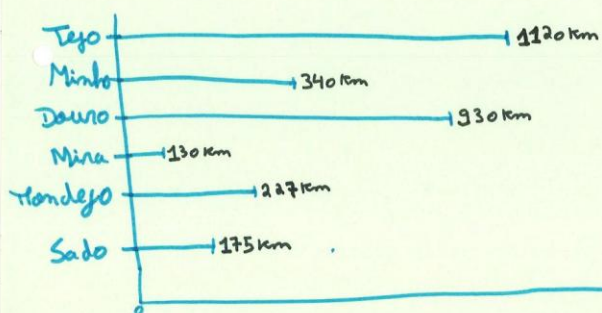
O Rio Minho tem 340km, nasce em Espanha e desagua em Caminha.

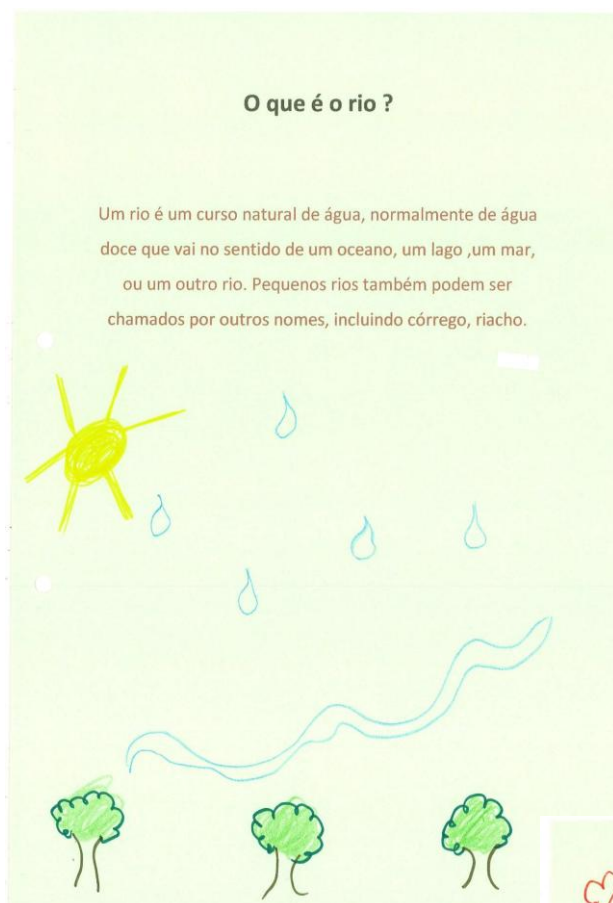
O Rio Douro tem 930km , nasce em Espanha e desagua no Porto.

O Rio Mira tem 130km, nasce na Serra de Mu e desagua em Vila Nova de Mil Fontes.

O Rio Mondego tem 227km, nasce na Serra da Estrela e desagua na Figueira da Foz.

O Rio Sado tem 175km, nasce em Ourique e desagua em Setúbal.





Que rios existem em Portugal ?

Rios de Portugal

Como sabes, os **rios** são cursos de água com o seu curso bem definido, que desaguam no mar (ou noutros rios).

Conhece melhor alguns dos principais rios de Portugal, clicando no seu nome.

- o **Rio MINHO**
- o **Rio LIMA**
- o **Rio CAVADO**
- o **Rio AVE**
- o **Rio DOURO**
- o **Rio VOUGA**
- o **Rio MONDEGO**
- o **Rio TEJO**
- o **Rio SADO**
- o **Rio MIRA**
- o **Rio GUADIANA**



Vem conhecer também o **Vocabulário de rios**

Qual é o rio maior ?

O maior rio de Portugal é o rio Tejo.

Nasce em Espanha na Serra de Albarracim e desagua em Lisboa, tem 1007km.



Qual é o rio mais pequeno?

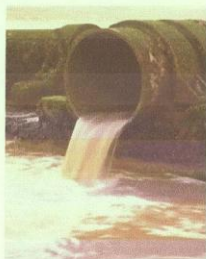
O Rio mais pequeno de Portugal é o Rio Mondego, nasce na Serra da Estrela e desagua na Figueira da Foz tem 227km.



Como não sujar o rio?

Não deitar lixo para os rios

Não sujes as margens dos rios se não ficam assim:



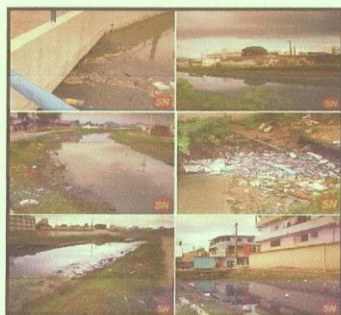
O que acontece ?

- cheira mal
- as águas muito escuras
- peixes mortos



Como ficam os rios poluídos?

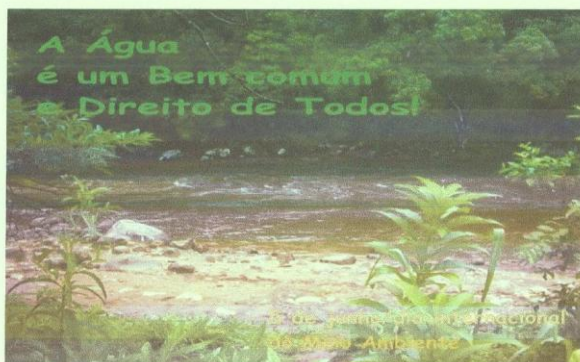
Os rios poluídos ficam assim

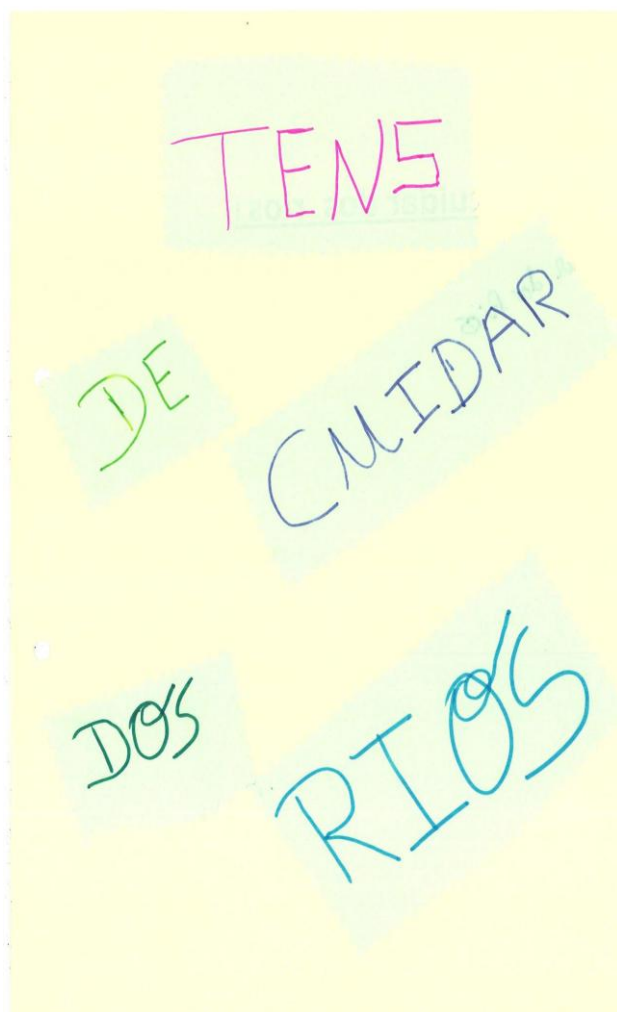


Conclusão

Com este trabalho aprendemos qual é o maior rio de Portugal e o mais pequenos. Aprendemos também o nome de outros rios. É importante proteger os rios e não os poluir.

O grupo





Bibliografia

Rocha, A; Lago, C, Amiguinhos - Estudo do Meio - 3º ano. Texto Editores, Lisboa.

Rodrigues, A; Pereira, C; Estudo do Meio 4 - 4º ano. Areal Editores, Porto

www.junior.te.pt/

pt.wikipedia.org

www.submundos.com

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>O Dinossauro</u>					
Autores: <u>Clara</u> , <u>Yonaka</u> , <u>Yara</u> , <u>Luísa</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
O comprimento do peso de alguns dinossauros e alguns nomes deles e a sua alimentação.		O tamanho dos dentes, a sua reprodução, o tamanho das asas do ptarmigan e para que servem os chifres, a forma do relacionamento.		Onde moram os dinossauros, a sua alimentação.	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz	x	Entrevistas		Acetatos	
Folheto		Internet	x	Cartaz	x
Livro	x	Livros	x	Power point	x
Power point	x	Questionários			
Datas					
Início: <u>12/04/2012</u>		Fim: <u>18/05/2012</u>		Comunicação: <u>18/05/2012</u>	
				Sessões de trabalho:	
				12/04/2012 19/04/2012 26/04/2012 3/05/2012	
				10/05/2012 18/05/2012	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: De dimensão

Nome dos autores: Lena / Piti / Timba / Lage / Inês

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
12/04/2012	Nome do projeto e avaliação do projeto	todos	
19/04/2012	escrito cartaz	Inês Piti Timba todos	
26/04/2012	cartaz escrito	Lena Lage todos	
3/5/2012	escrito cartaz ficha	Lena Inês todos	
10/5/2012			
18/5/2012	comunicação	todos	

Preparação da comunicação

Projeto: Os Dinossauros

Autores: Luís, Mariana, Gonçalo, Lena, Mariana

Data da comunicação: 18 / 05 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Gonçalo	Archaeopteryx, Pterodactyl, Teleosaurus, Carnotaurus, sauropodomorphs.
Lena	Brontosaurus, Triceratops, Ankylosaurus, Stegosaurus, Parasaurolophus.
Mariana	T-Rex, Coelacanth, Ichthyosaurus, Amargasaurus.
Maria	Pteranodon, Spinosaurus, Spinosaurus, Ankylosaurus.

Os dinossauros



Os dinossauros viveram há 225 milhões de anos e desapareceram há 65 milhões de anos. Os dinossauros desapareceram por causa de um asteroide que caiu no planeta terra, esse asteroide tinha 15 km de diâmetro. Destruindo todos os seres vivos.

Os dinossauros podiam ser carnívoros, herbívoros, omnívoros. Os carnívoros caçavam em grande parte bandos de outros animais, os herbívoros comiam ervas e folhas, os onívoros comiam principalmente ovos.

Algumas espécies:

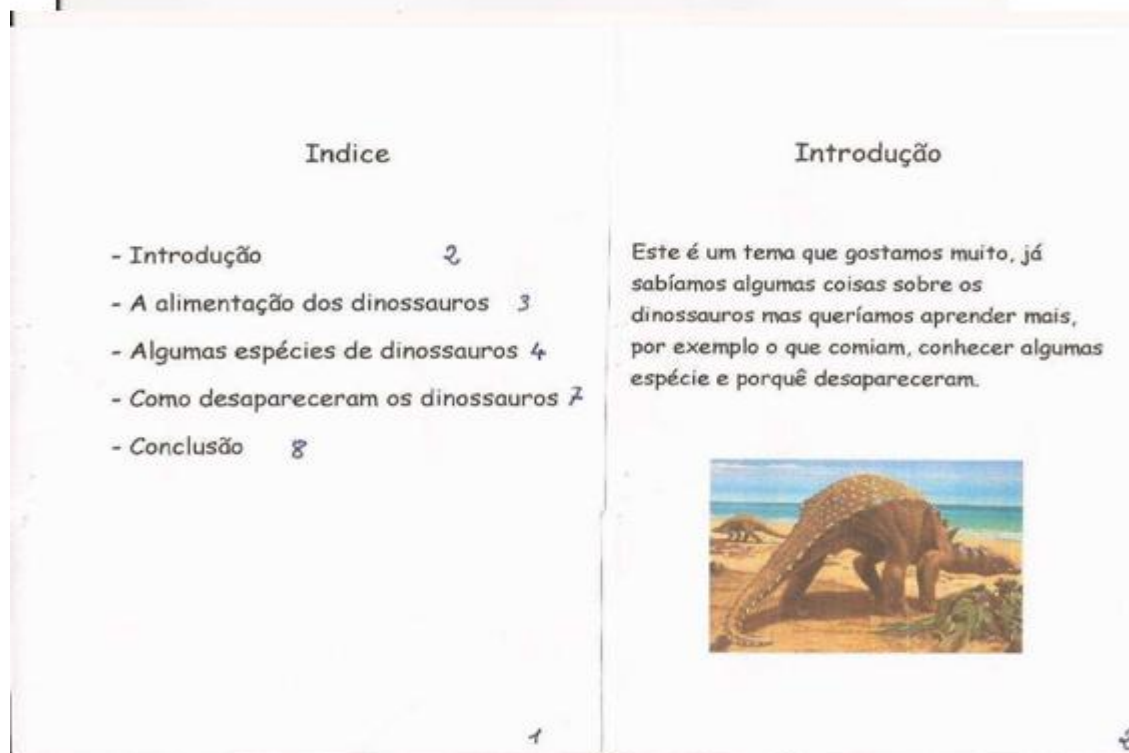
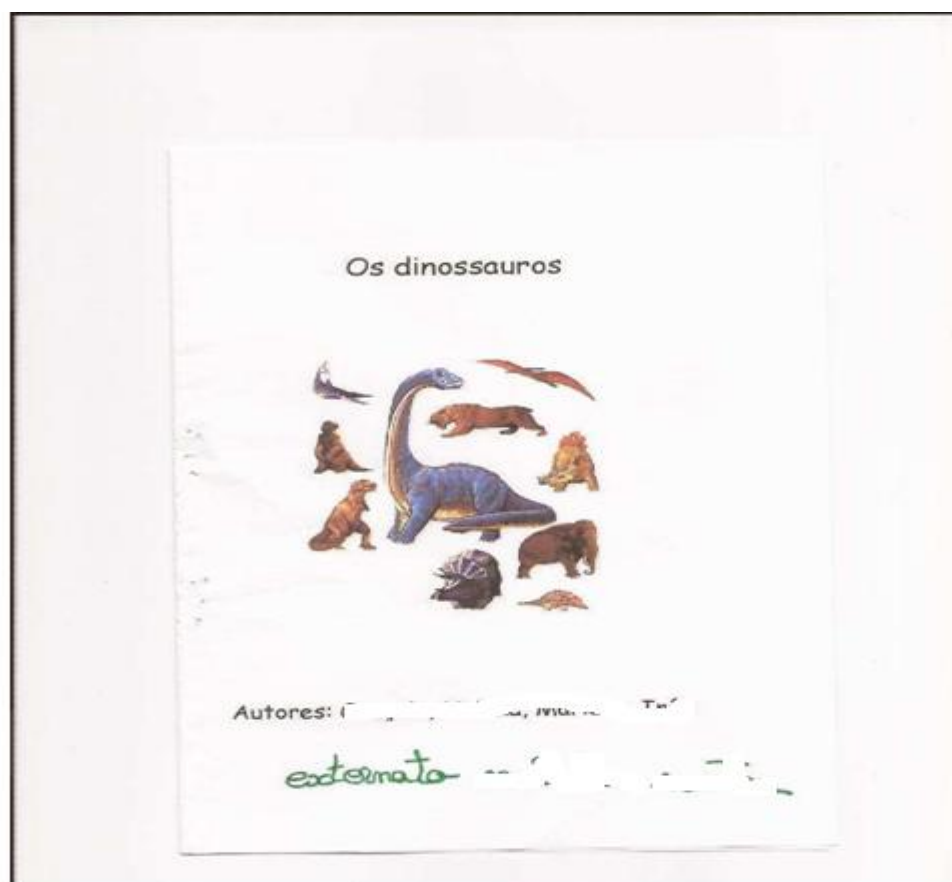
- O velociraptor era um dinossauro que corria muito depressa, não era muito alto media 1,5 metro. O velociraptor caçava em bando.
- O T Rex era um dinossauro pequeno mas tinha uma cabeça muito grande e era muito rápido. Ele caçava sempre sozinho e era carnívoro, era considerado o Dinossauro mais violento.
- Diplodocus Era um dinossauro muito pesado e muito alto, media entre 30 a 40 metro. Alimentava-se só de ervas e folhas, era herbívoro e nunca caçava.
- Pteronodon, era um dinossauro que voava, pesava cerca de 40 quil media de altura 2 metros, podia chegar aos 8 metros com as asas abe Alimentava-se de peixe, engolia os peixes porque não tinha dentes ni tinham dentes.

Questionário sobre os dinossauros

Nome: _____ Turma: _____



- 1- Quando viveram os dinossauros?
- 2- Quando desapareceram os dinossauros?
- 3- Porquê que desapareceram os dinossauros?
- 4- Dá o exemplo de um dinossauro carnívoro.
- 5- Dá o exemplo de um dinossauro herbívoro.
- 6- Dá o exemplo de um dinossauro omnívoro.



A Alimentação dos dinossauros

Os dinossauros viveram há 225 milhões de anos e desapareceram há 65 milhões de anos.

Alguns dos dinossauros eram muito grandes, costumavam alimentar-se de frutas, plantas e pequenos insetos.

Alguns dinossauros eram carnívoros, outros herbívoros e outros onívoros. O dinossauro T Rex era carnívoro e era um grande predador.

Os carnívoro caçavam em grande parte bandos de outros animais.

Os herbívoros comiam ervas e folhas.

Os onívoros comiam principalmente ovos.

3

Algumas espécies



Velociraptor

O velociraptor era um dinossauro que corria muito depressa, não era muito alto media 1,5 metro.

A maneira de ele caçar era em bando.

4



T Rex

O T Rex era bastante pequeno mas tinham uma cabeça enorme e era muito rápido. Nunca caçava em bando, caçava sempre sozinho. As mandíbulas do T Rex conseguiam engolir um ser humano. Ele era considerado o Dinossauro mais violento.



Diplodocus Era um dinossauro muito pesado e muito alto, media entre 30 a 40 metro.

Alimentava-se só de ervas e folhas, era herbívoro e nunca caçava.

5



Pteronodon

Pteronodon, era um dinossauro voador, pesava cerca de 40 quilos e media de altura 2 metros, podia chegar aos 8 metros com as asas abertas.

Alimentava-se de peixe, não tinham dentes por isso tinham de engolir o peixe.

6

Como desapareceram os dinossauros

Dizem que os dinossauros desapareceram por causa de um asteroide que caiu no planeta terra, esse asteroide tinha 15 km de diâmetro. Destruindo todos os seres vivos.

O que é um asteroide?

É uma rocha que se encontra em órbita no espaço, o asteroide pode ter metros ou até quilómetros.



7

Conclusão

Este trabalho foi muito importante para nós, falamos de um tema do qual gostamos muito. O nosso grupo trabalhou bem e partilhamos as nossas ideias, esperamos que os nossos colegas também gostem.

Bibliografia
Vários. (2001). *A minha primeira enciclopédia larousse*. Lisboa: Campo das Letras Editor
Vários. (2006). *Os dinossauros*. Porto: Areal Editores
Vários. (2008). *Os dinossauros em 200 perguntas*. Lisboa: Campo das Letras Editor



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>Florestas Tropicais</u>																					
Autores: <u>Matilde</u> , <u>Mariana</u> , <u>Bea</u>																					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspectos do Programa																	
• Frutas Tropicais • Plantas Tropicais • Animais		Tudo sobre florestas tropicais Rios tropicais		"A Descoberta do Ambiente Natural - Aspectos gerais do Meio" "A Descoberta dos Materiais e Objetos"																	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo																	
Cartaz	X	Entrevistas		Acetatos																	
Folheto		Internet	X	Cartaz	X																
Livro	X	Livros	X	Power point	X																
Power point		Questionários																			
Datas																					
Início: <u>12/04/2012</u>		Fim: <u>18/05/2012</u>		Comunicação: <u>18/05/2012</u>																	
				Sessões de trabalho:																	
				<table border="1"> <tr> <td>12/04/12</td> <td>19/04/12</td> <td>26/04/12</td> <td>3/05/12</td> </tr> <tr> <td>10/05/12</td> <td>18/05/12</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>		12/04/12	19/04/12	26/04/12	3/05/12	10/05/12	18/05/12										
12/04/12	19/04/12	26/04/12	3/05/12																		
10/05/12	18/05/12																				

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Florestas Tropicais

Nome dos autores: Mariana, Bea, Matilde

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
12/04/12	Plano de Projeto	Matilde todas	
13/04/12	pesquisa e colagens	todas Mariana	
26/04/12	cartaz Trabalho	todas Matilde	
3/05/12	Trabalho cartaz	Mariana, Bea, Todas Mariana	
10/05/12			
18/05/12	comunicação	Todas	

CXC

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Preparação da comunicação

Projeto: Florestas tropicais

Autores: Mazurana, Beatriz, Matilde

Data da comunicação: 18 / 5 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Matilde	→ texto 1 (Florestas amazónicas)
Beatriz	→ texto 3 (o Brasil)
Matilde e Bea	→ texto 2 (Em caso de morte)
<u>1ª Parte</u>	
Beatriz	→ (animais das florestas)
Matilde	→ (Tico - Leão - dourado)
Beatriz	→ (Bicho - Preguiça)
Matilde	→ (Onça - Pintada)
Beatriz	→ (Gajuvana)
Beatriz, Matilde	→ (fais alguns animais)

As florestas tropicais

O clima

As florestas tropicais situam-se entre os trópicos, chove muito durante todo o ano, tem um alto índice pluviométrico e esta sempre muito calor todo o ano, as temperaturas médias durante o ano inteiro são de 20° C.

As zonas onde existem mais florestas tropicais são: África, América Central, América do Sul, Ásia e Oceânia.

A Flora

O solo das florestas tropicais está coberto de húmus, o húmus são restos de folhas, de frutos e de fezes de animais que estão no solo e forma uma camada de quase 50 cm.

Existe muita sombra nas florestas tropicais, pois as árvores têm quase 50 metros de altura. o Ipê, o Cedro, o Jatobá, o Mogno e o Pau-Brasil são algumas das árvores que podemos encontrar nas florestas tropicais. Encontramos também várias flores como as bromélias, as begônias e as orquídeas.

A maior floresta tropical do mundo é a Amazónia.

A fauna

São encontrados vários animais nas florestas tropicais, mas os mais habituais são os mamíferos o micro leão, o macaco, o orangotango, a lontra e o porco do mato.

Existem muito insetos como o grilo, a borboleta, as moscas e os gafanhotos.

Podemos encontrar muitos pássaros também como o papagaio, o pica pau, o tucano, o pavão, o mutum preto e a garça.

Questionário

Nome: _____ Turma: _____

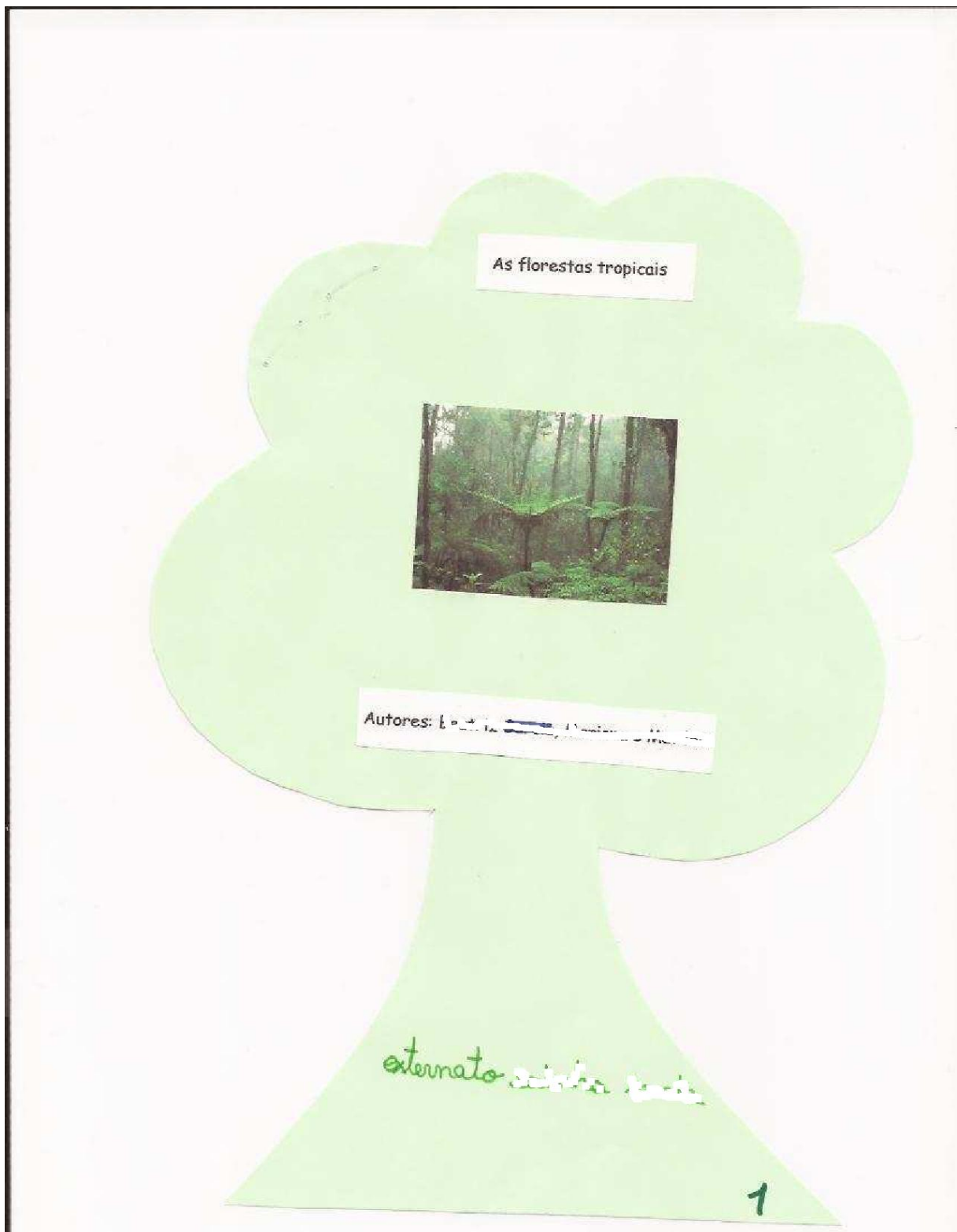
1- Explica o clima das florestas tropicais.

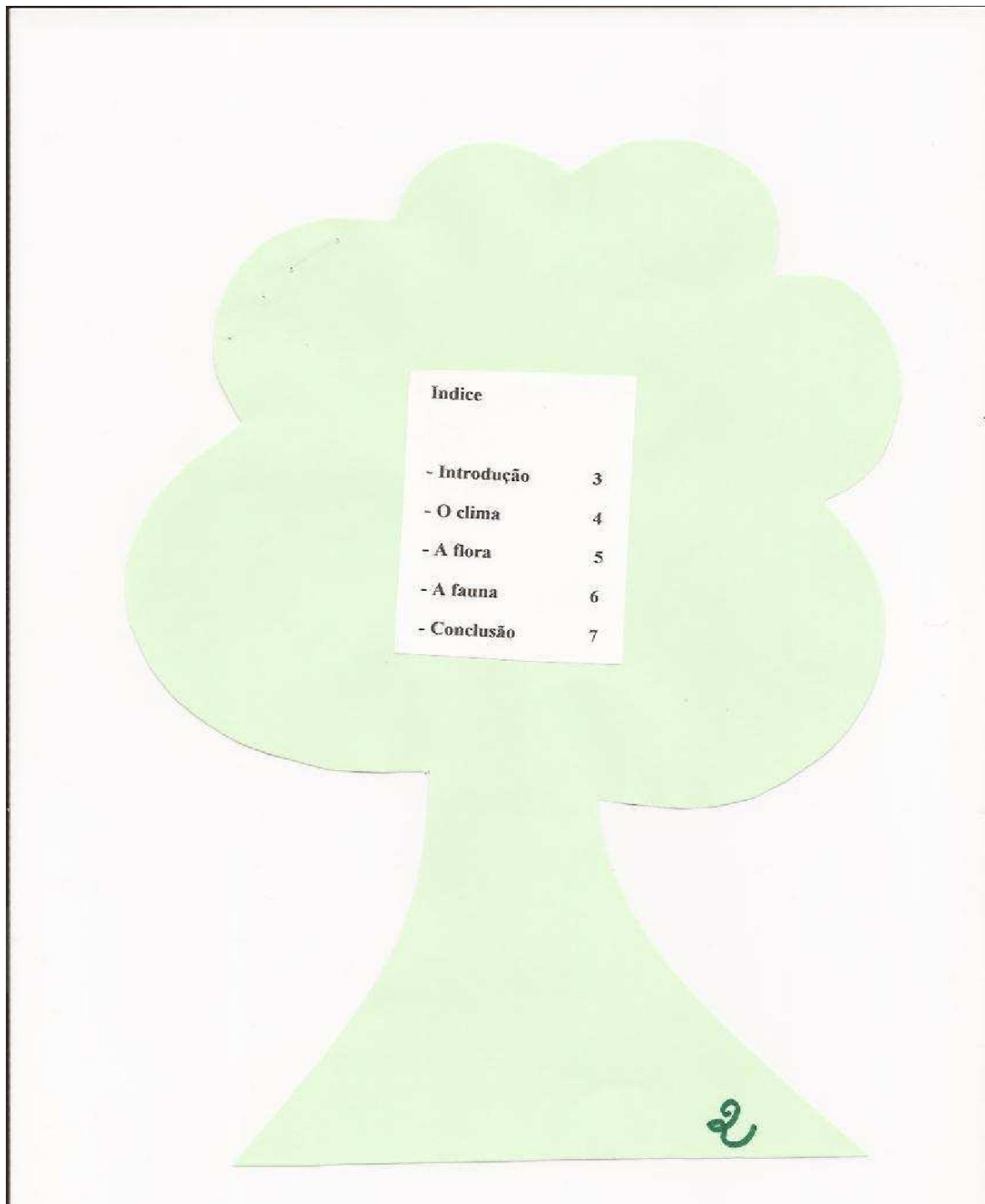
2- Que tipo de árvores existe nas florestas tropicais?

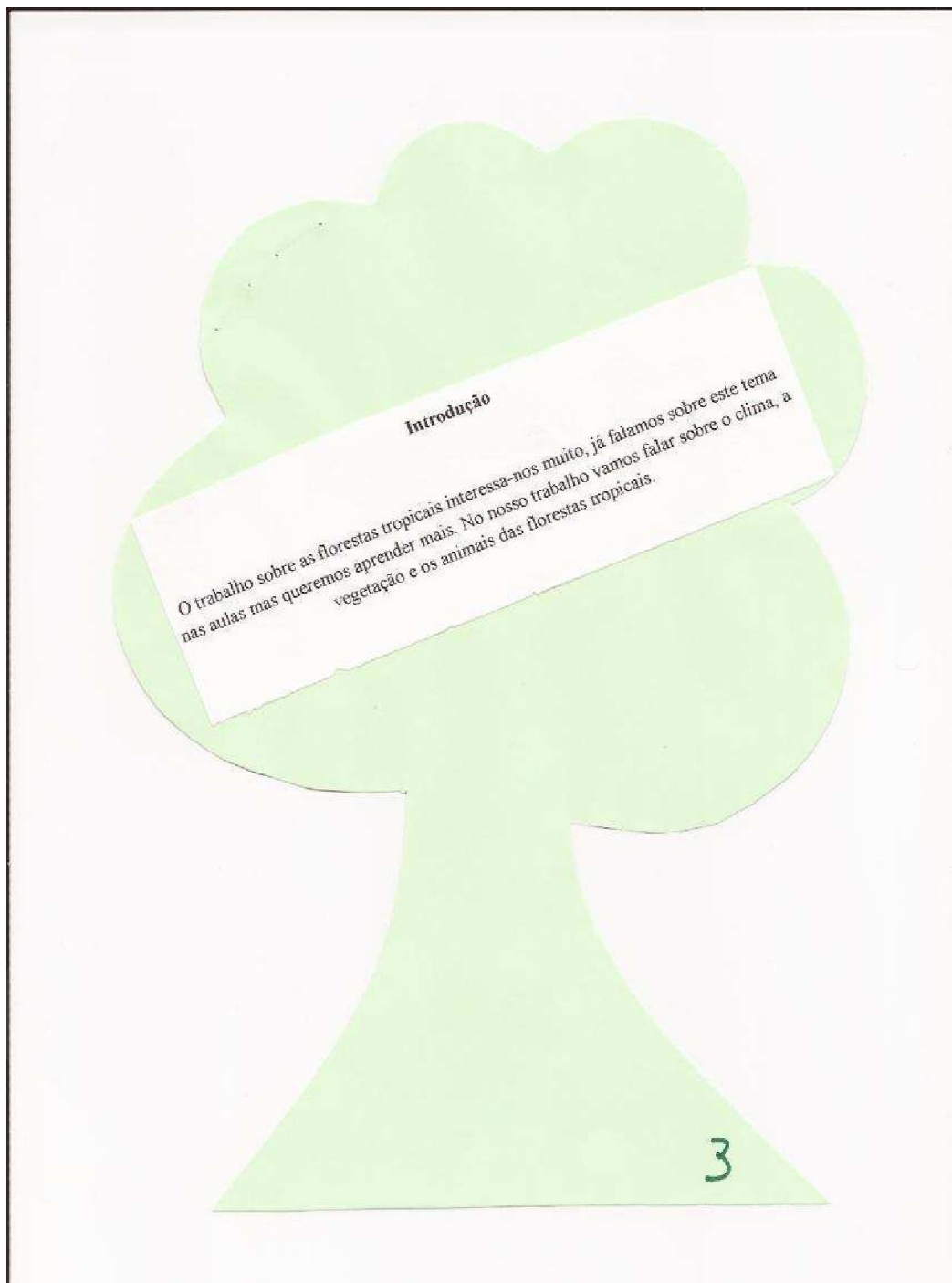
3- Qual é a maior floresta tropical do mundo?

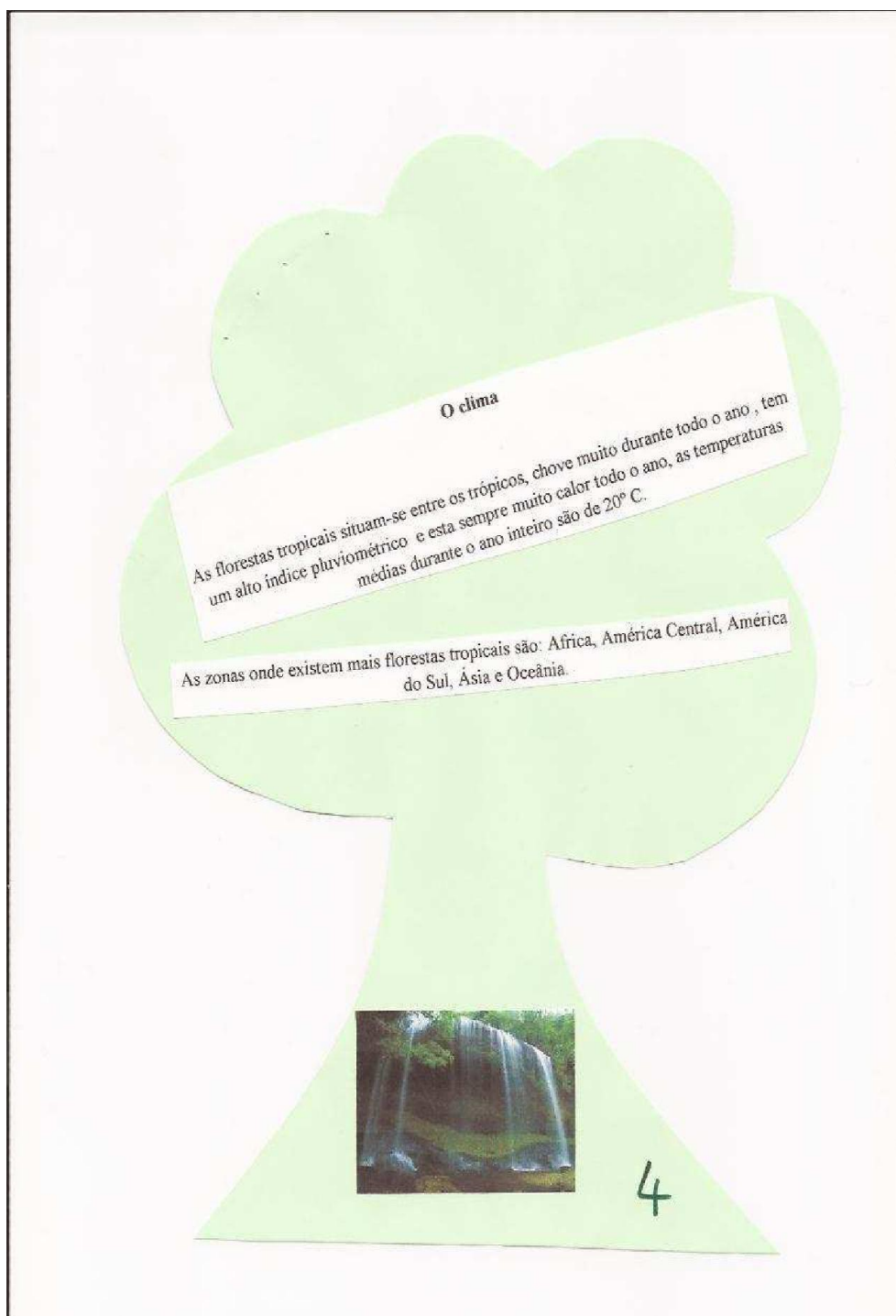
4- Dá o nome de 5 animais que vivem nas florestas tropicais.

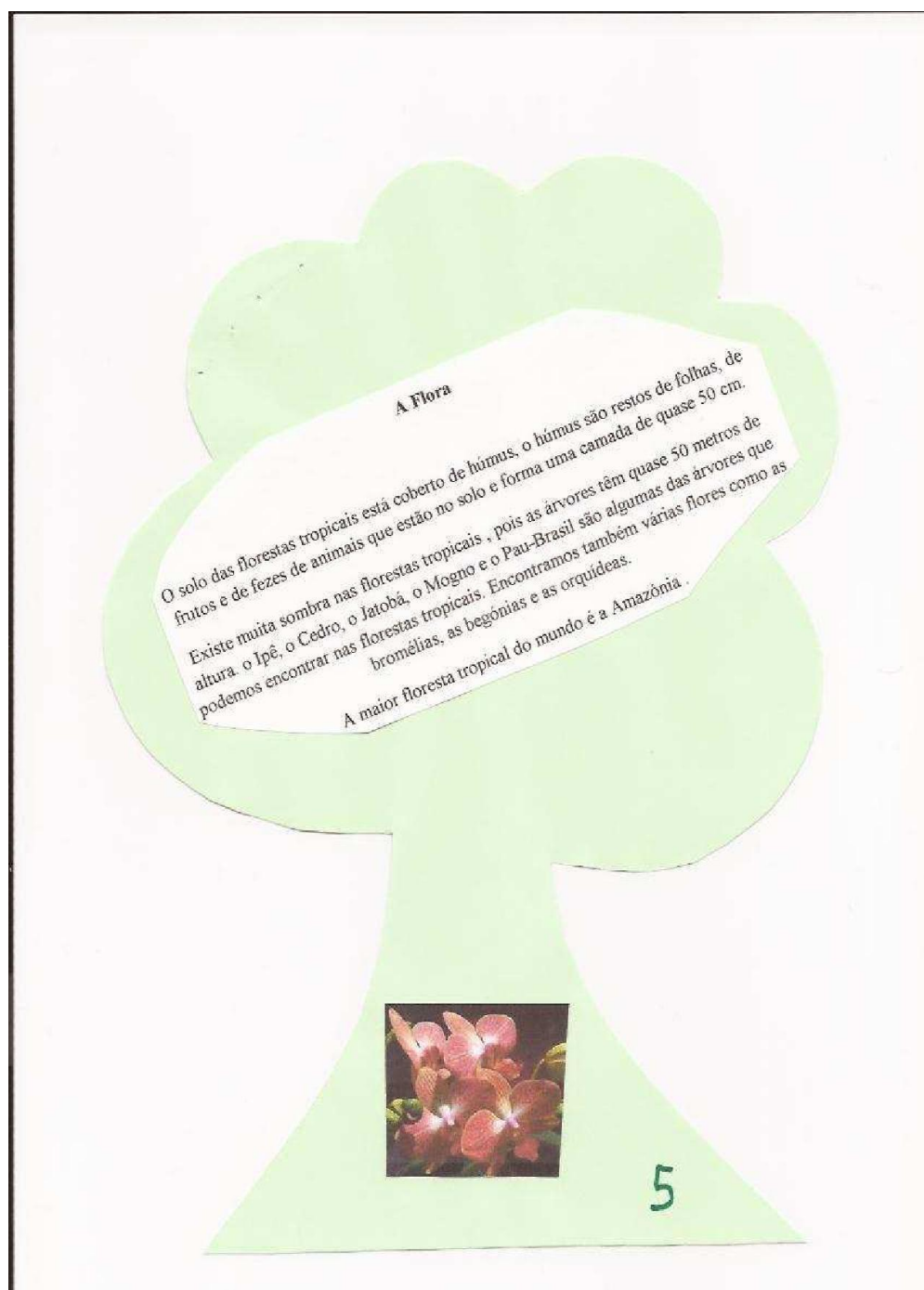
-
-
-
-
-

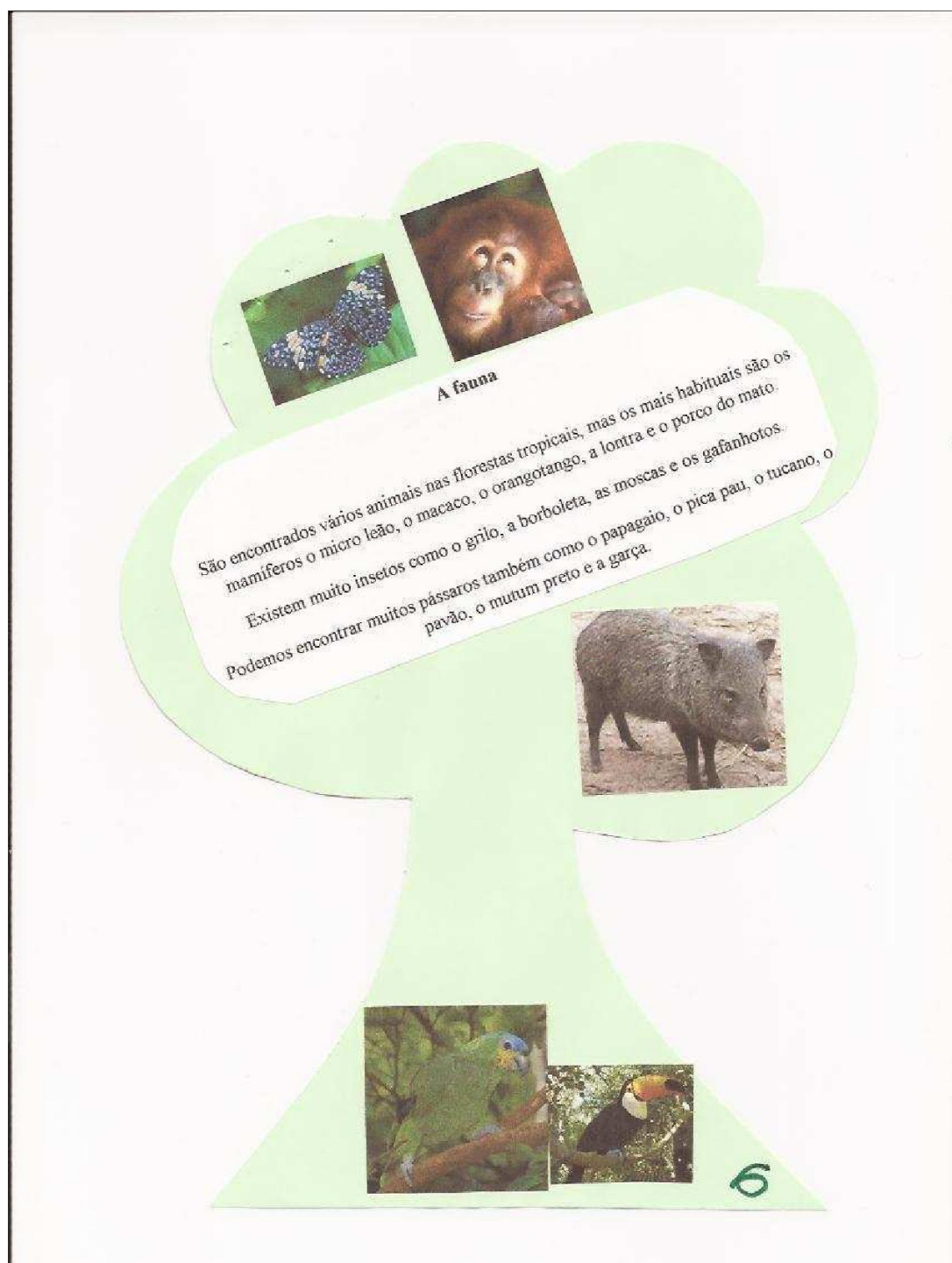


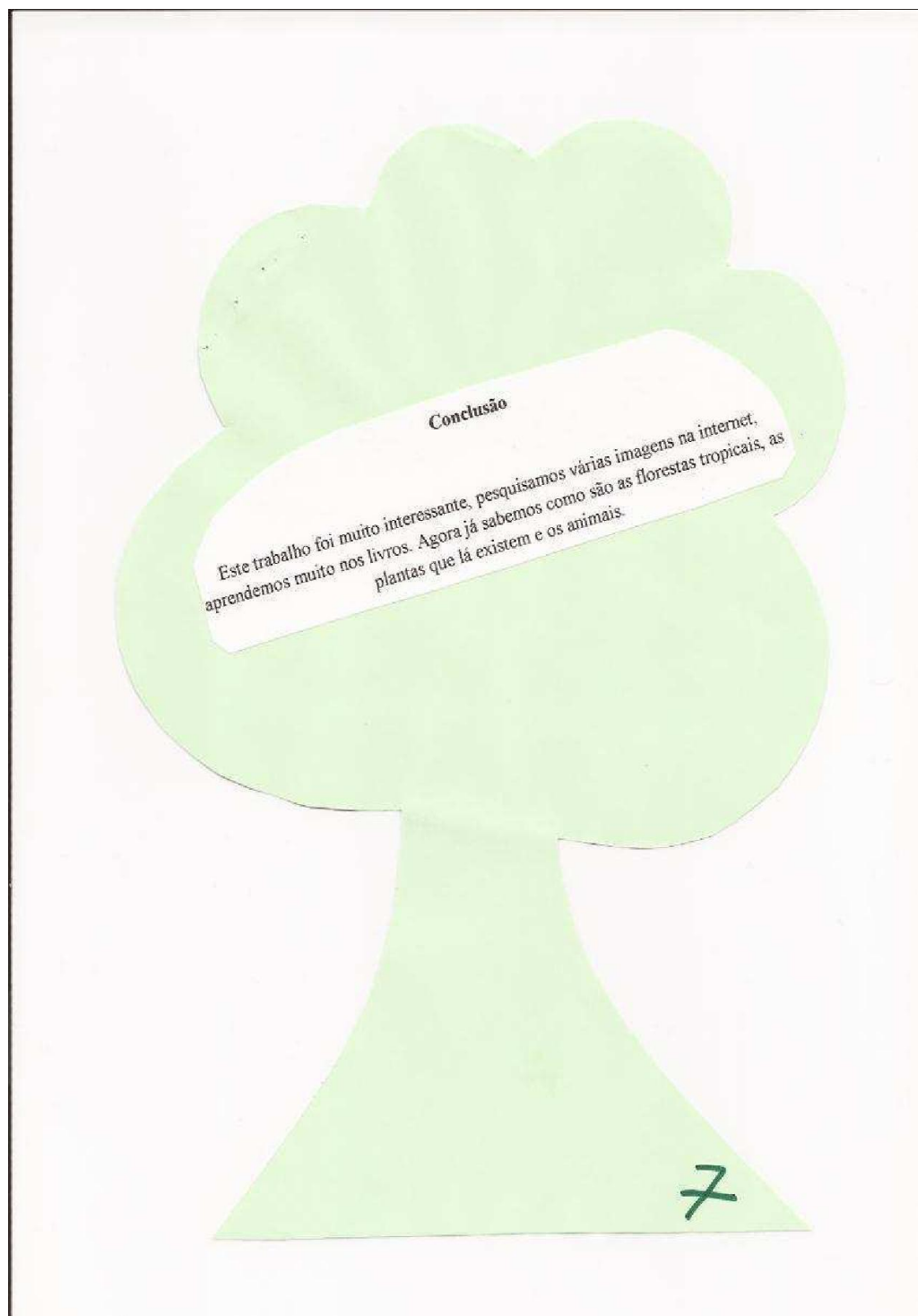




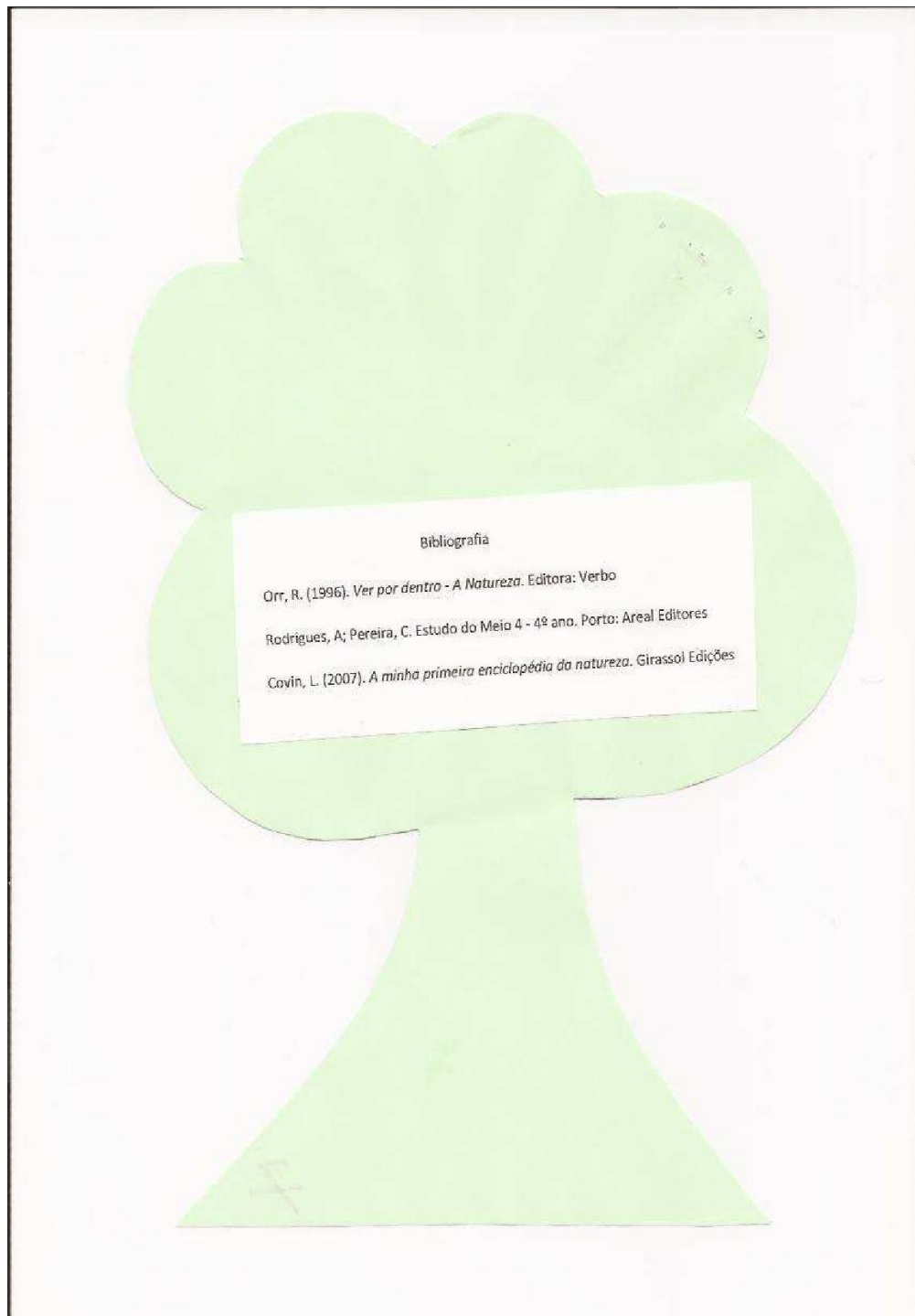








Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>O Amor de Pedro e Inês</u>			
Autores: <u>Carolina</u> , <u>Beatriz</u> , <u>Maria</u>			
O que já sabemos		O que queremos saber	Aspetos do Programa
O que já sabemos é que D. Pedro ia casar com D. Constança, mas apaixonou-se por D. Inês de Castro.		Háis sobre a história	- História de Portugal
Que trabalho vamos produzir	Fontes de informação	Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz ☒	Entrevistas	Acetatos	
Folheto	Internet ☒	Cartaz	
Livro ☒	Livros ☒	Power point ☒	
Power point ☒	Questionários		
Datas			
Início: <u>12/4/2012</u>	Fim: <u>18/5/2012</u>	Comunicação: <u>18/5/2012</u>	Sessões de trabalho:
			<u>12/4/12</u> <u>19/4/12</u> <u>26/4/12</u> <u>03/5/12</u>
			<u>10/5/12</u> <u>18/5/12</u>

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: O Amor de Pedro e Inês

Nome dos autores: Maria, Carolina, Beatriz

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
12/4/2012	Plano de projeto	Maria, Carol e Bia	
19/4/2012	Bia - Cópia, Planeta e internet Maria - Planeta e internet Carolina - Planeta e internet	Maria, Carol e Bia	
26/4/2012	Carol - Texto Bia - Texto Maria - Texto	Maria, Carol e Bia	
03/5/2012	Carol - cartaz Bia - cartaz Maria - cartaz Tudo	Maria, Carol e Bia	
10/5/2012	Apresentação	Maria, Carol e Bia	
18/5/2012	comunicação Todos		

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Preparação da comunicação

Projeto: O amor de Pedro e Inês

Autores: Carolina, Dina e Mariana

Data da comunicação: 18 / 5 / 12

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Carolina	Texto 1, 5, 8 e 12
Maria	Texto 4, 11, 10, 9
Bianca	Texto 1, 3, 6 e 7

Ficha Informativa

O Amor de Pedro e Inês

A história do amor de Pedro e Inês

Pedro era o príncipe de Portugal, foi crescendo e vivendo com os seus pais. Um dia os pais decidiram que Pedro tinha de casar, a escolhida pelos pais foi Constança, uma jovem bela e doce. D. Pedro e D. Constança casaram em 1339 mas não eram felizes pois não existia amor entre eles. D. Pedro amava outra mulher, que se chamava Inês de Castro, que era aia de D. Constança. O romance dos dois começou a ser comentado na corte, para acabar com tudo o Rei mandou exilar Inês de Castro no Castelo de Albuquerque em 1344.

D. Constança vivia infeliz porque sabia que Pedro não a amava. D. Constança acabou por morrer quando nasceu o filho Fernando. Depois da morte da esposa D. Pedro mandou regressar Inês.

O Rei não aceitou esta atitude e tentou casar o seu filho D. Pedro novamente mas D. Pedro recusou.

Depois de D. Constança morrer D. Pedro e Inês de Castro ficaram juntos, eram felizes e amavam-se muito, tiveram quatro filhos, D. Afonso, D. Beatriz, D. Diniz e D. João.

A morte de Inês de Castro

D. Afonso IV, pai de D. Pedro não gostava de Inês de Castro, por isso um dia aproveitou a ausência de D. Pedro para a mandar matar. Quando Pedro chegou a casa depois de ter ido a caça, encontrou a Inês de Castro morta no chão.

D. Pedro sofreu muito e mandou matar os assassinos de Inês, e ordenou que fossem construídos dois túmulos lindos, um para Inês e outro para ele. Esses dois túmulos estão no Mosteiro de Alcobaca.

Quando D. Pedro morreu também foi colocado no túmulo que está no Mosteiro de Alcobaca.

A fonte dos Amores

Esta fonte fica num local em Coimbra, onde D. Pedro e Inês de Castro se encontravam e viviam os seus amores.

A fonte das Lágrimas

A fonte das lágrimas, chamada desta forma por Luís de Camões, por ter sido o local onde Inês chorou quando foi assassinada. A história conta que o sangue de Inês de Castro ficou nas rochas durante vários séculos.

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Questionário



1- Faz em seis linhas o resumo da história do amor de Pedro e Inês

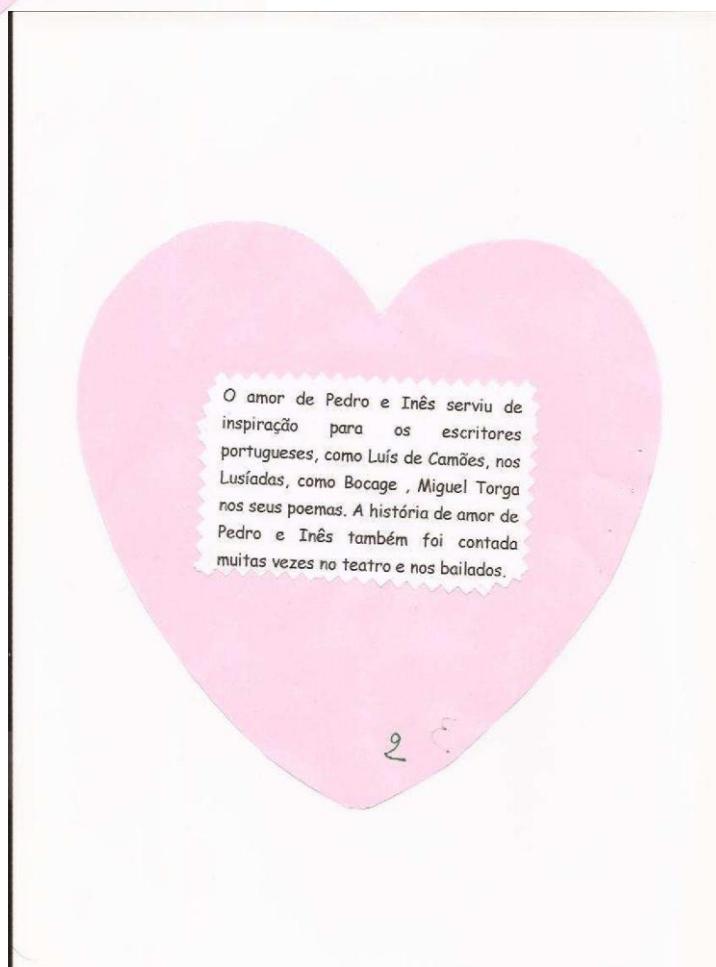
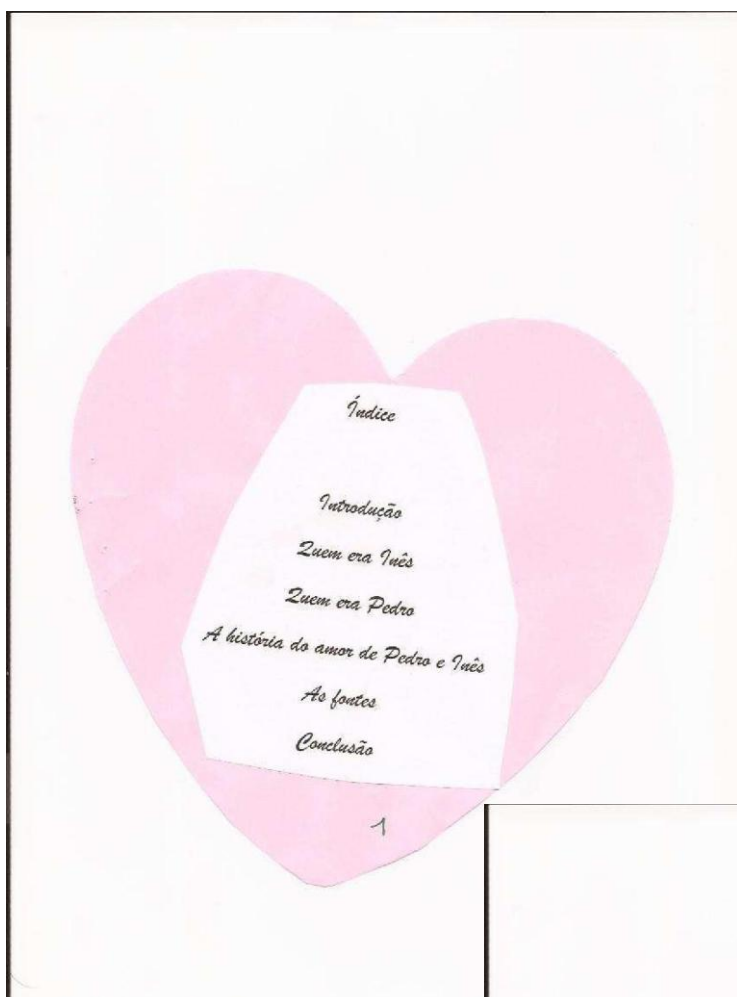
2- Explica como morreu Inês?

3- Qual é o significado da fonte dos amores?

4- Qual é o significado da fonte das lágrimas?

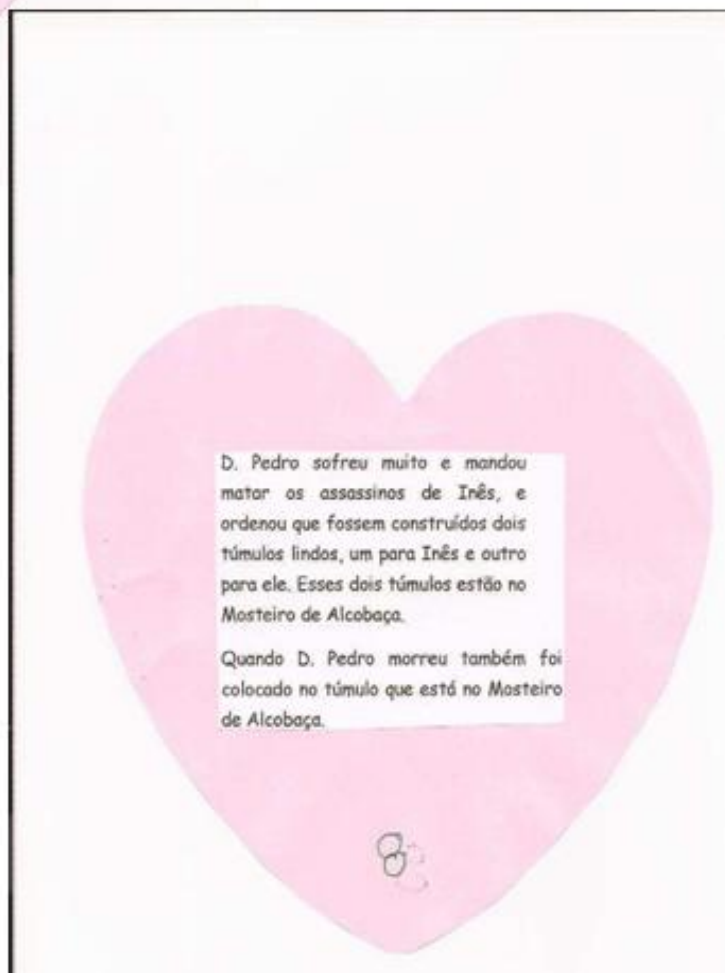
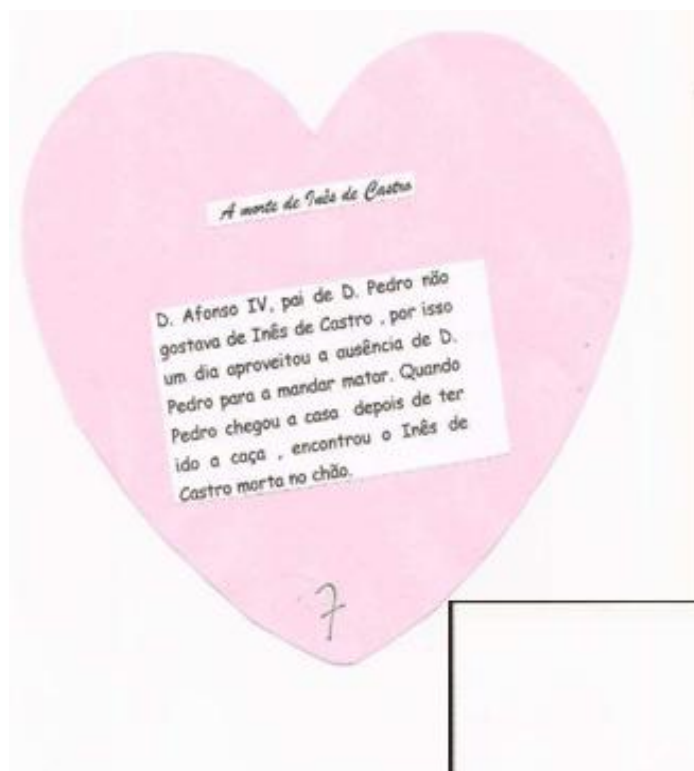
Nome: _____ Turma: _____



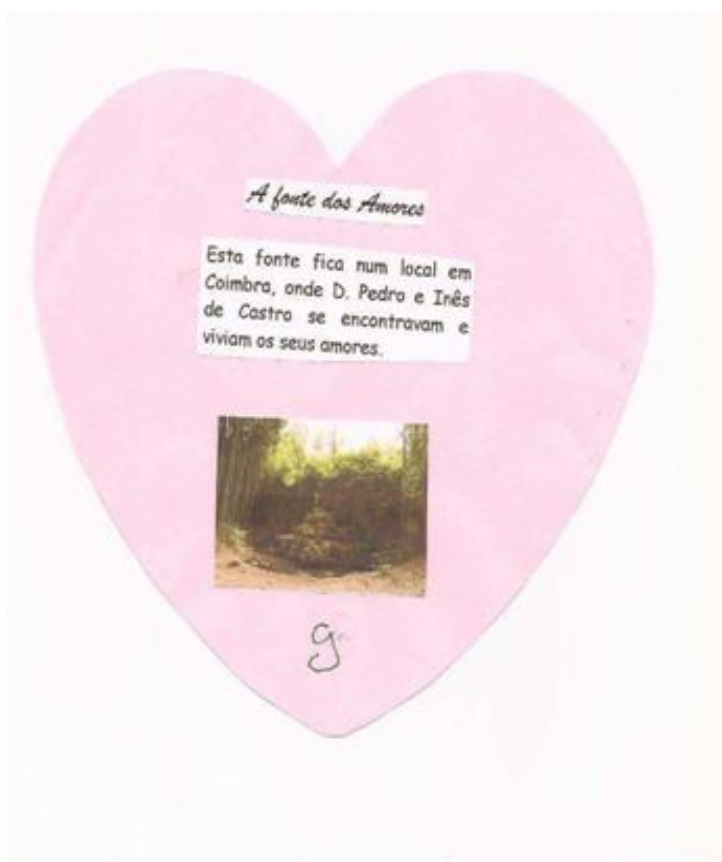




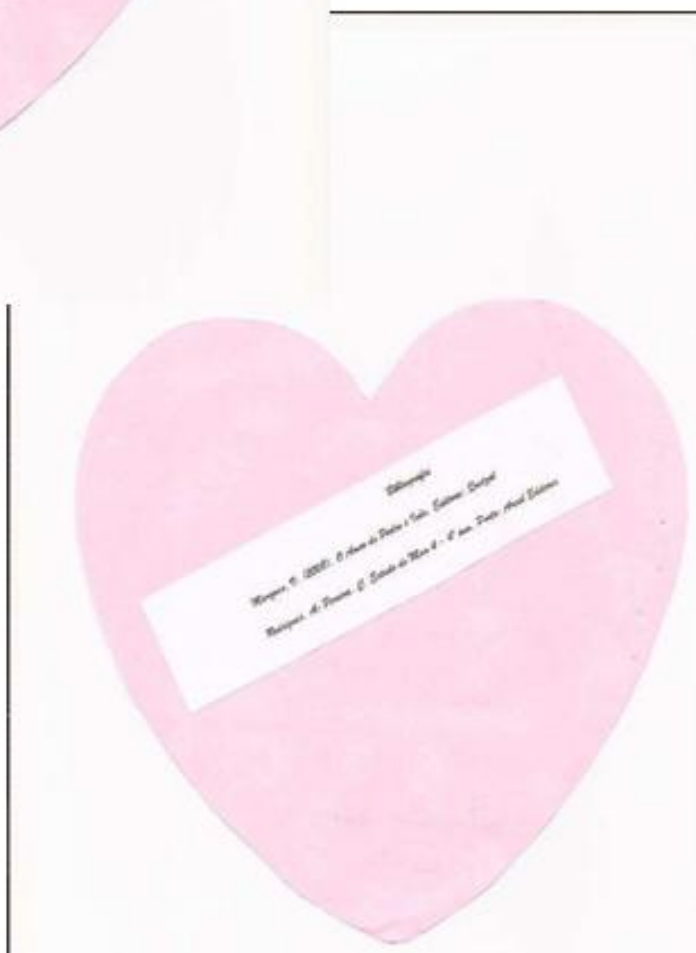




Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Plano de Projeto

3
6

Nome do projeto: <u>Países da Europa</u>					
Autores: <u>Clara</u> , <u>Gustavo</u> , <u>Margarida</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Os países da Europa,		Tudo		a Europa Países a União Europeia	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz	X	Entrevistas		Acetatos	
Folheto		Internet	X	Cartaz	X
Livro	X	Livros	X	Power point	
Power point		Questionários			
Datas					
Início: <u>12-4-2012</u>		Fim: <u>18-5-2012</u>		Comunicação: <u>18-5-12</u>	
				Sessões de trabalho:	
				12-4-2012 19-4-2012 26-4-12 3-5-12	
				10-5-2012 18-5-2012	

Preparação da comunicação

Projeto: Os Países da União Europeia

Autores: Margarida, Gustavo, Clara

Data da comunicação: 18 / 05 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Margarida	Capitais
Clara	1º Cartão
Gustavo	Países

CCX

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Bairros da Europa

Nome dos autores: Gustavo, Cintia, Margarida

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
12-4-2012	PLANO DO PROJETO AVALIAÇÃO DO PROJETO	TODOS	
29-4-2012	Pesquisa Cidades, países, exercícios	Todos	
26/04/12	Texto cartaz	Cintia Gustavo/Margarida	
3/05/12	Texto escrito Ficha cartaz	Gustavo/Margarida Margarida Cintia	
10/05/12	/	/	/
18/05/12	Apresentação	Todos	

Os países da Europa

A união europeia tem 27 países, os países todos funcionam da mesma maneira, têm as mesmas ideias e as mesmas regras. A união europeia construiu-se para evitar guerras, os países juntaram-se para se proteger e defender. A união europeia formou-se em 1957, os primeiros países a entrar foram:

A república federal da Alemanha, a França, os países baixos, a Bélgica, o Luxemburgo e a Itália.

Os países da União Europeia e as suas capitais são:

Espanha - Madrid	Roménia - Bucareste	Chipre - Nicósia
França - Paris	Lituânia - Vilnius	Polónia - Varsóvia
Malta - Valeta	Reino Unido - Londres	Estónia - Talin
Bulgária - Sófia	Luxemburgo - Luxemburgo	Letónia - Riga
Bélgica - Bruxelas	Finlândia - Helsínquia	Portugal - Lisboa
Suécia - Estocolmo	Irlanda - Dublin	Áustria - Viena
Grécia - Atenas	Eslováquia - Bratislava	Dinamarca - Copenhaga
Itália - Roma	Hungria - Budapeste	Holanda - Amesterdão
Alemanha - Berlim		República Checa - Praga

Índice

- Introdução	3
- O que é a união europeia	4
- Quais são os países da Europa	5
- Quais são as capitais dos países da europa	6
- Conclusão	7

Introdução

Escolhemos fazer este trabalho porque nos interessamos pelo tema e é importante sabermos mais sobre a Europa, Portugal também faz parte da união europeia.

O nosso trabalho fala sobre a união europeia, como se construiu, sobre os países que fazem parte e quais são as capitais desses países.

O que é a união europeia?

A união europeia tem 27 países, os países todos funcionam da mesma maneira, têm as mesmas ideias e as mesmas regras. A união europeia construiu-se para evitar guerras, os países juntaram-se para se proteger e defender. A união europeia formou-se em 1957, os primeiros países a entrar foram:

A república federal da Alemanha, a França, os países baixos, a Bélgica, o Luxemburgo e a Itália.

Os países da União Europeia



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Bibliografia

vários. (1995). *Atlas Geográfico*. Editor: Verbo

Rodrigues, A.; Pereira, C. *Estudo do Meio 4 - 4º ano*. Porto: Areal Editores

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>O sistema solar</u>																					
Autores: <u>Daniela, João, Debra</u>																					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa																	
- As fases da lua - Os planetas - A translação e a rotação		Porque é que plútão se considera um planeta anão?		- Aprender mais sobre o tema. - Os Planetas																	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo																	
Cartaz	☒	Entrevistas		Acetatos																	
Folheto		Internet	☒	Cartaz	☒																
Livro	☒	Livros	☒	Power point																	
Power point		Questionários																			
Datas																					
Início: 12/04/2012		Fim: 18/05/2012		Comunicação: 10/05/2012																	
				Sessões de trabalho: <table border="1"> <tr> <td>12/04/12</td> <td>19/04/12</td> <td>26/04/12</td> <td>3/05/12</td> </tr> <tr> <td>10/05/12</td> <td>18/05/12</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>		12/04/12	19/04/12	26/04/12	3/05/12	10/05/12	18/05/12										
12/04/12	19/04/12	26/04/12	3/05/12																		
10/05/12	18/05/12																				

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: O sistema solar

Nome dos autores: João, Daniela, Debra

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
12/04/12	Preencher o plano	Todos	
19/04/12	imprimir o cartaz	Todos	
26/04/12	colar imagens e produzir texto	Daniela e João Debra	
3/05/12	Produzir Texto Fichas Cartaz	João, Debra Debra Daniela	
10/05/12			
18/05/12	comunicação	Todos	

Preparação da comunicação

Projeto: Sistema Solar
Autores: Da 1.ª - De Bora e Ysa
Data da comunicação: 22 / 05 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Da 1.ª	Homem na lua, a nossa galaxia
De Bora	O que constitui o sistema solar.
Ysa	Sol, Os nossos planetas



Ficha informativa

O sistema solar é composto por Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e plúton, a principal estrela do sistema solar é o sol. todos os planetas andam a volta dele. No sistema solar também existem asteroides, cometas, meteoros.

A lua é o único satélite natural Terra e foi o único planeta onde o homem foi . O primeiro homem a ir à lua foi Neil Armstrong e isso foi no dia 20 de julho em 1969.

No nosso sistema solar existem dois tipos de planetas, os rochosos e os gasosos.

Os planetas rochosos são Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, são os planetas mais quentes do sistema solar.

Os planetas gasosos são Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, são os planetas mais frios do sistema solar.

No sistema solar existem também asteroides, cometas, meteoros.

Os Asteroides são rochas, mais pequenas que planetas que andam a passear pelo espaço.

Questionário sobre o sistema solar

- 1- No sistema solar existem quantos planetas?
- 2- Diz o nome dos planetas do sistema solar
- 3- Quem foi o primeiro homem a ir à lua e quando?
- 4- Qual é a diferença entre planeta rochoso e planeta gasoso?
- 5- O que é um asteroide?

Turma: _____ Nome: _____

O sistema solar



Autores: [illegible]

EXTERNATO [illegible]

CCXIX

Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Bibliografia

vários. (2010). *Os planetas*. Lisboa: Editora Educação Nacional

Alier, A. (2007). *O Universo*. Manus editores

Rodrigues, A; Pereira, C. Estado do Meio 4 - 4º ano. Porto: Areal Editores



CCXX

O sistema solar

No sistema solar existem planetas, satélites, asteroides e cometas. No sistema solar existe uma estrela principal que é o sol e pelos planetas que andam à volta dele.

No sistema solar existem Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão.

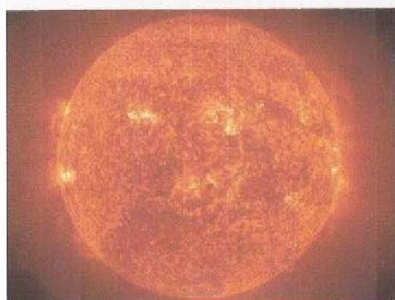
Mas existem também asteroides, cometas, meteoros.



2

3

O sol



O sol domina o nosso sistema solar, sem ele não vivemos. Todos os outros planetas giram em volta dele e são comandados por ele. O sol é a estrela que fica mais perto da terra. O sol é feito de líquido que chamamos de plasma.

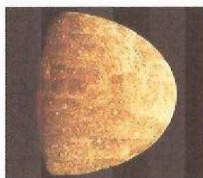
No nosso sistema solar existem dois tipos de planetas, os rochosos e os gasosos.

4

5

Mercúrio

Mercúrio é o planeta que fica mais próximo do sol, ele é o planeta mais pequeno do sistema solar. Faz imenso calor neste planeta, mais ou menos 800°C .



6

Vénus

Vénus é o planeta mais brilhante de todos os planetas do sistema solar, é o segundo planeta mais perto do sol. A temperatura que existe em Vénus é de 480°C .



7

A Terra

A Terra é o terceiro planeta mais perto do sol e o único onde se pode viver, é onde nós vivemos, temos a água que é importante para nós vivermos. A temperatura da Terra é de mais ou menos 15°C .



8

A Lua

É o único satélite natural da Terra e foi o único planeta onde o homem foi. O primeiro homem a ir à lua foi Neil Armstrong e isso foi no dia 20 de julho de 1969.



9

Marte

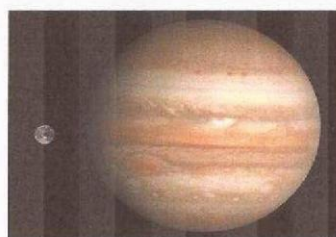
É o planeta que fica em quarto lugar a partir do sol, as pessoas dão-lhe o nome de planeta vermelho por causa da cor dele. Faz em média -60°C em Marte



10

Júpiter

É o planeta maior de todos os planetas do sistema solar, é o quinto planeta a partir do sol, faz lá muito frio 150°C negativos.



11

Saturno

É o planeta que fica em sexto lugar a partir do sol, tem vários anéis à sua volta que são feitos de rochas e gelo. Saturno é o planeta que tem mais luas, a temperatura é de -130°C

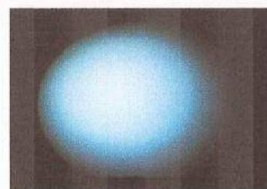


12

Urano

Urano tem uma cor azul porque tem muito gás metano na sua atmosfera

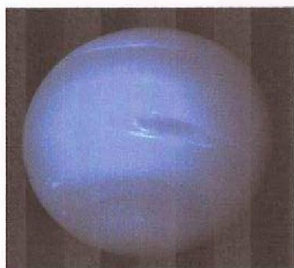
Este planeta é engraçado porque gira de lado, é diferentes de todos os outros planetas do sistema solar. É o planeta mais frio de todos, tem uma temperatura de 214°C



13

Neptuno

É o oitavo planeta a partir do sol, ele é muito parecido com Urano por causa da cor, são os dois azuis, também faz lá muito frio -220°C



14

Curiosidades

Os Asteroides são rochas, mais pequenas que planetas que andam a passear pelo espaço.



15

Os planetas rochosos são Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, são os planetas mais quentes do sistema solar.

Os planetas gasosos são Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, são os planetas mais frios do sistema solar.

16

Conclusão

Este trabalho foi feito com muita dedicação, gostamos muito e demonstramos todos muito bem, até fizemos um móbil para por na sala para mostrar aos nossos colegas.

1

Bibliografia

vários. (2010). *Os planetas*. Lisboa: Editora Educação Nacional

Alter, A. (2007). *O Universo*, Marus editores

Rodrigues, A; Pereira, C. Estudo do Meio 4 - 4º ano. Porto: Areal Editores



Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>Ciclo da água</u>					
Autores: <u>Matilde</u> , <u>Mrs</u> , <u>Debra</u> , <u>Bia</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Como funciona o ciclo da água		O que acontece na ETAR		Reconhecer fenómenos de precipitação, condensação, solidificação e evaporação	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto	x	Internet	x	Cartaz	
Livro		Livros	x	Power point	x
Power point		Questionários		Folheto	x
Datas					
Início:	Fim:	Comunicação:	Sessões de trabalho:		
24/5/2012	14/6/2012	14/6/2012	24/5/2012		
			31/5/2012		
			6/06/2012		
			14/6/2012		

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Ciclo da água

Nome dos autores: Debora, Ivo, Matilde, Bea

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
24/05/2012	Elaborar um plano e iniciar um projeto	Todas	
31/05/2012	Terminar o folheto de rascunho	Ivo & Beatriz Garcia	
6/06/2012	Folheto power point	Matilde, Ivo, Debora, Bea	
14/06/2012	Comunicação	Todas	

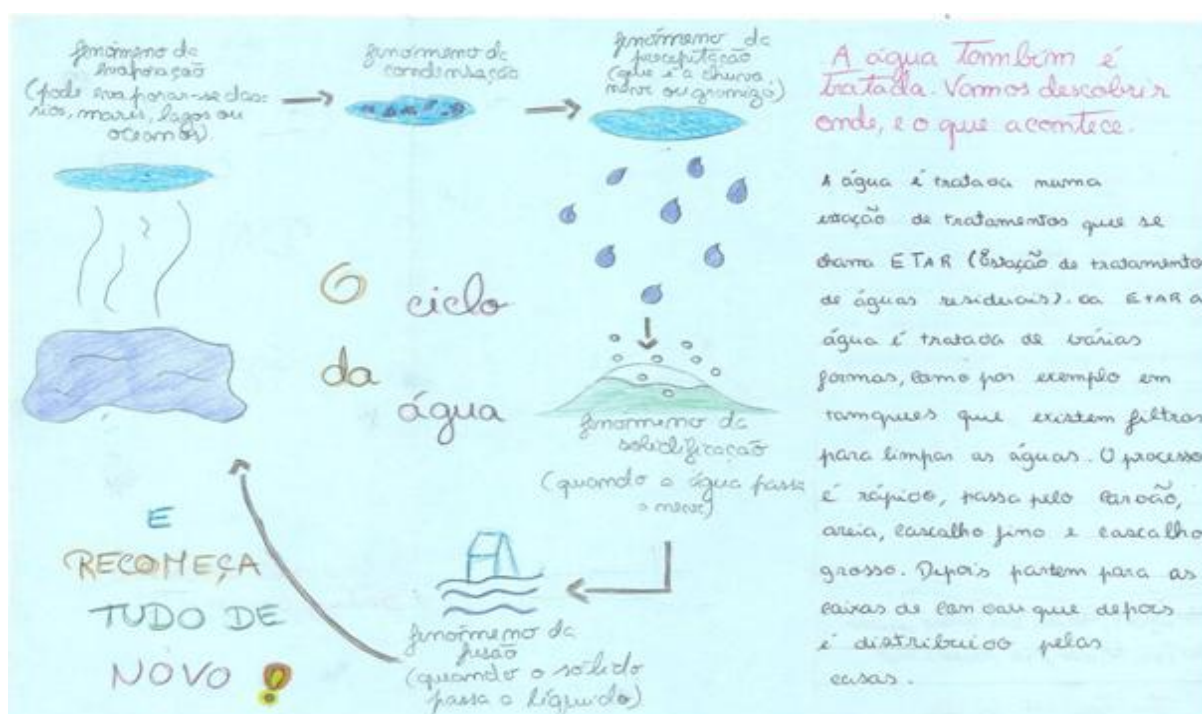
Preparação da comunicação

Projeto: O ciclo da água

Autores: Debora, Matilde, Ivo, Bea

Data da comunicação: 14 / Novembro / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Ivo	Apresentar o projeto P-5/P-1
Debora	Apresentar o degenho P-4
Matilde	A importância do ciclo da Água P-3
Bea	A água também é tratada. Vamos descobrir onde, e o que acontece. P-2
todos	Sem água não há vida! P-1
Debora	Eu defender...
Matilde	1ª palavra secreta
Debora	2ª palavra secreta
Ivo	3ª palavra secreta

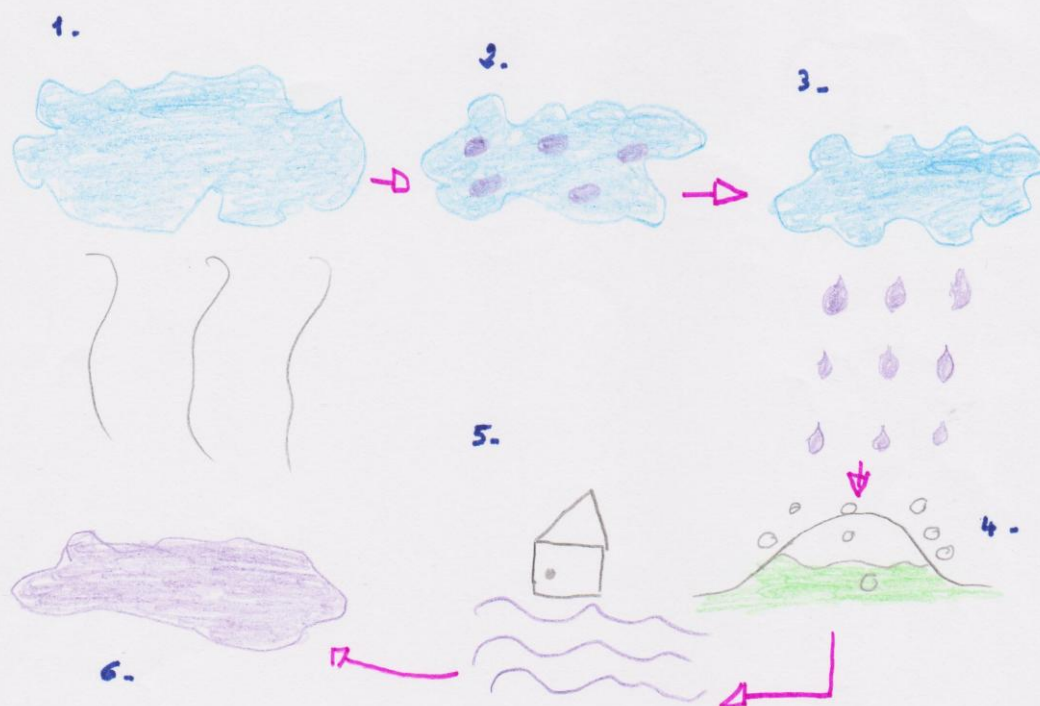


O ciclo da água

1- Qual é a importância do ciclo da água ?

2- Sem água não há vida, porquê?

3- Explica o ciclo da água no desenho.



Nome: _____ Turma: _____

Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>Os Sismos</u>					
Autores: <u>Maria</u> , <u>Francisco</u> , <u>Ivo</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
mais ou menos o que é um sismo		conhecer melhor os sismos o que fazer num sismo		Os sismos	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto	X	Internet		Cartaz	
Livro		Livros		Power point	X
Power point		Questionários			
Datas					
Início: <u>24/05/2012</u>		Fim: <u>14/06/2012</u>		Comunicação: <u>14/06/2012</u>	
				Sessões de trabalho:	
				24/5/12	
				31/5/12	
				6/06/12	
				14/06/12	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Os Simões

Nome dos autores: Maria, Gonçalo, Inês

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
24/5/2012	organizar grupo	Todos	
31/5/2012	linhas Imagens	Todos	
6/6/2012	folheto power point	Maria; Inês Gonçalo	
14/06/2012	comunicação	Todos	

Preparação da comunicação

Projeto: OS Sismos

Autores: Maria, Gonçalo, Ino

Data da comunicação: 14 / 06 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Maria	power point
Gonçalo	Escala de Richter
Ino	Prevenção

Questionário

Os sismos



1- O que é um sismo?

2- O que aconteceu em Portugal em 1755?

3- Como podemos medir os sismos?

4- A escala de Richter vai de 0 a 10?

5- Quando um sismo tem 7,9 de magnitude na escala de Richter é um sismo forte ou fraco?

6- O que devemos fazer para nos proteger, no momento do sismo ?

Turma:

Nome:

O que é um sismo

O sismo acontece quando acontece uma vibração no centro da terra. Na crosta terrestre existem as placas tectónicas, que se mexem todos os dias, mas quando chocam uma com a outra causa um terramoto. Quando os sismos são muito fortes e o epicentro é no mar pode acontecer um tsunami, como aconteceu em Lisboa em 1755. Ocorrem vários sismos por dia em todo o mundo. Os sismos podem ser medidos pela escala de Mercalli e pela escala de Richter. A escala de Richter vai de 0 a 10.

Menos de 3,5 de magnitude: normalmente não é sentido.

De 3,5 a 5,4 de magnitude: normalmente não se sente mas pode fazer alguns danos.

De 5,5 a 6 de magnitude: pode estragar alguns edifícios.

De 6,1 a 6,9 de magnitude: pode causar danos graves e ser perigoso para as pessoas.

De 7 a 7,9 de magnitude: causa danos graves.

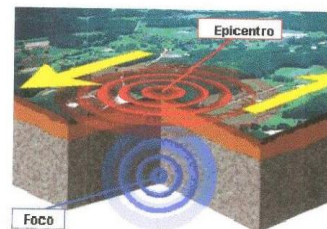
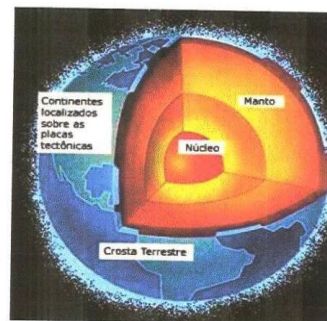
Mais de 8 de magnitude: causa destruição total na zona atingida e nas regiões próximas.

O que fazer para se proteger

- Ir para debaixo de uma mesa ou de uma cama
- Não sair de casa e não passar por janelas.
- Proteger a cabeça e os olhos.
- Manter a calma.
- Não usar a eletricidade.
- Usar uma lanterna.
- Ver se existem feridos e usar a caixa dos primeiros socorros.
- Afastar-se do mar, pode acontecer um tsunami.



Algumas imagens



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

Os sismos



Autores:



Os sismos



Autores:



Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>Países Africanos</u>					
Autores: <u>Mariana, Gustavo, Daany, Gonçalo</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
África Ocidental		• Alguns países de África		• Conhecer outras culturas • O Europa e o mundo	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas	X	Acetatos	
Folheto	X	Internet	X	Cartaz	
Livro		Livros	X	Power point	X
Power point		Questionários		Folheto	X
Datas					
Início: <u>24/05/2012</u>		Fim: <u>14/06/2012</u>		Comunicação: <u>14/06/2012</u>	
				Sessões de trabalho:	
				24/5/12	
				31/5/12	
				6/06/12	
				14/06/12	

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: Países Africanos

Nome dos autores: Mariana, Gustavo, Daaty

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
24/05/12	Resumo	Daaty	
31/05/12	Procurar imagens	Mariana e Gonçalo	
6/06/12	Organizar Folheto	Gustavo	
14/06/12	Apresentar	Todos	

Preparação da comunicação

Projeto: Países Africanos

Autores: Gustavo, Mariana, Gonçalo, Dany

Data da comunicação: 14 / Junho / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
Gustavo e Mariana → Gonçalo Dany Gustavo e Mariana	África Ocidental - Cinema - população africana - Título

Questionário sobre os países africanos

- 1- Quantos países tem o continente africano?
- 2- Diz cinco países africanos
- 3- Como é o clima no norte do continente africano?
- 4- Como é o clima no sul do continente africano?
- 5- Qual é a temperatura no Cairo no Verão?
- 6- Qual é a temperatura em Luanda no inverno?
- 7- Quantos habitantes existem no continente africano?
- 8- Quais são as religiões mais importantes do continente africano?

Nome: _____ Turma: _____



Obrigado!

Os países africanos

No continente africano existem 53 países, o continente está dividido em duas regiões separadas pelo deserto do Saara. A primeira a África do Norte e a segunda a África Subsaariana.

Os países africanos são os seguintes, como podemos observar no mapa.



O clima africano

A linha do equador influencia muito o clima africano, é um continente bastante quente, existem zonas onde chove muito e onde há muita humidade e outras zonas onde não chove e o clima é seco.

No norte o clima é desértico e quente, por causa do deserto do Saara, mas no inverno as temperaturas são muito frias.

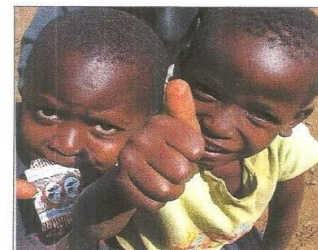
No centro o clima é quente e chuvoso em algumas estações do ano.

No sul o clima é mais equilibrado, sem muito calor e sem muito frio. Algumas zonas altas da África do Sul onde neva no inverno.

Cidade	Inverno	Verão
Cairo	13°C	28°C
Joanesburgo	12°C	20°C
Casablanca	12 °C	24°C
Luanda	23° C	27° C

A população africana

A população da África tem mais de 800 milhões de habitantes, um sétimo da população do mundo. Na parte norte do continente, estão mais presentes os povos principalmente berberes e árabes, no sul da Saara, estão os povos negroides, mais ou menos 70% da população africana. No continente africano vivem 5 milhões de brancos de origem europeia.

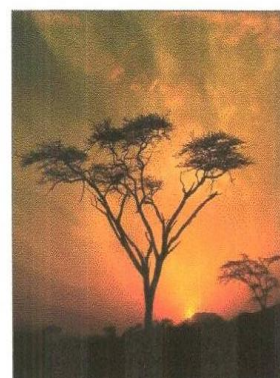


CCXXXIX

A religião

O cristianismo e o islamismo são as principais religiões, a religião islâmica é a mais praticada, por exemplo como nos países , Marrocos, Argélia.

Os países africanos



Autores:

Clara Silva, 2023



Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>A mudança</u>					
Autores: <u>Maria</u> , <u>Amélia</u> , <u>Mariana</u> , <u>Margarida</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
Nós já sabemos o que são os 3 R's. Já sabemos que quando o mundo está sujo fica quente e poluído.		Não sabemos o que é a política dos 3 R's		A quantidade do ambiente próximo. O nosso papel na preservação do ambiente.	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto	X	Internet	X	Cartaz	
Livro		Livros	X	Power point	X
Power point		Questionários		Folheto	X
Datas					
Início: <u>24/05/2012</u>	Fim: <u>6/06/2012</u>	Comunicação: <u>14/06/2012</u>		Sessões de trabalho:	
				<u>24/05/12</u>	<u>31/05/12</u>
				<u>06/06/12</u>	<u>14/06/12</u>

Avaliação do trabalho em projetos

Nome do projeto: A reciclagem

Nome dos autores: Margarida Mariana Maria

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
24/05/2012	Reunir informações e elaboração do projeto	Todos	
31/05/2012	Reencontro do plano	Todos	
06/06/2012	Boleto powerpoint	Margarida Mariana Maria	
14/06/2012	Comunicação	Todos	

Preparação da comunicação

Projeto: Revelação
Autores: Margarida, Mariana, Maria, Sílvia
Data da comunicação: 14 / 06 / 2012

Quem vai apresentar:	O que vai apresentar:
<u>2ª</u> <u>Sílvia:</u> <u>Luísa:</u> <u>Guilherme:</u> <u>Maria:</u>	<u>Página 1ª e 4ª</u> <u>Página 2ª e 4ª</u> <u>página 1ª e 3ª.</u> <u>página 1ª e 2ª.</u> <u>página 1ª.</u>

A reciclagem



Nome: _____ Turma: _____

1- É importante reciclar porque ?

2- Como fazemos a separação do lixo? indica com as cores:

azul



verde



amarelo



vermelho



3- O que significa a política dos três R's ?

4- Como se chamam as estações de tratamento das águas residuais ?

5- Porquê precisamos das estações de tratamento das águas residuais?

Existe, também, estações de tratamento de águas residuais - chama-se ETAR.

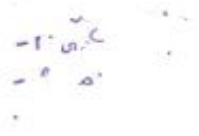


Nas águas poluídas são separadas das lamas que as formam e só então seguem por condutas até ao alto mar.



A reciclagem

Autoras:





Plano de Projeto

Nome do projeto: <u>A Reprodução de uma planta</u>					
Autores: <u>Melena</u> , <u>Carla</u> , <u>Beatriz</u> , <u>Carolina</u>					
O que já sabemos		O que queremos saber		Aspetos do Programa	
O desenvolvimento de uma planta		O que constitui		- As Plantas - Classificação - Partes da planta - As folhas - As raízes - Reprodução - A utilidade das plantas	
Que trabalho vamos produzir		Fontes de informação		Como vamos apresentar ao grupo	
Cartaz		Entrevistas		Acetatos	
Folheto	X	Internet	X	Cartaz	
Livro		Livros	X	Power point	X
Power point		Questionários		Folheto	X
Datas					
Início:	Fim:	Comunicação:	Sessões de trabalho:		
24/05/2012	14/6/2012	14/6/2012	24/5/12	31/5/12	6/6/12

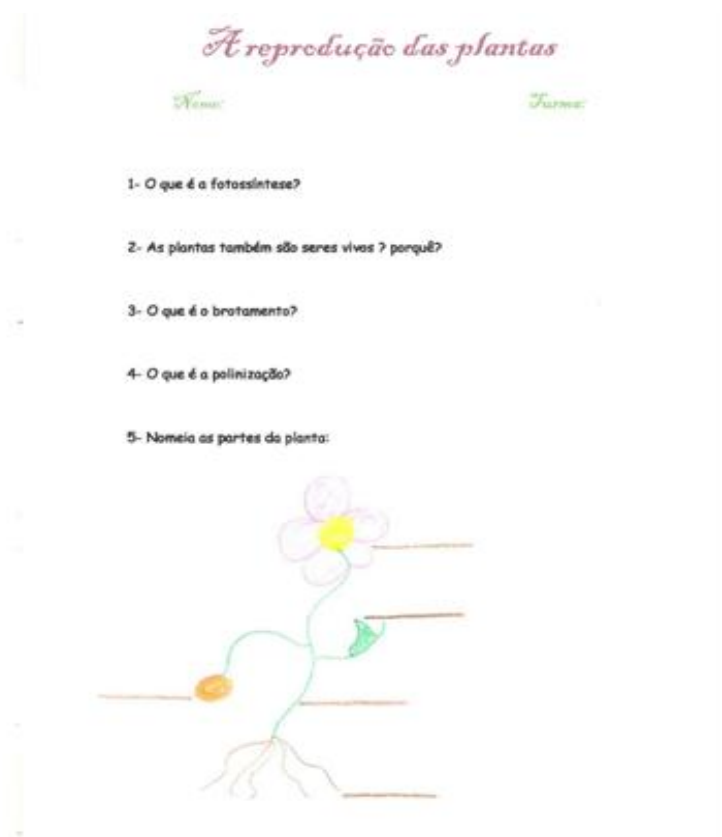
Avaliação do trabalho em projetos

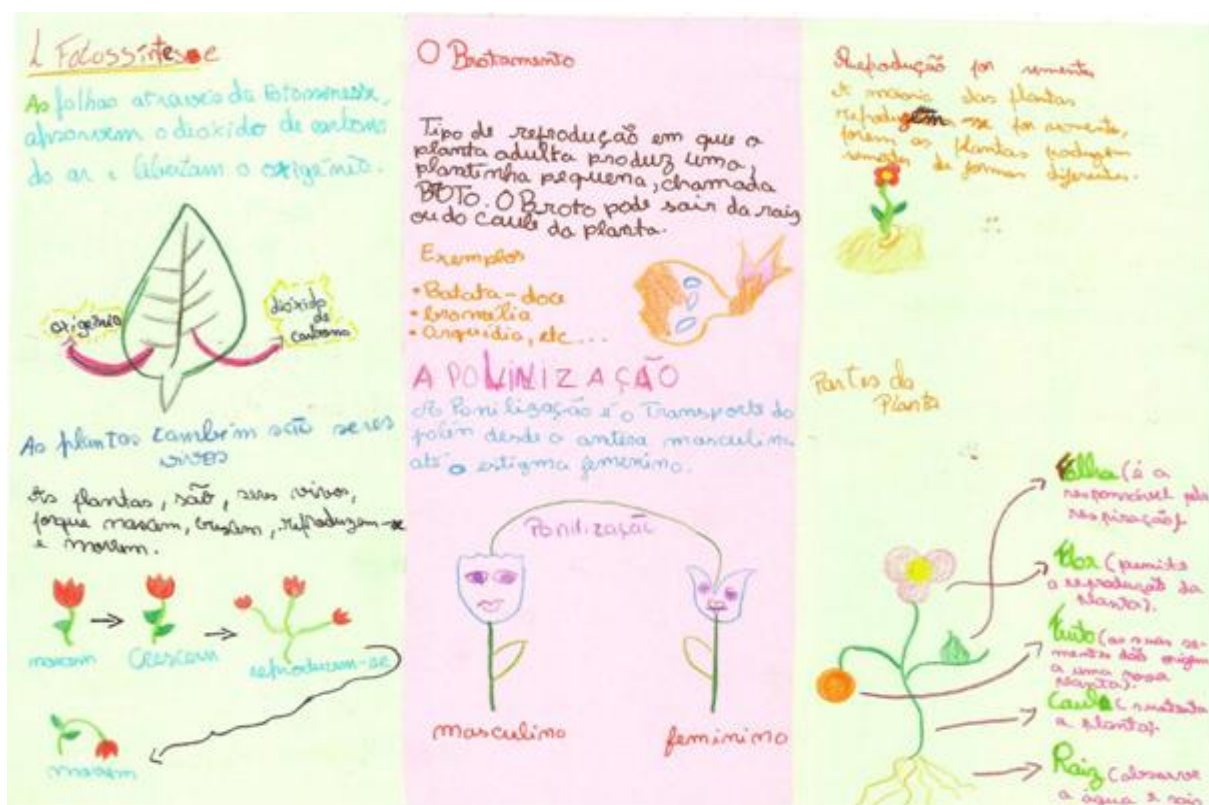
Nome do projeto: A reprodução de uma planta

Nome dos autores: Cintia, Carolina, Beatriz, Helena.

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
24/05/2012	fazemos os grupos e iniciamos a elaboração do plano de projecto	todos	
31/05/2012	continuação do projecto	todos	
6/06/2012	folheto power point	Helena Cintia Beatriz Carolina	
14/06/2012	comunicação	todos	

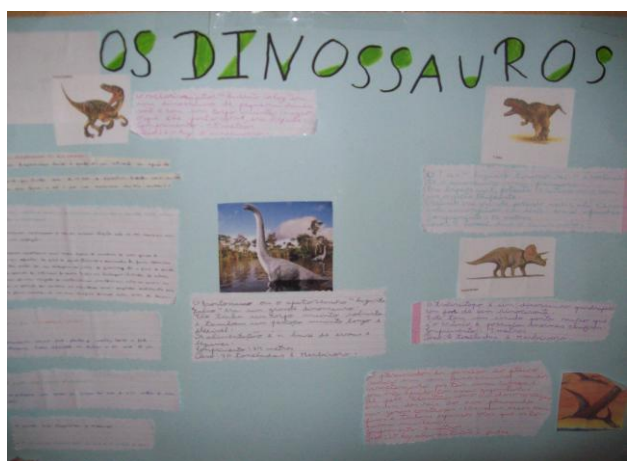
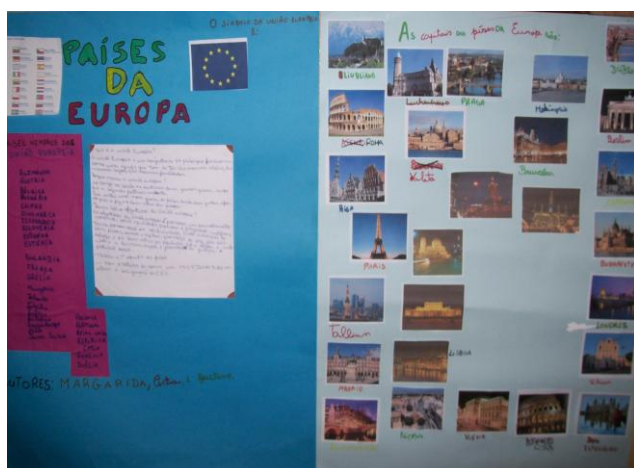
Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



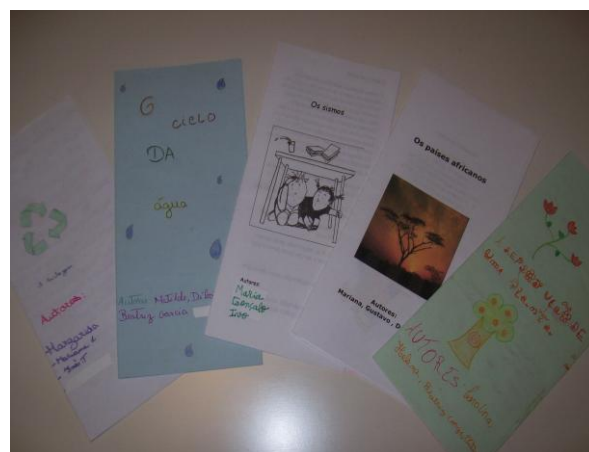


Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade

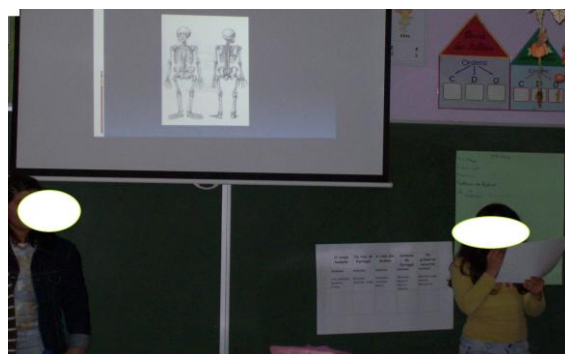
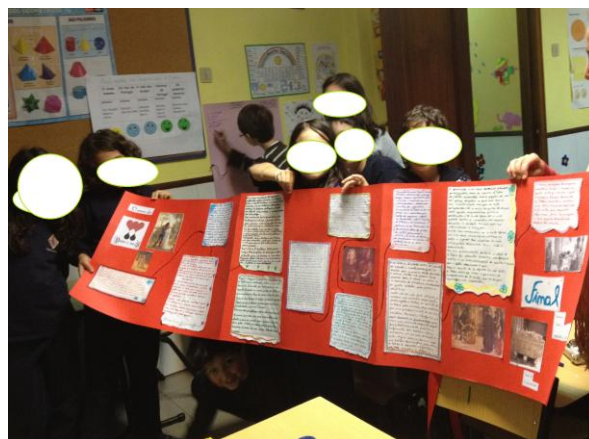
Anexo 36 - Fotografias



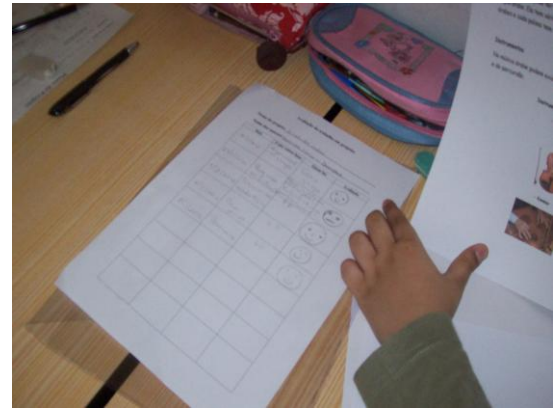
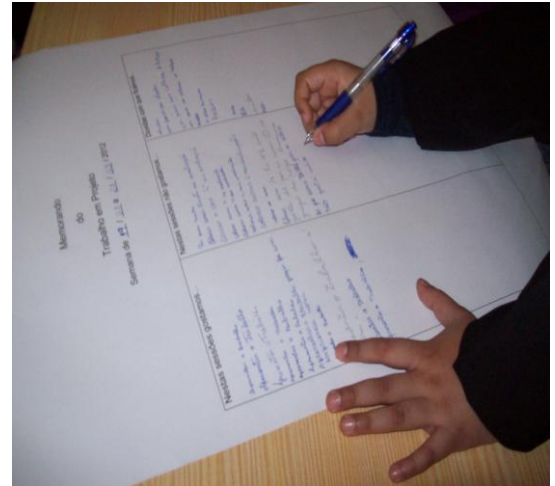
Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Clara Silva - Valorizar as diferenças na sala de aula do 1º ciclo, abrir janelas de oportunidade para uma escola rica em aprendizagens e em humanidade



Anexo 37 - Avaliação 1º período ESTUDO DO MEIO

Alunos	Adquire conhecimento	Aplica conhecimentos	Revela interesse	Revela técnicas simples de pesquisa	Experimenta	Avaliação final
BC	SB	S	S	S	S	S
CF	S	S	S	S	S	S
AS	S	S	S	S	SB	S
BG	S	SP	S	S	SP	S
CC	S	SP	SP	SP	S	SP
DS	S	S	S	S	SB	S
HC	S	S	S	NS	NS	S
IT	S	S	S	S	S	S
MN	S	SP	SP	S	S	S
ML	SP	SP	SP	NS	SP	SP
MR	S	S	S	S	S	S
MM	S	S	S	SB	S	S
GF	S	S	SP	S	SP	S
GA	S	SP	S	SB	S	S
IR	S	SP	SP	S	SP	SP
DJ	S	S	NS	NS	NS	NS

Satisfaz muito bem	SMB
Satisfaz bem	SB
Satisfaz	S
Satisfaz pouco	SP
Não satisfaz	NS

Anexo 38 - Avaliação 2º período ESTUDO DO MEIO

Alunos	Adquire conhecimento	Aplica conhecimentos	Revela interesse	Revela técnicas simples de pesquisa	Experimenta	Avaliação final
BC	SB	S	SB	SB	S	SB
CF	S	S	S	S	S	S
AS	S	S	SB	S	SB	S
BG	S	S	SB	SB	S	S
CC	S	S	S	S	S	S
DS	S	S	SB	SB	SB	SB
HC	S	S	SB	S	S	S
IT	S	SB	SB	SB	S	SB
MN	S	S	SB	S	S	S
ML	S	SB	SB	S	S	S
MR	S	S	SB	S	S	S
MM	S	SB	SB	SB	S	SB
GF	S	S	S	SB	S	S
GA	S	S	SB	SB	S	S
IR	S	S	S	S	S	S
DJ	S	S	SB	S	S	S

Satisfaz muito bem	SMB
Satisfaz bem	SB
Satisfaz	S
Satisfaz pouco	SP
Não satisfaz	NS

Anexo 39 - Avaliação 3º período ESTUDO DO MEIO

Alunos	Adquire conhecimento	Aplica conhecimentos	Revela interesse	Revela técnicas simples de pesquisa	Experimenta	Avaliação final
BC	SB	SB	SB	SB	S	SB
CF	S	S	S	S	S	S
AS	SB	SB	SMB	SB	SMB	SMB
BG	S	SB	SB	SB	S	SB
CC	S	S	S	S	S	S
DS	SB	SB	SB	SB	SB	SB
HC	S	S	SB	SB	S	S
IT	S	SB	SB	SB	S	SB
MN	S	S	SB	SB	S	S
ML	S	SB	SB	SB	S	SB
MR	S	SB	SB	S	S	S
MM	SB	SMB	SMB	SMB	SB	SMB
GF	S	S	SB	SB	S	S
GA	S	S	SB	SB	SB	SB
IR	S	S	SB	S	S	S
DJ	S	SB	SB	SB	S	SB

Satisfaz muito bem	SMB
Satisfaz bem	SB
Satisfaz	S
Satisfaz pouco	SP
Não satisfaz	NS